The background features a red ink-style illustration. In the upper left, a man's face is shown in profile, looking upwards with his right fist raised. Below this, a steam locomotive is depicted in silhouette, moving from left to right. The locomotive has a large front wheel and a smaller rear wheel. The overall style is graphic and expressive, using red ink on a grey background.

ÉMILE ZOLA

A BESTA HUMANA

Edição comentada e ilustrada

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Émile Zola

A BESTA HUMANA

edição comentada e ilustrada

Tradução, apresentação e notas:

Jorge Bastos



SUMÁRIO

Apresentação:
Só a máquina apazigua (mas não salva), por Jorge Bastos

A BESTA HUMANA

Cronologia: vida e obra de Émile Zola

SÓ A MÁQUINA APAZIGUA (MAS NÃO SALVA)

PUBLICADO EM 1890, *A besta humana* é o 17º título do extenso projeto literário de Émile Zola *Os Rougon-Macquart: História natural e social de uma família sob o Segundo Império*, cujos vinte livros foram lançados entre 1871 e 1893. Mas, assim como Balzac, o expoente da geração literária anterior, fizera em *A comédia humana*, o fato de integrar um projeto mais amplo em nada compromete a leitura avulsa dos romances.

A ideia de Zola era usar em sua série as teses literárias por ele desenvolvidas e chamadas “naturalistas”, que viam na ciência a evolução definitiva do homem, com respostas inclusive para suas aflições espirituais. *Os Rougon-Macquart* seria o encontro da literatura com o saber científico dos anos 1850-60. Em 1869, Zola escreveu um texto bastante explícito nesse sentido – “A diferença entre mim e Balzac” –, anunciando o projeto:

Minha obra será menos social e mais científica. Com a ajuda de 3 mil figurantes, Balzac escreveu a história dos costumes, tendo como base a religião e a monarquia. Sua cientificidade consistia em constatar a existência de advogados, de ociosos etc. como há cães, lobos etc. Em outras palavras, sua obra pretendia espelhar a sociedade contemporânea.

A minha buscará outra coisa. O enquadramento será mais restrito. Não pretendo descrever a sociedade contemporânea, mas apenas uma família, mostrando a relação da “raça modificada” pelos diferentes meios ambientes ... e entendo por meio ambiente, entre outras coisas, a ocupação profissional e o local de residência. Minha intenção maior é a de ser puramente naturalista, puramente fisiologista. Em vez de princípios (a monarquia, o catolicismo), terei leis (a hereditariedade, o atavismo). Não quero, como Balzac, interferir nos interesses humanos, ser político, filósofo, moralista. Para mim basta a ciência ... sem maiores conclusões.

... Balzac diz querer descrever os homens, as mulheres e as coisas. Para mim, homens e mulheres são o mesmo, admitidas as diferenças de natureza, e submeto ambos às coisas.

Declaradamente, então, a meta é escrever uma *Comédia humana* contemporânea, científica e não mais fixada nos valores da geração anterior, que realçavam no homem, sobretudo, a razão, e dentro de um enquadramento social antigo. Por trás do processo civilizatório que vinha divinizando o ser humano, o tempo todo se escondia a “besta”, com sua primitiva violência. Desvenda-se o instinto, e ele pode ser feroz. Do outro lado do canal da Mancha, na Inglaterra, Robert Louis Stevenson publicara *O médico e o monstro* em 1886, cinco anos antes de *A besta humana*. Stevenson abordava exatamente o mesmo tema de forma bem diversa, mostrando que o inumano faz parte do homem. Mais rigorista e menos alegórico, o francês procurava enxertar em sua obra teses por ele defendidas, uma vez que o romance devia se assumir como “consequência da evolução científica do século”.¹ É bom lembrar que o simples uso da palavra “evolução” imediatamente remetia então ao darwinismo, teoria que escandalizava a sociedade conservadora de convicções criacionistas com o que Freud mais tarde chamaria “a segunda ferida narcísica” do homem na modernidade, isto é, a sua ascendência primata. No mesmo texto, Zola afirma que o romance naturalista “continua e completa a fisiologia, que por sua vez se apoia na química e na física, estabelecendo, no lugar do homem abstrato, do homem metafísico, o estudo do homem natural, submetido às leis

físico-químicas e determinado por influências do seu meio”.

É este, então, o grande projeto literário de Zola, que, partindo de sua formação jornalística, monta uma consistente reportagem, em que a acuidade das sensações enriquece a pertinência das observações técnicas. Ao final da primeira etapa do trabalho – de pesquisa e levantamento de material –, são tantas as informações reunidas que ele poderia repetir a *boutade* do grande mestre do realismo francês, Gustave Flaubert, que, em carta à escritora George Sand, redigida enquanto ele preparava o romance *Salambô*, disse: “O livro está pronto, só falta escrevê-lo.”

Dentro desse espírito de, antes mesmo de compor a primeira linha, montar a ossatura não só do romance mas da série inteira, Zola, entre 1868 e 1869, desenhou a árvore genealógica dos seus personagens (ela sofreria modificações em 1878 e em 1889, para afinal ganhar sua versão definitiva no último romance da série, *Le docteur Pascal*). Nessa árvore, já semeada com toda sua ramagem, cada membro da família tinha um balão explicativo com um resumo cronológico da sua vida, suas tendências hereditárias e profissão, de forma tão inexorável que o escritor Alphonse Daudet (enciumado, na verdade, com o crescente sucesso do colega) declarou que, se fosse fruto de semelhante vegetal, rapidamente se enforcaria no seu galho mais alto.

FILHO DE PAI ITALIANO e mãe francesa, o menino Émile Zola nasceu em 1840, em Paris. A família se mudou para Aix-en-Provence, no sul da França, quando ele tinha três anos de idade, pois o pai, que era engenheiro, conseguira autorização para montar um empreendimento que levaria água potável à cidade. Foi um projeto inovador, com a construção da “barragem Zola”, ainda existente junto à montanha Sainte Victoire. O engenheiro, porém, jamais a veria pronta, pois foi vítima de uma pneumonia que o matou em 1847. Os credores pediram a falência da empresa, para comprá-la em leilão público pouco tempo depois. O menino, filho único, foi educado pela avó e pela mãe, num ambiente de quase pobreza. Passou a infância e a adolescência em Aix, desde cedo fazendo amizade com Paul e Jean-Baptiste, formando uma trinca conhecida na cidade como “os três inseparáveis”. Paul é o pintor Paul Cézanne (que tornaria famosa no mundo inteiro, justamente, a bela montanha Sainte Victoire, com várias telas) e Jean-Baptiste Baille foi um eminente físico e astrônomo francês. Ambos serviram de base para personagens do 14º volume dos *Rougon-Macquart*, *L'Œuvre* (1886), mas Cézanne rompeu em definitivo com o escritor, ofendido por ter servido de base para o retrato de um pintor fracassado e semienlouquecido, Claude Lantier. Foram Paul e Jean-Baptiste os primeiros leitores de Zola, que desde cedo diz em cartas que seria, no futuro, um escritor reconhecido.

Reprovado duas vezes no exame vestibular, Émile mudou-se para Paris em 1859 e começou uma vida de pequenos empregos e muitos desempregos, ligando-se à boemia dos jovens artistas do círculo impressionista, já frequentado por Cézanne. Em 1866, quando começou a trabalhar na livraria e editora Hachette, aproximou-se enfim do mundo dos livros e produziu intensa e apaixonadamente. Colaborou com jornais e revistas, em pleno boom da imprensa, publicando, em capítulos seriados, centenas de contos e romances.

Mas foi em 1867 que a carreira de escritor deu um salto, com a publicação de *Thérèse Raquin*. O relativo êxito serviu de pretexto para Zola, temerariamente, dedicar-se com exclusividade à literatura. Ele tinha 27 anos, e passou então por grandes dificuldades

materiais. Vivia há dois anos em concubinato com Alexandrine, também pobre, mas que o apoiava em suas decisões, muitas vezes inclusive fazendo frente sozinha às despesas domésticas. O casamento oficial só se efetuou em 1870, depois da morte da mãe de Zola, que era contra a união do filho com aquela moça de origem duvidosa. De fato, não se sabe muito como o escritor e Alexandrine se conheceram, mas alguns biógrafos afirmaram que ela posava nua para pintores... O casamento foi longo, mas sem gerar descendentes. Beirando os cinquenta anos, Zola se apaixonaria por uma empregada da casa, de 21 anos, com quem teve dois filhos, Denise e Jacques. Ao saber da infidelidade do marido, Alexandrine, depois de muito relutar, acabou aceitando e inclusive reconheceu, depois da morte do escritor, a paternidade de Zola, para que as crianças tivessem o nome do verdadeiro pai. Zola morreu ao lado de Alexandrine, num acidente ocorrido em 1902, intoxicado pela fumaça da lareira do quarto de dormir.

A única atividade extraliterária mantida por Zola a partir da publicação de *Thérèse Raquin* foi o jornalismo, livre, entretanto, de vínculos fixos com qualquer órgão da imprensa. O eixo de sua produção jornalística está na declarada oposição ao governo autoritário de Napoleão III, que assumira o trono imperial em 1852, após um golpe de Estado, sustentado pela magia que o nome do tio famoso guardava ainda no imaginário político francês. Tal militância rendeu a Zola amigos e inimigos no mundo do poder, muito embora ele nunca tenha querido se candidatar a qualquer cargo público.

A estabilidade financeira, ou até mais que isso, o sucesso propriamente dito, teve início com a publicação do sétimo volume dos *Rougon-Macquart*, *L'Assommoir*, em 1877. Já no ano seguinte, Zola comprou uma casa em Médan, à beira do Sena, a 26 quilômetros de Paris, que se tornará o ponto de encontro da corrente naturalista.

NA EFERVESCÊNCIA LITERÁRIA do século XIX, o naturalismo dava continuidade ao realismo – este por sua vez um movimento de reação contra o melodrama excessivo em que havia degenerado o romantismo. A nova corrente filiava-se a Balzac e a Stendhal (que certamente não se imaginavam “realistas”) em detrimento de Victor Hugo. Já no prefácio para a segunda edição de *Thérèse Raquin*, em 1868, Zola definiu o que seria a intenção naturalista: representar o cotidiano da maneira mais fiel possível, sem omitir o banal e mantendo sempre um ponto de vista objetivo. Balzac buscou seus personagens nas classes privilegiadas; o naturalismo faria o mesmo junto às classes médias e populares, abordando temas como o trabalho assalariado, as relações conjugais, os conflitos sociais, reproduzindo a realidade com perfeita objetividade, sem recuar diante de nenhum dos seus aspectos, inclusive os mais vulgares.

Por essa última característica – e sobretudo nos primeiros anos –, a crítica foi implacável. Um artigo do jornal *Le Figaro* rotulou o movimento de “literatura pútrida”, e Zola foi regularmente acusado de pornografia. Seu prestígio intelectual, contudo, não parava de crescer, assim como sua popularidade, que alcançou o ápice em 1880, com a publicação de *Nana*, o nono volume da série, que vendeu mais de oitenta edições em seis meses. Esse mesmo afã da “objetividade extrema” rendeu ao escritor uma sutil repreensão do poeta Stéphane Mallarmé, que em carta ao amigo afirmou que “o mundo existe e não temos o que lhe acrescentar ... a literatura é um pouco mais complicada do que isso”.

A escola naturalista, também conhecida como escola de Médan, terminou antes que fossem

publicados os vinte volumes dos *Rougon-Macquart*. À sua volta, enquanto durou, agruparam-se escritores importantes, como demonstra o livro *Les soirées de Médan* (1880), uma espécie de manifesto coletivo que juntou contos e novelas do próprio Zola e ainda de Guy de Maupassant, J.-K. Huysmans, Henry Céard, Léon Hennique e Paul Alexis. Da confraria brotaram valores estéticos essenciais, unanimemente assumidos, como a rejeição ao idealismo romântico, à imaginação e ao próprio realismo – o primeiro “desmentido pelas realidades da sociedade industrial”, a segunda desqualificada em prol da observação e o terceiro rejeitado por se pretender mero espelho da vida, sem se aprofundar em esclarecimentos nem explicações.

A literatura, para os integrantes das reuniões de Médan, não devia mais se fazer sem levar em consideração a história e a tomada de consciência dos mecanismos sociais. Assim sendo, ela não podia mais se calar diante das novas realidades, como o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, tristes e miseráveis, nem fechar os olhos às terríveis injustiças da sociedade capitalista.

Zola, pessoalmente, somava a essas normas, de caráter mais político e objetivo, um fascínio particular por fenômenos que a medicina de então começava a compreender, como o da hereditariedade fisiológica, com todo seu caudal de taras, degenerescências e crimes, regidos por leis imutáveis que existem nos indivíduos, com raízes ainda mais fundas até que o meio social. O espírito de dedução e racionalização de *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, do médico Claude Bernard, publicado em 1865, tinha sido uma revelação para o jovem escritor, que se propusera então a estudar as doenças do corpo social, seguindo o caminho aberto não só pelo terapeuta, mas também pelo historiador Hippolyte Taine, para quem a história é determinada por leis equivalentes às do mundo natural, com cada fato dependendo de três condições: o meio (geográfico, climático), a raça (o estágio do corpo humano na evolução biológica) e o momento (o estado de avanço intelectual do homem). A todas as especialidades, inclusive a literatura, convenceu-se Zola, podia e devia ser ministrado o mesmo método experimental hipotético-dedutivo.

Não faltaram condenações a tanta ciência aplicada a romances. Juntem-se a isso os fantasmas pessoais de Zola, que povoaram a sua obra – o incesto, o parricídio, o adultério, a perversão e a corrupção dos costumes –, levando-a a um desespero ontológico que acabou afastando de Médan mesmo os seguidores mais fiéis. De fato, o mundo dos *Rougon-Macquart* é um mundo de paisagens em que a luz porventura acesa logo é encoberta pela fumaça das fábricas e pela sujeira das cidades, onde procriam homens alienados, embrutecidos pela miséria e pelo álcool, tendo como único escape a violência. Já as mulheres são bestas de carga ou de prazer, enquanto as crianças, espancadas e estuprificadas, deixam que se apague nos seus olhos o brilho da ancestral busca da felicidade. O determinismo biológico e social abria alternativas nada otimistas para o ser humano, apesar dos avanços da ciência.

Tal pessimismo se consolidaria ao longo de dezenove volumes dos *Rougon-Macquart*: *La fortune des Rougon*, *La curée*, *Le ventre de Paris*, *La conquête de Plassans*, *La faute de l'abbé Mouret*, *Son Excellence Eugène Rougon*, *L'Assommoir*, *Une page d'amour*, *Nana*, *Pot-bouille*, *Au bonheur des dames*, *La joie de vivre*, *Germinal*, *L'Œuvre*, *La terre*, *Le rêve*, *La bête humaine*, *L'Argent*, *La débâcle*. Dezenove, mas não vinte, pois o último tomo, *Le docteur Pascal*, embora parta da relação incestuosa entre o doutor e sua sobrinha, entreabre um possível escape à inexorabilidade do destino e das leis fisiológicas, concluindo-se (e com

ele toda a série) com o nascimento de uma criança, num hino à vida e à natureza todopoderosa. O próprio Zola explicita sua marcha a ré, numa carta de 12 de junho de 1893: “Quis [nesse último romance] explicar e defender a série inteira, e atrevo-me a dizer que é uma conclusão científica, filosófica e moral, não fossem essas pomposas palavras tão ambiciosas.”

ESTE É O “MEIO”, então, inóspito, a partir do qual estende os seus galhos a árvore genealógica dos Rougon-Macquart. Jacques Lantier é o principal membro da família em *A besta humana*, mas a metáfora animal do título pode caracterizar vários personagens da história. Ele é maquinista, trabalhando no expresso que liga Paris à cidade de Le Havre, destacado porto do norte da França, voltado à comunicação do país com a Inglaterra e as Américas. Até o advento da ferrovia, o percurso era feito principalmente pelo rio Sena, cujos inúmeros meandros passaram a ser cortados pelo trem (aliás, essa mesma linha e o rio passam por Médan, onde morava Zola).

Se em toda a família a hereditariedade alcóolatra criou diferentes neuroses de continuidade biológica, em Jacques isso se transformou num distúrbio que abre uma “rachadura” no seu espírito, por onde seu eu escapa e o faz perder o controle de si mesmo, emprestando-lhe “mãos legadas por algum antepassado da época em que os homens, na floresta, estrangulavam as feras!” Mas Jacques é incapaz de fazer mal a uma mosca, e sua violência se volta exclusivamente contra as mulheres, pois a atração física nele se completa por uma irresistível necessidade de matar a quem deseja, buscando se vingar “daquelas ofensas antiquíssimas, das quais não tinha mais a lembrança exata, o rancor transvasado de macho em macho desde a primeira traição feminina no fundo das cavernas”. Ao se apaixonar e conseguir ter relações sexuais ardentes e completas – sem matar sua parceira –, o maquinista julga estar curado, acreditando que “nas sombrias profundezas da besta humana, possuir e matar se equivalem”.

Zola, é claro, não tinha o apoio do instinto de morte freudiano, que só viria à luz cerca de trinta anos depois, em *Além do princípio do prazer*. Nesse livro, publicado em 1920, o autor austríaco desenvolveu a sua teoria das pulsões, a partir de duas forças opostas, por ele denominadas Eros e Tânato, os deuses gregos que representam o erotismo e a morte. Enquanto o primeiro busca a preservação da vida, o segundo tende à destruição. O detalhe complicador, nesse esquema aparentemente simples, é que as duas pulsões, presentes em todo ser humano, são complementares, funcionando em conjunto. A partir desse ponto de vista, a aflição do maquinista Jacques Lantier prenuncia e personifica maravilhosamente a tese do pai da psicanálise, como bem realçou o filósofo Gilles Deleuze num texto de *A lógica do sentido* (1969), “Zola e a fissura”, mostrando como o maquinista pressente a maneira pela qual o instinto de morte se disfarça sob os diferentes apetites, levando-o então a evitar não só as mulheres, mas também o álcool, o dinheiro, as ambições. Para protegê-lo dos instintos, nada mais seguro que a máquina, a locomotiva.

O romance vai bem além dessa vertente psicológica, em torno da qual pululam personagens e histórias que se entrecruzam e entredilaceram, mas não à maneira oitocentista do folhetim, formato ao qual Zola se opunha. Desdobra-se numa segunda vertente, judiciária, que anuncia o futuro autor de *J’Accuse*, a carta aberta ao presidente da República francesa escrita em 1898, denunciando o famoso processo Dreyfus, no qual um capitão foi usado como bode expiatório num escândalo militar envolvendo interesses de Estado. Por fim, a última

vertente do livro, espetacular e tão naturalista, é a observação da vida e dos espaços em torno das ferrovias, com imagens que se tornaram familiares para nós, reproduzidas nas telas impressionistas dos pintores da época. De fato, as locomotivas, os vagões, o vapor, a fumaça, o corre-corre nas grandes estruturas de ferro e vidro das estações foram temas recorrentes na pintura daquelas décadas, e Zola, em *A besta humana*, soube transpor para as páginas do livro todo o fascínio e o espetáculo que era um trem no século XIX.

São grandiosas as descrições técnicas das estações ferroviárias de Saint-Lazare, em Paris, e de Le Havre, assim como o retrato da vida dos funcionários da estrada de ferro, dos trens e da máquina a vapor. Esta última é praticamente um personagem do romance, representada pela Lison, a locomotiva perfeita, amorosamente conduzida por Jacques Lantier e seu foguista, num verdadeiro “*ménage à trois*” (a expressão é do autor) sobre trilhos, indo e vindo no percurso Paris–Le Havre, atravessando túneis (muito propícios dramaticamente), passagens de nível, cidades e vilarejos. O mundo é visto a partir do trem e o trem é visto a partir do entorno das vias, transportando sua multidão de anônimos perfilados nas janelinhas de vidro dos vagões. Símbolo do progresso, o trem é uma força cega, indiferente aos dramas humanos e conjuga, no romance, a fatalidade mais obscura e o avanço tecnológico.

Para tanto, o escritor *doublé* de cientista recorria a notas infundáveis, pessoais e encomendadas a profissionais das diferentes áreas abordadas em seus romances. Em carta de 27 de junho de 1890, ele explicou ao colega Jules Héricourt: “Minha maneira de trabalhar é sempre a seguinte: antes de tudo me informo vendo e ouvindo, em seguida com livros e anotações que me dão os amigos. Depois a imaginação faz o resto. Essa parte intuitiva é bem maior do que pretende a crítica. Como dizia Flaubert, tomar notas é sinal de honestidade, mas uma vez tomadas, é preciso saber desprezá-las.”

Se nos preparativos para *Au bonheur des dames* foram necessárias detalhadas observações *in loco* nos magazines Au bon marché e Louvre, e para *Germinal* Zola foi às minas de carvão de Anzin, assim como para *La terre* passou vários dias na região rural da Beauce, *A besta humana* exigiu uma viagem em locomotiva, detalhada visita às estações e arredores e a ajuda de especialistas tanto do universo ferroviário quanto do judicial. O romance, entretanto, interessa por suas dimensões épica e dramática, mais do que pelas teses apresentadas e defendidas. De fato, o leitor de hoje vê como curiosidade pitoresca – ambientando primorosamente a narrativa – todo esse trabalho exato e quase enciclopédico que se acrescenta ao formidável *thriller* policial e ao intenso drama psicológico. A angústia de Jacques, só apaziguada no *cockpit* da sua locomotiva, em certos momentos se equipara à de Raskólnikov em *Crime e castigo*. Já Séverine, a principal figura feminina do livro, junta sincera doçura e firme crueldade, que fazem dela um personagem tão explosivamente perigoso quanto o maquinista à mercê do atavismo homicida. Com mistérios de atuante passividade, ela desperta – e manipula – sentimentos dóceis e até servis em homens brutos.

No plano ainda das descrições, sejamos clementes com aquelas feitas a partir dos traços fisionômicos dos personagens. São calcadas na leitura de *O homem delinquente*, do médico e frenologista italiano Cesare Lombroso, livro publicado em 1876 e que teve grande e duradoura influência na criminologia “científica”. Mesmo à época em que foi escrito o romance, as deduções lombrosianas, tiradas da observação de dezenas de crânios de criminosos condenados à morte e que o levaram a “prever” tendências congênicas nos indivíduos, já eram muito combatidas por ciências sociais emergentes, como a sociologia e a

antropologia. Mas foram teses defendidas por Zola, dentre outras que hoje parecem datadas e até extravagantes – como as curas com injeções de substâncias orgânicas e o fenômeno da combustão humana espontânea, lenda urbana então em voga, apoiada em diversas explicações fisiológicas e que mata um membro da família Macquart, em *Le docteur Pascal*.

MAIS DO QUE SÓLIDA e previamente estruturado dentro do projeto naturalista do escritor, *A besta humana* é também uma obra-prima de indiscutível gênio literário. E a presente tradução, por sua vez, tentou ao máximo dar conta dessas duas facetas; subjetiva a segunda, com entusiasmo descritivo às vezes verborrágico (para não dizer hemorrágico), e mais objetiva a primeira, que nos obrigava a praticamente sujar as mãos de graxa, encontrando a palavra tecnicamente correta para designar bielás, cilindros, excêntricos e cruzetas, dentro do vocabulário das máquinas a vapor.

O romance se conclui com imagem crítica à bestialidade industrial e militar – tão onipresentes no século XX, o qual nunca se livrou por inteiro desse tom *noir* e degradado que ambienta toda a série *Rougon-Macquart*. Zola foi quem apontou na literatura a alienação dos homens, sua desumanização social, a presença esmagadora da indústria, a perda dos valores e do sentido das coisas, tão constantes nos debates e nas artes das décadas seguintes, inclusive no cinema, que então despontava. Não por acaso, foi a Zola que outro gênio literário, Louis-Ferdinand Céline, o escritor-síntese dessa crise com os rumos da civilização, prestou sua única homenagem pública a alguém ou a qualquer coisa. Foi em 1933, em Médan, justamente, num discurso de pouco mais de cinco minutos:

Pensando em Zola ficamos sem saber o que dizer diante da sua obra, que está ainda perto demais de nós e fala de coisas que nos são excessivamente familiares... São metais em tortura, ameaças colossais, catástrofes anunciadas. Seria bom que tivessem mudado um pouco. A vida moderna começava.

E desde então ela não melhorou, as coisas permaneceram as mesmas, com apenas algumas variantes. Precisou Zola já de certo heroísmo para mostrar às pessoas do seu tempo alguns quadros da realidade. A de hoje ninguém poderia. Aqui estamos depois de vinte séculos de alta civilização e, no entanto, regime nenhum – marxista, burguês ou fascista – resistiria a dois meses de verdade. Pois o homem não subsiste em nenhuma das formas sociais, todas masoquistas, sem a violência da mentira permanente e maciça, freneticamente repetida, “totalitária”, como se diz. Hitler não é o suprassumo disso, veremos outros ainda mais epiléticos. O sadismo unânime vem de um desejo profundamente arraigado no Homem, uma espécie de impaciência irresistível pela morte. A novidade da fé científica deu a Zola e aos escritores do seu tempo certa fé social... ele acreditava na virtude, queria assustar, mas não desesperar, mas aprendemos, sobre a alma, desde que ele se foi, um bocado de coisa.

Seguindo certa tradição, eu deveria terminar essa pequena homenagem num tom de boa vontade, de otimismo a todo custo... O que devemos então esperar do naturalismo nas condições em que nos encontramos? Tudo e Nada. Pesando mais para o Nada, pois os conflitos espirituais irritam muito a massa humana de hoje. A Dúvida está em vias de extinção em nosso mundo. Matam-na matando os homens que têm dúvida. É mais garantido assim.

Desde Zola, o pesadelo em que vivia o homem não só ganhou precisão, mas também se tornou oficial. À medida que os nossos “Deuses” ficaram mais poderosos, se tornaram também mais ferozes, mais despeitados e mais imbecis... Eles se organizam. O que dizer a eles? Não há mais compreensão possível... A escola naturalista terá cumprido o seu dever no momento em que for proibida em todos os países do mundo.

Era este o seu destino.

A vida moderna começava, sem dúvida, e Zola é decididamente moderno, embora aquilo por que ele mais se achava moderno tenha sido ultrapassado com tanta rapidez. Manteve-se moderno e atual pela simples e pura qualidade literária, independente do desejo formal de dissolver o literário no real e fazer do livro um suporte transparente que as imagens

simplesmente atravessassem. Por trás da “fé científica”, Zola parece ainda nos dizer que o progresso e a tecnologia nos livraram da tirania religiosa, mas a liberdade haverá sempre de continuar entravada pelas incontornáveis paixões e corrupções. Lison, a locomotiva, é perfeita, mas depende, para a exibição da sua excelência, de maquinistas, foguistas, subchefes de estação, guarda-cancelas etc. – que um dia ou outro acabam por descarrilhá-la.

JORGE BASTOS

1. Em *Le roman experimental*, de 1881, reunindo textos publicados na imprensa.

Jorge Bastos é tradutor, responsável por mais de sessenta traduções publicadas, de obras de autores como Voltaire, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Raymond Aron, Michel Serres, Elie Wiesel, Marguerite Duras e Amin Maalouf. Foi livreiro e editor, e é autor de *Atrás dos cantos e O deserto e as tentações de santo Antão*.

A BESTA HUMANA

AO ENTRAR NO QUARTO, Roubaud pôs em cima da mesa o pão de meio quilo, o patê e a garrafa de vinho branco. Pela manhã, antes de descer para o trabalho, a velha Victoire havia deixado as brasas do fogão¹ encobertas com tanta cinza que o calor era sufocante. O subchefe de estação abriu então uma janela, fincou os cotovelos no parapeito e ali ficou.

Estava no prédio ao fundo do beco de Amsterdam, do lado direito, um edifício em que a Companhia do Oeste² alojava alguns funcionários. A janela, no quinto andar e sob o ângulo do telhado em mansarda,³ dava para a estação,⁴ esse amplo corte aberto no bairro Europe,⁵ num prolongamento brusco do horizonte que o céu cinzento daquela tarde, na metade do mês de fevereiro, parecia expandir – um cinzento úmido e morno, atravessado por nêsgas de sol.

Em frente, nesse salpicado de raios, as casas e edifícios da rua de Rome se confundiam, se diluíam com leveza. À esquerda, os telheiros de vidro enfumaçado, cobrindo os diversos cais da estação, abriam seus portais gigantescos: o das grandes linhas, imenso, por onde o olhar se abismava e que os prédios do correio e da *bouillotterie*⁶ separavam dos demais, menores, os de Argenteuil, de Versalhes e dos subúrbios ao redor da capital. Já à direita, a ponte Europe⁷ interrompia com sua estrela de ferro todo esse corte aberto, que ressurgia e seguia em frente, até desaparecer no túnel de Batignolles. Abaixo propriamente da janela, ocupando todo o amplo terreno, as três duplas vias férreas que saíam da ponte se ramificavam, se abriam como um leque, cujas varetas metálicas multiplicadas, inúmeras, se perdiam sob os telheiros de vidro. Nos três postos dos agulheiros, para além dos arcos, viam-se pequenos jardins ressecados. Na indistinção confusa dos vagões e das máquinas entulhando os trilhos, um grande farol vermelho manchava o descolorido do dia.

Por um momento Roubaud se interessou, comparando, lembrando-se da sua estação de Le Havre. Toda vez que vinha, como era o caso, passar o dia em Paris e ficava na velha Victoire, não tinha como não pensar no seu trabalho. Sob o telheiro das grandes linhas, a chegada de um trem de Mantes havia animado o cais. Ele seguiu com os olhos a pequena máquina de manobra, um diminuto tênder⁸ de três rodas baixas e acopladas, que começava o desmanche do comboio, ativa e trabalhadora, levando, empurrando os vagões para as vias de apoio. Outra máquina, bem mais poderosa, uma locomotiva de expresso, com duas grandes rodas devoradoras de trilhos, estacionava isolada, soltando pela chaminé uma espessa fumaça negra que subia retilínea e lentamente no ar tranquilo. Mas toda a atenção de Roubaud voltou-se para o trem das 15h25, partindo para Caen, já com os passageiros a bordo e que esperava sua locomotiva.⁹ De onde estava ele não podia vê-la, estacionada para lá da ponte Europe, apenas a ouvia, pedindo via aberta, com curtos apitos apressados, como alguém que vai se impacientando. Foi dada uma ordem e ela respondeu ter entendido, com um apito breve. Em seguida, antes de se pôr em marcha, houve um silêncio, os purgadores¹⁰ foram abertos e o vapor assobiou junto ao chão, com um jato ensurdecador. E ele viu então transbordar da ponte aquela brancura que se espalhava em remoinho como uma penugem de neve, ganhando os ares através das vigas de ferro. Uma boa parte do espaço ficou branca de vapor, enquanto a fumaça

cada vez mais volumosa da outra máquina ampliava seu véu negro. Por detrás, eram abafados os sons de buzina, as vozes de comando, os abalos das placas giratórias.¹¹ Abriu-se um clarão e Roubaud distinguiu, ao fundo, se cruzarem um trem de Versalhes e outro de Auteuil.

No momento em que ia deixar a janela, alguém o chamou pelo nome e ele se debruçou. No balcão do quarto andar, reconheceu um jovem de mais ou menos trinta anos, o controlador-chefe¹² Henri Dauvergne, que ali morava com o pai, chefe-adjunto das grandes linhas, e as irmãs, Claire e Sophie, duas adoráveis lourinhas de dezoito e vinte anos que, entre contínuas explosões de alegria, garantiam o bom funcionamento da casa com os seis mil francos dos dois homens. Ouvia-se a mais velha rir enquanto a mais moça cantava, e uma gaiola de passarinhos das ilhas¹³ rivalizava com seus gorjeios.

– Olá, sr. Roubaud, está em Paris?... É verdade! Por causa do problema com o subprefeito!¹⁴

Apoiando-se de novo no peitoril, Roubaud explicou ter deixado Le Havre naquele dia mesmo, pelo expresso das 6h40. Ordens da diretoria o haviam trazido a Paris e ele acabava de ser seriamente repreendido. Sorte não ter perdido o emprego.

– E sua esposa? – perguntou Henri.

Tinha vindo com ele para fazer umas compras. Esperava-a ali no quarto da velha Victoire, que deixava com eles a chave toda vez que vinham, pois preferiam almoçar tranquilos e sozinhos, enquanto a boa mulher estava ocupada, trabalhando no serviço de limpeza da Companhia. Naquele dia, tinham rapidamente comido um pãozinho no caminho, em Mantes, querendo se livrar logo do que tinham a fazer. Mas já eram passadas as três horas e estava morrendo de fome.

Por delicadeza, Henri perguntou ainda:

– E passam a noite em Paris?

Não, não. Voltariam a Le Havre à noitinha, pelo expresso das 18h30. Que férias!¹⁵ Só o chamavam a Paris para descomposturas, e depois que tratasse de voltar rápido à sua toca!

Por um momento, os dois ferroviários ainda se olharam, balançando a cabeça. Mas não ouviam mais um ao outro, pois um piano endiabrado acabava de se intrometer, com notas fortíssimas. As duas irmãs deviam estar agredindo a quatro mãos o teclado, rindo mais alto ainda e pondo em alvoroço os passarinhos da gaiola. Juntando-se à brincadeira, o rapaz se despediu e entrou. Sozinho, o subchefe permaneceu ainda por um tempo a olhar o balcão do apartamento, de onde escapava toda aquela esfuziante jovialidade. Em seguida, voltando a erguer os olhos, viu a locomotiva já com os purgadores fechados e que o agulheiro despachava para o comboio de Caen. As últimas névoas brancas de vapor se perdiam nos pesados turbilhões de fumaça negra que sujavam o céu. Só então ele voltou para dentro do quarto.

Vendo o cuco marcar três horas e vinte, Roubaud teve um gesto de desânimo. Por que, diabos, Séverine demorava tanto? Bastava entrar num magazine que não saía mais. Para enganar a fome que apertava o estômago, resolveu pôr a mesa. O amplo cômodo, com duas janelas, lhe era bem familiar, servindo ao mesmo tempo de quarto de dormir, sala de jantar e cozinha, com móveis de nogueira, colcha vermelha de algodão forrando a cama, aparador, mesa redonda e um armário normando. Ele pegou guardanapos, pratos, garfos e facas no aparador, além de dois copos. Tudo extremamente limpo, e Roubaud se divertia com esses

cuidados domésticos, como se brincasse de casinha, contente com a brancura dos panos, enamorado da esposa e rindo da boa risada que ela daria, ao abrir a porta. Mas depois de deixar o patê num prato em cima da mesa, colocando ao lado a garrafa de vinho branco, viu faltar algo e procurou em volta. Lembrou-se e prontamente tirou dos bolsos uma lata de sardinhas e um queijo gruyère.

A meia hora soou. Roubaud andava de um lado para outro e, ao menor barulho, virava o ouvido na direção da escada. Na falta do que fazer, passando diante do espelho, parou e olhou para si mesmo. Não envelhecera tanto, chegava aos quarenta sem que o ruivo ardente dos cabelos encrespados clareasse. A barba, deixada inteira, mantinha-se espessa, alourada de sol. De altura mediana, mas dono de extraordinário vigor, não tinha do que reclamar, satisfeito com a cabeça ligeiramente achatada, testa curta, pescoço grosso, rosto redondo e sanguíneo, iluminado por dois olhos vivos. As sobrancelhas se juntavam, dando à sua testa a pelagem dos ciumentos.¹⁶ Como se casara com mulher quinze anos mais moça, essas averiguações frequentes no espelho o tranquilizavam.

Houve um barulho de passos, Roubaud correu para deixar entreaberta a porta. Mas era a vendedora de jornais da estação indo para o seu quarto, ao lado. Ele voltou, se interessou por uma caixa de conchinhas, em cima do aparador, bastante familiar. Tinha sido um presente de Séverine à velha Victoire, que fora sua ama de leite. E o pequeno objeto bastou para relembrar toda a história do seu casamento, já há quase três anos. Nascido filho de carroceiro em Plassans,¹⁷ no sul da França, chegou aos galões de primeiro sargento no período militar e, depois, por muito tempo foi encarregado de expedição na estação de Mantes, passando a chefe de serviço na de Barentin. E foi onde conheceu sua querida mulher, que vinha de Doinville tomar o trem na companhia da srta. Berthe, filha do presidente¹⁸ Grandmorin. Séverine Aubry era a filha caçula do jardineiro da família, já falecido. Mas era mimada pelo dono da casa, seu padrinho e tutor, que fez dela acompanhante da filha e matriculou as duas no mesmo internato de Rouen. Independentemente disso, tinha tamanha distinção natural que Roubaud se contentou em desejá-la, por muito tempo, com a paixão do operário que se impressiona com uma joia delicada, considerada preciosa. Foi o único romance da sua existência. Teria se casado com ela sem esperar um centavo, apenas pela felicidade de tê-la. E quando, enfim, tomou a iniciativa, a realidade superou o sonho: além de Séverine e um dote de dez mil francos, o presidente – hoje aposentado e membro do conselho administrativo da Companhia do Oeste – garantiu-lhe proteção. Já no dia seguinte ao casamento, ele se tornou subchefe de estação de Le Havre. É verdade que tinha a seu favor uma ficha de bom funcionário, correto no que fazia, pontual, honesto, de espírito tacanho mas direito, com todo tipo de excelentes qualidades que podiam explicar a pronta resposta ao pedido, assim como a rapidez da nomeação. E ele gostava de achar que devia tudo isso à esposa. Adorava-a.

Depois de abrir a lata de sardinhas, Roubaud decididamente perdeu a paciência. Tinham marcado de se encontrar às três horas. Onde poderia estar? A compra de um par de botinas e meia dúzia de peças de roupa não levava tanto tempo, não aceitaria a desculpa! E ao passar de novo pela frente do espelho ele percebeu, logo acima das sobrancelhas eriçadas, a testa marcada por uma linha dura. Nunca, em Le Havre, tinha desconfiado da esposa. Em Paris, no entanto, podia-se imaginar todo tipo de perigo, de esperteza, de desacerto. Uma onda de sangue subiu-lhe à cabeça, os punhos se cerraram como no tempo em que era trabalhador braçal e empurrava vagões. Voltava a ser o bruto inconsciente da própria força, seria capaz de

tritirá-la, num cego impulso de raiva.

Séverine empurrou a porta e surgiu, fresca e alegre.

– Sou eu... Hein? Achou que tinha me perdido?

No deslumbre dos seus vinte e cinco anos, ela parecia grande, fina e muito leve; no entanto cheinha, com ossos delgados. À primeira vista não chegava a ser bonita, com o rosto comprido, boca forte, iluminada por dentes admiráveis. Mas bastava olhá-la mais atentamente que ela seduzia pelo encanto, pela singularidade dos olhos grandes e azuis, sob uma basta cabeleira escura.

Como o marido continuava a examiná-la sem responder, com o olhar turvo e arisco que ela conhecia bem, acrescentou:

– Puxa! Como corri... Não pode imaginar, foi impossível conseguir um ônibus. Para não gastar dinheiro com um carro, vim correndo... Veja como estou acalorada.

– E quer que eu acredite que está vindo do Bon Marché?!¹⁹ – ele explodiu furioso.

Com uma graça infantil, ela imediatamente o abraçou e tapou a sua boca com a mãozinha rechonchuda:

– Malvado, malvado, não diga mais nada!... Bem sabe que te amo!

Tudo nela exalava tanta sinceridade, tinha aparência tão cândida e direita que ele a apertou forte nos braços. Era como sempre terminavam as suas suspeitas. Ela se abandonava, contente com os afagos. E o marido a cobria de beijos, que ficavam sem resposta. Era esta, inclusive, a sua obscura intranquilidade, pois a passividade infantil parecia vir de uma afeição filial, sem despertar a mulher.

– Então, esvaziou o Bon Marché?

– Ah! Já conto tudo... Mas antes, vamos comer. Como estou com fome!... Só um instante... Tenho um presentinho. Mas vai ter que pedir: “Meu presentinho.”

Ela ria bem perto e tinha a mão direita num bolso, onde estava escondido um objeto.

– Peça logo: “Meu presentinho.”

Rindo também, como bons amigos, ele aceitou:

– Meu presentinho.

Era um canivete que ela acabava de comprar, no lugar do que se perdera há quinze dias e que o marido não parava de lamentar. Ele gostou muito, achou-o formidável, um belo canivete novo, com cabo de marfim e lâmina luzidia. Já teria uso ali mesmo. Séverine estava feliz de vê-lo tão contente e, brincando, o obrigou a lhe dar uma moeda, para que a amizade não fosse cortada.²⁰

– Vamos comer, vamos comer – ela repetiu. – Não, não, por favor, não feche ainda. Estou com muito calor!

Aconchegou-se ao marido na janela e ali permaneceu por uns segundos, apoiada em seu ombro, olhando a vasta área da estação. Naquele momento, as fumaças tinham se dispersado e o disco acobreado do sol descia na bruma, por trás das casas da rua de Rome. Abaixo, uma máquina de manobras trazia, totalmente composto, o trem de Mantes que partiria às quatro e vinte e cinco. Empurrou-o ao longo da plataforma, sob o telheiro, e se desatrelou. No fundo, sob o hangar dos trens de subúrbio, os choques das travas indicavam a junção de vagões que

eram acrescentados. Sozinha, no meio dos trilhos, com seu maquinista e foguista negros de fuligem da viagem, uma pesada locomotiva de trem parador permanecia imóvel, cansada e resfolegante, sem outro vapor além de uma fina coluna saindo de uma válvula. Esperava que lhe abrissem a via, para voltar ao depósito de Batignolles. Um sinal vermelho estalou, se apagou. Ela partiu.

– Como são alegres, as meninas Dauvergne – comentou Roubaud, deixando a janela. – Está ouvindo como batem no piano?... Ainda há pouco vi Henri. Pediu que a cumprimentasse por ele.

– À mesa, à mesa – gritou Séverine.

Ela atacou as sardinhas, devorou-as. Ah! O pãozinho comido em Mantes já estava longe! Vir a Paris deixava-a naquele estado. Vibrava ainda da felicidade de ter corrido as calçadas e febrilmente olhava as compras feitas no Bon Marché. A cada primavera, gastava de uma só vez todas as economias feitas no inverno, preferindo comprar tudo no mesmo lugar e dizendo que isso já bastava para pagar a viagem. Não conseguia parar de falar, mas não perdia uma garfada. Confusa, ruborizada, acabou dizendo o total gasto: mais de trezentos francos.

– Caramba! – não se conteve Roubaud. – Controla-se bem pouco, para uma mulher de subchefe!... Não iam ser só meia dúzia de peças de roupa e um par de botinas?

– Ah, meu querido! São ocasiões únicas! Uma seda listradinha que é uma delícia! Um chapéu de um bom gosto de sonho! Anáguas já prontas, com acabamento bordado! Tudo por quase nada, teria pagado o dobro em Le Havre... E ainda fazem a entrega, precisa ver!

Ele achou melhor rir, de tanto que Séverine ficava bonita com toda aquela alegria e expressão falsamente culpada. Além disso, estava tão agradável o almoço improvisado, sozinhos naquele quarto, bem melhor que num restaurante. Ela, que normalmente só bebia água, se deixava levar e esvaziou o copo de vinho branco, sem nem se dar conta. Terminada a lata de sardinhas, partiram para o patê, utilizando o belo canivete, novinho. Foi um triunfo, de tanto que cortava bem.

– E você? O seu caso? – ela perguntou. – Me faz falar a torto e a direito e não diz como terminou a história com o subprefeito.

Ele então contou em detalhe a maneira como um diretor da empresa o havia recebido. Uma lavagem em regra! Ele se defendeu, disse a genuína verdade, com o metido do subprefeito teimando em embarcar com seu cachorrinho num vagão de primeira classe, quando havia outro, de segunda, reservado aos caçadores acompanhados de animais. Falou da discussão que se seguiu e o que haviam dito. No final, o diretor concordou que ele estivera certo ao seguir o regulamento, mas o que piorara tudo fora a frase que ele próprio confessou ter dito: “Nem sempre vocês vão ser donos de tudo!” Parecia coisa de republicano. As discussões que acabavam de marcar a abertura da sessão de 1869 e o medo surdo que inspiravam as próximas eleições gerais, tudo isso deixava o governo em cócegas.²¹ De forma que o teriam certamente transferido, não fosse a recomendação do presidente Grandmorin. Mas o fizeram assinar a carta que este último pessoalmente havia redigido e o aconselhara apresentar, se desculpando.

Séverine o interrompeu com um grito:

– Não disse? Não tive razão de escrever a ele e irmos juntos visitá-lo de manhã, antes de você receber esse sabão? Tinha certeza de que nos tiraria da dificuldade.

– É verdade, e ele gosta muito de você – concordou Roubaud. – Ainda tem muita força na Companhia... Veja só para o que serve ser um bom funcionário. Não me pouparam elogios: sem muita iniciativa, mas bom comportamento, obediência, coragem... tudo! Pois saiba, querida! Não fosse você minha mulher e não tivesse Grandmorin me apoiado, graças a você, eu estava perdido, seria enviado de castigo para o fundo de uma estaçõzinha qualquer.

Séverine olhou fixamente o vazio e murmurou, como se falasse para si mesma:

– Com certeza, é alguém que pode muito.

Houve um silêncio e ela permaneceu de olhos bem abertos, mas perdidos nas lonjuras, parando de comer. Na certa pensava nos dias da infância, lá longe, no castelo de Doinville, a quatro léguas de Rouen. Nunca chegou a conhecer a própria mãe. Quando o pai, o jardineiro Aubry, morreu, ela acabava de fazer treze anos e o presidente, já viúvo, deixou-a com a filha, Berthe, sob os cuidados da irmã dele, sra. Bonnehon, que se casara com o dono de uma pequena indústria, mas também enviudara e era a quem o castelo hoje pertencia. Berthe Grandmorin era dois anos mais velha e se casara seis meses depois dela, com o sr. de Lachesnaye, conselheiro no tribunal de Rouen, um homenzinho seco e amarelado.²² No ano anterior, o presidente ainda estava à frente deste tribunal da sua região natal quando se aposentou, concluindo magnífica carreira. Nascido em 1804, assumira o cargo de suplente em Digne logo depois de 1830, indo em seguida a Fontainebleau e Paris, tornando-se mais tarde procurador em Troyes, advogado geral em Rennes e, finalmente, presidente do tribunal de Rouen.²³ Com fortuna de muitos milhões, fazia parte do conselho geral²⁴ desde 1855 e fora nomeado comendador da Legião de Honra, no mesmo dia em que se aposentou. Por mais distante que a memória de Séverine alcançasse, ela o via tal como ainda era: atarracado e forte, de cabelos cortados à escovinha e precocemente brancos – um branco dourado de quem havia sido louro –, barba fina e aparada, sem bigodes, e um rosto quadrado, ao qual os olhos de um azul duro e o nariz forte davam aparência severa. Era bastante ríspido e fazia tudo tremer a seu redor.

Roubaud precisou erguer a voz e repetir duas vezes:

– O que há? Em que tanto pensa?

Ela se assustou e, num sobressalto, teve um ligeiro tremor, como se tivesse sido surpreendida.

– Em nada.

– Não come mais? Perdeu a fome?

– Nada disso... Já vai ver.

Esvaziando o copo de vinho branco, liquidou a fatia de patê que ainda restava no prato. Mas houve um problema: tinham acabado com o pão de meio quilo, e não restara uma migalha para acompanhar o queijo. Reagiram como se fosse o fim do mundo, depois deram risadas e em seguida, revirando tudo, acabaram descobrindo, no fundo do aparador da velha Victoire, um naco de pão seco. Apesar da janela aberta, continuava quente, e Séverine, que tinha o fogão bem atrás dela, não conseguia parar de sentir calor, ainda mais corada e agitada pelo imprevisto daquele almoço cheio de falatório, naquele quarto. Por terem falado da velha Victoire, Roubaud voltou a Grandmorin: era mais uma que muito devia a ele! Engravidara solteira, mas perdeu a criança e foi ama de leite de Séverine, cuja mãe havia morrido no parto. Mais tarde se casou com um foguista da Companhia e vivia mal em Paris, fazendo um

pouco de costura, mas o marido gastava tudo. Reencontrar a filha de leite reatou os laços antigos e fez dela também uma protegida do presidente, que lhe conseguira um lugar no serviço de limpeza, cuidando dos banheiros de luxo, no lado feminino, que era o que havia de melhor. A companhia pagava apenas cem francos por ano, mas ela ganhava quase mil e quatrocentos com as gorjetas, sem contar a moradia, aquele quarto, inclusive com aquecimento. Ou seja, uma situação bem razoável. E Roubaud calculava que, se Pecqueux, o marido, trouxesse para casa seus dois mil e oitocentos francos de fogaista, que ganhava juntando o fixo e as recompensas, em vez de farrear dos dois lados da linha, o casal reuniria mais de quatro mil francos, o dobro do que ele ganhava em Le Havre como subchefe de estação.

– É claro que nem todas as mulheres querem tomar conta de banheiros. Mas não há trabalho que seja inútil – concluiu.

A fome avassaladora se acalmara e eles agora comiam devagar, cortando o queijo em pedaços miúdos, para fazer durar o prazer. A conversa também ficou mais lenta.

– Aliás – ele continuou –, me esqueci de perguntar... Por que não aceitou o convite do presidente para passar dois ou três dias em Doinville?

No bem-estar da digestão, ele acabava de lembrar a visita da manhã, bem perto da estação, no palacete da rua du Rocher, e reviu-se no grande e severo gabinete, ouvindo ainda o presidente dizer a eles que partiria no dia seguinte para Doinville. Depois, como que tomado por uma ideia súbita, programou tomar com eles, naquela tarde mesmo, o expresso das 18h30, e levar a afilhada à casa da irmã, que há muito tempo reclamava essa visita. Mas a jovem alegou todo tipo de desculpa para contornar o convite.

– Pessoalmente – continuou Roubaud –, não achei má ideia essa breve viagem. Você poderia ficar até quinta-feira, eu me arranjaria... Não acha? Em nossa situação, precisamos deles. Não fica bem recusar tais gentilezas; ainda mais porque a recusa parece tê-lo deixado sinceramente frustrado... Só parei de insistir que aceitasse quando me puxou o paletó. Daí confirmei o que você dizia, mas sem entender... Hein? Por que não quis ir?

Com olhar dubio, Séverine teve uma reação de impaciência.

– E por acaso posso deixá-lo sozinho?

– Não chega a ser um motivo... Nesses três anos, desde que nos casamos, você bem que foi duas vezes passar uma semana em Doinville. Nada impedia que fosse de novo.

Aumentava o desconforto da esposa, que olhava em outra direção.

– Não tive vontade. Vai agora me obrigar a fazer coisas que não quero?

Roubaud abriu os braços, como se mostrasse não pretender forçá-la a coisa alguma. De repente, porém, acrescentou:

– Está me escondendo alguma coisa... A sra. Bonnehon a recebeu mal da última vez?

De jeito nenhum! A sra. Bonnehon sempre se mostrara muito gentil. Era tão agradável, grande, forte, com magníficos cabelos louros. Ainda bonita, apesar dos seus cinquenta e cinco anos! Desde a viuvez, e mesmo com o marido ainda vivo, comentava-se que frequentemente tinha o coração ocupado. Era adorada em Doinville e fazia do castelo um lugar de delícias. Toda a boa sociedade de Rouen ia visitá-la, principalmente a magistratura. Era na magistratura que a sra. Bonnehon tinha mais amigos.

– Então confesse, foram os Lachesnaye que a deixaram constrangida.

É bem verdade que, desde o casamento com o sr. de Lachesnaye, Berthe deixara de ser para ela o que tinha sido. E não melhorava em nada, tão insignificante e com aquele nariz vermelho. Em Rouen, elogiava-se muito a sua distinção. Um marido como o dela, feio, duro e avaro, parecia feito mais para apagá-la e torná-la má. No entanto, não, Berthe se mostrava afável com a antiga companheira, que não tinha, nesse sentido, de que se queixar.

– É então o presidente que a incomoda, quando está lá?

Séverine, que até então respondia com calma, num mesmo tom de voz, reagiu com impaciência:

– Que ideia!

E continuou com frases curtas e nervosas. Mal o viam. Havia reservado um pavilhão no parque da propriedade, com saída independente que dava para uma ruela deserta. Com isso, partia e chegava sem que ninguém visse. A própria irmã, aliás, nunca sabia exatamente quando estava lá. Tomava um carro em Berentin, mandava que o levassem a Doinville e passava dias no pavilhão, incógnito. Não seria ele que incomodaria alguém.

– Falei por já tê-la ouvido vinte vezes dizer que tinha muito medo dele, quando era criança.

– Muito medo! Que exagero... É claro que não ria muito. Olhava de forma tão dura, com aqueles olhos enormes, que a gente imediatamente baixava a cabeça. Vi pessoas ficarem tão mal que não conseguiam dizer uma palavra, de tanto que era impressionante, com sua fama de severidade e saber... Mas comigo nunca brigou, eu até achava que tinha um fraco por mim...

De novo o ritmo da voz ficara lento e os olhos se perdiam distantes.

– Lembro... de quando era menina e brincava com as amigas nas alamedas. Se o vissemos, todas se escondiam, inclusive Berthe, que era sua filha e morria de medo o tempo todo, achando que podia ter feito algo errado. Mas eu esperava tranquilamente. Ele passava e, me vendo ali, sorridente e de nariz empinado, dava um tapinha de leve no meu rosto... Mais tarde, já com uns dezesseis anos, sempre que Berthe queria alguma coisa, me encarregava de pedir. Eu ia, não baixava o olhar e sentia o olhar dele me penetrar a pele. Não me incomodava, pois tinha certeza de conseguir tudo que quisesse!... É verdade, eu me lembro, me lembro! Não tem uma árvore do parque, um corredor ou cômodo do castelo que eu, querendo e sem estar lá, não possa rever.

Calou-se, de olhos fechados. E no rosto quente e afogado pareciam se agitar coisas antigas, coisas das quais não falava. Por um instante continuou assim, com um pequeno tremor nos lábios, como um tique involuntário que dolorosamente repuxasse um canto da boca.

– Ele com certeza foi muito bom para você – disse então Roubaud, que acabava de acender o cachimbo. – Não só deu boa educação, mas também administrou com muita prudência os seus poucos tostões e arredondou a soma, quando nos casamos... E ainda deve deixar alguma coisa quando se for, ele disse na minha frente.



Não tem uma árvore do parque, um corredor ou cômodo do castelo que eu, querendo e sem estar lá, não possa rever.

– Eu sei – murmurou Séverine –, a casa de Croix-de-Maufras,²⁵ numa propriedade que a estrada de ferro cortou ao meio. Às vezes passávamos alguns dias lá... Mas não conto muito com isso, os Lachesnaye devem procurar influenciá-lo para que não me deixe nada. Além disso, prefiro assim: nada!

Essas últimas palavras foram pronunciadas com a voz tão firme que ele se espantou e tirou da boca o cachimbo, olhando para a esposa com olhos arregalados.

– Que ideia! Dizem que o presidente tem vários milhões, que mal haveria em incluir a afilhada no testamento? Não seria surpresa para ninguém e viria bem a calhar para nós.

Em seguida, uma ideia que passou por sua cabeça o fez sorrir.

– Não está com medo de passar por filha dele, está?... Pois, sabe? Falam poucas e boas do presidente, com todo aquele seu ar glacial. Dizem que, mesmo quando a esposa ainda estava viva, ele atacava todas as empregadas da casa. E que ainda hoje vive envolvido com casos de mulher... Por Deus, vai que, de repente, você é filha dele!

Séverine se levantou bruscamente, com as faces ardendo e os olhos azuis a rodar assustados, sob a pesada massa dos cabelos escuros.

– Filha dele, está louco?... Não quero que brinque com isso, está ouvindo? Como posso ser filha? Por acaso me pareço com ele?... Chega dessa conversa, vamos mudar de assunto. Simplesmente não quero ir a Doinville porque prefiro voltar com você para Le Havre.

Ele balançou a cabeça, procurando acalmá-la com um gesto. Tudo bem, assim fariam, já que isso a irritava tanto. E sorriu, nunca a tinha visto tão nervosa. Por causa do vinho branco, provavelmente. Querendo ser desculpado, pegou o canivete e se extasiou uma vez mais, limpando-o com todo cuidado. Para mostrar que era afiado como uma navalha, aparou as unhas.

– Já são quatro e quinze – murmurou Séverine, de pé diante do cuco. – Tenho ainda umas coisas a fazer... Preciso pensar no nosso trem.

Mas como se quisesse ainda se acalmar, antes de arrumar um pouco o cômodo, voltou ao parapeito da janela. Ele, então, largando o canivete, largando o cachimbo, deixou também a mesa e se aproximou da esposa, abraçando-a por trás com carinho. E assim ficou, com o queixo apoiado no seu ombro e a cabeça junto à dela. Nenhum dos dois se mexia, apenas olhavam.

Abaixo deles, as pequenas máquinas de manobra continuavam a ir e vir sem descanso. Mal se podia ouvi-las em ação, como boas donas de casa rápidas e cuidadosas, rodas silenciosas, apito discreto. Uma delas passou, desapareceu sob a ponte Europe, levando para a manutenção os vagões de um trem de Trouville, que estava sendo desmontado. Mais adiante, para além da ponte, ela renteou uma locomotiva que vinha solitária do depósito, com seus cobres e aços luzentes, viçosa e alegre para a viagem. Esta última máquina parou, pediu com duas chamadas breves a via ao agulheiro que, quase de imediato, a enviou ao comboio já formado no cais, sob o telheiro das grandes linhas. Era o trem das 16h25 para Dieppe. Uma quantidade de passageiros ali aguardava; ouvia-se o ranger dos carrinhos carregados de bagagem e as *bouillotes* eram embarcadas uma a uma. A locomotiva e o tênder finalmente chegaram ao furgão²⁶ que encabeçava o comboio, houve um choque surdo e o próprio chefe de equipe foi quem ajustou a atrelagem. O céu já estava mais escuro para os lados de Batignolles e um cinza crepuscular, ganhando as fachadas, parecia se abater sobre o leque das vias férreas. Enquanto isso, na vagueza da lonjura no lusco-fusco, ao longe, ininterruptamente se cruzavam as partidas e chegadas dos trens de subúrbio e de curta distância. Para além da massa ensombrecida das grandes plataformas cobertas, pairando sobre Paris obscurecida, esvoaçavam ruços farrapos de fumaça.

– Não, não, me deixe – murmurou Séverine.

Pois ele pouco a pouco, sem nada dizer, dera início a um carinho mais interesseiro, que o calor daquele jovem corpo estreitado em seus braços excitava. Ela o embriagava com o seu cheiro e, com o movimento de quadril feito para se livrar do abraço, mais ainda avivara o desejo. Com alguma brusquidão, puxou-a da janela e com o cotovelo fechou os vidros. Com a boca esmagou seus lábios, levando-a na direção da cama.

– Não, não estamos em casa – ela repetiu. – Por favor, não nesse quarto.

Sentia-se, ela mesma, também embriagada, tonta com a refeição e o vinho, agitada ainda pela febril correria em Paris. O cômodo superaquecido, a mesa em que restava uma debandada de pratos e talheres, o imprevisto da viagem com ares de lua de mel, de tudo havia para fazer ferver nele o sangue, causando um alvoroço. No entanto, ela recusava, resistia, crispada na madeira da cama, numa revolta aterrorizada, da qual não percebia a causa.

– Não, não quero.

Com o sangue fervendo, ele controlava as mãos pesadas e brutais. No estado em que estava, seria capaz de trucidá-la.

– Boba, quem vai saber? Depois arrumamos a cama.

Em casa, em Le Havre, ela normalmente o aceitava com complacente docilidade, depois do almoço, quando ele estava de serviço à noite. Parecia não sentir muito prazer, mas se deixava possuir com satisfeita indolência, num carinhoso consentimento ao prazer do companheiro. O que o enlouquecia, porém, naquele momento, era senti-la como nunca antes a tivera, ardente e palpitante de calor sensual. O negro reflexo da sua cabeleira escurecia os

plácidos olhos cor de pervinca e a boca forte cortava o suave ovalado do rosto. Era alguém, enfim, que ele ainda não conhecia. Por que o rejeitava?

– Diga, por quê? Temos tempo.

Então, numa aflição inexplicável, num dilema do qual não parecia muito claramente avaliar os elementos e como se a si mesma desconhecesse, ela deixou escapar um grito de profunda dor, que paralisou todo o ímpeto do marido.

– Não, peço por favor, me deixe!... Não sei dizer, me sinto sufocar à simples ideia... nesse momento... Não seria bom.

Os dois estavam sentados na beirada da cama. Ele passou a mão na testa, como querendo apagar o fogo que o queimava. Vendo-o novamente calmo, ela por delicadeza se debruçou e o beijou forte no rosto, querendo mostrar que o amava, apesar da recusa. Por um momento ficaram ali, sem nada dizer, recuperando a serenidade. Ele pegara sua mão esquerda e girava um antigo anel de ouro, em forma de serpente, com a cabecinha de rubis, que ela usava no mesmo dedo que a aliança. Ele sempre o vira ali, no mesmo dedo.

– Minha pequena serpente – disse Séverine com uma voz involuntária de devaneio, achando que o marido olhava o anel e tomada por imperiosa vontade de falar. – Foi em Croix-de-Maufras que ele me deu, quando fiz dezesseis anos.

Roubaud ergueu a cabeça, surpreso.

– Quem? O presidente?

Quando os olhos do marido encontraram os seus, ela bruscamente despertou do sonho. Sentiu uma vaga frieza gelar suas faces. Quis responder e nada encontrou, asfixiada pela espécie de paralisia que a dominava.

– Sempre disse que tinha sido da sua mãe, esse anel – ele continuou.

Até aquele exato segundo, seria ainda possível reparar a frase, solta num instante de completo alheamento. Bastaria rir, fazer-se de tonta. Mas ela teimou, sem mais querer se controlar, inconsciente.

– Nunca, meu querido, disse que esse anel tivesse sido da minha mãe. Roubaud olhou-a, também bruscamente pálido.

– Como? Nunca disse? Repetiu vinte vezes!... Se o presidente lhe deu o anel, não há mal nenhum. Mas deu outra coisa... Por que ter escondido? Por que ter mentido, falando da sua mãe?

– Não falei da minha mãe, querido, está enganado.

Era uma teimosia idiota. Estava se perdendo e o marido claramente percebia, por sua expressão. Gostaria de recuar, engolir de volta as palavras; mas não tinha mais como e sentia suas feições se descompondo, a confissão escapulindo, sem querer, de todo o seu ser. O frio dominou seu rosto, um tique nervoso lhe repuxou os lábios. E ele, assustador, voltando a ficar subitamente vermelho, como se o sangue fosse estourar as veias, pegou-a pelos pulsos, olhou-a bem de perto para melhor acompanhar, no sobressalto apavorado dos seus olhos, o que ela não dizia em voz alta.

– Santo Deus! – ele gaguejou. – Santo Deus!

Ela teve medo, baixou o rosto para se proteger debaixo do braço dele, adivinhando o soco que viria. Um detalhe mínimo, ridículo, insignificante, aquele de ter esquecido a mentira a

respeito do anel, acabava de trazer à tona a evidência, em poucas palavras trocadas. E um só minuto fora suficiente. Ele jogou-a na cama com um empurrão e bateu com as duas mãos, sem ver onde. Em três anos, nunca sequer esboçara qualquer gesto agressivo e agora era capaz de massacrá-la cego, demente, num ímpeto bestial de homem de mãos grosseiras, que há até pouco tempo empurrava vagões.

– Santo Deus, vadia! Esteve na cama com o... dormiu com o... dormiu com o...!

A raiva ia aumentando com a repetição das palavras e os punhos desciam a cada vez que eram pronunciadas, como se fossem entrar na sua carne.

– Um velho, vadia... dormiu com ele... dormiu com ele!

A raiva não o deixava respirar, a voz começou a vir com um assobio e finalmente não saiu mais. Só então percebeu que, se desmanchando sob as pancadas, ela negava. Não tinha outra defesa, negava para que ele não a matasse. E esse grito, a insistência na mentira, ainda mais o enlouquecia.

– Confesse que dormiu com ele.

– Não! Não!

Voltara a segurá-la pelos braços, impedindo que caísse de rosto nas cobertas, como uma pobre coitada que se esconde. Obrigava-a a olhá-lo de frente.

– Confesse que dormiu com ele.

No entanto, escorregando, ela escapuliu, tentou correr até a porta. Com um salto, Roubaud chegou primeiro, com o punho ameaçador erguido e, furiosamente, com uma só pancada derrubou-a junto da mesa. Então atirou-se ao lado dela, mantendo-a pelos cabelos pregada ao chão. Por um instante ficaram assim, cara a cara, sem se mover. No meio desse silêncio assustador, ouviram as cantorias e risos das jovens Dauvergne que atacavam furiosamente o piano e com isso abafavam, felizmente, o barulho da briga. Era Claire que cantava cantigas infantis de roda, enquanto Sophie acompanhava com toda força.

– Confesse que dormiu com ele.

Séverine não se atrevia mais a dizer não, simplesmente se calou.

– Confesse que dormiu com ele, santo Deus! Ou meto-lhe a faca na barriga!

Ele a mataria, via-se nitidamente em seu olhar. Ao cair, Séverine ainda havia percebido o canivete aberto em cima da mesa. Reviu o brilho da lâmina, achou que Roubaud estendia o braço, buscando a arma. Uma grande indiferença a invadiu, um abandono de si e de tudo, uma necessidade de terminar com aquilo.

– Está bem, é verdade. Deixe-me ir embora.

Foi abominável. A confissão tão violentamente exigida atingiu-o em cheio como algo impossível, monstruoso. Era como se nunca tivesse imaginado semelhante infâmia. Segurou-lhe a cabeça e bateu-a contra o pé da mesa. Séverine se debatia e ele a arrastou pelos cabelos por todo o quarto, derrubando as cadeiras. Toda vez que sentia qualquer resistência, mandava-a de volta ao piso com um soco. E tudo isso com respiração forte, dentes cerrados, numa sanha selvagem e imbecil. Empurrada, a mesa quase derrubou o fogão. Sangue e chumaços de cabelo ficaram numa quina do aparador. Depois de recuperarem o fôlego, aparvalhados, saturados daquele horror, cansados de dar e receber pancadas, se viram junto à cama, ela ainda estendida no chão, de barriga para baixo, e ele agachado, com as mãos nos seus ombros.

Procuravam respirar. Embaixo, a música prosseguia, as risadas enchiam o ar, ruidosas e joviais.



– *Confesse que dormiu com ele.*

Com um puxão, Roubaud ergueu Séverine, encostou-a na madeira da cama e depois, ainda de joelhos, pesando sobre ela, conseguiu finalmente falar. Havia parado de bater, apenas a torturava com perguntas, na inextinguível necessidade de saber.

– Então dormiu com ele, vadia!... Repete, repete que dormiu com aquele velho... E com que idade, hein? Bem pequena, bem pequena, não é?

Ela acabava de bruscamente explodir em lágrimas, que a impediam de responder.

– Por Deus! Diga logo!... Hein? Nem tinha dez anos e já divertia aquele velho? É por isso que a tratava com tanto mimo, é por isso, sua porca, diga, santo Deus! Ou volto a bater!

Ela chorava, não conseguia articular uma palavra e ele ergueu a mão, deixando-a zonha com um tabefe. Por três vezes, já que não obtinha resposta, repetiu a bofetada e a pergunta.

– Com que idade, diga, desgraçada! Vai responder ou não?

Para que lutar? Todo o seu ser escapava. O bruto seria capaz de lhe arrancar o coração, com aqueles dedos calejados de quem foi operário. E o interrogatório continuou, com ela dizendo tudo, num tal aniquilamento de vergonha e medo que as frases, sussurradas baixinho, mal eram ouvidas. Fulminado pelo ciúme atroz, Roubaud se desesperava com o dilacerante sofrimento que as imagens evocadas produziam. O que ouvia nunca parecia bastar e ele a obrigava a voltar com detalhes, com minúcias. De ouvido colado nos lábios da infeliz, agonizava com a confissão, mantendo a contínua ameaça do punho erguido, pronto a descer, caso a mulher parasse de contar.

De novo, todo o passado em Doinville desfilou ali: a infância, a adolescência. Era atrás de arbustos do parque? Em algum canto perdido, algum corredor do castelo? Foi de forma premeditada que o presidente levou-a então para casa, quando morreu o jardineiro, criando-a junto da filha? Com certeza já haviam começado naqueles dias em que as outras meninas fugiam, no meio das brincadeiras, caso ele aparecesse, e só ela, sorridente, de nariz empinado, esperava que, ao passar, ele lhe desse um tapinha no rosto. E mais tarde, se

Séverine se atrevia a falar com ele cara a cara, conseguindo tudo que queria, não era por se sentir dona da situação, ela que, no entanto, se vendia por tão pouco a quem abusava das criadas, tão digno e severo com todo mundo mais? Ah, quanta sordidez! Aquele velho a exigir beijinhos de avô, vendo crescer a menininha, apalpando, tomando-a para si a cada instante, sem ter a paciência de esperar que amadurecesse!

Roubaud perdia o fôlego.

– Afinal, com que idade... repita, com que idade?

– Dezesseis anos e meio.

– Está mentindo!

Mentir, Deus do céu! Para quê? Ela deu de ombros, cansada de tudo e desistindo.

– E a primeira vez, onde foi?

– Em Croix-de-Maufras.

Ele hesitou por um momento, os lábios tremeram, um clarão amarelado atravessou seu olhar.

– Quero que diga tudo que ele fez com você.

Séverine permaneceu muda. Em seguida, vendo o punho ameaçador se erguer:

– Não vai acreditar.

– Diga mesmo assim... Ele não conseguiu, não foi?

Com um sinal da cabeça, ela assentiu. Foi o que aconteceu. E ele se aferrou à cena inicial, quis saber dos menores detalhes, desceu ao mais baixo jargão, com perguntas imundas. Ela não destravava mais os dentes, continuava a confirmar, a negar, com simples gestos. Talvez acabassem se acalmado, quando confessasse tudo. Mas os detalhes que lhe pareciam atenuar a dor mais o faziam sofrer. Relações normais, completas, o assombrariam com visão menos torturante. Aquela libertinagem piorava tudo, enterrava e revirava em suas entranhas as lâminas envenenadas do ciúme. Estava tudo acabado, ele não viveria mais, evocando para sempre a execrável imagem.

O pranto dilacerou a sua garganta.

– Ai, santo Deus... santo Deus! Não pode ser, não pode! É demais, não pode ser!

De repente, sacudiu-a.

– Mas, por Deus, vadia! A troco de que se casou? Não vê que é abjeto ter me enganado assim? As prisões estão cheias de ladras com menos peso na consciência... Tinha tanto desprezo assim por mim? Nunca me amou, não é? Por que se casou?

Ela fez um gesto indefinido. Será que sabia exatamente por quê? Casando-se, estava contente, esperava com isso terminar a história antiga. São tantas as coisas que a gente não quer fazer e mesmo assim faz, pois se revelam ainda a melhor solução. Não, ela nunca o amara, mas o que evitava dizer é que, sem aquele passado, jamais teria se tornado sua mulher.

– Ele sim, não é?, quis que se casasse. Achou um bobo para o papel... Não é? Queria que se casasse e tudo continuasse igual. E continuou, não foi? Nas duas viagens que fez até lá. Por isso ele chamava.

Com um gesto, ela concordou novamente.

– E por isso, outra vez, ele convidou agora... Até o fim, então, manteriam essa sujeira! E é

o que vai acontecer, se eu não te estrangular!

As mãos crispadas se prepararam para agarrá-la pelo pescoço. Nesse momento, porém, ela se rebelou.

– Está sendo injusto. Insistiu para que eu fosse e precisei me irritar para não ir. Tente se lembrar... Vai entender que não quero mais. Acabou. Nunca, nunca mais vou querer aquilo.

De fato, era verdade o que dizia, mas isso em nada o aliviava. A dor terrível, a ponta de ferro que se mantinha no peito vinha do irreparável, do que havia acontecido entre ela e aquele homem. O pior do sofrimento era por nada poder fazer contra a fatalidade. Sem largá-la, aproximou-se do seu rosto. Parecia fascinado, magnetizado, como se quisesse confirmar, no sangue das pequenas veias azuladas, toda aquela confissão. Murmurou obsedado, alucinado:

– Em Croix-de-Maufras, no quarto vermelho... Sei qual é, a janela dá para a via férrea, a cama fica de frente. Foi ali, naquele quarto... Entendo agora que ele fale em deixar a casa para você. Fez por merecer. E que administrasse o seu dinheirinho e oferecesse um dote para o casamento, foi pago... Um juiz, com fortuna de vários milhões, tão respeitado, tão instruído, tão bem-situado! Realmente, é de fazer a cabeça dar voltas... Diga então, e se ele for seu pai?

Com um esforço, Séverine se pôs de pé. Empurrou-o com vigor extraordinário para uma pobre coitada subjugada em sua fraqueza. Protestou com violência.

– Não, isso não! No mais, faça o que quiser. Bata, mate... Mas não repita isso, é mentira!

Roubaud segurava ainda uma das suas mãos.

– Sabe alguma coisa a respeito? Deve ter alguma dúvida, para reagir dessa maneira.

Enquanto ela arrancava a mão de entre as do marido, ele sentiu o anel num dos dedos, a pequena serpente de ouro com cabeça de rubis. Arrancou-o e o esmagou com o calcanhar no piso duro, num novo acesso de raiva. Em seguida, andou de um lado para outro do cômodo, mudo, transtornado. Séverine, por sua vez, caiu sentada na beirada da cama, olhando-o com olhos arregalados. E o silêncio terrível durou.

Não se acalmava o furor de Roubaud. Voltava a cada vez que parecia se dissipar um pouco, como a embriaguez, em grandes e redobradas ondas que o arrastavam em sua vertigem. Não tinha mais o menor autocontrole, gesticulava desvairado, entregue a toda mudança de rumo do vento de violência que o flagelava, recaindo pela exclusiva necessidade de acalmar a besta que rugia em seu interior. Era uma necessidade física, imediata, uma fome de vingança que remoía o corpo e não lhe deixaria repouso algum enquanto não fosse satisfeita.

Sem parar de andar, bateu na cabeça com as duas mãos e gaguejou com voz aflita:

– O que fazer?

À mulher, como não havia matado logo, não haveria de matar agora. A covardia de tê-la deixado viva o irritava ainda mais. Pois fora covarde: não a estrangulara por depender daquele corpo desavergonhado. Não podia mais, no entanto, continuar a seu lado. Ia então expulsá-la, jogá-la na rua e nunca mais vê-la? Nova onda de sofrimento o invadiu, mergulhou inteiro numa execrável náusea, dando-se conta de que também não agiria assim. O que fazer, então? Restava apenas aceitar a abominação e levá-la de volta a Le Havre, continuar a tranquila vida em comum, como se nada houvesse acontecido. Não! Não! Melhor morrer, morrerem os dois ali mesmo! A angústia era tanta que ele gritou mais alto, desvairado:

– O que fazer?

Da cama em que continuava sentada, Séverine o acompanhava de um lado para outro, com os mesmos olhos arregalados. Na calma e companheira afeição que sempre tivera pelo marido, a desmedida dor em que o via era de dar pena. Teria desculpado os palavrões e as pancadas, caso tão desatinada reação não a surpreendesse tanto, pois era o que ainda a espantava. Ela que, passiva e dócil, bem moça aquiescera aos desejos de um velho, que mais tarde se adaptara ao casamento simplesmente por querer conciliar as coisas, não conseguia compreender tal explosão de ciúme por erros antigos, dos quais se arrependia. Sem imoralidade, pois sentia-se pura, apesar de tudo, em seu corpo ainda mal desperto, ela observava o marido ir e vir em giros furiosos, como teria observado um lobo, um ser de outra espécie. O que então havia nele? Muitos não tinham tanta raiva! O que a assustava era constatar o animal, que há três anos já pressentia pelos grunhidos surdos e que hoje se desencadeava, furioso, pronto para morder. O que dizer para impedir uma desgraça?

Esperava o momento certo, cada vez que ele passava junto à cama, e afinal se atreveu a dizer:

– Meu amigo, ouça...

Mas ele não ouvia, continuava até o outro extremo do quarto como um caniço batido pela tempestade.

– O que fazer? O que fazer?

Séverine acabou então segurando-o pelo pulso, forçando-o a parar por um minuto.

– Meu amigo, pense bem; fui eu que não quis ir... Por mim, nunca mais iria, nunca mais! É a você que amo.

E ela se mostrava tão meiga, puxando-o, estendendo os lábios para que a beijasse. Ao chegar perto, porém, ele se afastou, com um gesto de horror.

– Ah, vadia! Agora você quer... Mas ainda há pouco não, não queria saber de mim... E agora sim, para recuperar o terreno perdido, não é? Quem tem esse autocontrole pode levar o homem para onde quiser... Mas me faria mal ficar com você. Sim! Sinto que me faria o sangue arder como um veneno.

Ele tremeu. A ideia de possuí-la, a imagem dos dois corpos entrelaçados na cama acabava de atravessar sua cabeça como uma chama. E foi na negra perturbação da carne, nas profundezas do desejo maculado e que estava a sangrar, que bruscamente se concretizou a necessidade da morte.

– Para que eu não me desgrace indo ainda para a cama com você, preciso antes acabar com o outro... Pode entender isso? Preciso acabar com ele, acabar!

O tom da voz aumentava e ele repetiu a palavra de pé, eloquente, como se a palavra, trazendo uma definição, o acalmasse. Não falou mais, andou lentamente até a mesa, olhou o canivete, cuja lâmina brilhava, totalmente aberta. Com um gesto mecânico fechou-o e colocou no bolso. De mãos caídas, olhar perdido, continuou no mesmo lugar, pensando. Os obstáculos que lhe ocorriam escavavam em sua testa duas profundas rugas. Querendo encontrar solução, voltou a abrir a janela, plantou-se ali, com o rosto exposto ao ar frio do crepúsculo. Atrás dele, a mulher tinha se levantado, voltando a ter medo e, sem se atrever a fazer perguntas, tentando adivinhar o que acontecia no fundo daquele cérebro endurecido, esperou, também de

pé, diante do vasto céu.

Sob a noite que chegara, as casas distantes se recortavam no escuro e a ampla área da estação se enchia de uma bruma arroxeadada. Para os lados de Batignolles, principalmente, a via profunda parecia mergulhada no cinza, onde começava a se desvanecer a estrutura da ponte Europe. Na direção de Paris,²⁷ um último reflexo do dia clareava os vidros dos grandes telheiros das plataformas, enquanto, abaixo, acumulavam-se trevas. Faíscas brilharam, dos bicos de gás sendo acesos ao longo dos cais. Via-se uma forte luz branca, da lanterna da locomotiva do trem de Dieppe, repleto de passageiros, de portas já fechadas, esperando a ordem do subchefe de serviço para partir. Problemas tinham surgido e o sinal vermelho do agulheiro fechava a via, enquanto uma pequena máquina vinha buscar vagões que uma manobra mal executada deixara no caminho. Os trens corriam sem cessar na crescente escuridão, no inextricável emaranhado dos trilhos, entre fileiras de vagões imóveis, estacionados nas vias de apoio. Um partiu para Argenteuil, outro para Saint-Germain. Um terceiro, muito comprido, chegava de Cherbourg. Multiplicavam-se as sinalizações, apitos e sons de buzina. Dos diferentes lados, uma a uma, surgiam diversas luzes vermelhas, verdes, amarelas, brancas. Era uma confusão, nessa hora tumultuada do lusco-fusco, dando a impressão de que tudo ia se romper, mas tudo se passava bem, quase se encostava, se liberava, numa mesma movimentação suave e arrastada, difusa sobre o fundo crepuscular. O sinal vermelho do agulheiro se apagou, o trem de Dieppe apitou e partiu. Do céu descorado escaparam umas raras gotas de chuva. A noite seria bem úmida.

Ao se voltar, Roubaud tinha o rosto pesado e duro, como que tomado pela sombra da noite que caía. Estava decidido, montara um plano. O dia morria, ele olhou a hora no cuco e disse em voz alta:

– Cinco e vinte.

E ficou surpreso: uma hora, uma hora apenas para tanta coisa! Tinha impressão de que os dois se dilaceravam ali há semanas.

– Cinco e vinte, temos tempo.

Séverine, que nada ousava perguntar, continuava a acompanhá-lo com ansiedade. Viu-o remexer no armário, pegar um papel, um pequeno tinteiro, uma pena.

– Tome! Você vai escrever.

– Como? Para quem?

– Para ele... Sente-se.

Ela instintivamente se afastou da cadeira, sem saber ainda o que seria exigido, e foi puxada de volta, forçada a se sentar à mesa com tanta força que ali ficou.

– Escreva: “Pegue logo mais o expresso das 18h30, mas só apareça em Rouen.”

Ela segurava a pena e a sua mão tremia, pela assustadora expectativa que criavam aquelas duas linhas tão simples. De forma que juntou coragem a ponto de erguer a cabeça e perguntar, súplice:

– Meu amigo, o que vai fazer?... Por favor, diga...

E ele repetiu em voz alta, inexorável:

– Escreva, escreva.

Em seguida, com os olhos fixos nos dela, sem raiva, sem grosseria, mas com uma

obstinação que se fazia sentir de forma opressora, aniquilante, ele continuou:

– O que vou fazer, você logo verá... E, percebe? O que vou fazer, quero que faça comigo... Dessa maneira continuaremos juntos, tendo algo bem sólido entre nós.

Era assustador, ela tentou mais uma vez recuar.

– Não, não, quero saber antes... Não vou escrever sem saber.

Então, parando de falar, ele pegou a sua mão, uma mãozinha delicada de criança, e apertou com punho de ferro, numa pressão contínua como se fosse um torno, até esmagar. Era a vontade do marido que entrava na sua carne, junto com a dor. Ela deu um grito e tudo se partiu em seu interior, ela se rendia. Mesmo sem nada saber, em sua doce passividade, teve que obedecer. Era um instrumento de amor, um instrumento de morte.

– Escreva, escreva.

Ela escreveu, com a pobre mão dolorida, cheia de dificuldade.

– Ótimo, fez tudo direitinho – ele disse, depois de ler o bilhete. – Por agora, arrume um pouco as coisas aqui, deixe tudo em ordem... Volto para pegá-la.

Sentia-se perfeitamente calmo. Refez o nó da gravata em frente ao espelho, pôs o chapéu e saiu. Ela o ouviu fechar a porta, dar duas voltas na chave e levá-la. A escuridão aumentava cada vez mais. Por um momento, ela continuou sentada, de ouvido atento a todo ruído externo. Na vizinha, a vendedora de jornais, ouvia-se um gemido contínuo, surdo: provavelmente um cachorrinho esquecido. Embaixo, nos Dauvergne, o piano se calara. A alegre barulheira passara para panelas e louça, com as duas donas de casa no fundo da cozinha, Claire cuidando de um guisado de carneiro e Sophie lavando um pé de alface. E ela, arrasada, as ouvia rir, na aflição terrível daquela noite que avançava.

Já às seis e quinze, a locomotiva do expresso para Le Havre, desembocando da ponte Europe, foi enviada ao seu comboio e atrelada. Tendo em vista o movimento daquele horário, não foi possível estacionar o trem sob o telheiro das grandes linhas. Ele aguardava em área aberta, junto ao cais que se prolongava como um molhe estreito, contra as trevas de um céu de breu em que a fileira de alguns bicos de gás, fincados ao longo do calçamento, alinhava estrelas baças. Uma pancada de chuva havia caído e restava uma umidade glacial a se espalhar pelo amplo espaço descoberto e que uma bruma empurrava na direção das pálidas luzes das fachadas da rua de Rome. Tudo parecia imenso e triste, inundado d'água e salpicado num ou noutro ponto por brilhos sangrentos, em cena confusamente povoada por massas opacas, locomotivas e vagões solitários, pedaços de trens que dormiam nas vias de estacionamento. Do fundo desse lago de sombra, barulhos emergiam, respirações colossais, resfolegantes de febre, apitos feito gritos agudos de mulheres violentadas, buzinas distantes soando, lamentosas, no meio do rumor das ruas vizinhas. Ouviram-se ordens dadas em voz alta para que se acrescentasse um vagão. Imóvel, a locomotiva do expresso perdia por uma válvula um forte jato de vapor que subia em toda aquela escuridão e se desfiava em pequenas nuvens, semeando lágrimas brancas no ilimitado luto que se estendera pelo céu.

Às seis e vinte, Roubaud e Séverine apareceram. Ela acabava de entregar a chave à velha Victoire, passando pelo banheiro perto das salas de espera. E ele a empurrava, com ares de marido com mulher que se atrasa, impaciente e brusco, chapéu jogado para trás, enquanto a esposa mantinha o pequeno véu escondendo o rosto, hesitante, parecendo titubear de cansaço. Um fluxo de passageiros seguia pelo cais e o casal o acompanhou, percorrendo a sequência

dos vagões, procurando um compartimento vazio de primeira classe. O calçamento estava agitado, carregadores empurravam para o furgão dianteiro carrinhos de bagagem, um fiscal tentava encontrar lugar para toda uma família, o subchefe de serviço controlava as junções de atrelagem, de lanterna sinalizadora na mão, averiguando se estavam corretas, bem presas. Roubaud finalmente encontrou uma cabine vazia, para a qual já ia chamar Séverine, quando foi reconhecido pelo chefe de estação, sr. Vandorpe, que passava por ali na companhia do chefe-adjunto das grandes linhas, sr. Dauvergne, ambos de mãos nas costas, seguindo a manobra de um carro que estava sendo acrescentado. Cumprimentaram-se e foi preciso parar e conversar um pouco.

Primeiro comentou-se a história do subprefeito, que havia terminado satisfatoriamente para todo mundo. Em seguida, um acidente ocorrido pela manhã em Le Havre e que o telégrafo transmitira: uma locomotiva, a Lison,²⁸ que às quintas e sábados trabalhava com o expresso das 18h30, quebrara uma biela no exato momento em que entrava com seus vagões na estação. Os reparos iam deixar parados por uns dois dias o maquinista, Jacques Lantier, um conterrâneo de Roubaud, e o foguista Pecqueux, marido da velha Victoire. Diante da porta do vagão, Séverine esperava, sem embarcar, enquanto o marido se mostrava perfeitamente à vontade com os colegas, rindo e falando alto. Houve então um choque e o trem recuou alguns metros: era a locomotiva que empurrava os primeiros carros até o que tinha sido acrescentado, o 293, um cupê²⁹ reservado. E o jovem Dauvergne, Henri, que acompanharia o trem como controlador-chefe, tendo reconhecido Séverine sob o véu, impedira que fosse atingida pela porta, que estava aberta, afastando-a com um gesto brusco. Em seguida se desculpou com um sorriso amável, explicando que o cupê era para um dos administradores da Companhia, que acabava de fazer o pedido, meia hora antes da partida do trem. Ela deu um risinho nervoso, sem motivo, e o rapaz voltou rápido a seu serviço, satisfeito, pois frequentemente pensava que a jovem poderia ser uma amante bem agradável.

O relógio marcava seis e vinte e sete. Três minutos ainda. Subitamente, Roubaud, que ao mesmo tempo em que conversava com o chefe de estação vigiava de longe as portas das salas de espera, deixou-o para ir se juntar à esposa. Mas como o vagão tinha se movimentado, tiveram que novamente se encaminhar ao compartimento vazio. Virando-se, apressou Séverine, ajudando-a a embarcar com um apoio do pulso nas costas, pois a jovem, em sua docilidade ansiosa, instintivamente olhava para trás, tentando ver. Um viajante atrasado chegava, tendo nas mãos apenas uma coberta. A gola do paletó azul de tecido grosso estava erguida e era tão ampla, com a aba do chapéu redondo tão abaixada sobre a testa, que só se distinguia do rosto, aos clarões vacilantes do gás, alguma barba branca. Os srs. Vandorpe e Dauvergne, no entanto, tinham se dirigido até ele, apesar do evidente desejo do viajante de passar despercebido. Seguiram-no, mas só foram cumprimentados três vagões adiante, já à frente do cupê reservado, no qual o passageiro subiu às pressas. Era ele. Trêmula, Séverine desabou na poltrona. O marido apertava com força o seu braço, como num último sinal de posse, exultante, agora que estava certo de fazer a coisa.

Num minuto soaria a meia hora. Um vendedor teimava em oferecer os jornais vespertinos e passageiros ainda perambulavam pelo cais, terminando um cigarro. Mas todos embarcaram; das duas extremidades do trem ouviam-se os controladores fechando as portas. Roubaud, que tivera a desagradável surpresa de perceber, na cabine que acreditava vazia, uma forma escura ocupando um dos cantos, imóvel, provavelmente uma mulher de luto, não conseguiu deixar de

expressar clara irritação quando a porta voltou a ser aberta e um controlador deu passagem a um casal, um homem e uma mulher gordos, que ali desabou, sem fôlego. O trem ia partir. A chuva havia voltado, bem fina, inundando a vasta área tenebrosa, sempre atravessada por outros trens, dos quais se distinguiam apenas os vidros iluminados, uma fileira de janelinhas moventes. Luzes verdes tinham se acendido, algumas lanternas dançavam rentes ao chão. E nada mais, apenas a imensidão negra, onde só se destacavam ainda os telheiros das grandes linhas, vagamente realçados pelo tênue reflexo do gás. Tudo havia submergido, até os barulhos se ensurdeciam, restando apenas o trovão da locomotiva que abria seus purgadores, despejando ondas rodopiantes de vapor esbranquiçado. Uma nuvem subia, estendendo-se como um lençol fantasmagórico, e por ela passavam grandes fumaças escuras, vindas não se sabe de onde. O céu se enegreceu ainda mais, com uma massa de fuligem a esvoaçar sobre a Paris noturna, incendiada em seu braseiro.

O subchefe de serviço ergueu então a sua lanterna para que o maquinista pedisse via aberta. Ouviram-se duas chamadas de apito e, mais adiante, perto do posto do agulheiro, a luz vermelha se apagou, substituída por outra, branca. De pé na porta do furgão, o controlador-chefe esperava a ordem de liberação, que foi dada. O maquinista deu ainda um longo silvo e abriu o regulador, colocando em movimento a locomotiva. Hora da partida. De início, o movimento foi imperceptível e, em seguida, o trem inteiro se deslocou. Deslizou sob a ponte Europe e mergulhou na direção do túnel de Batignolles. Dele agora se viam apenas, sangrando como feridas abertas, as três luzes da traseira, formando um triângulo vermelho. Por mais alguns segundos ele pôde ainda ser visto na vibrante negrura da noite. Partia ao longe e nada mais pararia o trem lançado a todo vapor. Desapareceu.

-
1. O antigo fogão a lenha servia também como aquecedor, no lugar da lareira.
 2. A Compagnie de l'Ouest foi criada em 1855, a partir da junção de três empresas ferroviárias anteriores, em pleno boom da *railway mania*, como era chamado. Sua diretoria era predominantemente britânica.
 3. Como o uso do elevador só começou a se tornar mais popular no final do séc.XIX, com os progressos da engenharia elétrica, os andares mais altos dos edifícios tinham menor valor. Abrigavam pequenos quartos, contando com apenas um ponto d'água e, em geral, somente um vaso sanitário, no corredor, de uso comum para os moradores daquele andar.
 4. A estação de Saint-Lazare, construída em 1837, ligando Paris a seus arredores e à Normandia.
 5. Em Paris, Amsterdam, hoje não mais sem saída, ainda desemboca junto à estação Saint-Lazare.
 6. Trata-se de neologismo de Zola (provavelmente recolhido em suas pesquisas *in loco*) para o local onde se preparavam as *bouillottes*, bolsas individuais de água ou areia quente para o aquecimento dos pés e das mãos. Desde 1855 eram distribuídas nos vagões de primeira classe e trocadas durante a viagem, nas diferentes paradas.
 7. A ponte era bem recente à época em que se passa a narrativa (1869-70). Era em ferro, em forma de X, e foi construída em 1867, substituindo um túnel. Foi refeita em 1931, em concreto.
 8. Vagonete atrelado à locomotiva, servindo para o abastecimento de água e carvão da máquina a vapor.
 9. Um trem grande de passageiros era composto por locomotiva, tender, furgão, mais de dez vagões de primeira e segunda classe e segundo furgão.
 10. Dispositivo que elimina o líquido condensado nas tubulações das máquinas a vapor.
 11. Placas que serviam para manobrar locomotivas, mudando sua direção ao girar no próprio eixo.
 12. O *conducteur-chef* era o responsável pela segurança, supervisionando não só a condução do trem como o bem-estar dos passageiros. Viajava num vagão de bagagens, chamado furgão (ver nota 26), atrelado logo depois do tender, e tinha um auxiliar num outro furgão, no final do comboio.

13. Isto é, passarinhos exóticos das ilhas Reunião, então colônia (e hoje divisão administrativa) francesa no oceano Índico.
14. No original, *sous-préfet*. Na França, ainda hoje, o *préfet* é um alto funcionário indicado pelo governo central, com autoridade regional, inclusive em assuntos de segurança e polícia. O que chamamos “prefeito” municipal em português em francês se denomina *maire* e é eleito por sufrágio universal (o voto na França não é obrigatório).
15. Não se trata ainda de “férias” como entendemos hoje, mas o termo já era usado para curtos períodos de descanso, em geral não remunerado. No séc.XIX a ideia de férias mais longas na França ganhava corpo apenas entre a aristocracia e a burguesia, que no verão deixavam a cidade para usufruir do ar marinho ou da montanha; as férias remuneradas obrigatórias só tiveram início em 1936 (mais tarde, inclusive, do que no Brasil, onde os empregados agrícolas obtiveram esse direito e 1889, os ferroviários em 1890 e todos os demais, 1925).
16. O cientificismo da época apreciava muito as teorias bioantropológicas positivistas e a frenologia. No romance inteiro teremos descrições físicas baseadas nelas. Zola era um entusiasta do médico italiano Cesare Lombroso, com seu livro *O homem delinquente*, que defendia o conceito de “criminoso nato” (a partir de pesquisa com 35 crânios de criminosos guilhotinados). Já à época do romance a ideia era muito criticada pela antropologia e pela sociologia, que despontavam como ciências em voga. No entanto isso não impediu que as teses de Lombroso se mantivessem muito influentes, sobretudo nos meios da criminologia e da medicina legal, por mais algumas décadas. No Brasil, o médico Nina Rodrigues foi seu declarado seguidor, notabilizando-se com o livro *Mestiçagem, degenerescência e crime*, que apontava a influência racial negra como causa da inferioridade brasileira.
17. Cidade fictícia, inspirada em Aix-en-Provence, onde Zola passou a infância. É o centro de toda a saga dos *Rougon-Macquart*, série de vinte livros publicados entre 1871 e 1893, da qual *A besta humana* é o 17°.
18. Presidente, no caso, de um tribunal judiciário de grande instância. O título é vitalício. Existem hoje, na França, 158 tribunais de grande instância.
19. Au Bon Marché (desde 1989, Le Bon Marché), fundado em 1838, se tornou, no início dos anos 1850, a primeira loja de departamentos “moderna” de Paris, revolucionando o comércio e até mesmo as relações sociais. O *grand magasin* serviu de modelo para a loja Au Bonheur des Dames, do romance homônimo de Zola, 11° volume dos *Rougon-Macquart*.
20. É uma tradição, quando se dá uma arma branca, receber um pagamento simbólico.
21. Nas eleições legislativas ocorridas em maio de 1869, a oposição ao governo imperial de Napoleão III obteve cerca de 40% dos votos e elegeu 74 deputados republicanos.
22. O “de” no sobrenome deixa subentendido que o genro do presidente pertencia a família “nobre”; eram comuns os casamentos por interesse entre a classe burguesa ascendente e a aristocracia declinante, com os dois lados vendo nisso uma vantagem.
23. Grandmorin fez uma típica carreira burguesa ascendente do séc.XIX, tendo nascido no apogeu napoleônico, passando incólume profissionalmente pela Revolução de 1830, adaptando-se mais tarde ao Terceiro Império, até chegar à capital, ainda como procurador, para depois presidir um tribunal importante como o de Rouen.
24. O conselho geral (hoje conselho regional) é a assembleia deliberativa de cada *département* (divisão administrativa) da França, eleita por sufrágio universal.
25. O nome é fictício, mas tem uma sonoridade que evoca algo funesto ou amaldiçoado.
26. O furgão era o vagão de carga, inclusive postal, e também de bagagem dos passageiros. Era onde ficava o controlador-chefe. Tinha, além disso, uma função de segurança entre a locomotiva e o restante do trem, amortecendo eventuais impactos.
27. Isto é, na direção mais central da cidade, no miolo (1° *arrondissement*) do caracol em que se delinea o mapa de Paris.
28. Além do número, batizava-se cada locomotiva com o nome de uma estação. Lison, no caso, é uma cidade da Baixa Normandia.
29. Pequeno vagão privativo.

EM CROIX-DE-MAUFRAS, num terreno que a via férrea havia cortado, a casa se situa de viés, tão perto dos trilhos que os trens que vão e vêm a sacodem inteira. Basta uma viagem para guardá-la na memória, e toda gente que por ali passa em grande velocidade sabe da sua presença, naquele lugar, sem nada conhecer dela, sempre fechada, deixada como um soçobro no mar, com seus postigos cinzentos que se esverdeiam sob a chuva de oeste. Tudo é meio deserto e ela parece aumentar ainda mais a solidão daquele recanto perdido, sem qualquer alma viva num raio de uma légua.

Isolada, a casa do guarda-cancela ali está, no cruzamento da estrada que corta a linha e segue para Doinville, a cinco quilômetros. Baixa, com fendas nas paredes, telhas devoradas pelo limo, ela se espreme com ares de abandono e pobreza, no centro do quintal, com legumes plantados, fechado por cerca viva e onde existe um poço grande, tão alto quanto a casa. A passagem de nível se encontra entre as estações de Malaunay e Barentin, bem à metade, a quatro quilômetros de cada uma.³⁰ Na verdade, ela é muito pouco utilizada, já que a velha cancela semiapodrecida só é acionada para as cargas que vêm da pedreira de Bécourt, na floresta, a meia milha de distância. Não se pode imaginar buraco mais ermo, mais afastado dos seres vivos, pois o longo túnel, para as bandas de Malaunay, corta qualquer caminho e a única comunicação com Barentin se faz por uma trilha em mau estado, ao longo da linha. São raros, então, os visitantes.

Naquele fim de tarde, com tempo nublado e ameno, um viajante que acabava de deixar Barentin³¹ depois de saltar do trem de Le Havre, seguia com largas passadas o caminho de Croix-de-Maufras. A paisagem se resume a uma sequência interminável de pequenos vales e encostas, numa espécie de sobe e desce que a estrada de ferro atravessa, alternando aclives e declives. Dos dois lados da via, esses contínuos acidentes do terreno tornam os caminhos ainda mais difíceis. Aumentando a sensação de grande solidão, a terra – magra e esbranquiçada – se mantém inculta. Árvores coroam os montículos com pequenos bosques, enquanto ao longo dos vales estreitos correm riosinhos sombreados por salgueiros. Outras elevações, de terreno gredoso, restam absolutamente despidas, com encostas que se sucedem estéreis, num mortal silêncio e abandono. O viajante, moço e vigoroso, mais apertava o passo, como se procurasse escapar da tristeza daquele crepúsculo tão suave, em terra tão desolada.



Isolada, a casa do guarda-cancela ali está, no cruzamento da estrada que corta a linha.

No quintal do guarda-cancela, uma jovem tirava água do poço, uma jovem de dezoito anos corpulenta, loura e forte, de lábios grossos, olhos grandes esverdeados e testa estreita sob a cabeleira espessa. Nada bonita, tinha o quadril firme e os braços duros de um rapaz. Assim que viu o viajante descendo o caminho, largou o balde, apressou-se a se pôr diante da porta sarrafeada que fechava a cerca viva.

– Olá, Jacques! – gritou demonstrando surpresa.

Ele ergueu a cabeça. Acabava de completar vinte e seis anos, também de alta estatura, bem moreno, bonito rosto redondo e regular, prejudicado, porém, por maxilares fortes demais. Os cabelos nasciam eriçados e cacheavam, como o bigode, tão grosso e preto que sublinhava a palidez da face. Poderia, pela pele fina e bem-barbeada, passar por um burguês, não fosse outro detalhe, a marca indelével da profissão, as mãos de maquinista já amareladas pela graxa. Eram, no entanto, mãos pequenas e macias.

– Boa tarde, Flore – ele respondeu com simplicidade.

Mas os olhos dele, grandes e pretos, semeados de brilhos dourados, se turvaram com uma névoa pardacenta que os aclarava. As pálpebras bateram, o olhar se desviou num súbito desconforto que parecia chegar às raias do sofrimento. O corpo inteiro, instintivamente, se contraiu.

Imóvel e fitando fixamente o rapaz, ela percebeu a reação involuntária que ele, no entanto, rapidamente se esforçava para controlar, como sempre que se aproximava de uma mulher. A moça pareceu ficar séria e triste. Querendo disfarçar o quanto estava pouco à vontade, o

recém-chegado perguntou se a mãe dela estava em casa, apesar de sabê-la doente, impossibilitada de sair. A moça respondeu apenas com um aceno de cabeça, afastando-se em seguida para que ele pudesse passar sem que se encostassem, e voltou ao poço calada, a postura reta e orgulhosa.

Com passadas rápidas, Jacques atravessou o estreito quintal e entrou na casa. No meio do primeiro cômodo, uma ampla cozinha em que se comia e se vivia, tia Phasie, como ele a chamava desde criança, estava só, sentada junto à mesa numa cadeira de palha, as pernas agasalhadas por um xale velho. Era prima do seu pai, da mesma família Lantier.³² Além disso, era também sua madrinha e o aceitara em casa, quando tinha seis anos e os pais, hoje mortos, se mudaram para Paris. Ele continuou em Plassans, onde mais tarde seguiu cursos da Escola de Artes e Ofícios.³³ Guardou pela tia muita gratidão, dizendo sempre ser a quem devia o caminho feito. Quando se tornou maquinista de primeira classe na Companhia do Oeste, após dois anos na Estrada de Ferro de Orléans, voltou a encontrar a madrinha, casada pela segunda vez com um guarda-cancela chamado Misard, exilada com as duas filhas do primeiro casamento naquele buraco perdido de Croix-de-Maufras. Agora, mesmo tendo apenas quarenta e cinco anos, a bonita tia Phasie de antigamente, tão grande e forte, aparentava sessenta, emagrecida e amarelada, sacudida por contínuos tremores.

Ela deu um grito de alegria.

– É você, Jacques!... Ah, meu menino, que surpresa!

Ele beijou-a no rosto e explicou que acabava de obter dois dias de folga forçada; a Lison, sua locomotiva, havia quebrado uma biela ao chegar naquela manhã a Le Havre. Como o conserto levaria pelo menos vinte e quatro horas, ele só retomaria o serviço à noitinha do dia seguinte, com o expresso das 18h40. Viera então dar um beijo. Ficava para dormir e pegaria o trem de Barentin às sete e vinte e seis. E mantendo as pobres mãos da madrinha entre as suas disse-lhe o quanto a sua última carta o preocupara.

– É verdade, meu menino, as coisas não vão bem, nem um pouco... Foi muito gentil, adivinhando o quanto tinha vontade de vê-lo! Mas sei que é ocupado e não me atrevi a pedir que viesse. O que importa é que está aqui, num momento em que tenho o coração aflito!

Parou para dar uma olhada apreensiva para a janela. Com o dia que terminava, do outro lado da via férrea podia-se ver o marido, Misard, no seu posto de serviço, uma dessas cabanas de tábuas, armadas a cada cinco ou seis quilômetros e ligadas por aparelhos telegráficos, para garantir a boa circulação dos trens. A mulher – agora substituída por Flore – se encarregava da cancela da passagem de nível, e Misard se tornara sinaleiro.³⁴

Como se o marido a pudesse ouvir, ela baixou a voz, com um tremor.

– Acho que ele me envenena.

Jacques se assustou com a confidência e seus olhos, que se dirigiram também à janela, voltaram a se embaçar com aquela mesma estranha perturbação, o ligeiro fumo pardacento que deslustrava o seu brilho negro, diamantado e dourado.

– Que ideia, tia Phasie! – ele murmurou. – Tem aparência tão dócil e inofensiva.

Um trem indo na direção de Le Havre acabava de passar e Misard saiu de seu posto para fechar a via. Enquanto manejava a alavanca, passando para o vermelho o sinal, Jacques o observou. Um homenzinho magro, cabelos e barba escassos, sem cor, faces escavadas e

miseráveis. Junto a isso, silencioso, apagado, sem raivas, de obsequiosa polidez no trato com os chefes. Voltou à cabana de tábuas para registrar no diário o horário da passagem e apertar os dois botões elétricos, um devolvendo a via livre para o posto precedente e o outro anunciando o trem ao posto seguinte.

– Ah, não o conhece! – continuou tia Phasie. – Posso jurar que me faz tomar alguma porcaria... Eu que era tão forte, poderia comer ele inteiro, e é esse pedacinho de homem, esse quase nada que está me comendo pelas beiradas!

Ela febrilmente se exaltava num rancor surdo e medroso, punha para fora o que pesava no coração, contente de finalmente ter quem a ouvisse. Onde é que estava com a cabeça quando se casou com um sonso daqueles, sem um centavo, avaro ainda por cima, cinco anos mais moço, com duas filhas, uma de seis e outra de oito anos? Lá se iam quase dez anos que havia feito a besteira e não passava uma hora sem se arrepender: uma existência de miséria e o exílio naquele lugar gelado do Norte, onde se batiam os dentes, num tédio mortal, sem nunca ter com quem falar, sequer uma vizinha. Misard tinha sido assentador de trilhos e agora ganhava mil e duzentos francos como sinaleiro. Ela, desde o início, tinha cinquenta francos pela cancela de que Flore agora se ocupava. E aí estavam o presente e o futuro, tendo como única esperança apenas a certeza de viver e morrer naquele buraco, a mil léguas dos seres vivos. O que não mencionava eram as consolações que tinha antes de adoecer, quando o marido trabalhava no balastro³⁵ e ela ficava sozinha com as filhas para guardar a cancela. Pois na época tinha tal reputação, por toda a linha Le Havre–Rouen, que os inspetores da estrada de ferro a visitavam de passagem. Isso havia inclusive gerado rivalidades, com os funcionários da manutenção de um outro serviço redobrando a vigilância, para estar sempre em ronda. O marido não incomodava, obsequioso com todo mundo, passando sem fazer barulho pelas portas, indo e vindo sem nada ver. Mas essas distrações tinham acabado e ali ela estava, por semanas e meses, naquela cadeira, naquela solidão, sentindo o corpo acabando a cada hora.

– Estou dizendo – repetiu em conclusão –, ele é que tomou a iniciativa e vai acabar comigo, por mais pequenininho que seja.

Uma campainha repentina fez com que voltasse a olhar assustada para fora. Era o posto precedente que anunciava ao sinaleiro um trem na direção de Paris, com a agulha do aparelho, que ficava junto à vidraça, se inclinando neste sentido. Ele fez cessar o aviso e saiu para sinalizar o trem com dois toques de buzina. Flore, nesse momento, foi descer a cancela e depois se postou, segurando reta a bandeirinha em sua capa de couro. Ouviu-se o trem, um expresso, oculto por uma curva, se aproximar com crescente rugido. Passou como um raio, sacudindo tudo, ameaçando levar junto a casinha baixa, num vento de tempestade. Flore já voltava a seus legumes, e Misard, depois de fechar a via atrás do trem, foi reabrir a via oposta, descendo a alavanca para desligar o sinal vermelho. De novo a campainha, acompanhada pelo movimento da outra agulha, avisava que o trem que passara cinco minutos antes acabava de atravessar o posto seguinte. Ele entrou, preveniu os dois colegas, registrou a passagem e esperou. Sempre a mesma rotina, cumprida doze horas por dia, vivendo ali, comendo ali, sem ler três linhas de jornal, sem parecer sequer haver um pensamento próprio em sua caixa craniana oblíqua.

Jacques, que antigamente fazia brincadeiras sobre a madrinha e as confusões que ela

criava entre os inspetores da via, não pôde deixar de sorrir, comentando:

– Talvez tenha ciúme.

Mas Phasie deu de ombros, como se o marido só lhe causasse pena. Ao mesmo tempo, porém, uma risada irresistível iluminou seus pobres olhos descorados.

– Ai, meu filho! O que está dizendo?... Ele com ciúme!? Nunca ligou para isso, já que não afetava o seu bolso.

Depois, novamente abalada por tremores:

– Não, não se importava. Para ele só o dinheiro conta... Sabe o que o irritou? Eu não quis dar a ele os mil francos de papai, ano passado, quando recebi a herança. Avisou que isso ia me causar desgraça... Foi quando fiquei doente. E desde então o mal não me largou mais. Isso mesmo! Começou logo depois!

O rapaz compreendeu e, impressionado pela morbidez que o sofrimento dava às ideias da tia, tentou dissuadi-la. Mas ela teimava com um movimento da cabeça, como alguém absolutamente convencido do que diz. Ele então acabou dizendo:

– Pois, nesse caso, é simples! Para acabar com isso, dê a ele os mil francos!

Num extraordinário esforço pôs-se de pé, ressuscitada, violenta:

– Meus mil francos? Nunca! Prefiro morrer... Estão escondidos, bem escondidos, fique sabendo! Podem virar a casa de cabeça para baixo, duvido que encontrem... Aliás, ele já a revirou um bocado, o espertinho! Bem que o ouvi, à noite, batendo nas paredes. Vai procurando, vai procurando! Só o prazer de ver essa frustração já basta para que eu aguente... Vamos ver quem desiste primeiro, ele ou eu. Estou atenta, não engulo mais nada em que ele toque. Se mesmo assim eu me for, que seja! Ele, de qualquer forma, não terá meus mil francos! Prefiro deixar tudo para a terra.

Sacudida por novo toque de buzina, ela afundou outra vez na cadeira, exausta. Era Misard, que à porta do seu posto de cantoneiro assinalava agora um trem na direção de Le Havre. Apesar da obstinação em que Phasie se trancava, para não entregar a herança, tinha um medo secreto do marido, um medo crescente, o medo que o colosso sente diante do inseto que o devora. E o trem anunciado, um trem parador saído de Paris às doze e quarenta e cinco, ainda estava longe, se aproximando com um rugido surdo. Ouviu-se quando ele saiu do túnel, resfolegando ainda mais alto ao ar livre. Em seguida passou, no estardalhaço das rodas e aquela massa de vagões, com sua força invencível de tufão.

De olhos erguidos para a janela, Jacques viu o desfile dos quadradinhos de vidro, nos quais se podia distinguir o perfil dos viajantes. Querendo desviar o rumo das ideias sombrias da tia, disse em tom de brincadeira:

– Madrinha, a senhora reclama de nunca ver ninguém nesse buraco... Mas olhe quanta gente!

Ela não entendeu de imediato, surpresa.

– Como assim, gente?... Ah, estou vendo! Gente que passa. Grande coisa! Gente que não conheço, com que não posso conversar.

Ele continuou a rir.

– A mim você conhece bem e me vê sempre passar.

– No seu caso, é verdade, conheço e sei o horário do seu trem. Fico de olho na locomotiva, mas tudo se passa rápido, tão rápido! Ontem fez assim com a mão. Só que não posso responder... Não, realmente, não é uma maneira de se ver o mundo.

No entanto, aquela ideia da multidão que os trens, indo e vindo, diariamente carregavam bem ali, à frente dela, no grande silêncio da solidão, deixou-a pensativa, olhando a estrada de ferro, na noite que caía. Quando ainda estava bem, andando de um lado para outro, e se plantava diante da cancela, com a bandeirinha na mão, não pensava nesse tipo de coisa. Agora devaneios confusos, mal formulados, se embaralhavam na cabeça, desde que passava os dias naquela cadeira, tendo como reflexão somente a luta surda que travava contra o próprio marido. Isso lhe parecia estranho, viver perdida no fundo daquele deserto sem ter uma alma à qual se confiar, enquanto, de dia e de noite, continuamente, desfilavam tantos homens e mulheres no fragor dos trens, sacudindo a casa e se afastando a todo vapor. É claro que a Terra inteira passava por ali, não só franceses, também estrangeiros, pessoas dos lugares mais distantes, já que ninguém mais era capaz de ficar em casa e todos os povos, como agora se dizia, em breve seriam um só. Era isso o progresso: todos irmãos, rodando juntos, para longe, rumo à terra de leite e de mel. Ela tentava contá-los, tirando a média, imaginando tantos por vagão: era uma quantidade enorme, que ultrapassava a sua capacidade. Às vezes achava reconhecer alguns rostos, o de um senhor de barba alourada, provavelmente inglês, que toda semana fazia a viagem a Paris, e o de uma senhora morena, passando regularmente às quartas e sábados. Mas o trovão os levava embora, ela não tinha certeza de tê-los visto, todos os rostos se apagavam e se confundiam, iguais, dissipando-se uns nos outros. A torrente seguia, sem deixar nada de si. E o que a entristecia era que, por baixo daquele fluxo contínuo, sob o desfile de tanto conforto e tanto dinheiro, ninguém naquela multidão tão sôfrega sabia da sua presença ali, em perigo de vida. E isso a tal ponto que, se o marido a eliminasse uma noite, os trens continuariam a passar próximo ao seu cadáver, sem a menor noção do crime ocorrido no interior daquela casa solitária.

Phasie manteve os olhos grudados na janela e tentou resumir uma explicação para o que muito vagamente sentia:

– Ah, é uma bela invenção, não se pode dizer o contrário. Anda-se mais rápido, sabe-se mais... Mas bestas selvagens continuam bestas selvagens; e por mais que inventem mecânicas melhores, ainda assim haverá bestas selvagens lidando com elas.

Mais uma vez Jacques balançou a cabeça, mostrando concordar com a tia. Há alguns segundos ele olhava Flore, que abria a cancela para uma carroça da pedreira, carregada com dois enormes blocos de pedra. Aquela estrada servia apenas às pedreiras de Bécourt, de forma que, à noite, a cancela era acorrentada, sendo muito raro a moça precisar ser acordada. Vendo-a familiarmente conversar com o carroceiro, um homenzinho moreno, ele exclamou:

– Como? Cabuche está doente, para que o primo Louis guie os cavalos? Pobre Cabuche! A senhora o vê sempre, madrinha?

Ela ergueu as mãos sem responder, com um grande suspiro. Tinha sido todo um drama, no outono passado, que em nada tinha ajudado a sua recuperação: a filha Louissette, a caçula, trabalhava como criada na casa da sra. Bonnehon, em Doinville, e fugiu certa noite, apavorada e muito machucada, indo morrer na cabana do seu amigo Cabuche, em plena floresta. Circularam algumas histórias, acusando de violência o presidente Grandmorin, mas ninguém

se atrevia a repetir em voz alta. Ela própria, que era mãe, mesmo sabendo do que se tratava, não gostava de tocar no assunto. No entanto, acabou dizendo:

– Não, ele não vem mais, se tornou verdadeiro bicho do mato... A pobre Louissette, tão bonitinha, tão branca, tão meiga! Era boa comigo, teria cuidado de mim, enquanto Flore, Deus do céu! Não estou reclamando, mas com certeza tem alguma coisa de errado, faz só o que lhe dá na cabeça e desaparece por horas. É cheia de orgulhos e, além disso, violenta! Tudo isso é triste, bem triste.

Ouvindo, Jacques continuava a seguir com os olhos o carroceiro, que naquele momento atravessava a linha. Mas as rodas se complicaram nos trilhos e ele precisou usar o chicote, enquanto Flore gritava, atijando os cavalos.

– Diabos! – exclamou o rapaz. – Não pode um trem chegar agora... Seria um massacre!

– Quanto a isso não tem perigo – continuou tia Phasie. – Flore pode às vezes ser esquisita, mas sabe o que faz e abre o olho... Graças a Deus, há cinco anos não temos acidente. Antes, um homem foi esvaçalhado. Na nossa área, tivemos apenas uma vaca que quase descarrilhou um trem. Pobre animal! O corpo ficou aqui e a cabeça foi parar lá perto do túnel... Mas com Flore, podemos dormir sossegados.

O carroceiro já havia atravessado e afastavam-se os sacolejos profundos das rodas nas beiradas do caminho. Phasie voltou então à sua preocupação constante, centrada na saúde, tanto dos outros quanto dela mesma.

– E você, as coisas estão realmente boas, agora? Você se lembra, quando vivia conosco, dos problemas que tinha e dos quais o doutor não entendia nada?

Voltou aquela vacilação inquieta do olhar de Jacques.

– Estou muito bem, madrinha.

– Mesmo? Desapareceu tudo? Aquela dor que atravessava a sua cabeça, por trás das orelhas, e os acessos bruscos de febre, a tristeza que o levava a se esconder como um bicho, no fundo da toca?

À medida que ela falava, Jacques ia se sentindo cada vez mais perturbado, num tal mal-estar que acabou se vendo forçado a claramente interrompê-la.

– Garanto que estou muito bem... Não tenho mais nada, nada mesmo.

– Que bom, melhor assim, garoto!... Não seria por você estar mal que eu me curaria. Além disso, na sua idade, o normal é ter saúde. Ah, nada melhor do que a saúde! Foi muito amável ter vindo me visitar, em vez de ir se divertir na cidade. Não é mesmo? Vai jantar conosco e dormir lá em cima no sótão, ao lado do quarto de Flore.

Mas outra vez o som da buzina interrompeu a conversa. A noite havia caído e os dois, voltando-se para a janela, só confusamente distinguiram Misard falando com outro homem. As seis horas acabavam de soar, ele passava o serviço ao substituto, o sinaleiro da noite. Ia finalmente estar livre, depois de doze horas naquela cabana, tendo apenas uma mesinha, sob a prateleira dos aparelhos, um banquinho e um fogão aquecedor, cujo calor intenso o obrigava a manter quase o tempo todo a porta aberta.

– Pronto, ele vai voltar! – murmurou tia Phasie, voltando a ter medo.

O trem anunciado vinha chegando, bem pesado e comprido, numa barulheira cada vez mais alta. O rapaz precisou se curvar para que a doente o ouvisse. Comovia-se com o estado

miserável em que a via e queria lhe dar algum alívio.

– Ouça, madrinha, caso ele realmente tenha más intenções, talvez mude de ideia, sabendo que estou envolvido... Seria melhor que confiasse a mim os mil francos.

Ela novamente se revoltou.

– Meus mil francos! Nem a você nem a ele! Já disse que prefiro morrer!

Nesse instante, o trem passou com a sua violência de tempestade, como se varresse tudo à frente. A casa tremeu, resistindo à rajada de vento. Era um comboio que seguia para Le Havre muito carregado, pois no dia seguinte, domingo, haveria festa de lançamento ao mar de um novo navio.³⁶ Apesar da velocidade, pelos vidros iluminados podia-se ver que os compartimentos estavam cheios, com fileiras alinhadas de cabeças, uma ao lado da outra, perfiladas. Sucediavam-se e desapareciam. Quanta gente! Ainda uma multidão, multidão sem fim, no rufar dos vagões, do apito dos aparelhos, da sinalização do telégrafo, do toque dos sinos! Era como um corpo enorme, um ser gigantesco deitado no chão, com a cabeça em Paris, as vértebras ao longo da linha, os membros se expandindo pelos entroncamentos, os pés e as mãos em Le Havre e outras estações de chegada. E essa criatura passava, passava, mecânica, triunfante, seguindo para o futuro com uma retidão matemática, ignorando obstinada o que sobrava de gente, daqueles que ficavam nas duas margens, ocultos e vivos, em eterna paixão e eterno crime.

Foi Flore quem entrou primeiro. Acendeu uma pequena lamparina a querosene, sem quebra-luz, e pôs a mesa. Não se trocou uma palavra, ela apenas lançou um rápido olhar na direção de Jacques, que estava de pé e de costas, diante da janela. No fogão, uma sopa de repolho se mantinha quente. Já estava sendo servida quando Misard apareceu. Não demonstrou surpresa ao ver o rapaz. Talvez o tivesse percebido ao chegar, mas nada perguntou, sem qualquer curiosidade. Um aperto de mão, três palavras rápidas e nada mais. Jacques precisou repetir, por iniciativa própria, a história da biela quebrada e sua vontade de visitar a madrinha e passar a noite. Misard se contentava em menear a cabeça, aprovando tudo aquilo. Sentaram-se e comeram sem pressa, em silêncio. Phasie, que desde a manhã não havia tirado os olhos do caldeirão em que fervia a sopa de repolho, aceitou um prato. O marido se levantou e pegou para ela sua água férrea,³⁷ que Flore havia esquecido, uma garrafa com alguns pregos dentro e na qual a doente nem tocou. Sempre humilde, frágil e com uma tosse persistente, ele não parecia notar os olhares ansiosos com que a mulher seguia seus menores movimentos. Ela pediu sal, que não tinha sido posto na mesa, e ele observou que fazia mal salgar tanto a comida. Era o que a deixava naquele estado. Mas se levantou e trouxe uma pitada numa colher, que foi aceita sem desconfiança, uma vez que o sal purifica tudo, dizia ela. Falou-se do tempo realmente ameno dos últimos dias e de um descarrilhamento que acontecera em Maromme. Jacques já estava se convencendo de que a madrinha inventava pesadelos acordada, pois nada via de suspeito no homenzinho solícito, de olhos vagos. Continuaram à mesa por uma hora. Duas vezes, ouvindo a buzina, Flore se retirou por um momento. Os trens passavam, balançavam os copos na mesa, mas ninguém prestava a menor atenção a isso.

Novo toque de buzina e dessa vez Flore, que tinha acabado de tirar os pratos, não voltou mais. Havia deixado a mãe e os dois homens à mesa, com uma garrafa de aguardente de sidra. Os três lá ficaram por mais meia hora. Em seguida Misard, que há algum tempo fixava olhos

perscrutadores num ângulo da sala, pegou seu boné e saiu, dizendo apenas boa-noite. Praticava pesca ilegal em riachos das redondezas, que tinham ótimas enguias, e nunca se deitava sem antes ir ver as armadilhas colocadas.

Assim que se retirou, Phasie olhou firmemente o afilhado.

– E agora, acredita? Não viu que ficava olhando aquele canto ali?... Acha que posso ter escondido o dinheiro atrás do pote de manteiga... Não sou boba! Tenho certeza de que hoje à noite vai olhar atrás do pote, para confirmar.

Mas começou a ter suores e o tremor agitou seus membros.

– Veja só, de novo! Ele me deu alguma coisa, estou com um gosto ruim na boca como se tivesse engolido moedas velhas. E Deus sabe que não aceitei nada que viesse dele! Dá vontade de desistir... Essa noite não aguento mais, é melhor ir me deitar. Vou me despedir logo, meu filho, pois se for sair às sete e vinte e seis será cedo demais para mim. Mas você volta, não é? Vamos esperar que eu ainda esteja por aqui.

Ele precisou ajudá-la a chegar ao quarto e ela se deitou e dormiu, agitada. Sozinho, ficou na dúvida, achando que devia subir e ir descansar também, no canto previsto no celeiro. Mas eram apenas dez para as oito e teria muito tempo para dormir. Resolveu então sair, deixando arder a luz do querosene na casa vazia e adormecida, sacudida de vez em quando pelo brusco estrondo dos trens.

Lá fora, se surpreendeu com a mornidão do ar. Provavelmente ainda choveria. Uma nuvem leitosa e uniforme se espalhara no céu e a lua cheia, escondida atrás dela, iluminava toda a abóbada celeste com um reflexo avermelhado. De forma que ele nitidamente distinguiu o campo, com as terras ao redor, e as encostas e árvores se destacando mais escuras, sob a luz homogênea e morta, amena como a de um candeeiro. Deu a volta na pequena horta. Depois, vagamente pensou em andar para os lados de Doinville, pois era um caminho que subia menos. Mas a visão da casa solitária, plantada de viés do outro lado da linha, o fez atravessar os trilhos passando pela porteira, pois a cancela já estava fechada para a noite. Conhecia bem aquela casa e a observava a cada viagem, entre os sacolejos barulhentos da locomotiva. Impressionava-o sem saber bem por quê, com a sensação confusa de que tinha certa importância na sua existência. Toda vez que passava temia não encontrá-la mais ali, em seguida, porém, sobrevinha um mal-estar ao confirmá-la no mesmo lugar. Nunca a havia visto de portas ou janelas abertas. Tudo que sabia a respeito é que pertencia ao presidente Grandmorin. Naquela noite, uma vontade irresistível de se aproximar e contorná-la para saber um pouco mais tomou conta dele.

Por um bom tempo permaneceu então plantado no caminho, diante da grade. Recuava um pouco, ficava na ponta dos pés tentando ver mais. Os trilhos do trem, aliás, cortando o terreno tinham deixado apenas uma estreita área diante da porta de entrada, fechada por muros, enquanto nos fundos se estendia um quintal bastante amplo, cercado apenas por sebe. A casa era de lúgubre tristeza em seu abandono, sob o vermelho reflexo daquela noite esfumada. Ele já se preparava para ir embora com um arrepio na pele, quando notou uma abertura na cerca viva. A ideia de que seria covardia não entrar o fez avançar. O coração batia forte. Imediatamente, porém, passando ao longo de uma pequena estufa em ruína, parou ao ver uma sombra agachada junto à porta.

– Ah, é você!?! – ele se espantou, reconhecendo Flore. – O que está fazendo? Ela também

se assustou. Mas depois respondeu tranquilamente:

– Como pode ver, pego umas cordas... Deixaram aqui um monte de corda que está apodrecendo sem servir a ninguém. E como estou sempre precisando, venho buscar.

De fato, com uma tesoura grande na mão, ela desembaraçava uns pedaços e cortava os nós quando não conseguia desatar.

– O proprietário então não vem mais? – perguntou Jacques.

Ela riu.

– Desde o caso com a Louissette, o presidente não deve ter a menor vontade de vir se arriscar em Croix-de-Maufras. Posso muito bem ficar com as cordas.

Ele se quedou calado por um momento, perturbado com a lembrança da aventura trágica a que Flore se referia.

– E você acredita no que Louissette contou, acha que o presidente quis violentá-la e, se defendendo, ela se machucou?

Parando de rir, bruscamente agressiva, ela afirmou:

– Louissette nunca mentiu. Nem Cabuche, aliás... Cabuche é meu amigo.

– Seu namorado, quem sabe?

– Ele? Precisaria eu ser bem desavergonhada!... Nada disso, é meu amigo, não tenho namorado! Nem quero ter.

Havia erguido a cabeça angulosa, em que uma mecha espessa e loura ondulava por cima da testa, e todo o seu corpo forte e flexível irradiou uma energia selvagem e voluntariosa. Já corria na região uma espécie de lenda a seu respeito. Contavam-se histórias de salvamentos: uma charrete arrancada com um empurrão, no momento em que um trem passava, um vagão que descia solto pelo plano inclinado de Barentin e que foi parado, assim como um animal furioso, galopando de encontro a um expresso. E essas demonstrações de força espantavam, faziam os homens desejarem-na, ainda mais porque de início se achou que era moça fácil, sempre andando pelos campos assim que se via livre, procurando lugares ermos, dormindo em qualquer buraco do caminho, os olhos no espaço, calada, imóvel. Mas os primeiros que se aventuraram não tiveram mais vontade de tentar a sorte. Como ela gostava de tomar banhos por horas a fio, nua num riacho das redondezas, meninos da sua idade resolveram ir espiar. Ela agarrou um deles sem nem se dar ao trabalho de se vestir e fez um tal estrago que ninguém mais voltou ali para espiar. Circulava também uma história com um agulheiro da bifurcação de Dieppe, do outro lado do túnel: um certo Ozil, rapaz de cerca de trinta anos, bom trabalhador, que Flore parecia ter incentivado por um tempo e então, achando numa tarde que ela se entregaria, quase foi morto a paulada. Flore era virgem e aguerrida, pouco ligava para homens, e isso acabou levando as pessoas a acharem que provavelmente tinha as ideias meio desreguladas.

Ouvindo-a dizer que não queria namorado nenhum, Jacques continuou em tom de brincadeira.

– Quer dizer que não foi adiante o casamento com Ozil? Ouvi dizer que todo dia você atravessava o túnel para ir vê-lo.

Ela deu de ombros.

– Casamento!... Acho divertido, o túnel. Dois quilômetros e meio correndo no escuro,

com a ameaça de ser estraçalhada se não ficar de olho aberto... Precisa ouvir os trens roncando lá dentro! Mas acabei me enchendo do Ozil. Não é ele ainda que eu quero.

– Então quer um outro?

– Sei lá! Não, não quero não!

Uma risada tomou conta dela, que em seguida, ficando meio sem graça, voltou ao nó das cordas, a um em especial, do qual não conseguia dar conta. Depois, sem levantar a cabeça, como se tivesse a atenção toda voltada para o emaranhado à sua frente:

– E você, tem uma namorada?

Foi a vez de Jacques ficar sério. Os olhos se desviaram, piscaram se fixando na distância, na escuridão. E ele respondeu sucintamente:

– Não.

– É verdade – ela continuou –, ouvi dizer que abomina as mulheres. Além disso, não é de hoje que o conheço, nunca dirigiria, a nós mulheres, uma gentileza... Por quê?

Ele se manteve calado, ela resolveu largar o nó e olhá-lo.

– Verdade então que só gosta mesmo é da sua locomotiva? Dizem isso por aí de brincadeira, sabe? Está sempre a esfregá-la para que brilhe, só é capaz de carinho com ela... Digo isso porque sou sua amiga.

Ele também a olhava, sob a pálida claridade do céu esfumado. Lembrava-se dela quando pequena, já agressiva e voluntariosa, mas correndo para abraçá-lo assim que ele chegava, cheia de paixão de menina selvagem. Às vezes, em seguida, ficava sem vê-la por bastante tempo e sempre que voltava encontrava-a crescida, mas recebendo-o ainda com o mesmo entusiasmo, incomodando-o cada vez mais com a chama dos seus olhos grandes e claros. E agora era mulher. Magnífica, desejável e provavelmente o amava desde a mais tenra infância. O coração bateu forte e ele teve a brusca certeza de ser o homem que Flore esperava. Uma grande confusão subiu à cabeça junto com o fluxo das veias e sua primeira vontade foi a de fugir aflito. O desejo o enlouquecia, fazendo que visse tudo em vermelho.

– Por que continua aí de pé? – ela disse. – Sente-se!

De novo uma hesitação. Mas as pernas de repente pareceram cansadas e, vencido novamente pela necessidade amorosa, ele bruscamente se sentou no monte de cordas. Não falou mais, tinha a garganta seca. E era ela, a orgulhosa, a silenciosa, que tagarelava às soltas, contente, satisfeita consigo mesma.

– Sabe? O erro da minha mãe foi se casar com Misard. Vai acabar mal para ela... Que se dane, porque a gente já tem coisa demais a fazer, não é? Além disso, mamãe me despacha sempre que tento me meter... Então, ela que se vire! Prefiro estar sempre fora de casa. Penso um monte de coisa, para mais tarde... Sabe? Vi você passar hoje de manhã na locomotiva. Olha! Daquele mato ali, onde estava sentada. Mas você nunca olha... E um dia vou dizer as coisas em que penso, mas não agora, mais tarde, quando formos amigos de verdade.

A tesoura havia sido deixada de lado e Jacques, ainda sem nada dizer, pegou as duas mãos de Flore, que contente as abandonou. No entanto, quando ele as levou aos lábios ardentes, ela instintivamente teve um recuo de virgem. Despertava-se indômito, diante da aproximação viril, o seu lado guerreiro, reativo.

– Para com isso! Não quero... Sossega, vamos conversar... Os homens só pensam nisso.

Se eu fosse repetir o que Louissette me contou no dia em que morreu, na casa de Cabuche... Coisas que eu até sabia, do presidente, pois tinha visto as imundices, aqui, quando ele vinha com moças... Tem uma de quem ninguém desconfia, uma que ele casou...

Jacques não ouvia, não escutava. Prendeu-a num abraço bruto e colou seus lábios nos dela, que deu um grito ligeiro, quase um suspiro, mas tão profundo e suave que nele explodiu inteira a ternura por tanto tempo represada. Mesmo assim continuou a lutar, recusava, por puro instinto combativo. Queria e ao mesmo tempo negava, pela necessidade de ser conquistada. Sem uma palavra, peito contra peito, os dois disputavam para ver quem derrubaria o outro. Por um momento, ela pareceu ser mais forte e talvez o tivesse esmagado sob o seu peso, de tanto que a situação a irritava, mas ele agarrou-a pela garganta. A blusa foi arrancada, os dois seios apareceram duros e inflados pela batalha, em sua brancura de leite na sombra clara. E ela se deitou de costas no chão, aceitou, vencida.

Ele então, resfolegante, parou e olhou para Flore, em vez de possuí-la. Outro tipo de fúria pareceu tomar conta dele, uma ferocidade que o fazia procurar em volta uma arma, uma pedra, algo, enfim, com que matá-la. Deparou-se com a tesoura, brilhando entre os pedaços de corda, e dando um bote agarrou-a, para enfiá-la naquele colo nu, entre os seios brancos, com suas duas flores rosadas. Mas uma onda de frio o trouxe a si, a arma foi jogada de lado e ele fugiu desvairado, enquanto Flore, de olhos fechados, pensou ter sido rejeitada por haver resistido.

Jacques fugiu na melancolia da noite. Subiu correndo a trilha de uma encosta, desceu até uma várzea estreita. Pedras rolavam sob os seus pés, assustando-o. Ele tomou a esquerda entrando no matagal e virou à direita, indo dar numa área plana e vazia. De repente despencou, batendo na cerca de proteção da estrada de ferro: um trem chegava rugindo, flamejante, e ele não entendeu de imediato, aterrorizado. Ah! Toda aquela gente que passava, o incessante fluxo e ele ali, em agonia! Tomou novo impulso, subiu, desceu de novo. Mas sempre voltava a encontrar a via férrea no fundo dos sulcos profundos a abrir abismos em aterros que bloqueavam o horizonte com barricadas gigantes. Essa região deserta, cortada por pequenos montes, era como um labirinto sem saída, onde a sua loucura rodopiava, na morna desolação daquelas áreas agrestes. Há bons minutos corria pelas encostas quando percebeu, adiante, a abertura redonda, a goela negra do túnel. Um trem que subia se enfiou por ela, berrando e apitando, deixando desaparecida, tragada pela terra, uma demorada agitação que fazia tremer o chão.

Jacques, então, de pernas bambas, caiu junto à linha, explodiu num choro convulsivo, a barriga no chão e o rosto afundado na relva. Deus do céu! Tinha voltado aquele mal terrível do qual se achava curado? Quisera mesmo matar Flore! Matar uma mulher, matar uma mulher! Era o que zumbia em seu ouvido, desde a juventude, com a febre que crescia, se enlouquecia de desejo. Enquanto no despertar da puberdade todos sonham em possuir uma mulher, a ele só o obcecava a ideia de matar. Não havia como negar, pegou a tesoura, assim que a viu, para plantá-la na carne. A pele, os seios quentes e brancos. E não por Flore ter resistido, ele sabia! Mas por prazer, por vontade, tamanha vontade que, se não se agarrasse à relva, voltaria correndo e a degolaria. Logo Flore, por Deus! A quem tinha visto crescer, uma criança rude que acabava de mostrar que o amava profundamente. Os dedos grosseiros de Jacques se enterraram no solo, o choro ficou travado na garganta, num estertor de imenso desespero.

No entanto, tentava se acalmar, pois queria compreender. O que tinha de diferente,

comparado aos outros? Em Plassans, na juventude, muitas vezes se perguntara. Sua mãe, Gervaise, o tivera muito moça, com quinze anos e meio e nem foi ele o primeiro filho, pois já havia Claude, a quem dera à luz mal tendo completado quatorze anos. E a nenhum dos seus dois irmãos, Claude e Étienne,³⁸ que nasceu mais tarde, pareciam causar problema a mãe tão criança e o pai igualmente menino, o jovem e bonito Lantier, cujos arrebatamentos custaram a Gervaise tantas lágrimas.³⁹ Quem sabe os irmãos tinham seus males próprios inconfessos. O mais velho, principalmente, que se mortificava de forma tão violenta querendo ser pintor que tinha fama de louco, devorado pelo próprio talento. A família parecia muito inconstante, muitos deixavam que se vissem as rachaduras. Ele inclusive às vezes podia senti-la muito bem, essa rachadura hereditária.⁴⁰ Não que tivesse saúde fraca, pois a aflição e a vergonha das crises tinham apenas feito com que emagrecesse, em outras épocas: era de dentro do seu ser que vinham as súbitas perdas de equilíbrio, como se tivesse partes quebradas, buracos pelos quais seu eu escapava, em meio a uma névoa que a tudo deformava. Perdia então todo controle, obedecia apenas aos músculos, à besta furiosa. E ele sequer bebia, nem mesmo uma dose de aguardente, tendo notado que a menor gota de álcool o deixava transtornado. Chegava a achar que pagava por outros, pelos pais e avós alcoólatras, gerações de beberrões, e era ele o sangue estragado, resultado de um lento envenenamento, uma selvageria que o igualava aos lobos devoradores de mulheres, no fundo das florestas.

Jacques se apoiou num cotovelo pensando, olhando a entrada negra do túnel. E mais uma crise de choro o atravessou da altura dos rins à nuca. Voltou a cair de cara no chão, gritando de dor. Aquela moça, aquela moça que ele tinha querido matar! A sensação voltava aguda, horrível, como se a tesoura penetrasse na sua própria carne. Raciocínio algum podia acalmá-lo: quisera matar, mataria se ela ainda estivesse ali desabotoada, de colo nu. A lembrança era nítida, tinha apenas dezesseis anos a primeira vez que o mal tomou conta dele, num fim de tarde em que brincava com uma menina, filha de uma parenta, com dois anos a menos: ela caiu, ele viu suas pernas e fugiu correndo. Lembrava-se de no ano seguinte ter afiado uma faca para cravá-la no pescoço de outra, uma lourinha que toda manhã passava diante de casa. Tinha o pescoço roliço, bem rosado, e ele já escolhia o ponto, um sinal marrom abaixo da orelha. Depois foram outras e mais outras, num desfilar de pesadelos, todas que haviam acendido seu desejo repentino de matar, mulheres vistas na rua, mulheres que um acaso aproximava, uma sobretudo, uma recém-casada sentada a seu lado no teatro, que ria alto, obrigando-o a fugir no meio de um dos atos para não a estripar. Sem nem conhecê-las, por que tanta fúria? Pois era sempre uma repentina crise de raiva cega, uma sede eternamente renovada de vingança por ofensas muito antigas, das quais havia perdido a lembrança exata. Viria assim de tão longe, do mal que as mulheres haviam causado à sua raça, do rancor acumulado em cada homem, desde a primeira traição no fundo das cavernas? E nesses acessos ele sentia também uma necessidade de disputa para conquistar a fêmea e domá-la, o desejo perverso de jogá-la morta nos ombros, como uma presa que se conquista contra os rivais, para sempre. A cabeça estourava com o esforço, ele não conseguia responder às próprias perguntas. Por ignorância, achava, o cérebro surdo, naquela angústia do homem forçado a atos em que a vontade nada vale e cuja causa já desapareceu.

Novamente um trem passou com o fulgor das suas luzes e mergulhou, como um raio que explode e se apaga, no fundo do túnel. Jacques, como se aquela multidão anônima, indiferente e apressada pudesse ouvi-lo, endireitou-se para sufocar o choro, tomando uma atitude mais

inocente. Quantas vezes, depois de um daqueles acessos, não tinha se assustado de maneira culpada, ao menor barulho? Apenas na sua locomotiva ele se sentia tranquilo, feliz e desligado do mundo. Carregado pelo trepidar das suas rodas, em grande velocidade, com a mão descansando no volante da mudança de marcha, todo concentrado a vigiar a via, atento aos sinais, deixava de pensar, respirava a plenos pulmões o ar puro que passava sem parar, aos turbilhões. Por isso gostava tanto da sua locomotiva, como amante generosa da qual só se espera felicidade. Ao concluir a Escola de Artes e Ofícios, apesar da viva inteligência, havia preferido a profissão de maquinista pela solidão e tumulto que ela oferecia, sem maiores ambições, galgando em quatro anos o posto de maquinista de primeira classe, ganhando já dois mil e oitocentos francos, que somados às gratificações por economia de carvão e graxa o faziam chegar a mais de quatro mil, sem nada ambicionar além disso. Via os colegas de terceira e segunda classe, formados pela Companhia, operários ajustadores que ela escolhia para instruir, quase todos se casavam com operárias, mulheres apagadas que mal eram vistas às vezes no momento da partida, trazendo pequenos cestos com provisões, enquanto os colegas mais ambiciosos, sobretudo os que vinham de uma escola técnica, esperavam ser nomeados chefes de depósito para se casar, esperando encontrar uma burguesa, uma senhora de chapéu.⁴¹ Ele, no entanto, fugia das mulheres, que importância tinham? Nunca se casaria, não via outro futuro além daquele de rodar sozinho, quilômetros e quilômetros sem descanso. De forma que todos os chefes o tinham como um maquinista fora de série que não bebia, não corria, ironizado apenas por colegas mais farristas pelo excesso de bom comportamento e deixando inquietos outros, por suas crises de tristeza, frequentemente calado, olhos deslavados, faces terrosas. No quatinho que ocupava na rua Cardinet, de onde se via o depósito de Batignolles, base da sua locomotiva, quantas horas já não havia passado – todas as suas horas livres – trancado como um monge no fundo de uma cela, consumindo no sono a revolta dos desejos, agarrado ao colchão!

Num esforço Jacques tentou se levantar. O que estava fazendo ali na grama, naquela noite suave e brumosa de inverno? O campo continuava mergulhado em sombras, com luz apenas no céu, uma imensa abóbada de vidro fosco que a lua, escondida por trás de fina neblina, iluminava com pálido reflexo amarelado. O horizonte escuro dormia numa imobilidade de cadáver. Mexa-se! Devem ser quase nove horas, é melhor voltar e se deitar. Entretanto, no torpor em que estava, imaginou o retorno à casa dos Misard, subindo a escada do celeiro, estendendo-se na palha junto ao quarto de Flore, separados por uma simples divisória de tábuas. Ouviria sua respiração e inclusive sabia que a porta nunca estava fechada, seria fácil entrar. E o grande tremor voltou, com a imagem da moça despida, braços e pernas soltos e mornos no sono. Outra vez foi sacudido pelo choro, com uma violência que o deixou prostrado no chão. Queria matá-la, queria matá-la, santo Deus! Era sufocante, dilaceradora a ideia de que a mataria na cama logo mais, se voltasse. Mesmo sem arma ao alcance, mesmo que segurasse a própria cabeça com as duas mãos para impedir, sentia que o macho, para além da sua vontade, abriria a porta, estrangularia a jovem, torturado pelo instinto de posse e pela necessidade de vingar a antiga injúria. Não, de jeito nenhum! Era melhor andar à toa pelo campo e não voltar para lá! Levantou-se com um pulo e retomou a fuga.

De novo, por meia hora percorreu campos escuros como se a matilha furiosa dos horrores o perseguisse aos uivos. Subiu encostas, desceu escarpas estreitas. Dois rios se apresentaram, um depois do outro, e ele os atravessou, com água até a cintura. Qualquer matagal

atravancando o caminho o irritava. O único pensamento era seguir adiante, em frente, fugir o mais longe possível, fugir do outro, da besta furiosa que ele sentia ter em si. Mas ela o acompanhava, corria tanto quanto ele. Achava estar livre há sete meses, acostumava-se à existência de todo mundo e agora tinha que partir do zero, precisaria ainda lutar para evitar que saltasse sobre a primeira mulher que por acaso visse. O imperioso silêncio, no entanto, e a vasta solidão o acalmaram um pouco, permitiram que idealizasse uma vida muda e deserta como aquela região desolada, onde fosse possível andar à vontade, sem nunca encontrar alma viva. Sem que notasse, deve ter dado uma volta, pois chegou de novo à via férrea, depois de percorrer um amplo semicírculo entre as encostas acima do túnel, cobertas de mato. Recuou, com a inquieta revolta de novamente se deparar com seres vivos. Depois, querendo cortar caminho por trás de um obstáculo, se perdeu e se viu outra vez frente à sebe da estrada de ferro, bem à saída do subterrâneo, de frente para o lugar onde havia chorado pouco antes. Dando-se por vencido, permaneceu imóvel até que o estrondo de um trem saindo das profundezas da terra, discreto ainda, mas crescendo a cada segundo, o deixou estático. Era o expresso de Le Havre que partira de Paris às seis e meia e passava por ali às nove e vinte e cinco: o trem que ele próprio conduzia, dia sim dia não.

Jacques viu, antes de tudo, a goela negra do túnel clarear, como a boca de um forno em que a lenha se abrasa. Em seguida, no tumulto que sempre a acompanha, surgiu a locomotiva, com o deslumbre do seu imenso olho redondo, o farol dianteiro que perfura os campos com seu incêndio, acendendo ao longe os trilhos com um duplo traçado de chamas. Mas foi uma aparição fulminante: imediatamente os vagões se sucederam, com os vidros quadrados das portas, violentamente iluminadas, fazendo desfilar as cabines cheias de passageiros numa tal vertigem de velocidade que a visão logo depois entrava em dúvida sobre as imagens percebidas. E Jacques, muito distintamente, viu, nessa precisa fração de segundo, através dos vidros faiscantes de um cupê, um homem segurando outro contra a poltrona e cravando uma faca em seu pescoço, enquanto uma massa escura, talvez uma terceira pessoa, talvez uma bagagem despencada, fazia peso sobre as pernas convulsivas de quem estava sendo assassinado. E o trem já se ia, se perdendo na direção de Croix-de-Maufras, deixando que dele se vissem nas trevas apenas as três luzes traseiras, formando um triângulo vermelho.

Estatelado no lugar, o rapaz seguiu com os olhos o trem, cujo rugido se perdia ao longe, na paz mortal dos campos. Teria visto direito? Agora já hesitava, não se atrevia mais a afirmar a realidade da visão, trazida e carregada num relâmpago. Traço nenhum das feições dos dois personagens do drama se mantinha vivo. A massa escura devia ser um cobertor de viagem, caído do corpo da vítima. No entanto, de início ele havia achado distinguir, sob um volume espesso de cabelos, um fino e pálido perfil. Mas tudo se confundia, se desmanchava como num sonho. Por um instante o perfil evocado ressurgiu e depois definitivamente se apagou. Provavelmente imaginário. E tudo aquilo o congelara, parecendo tão extraordinário que ele acabou admitindo ser uma alucinação, consequência da horrível crise por que acabava de passar.

Por quase uma hora mais, Jacques caminhou, com a cabeça cheia de devaneios confusos. Estava exausto, mas afinal relaxara e o intenso frio interior havia extinguido a febre. Sem nem mesmo decidir, acabou retomando a direção de Croix-de-Maufras. Depois, vendo-se de novo diante da casa do guarda-cancela, resolveu que não entraria, dormiria sob o pequeno alpendre, apoiado a uma das empenas. Mas uma fresta de luz passava sob a porta e ele automaticamente

a empurrou. Um quadro inesperado o paralisou.

Misard, no canto, havia deslocado o pote de manteiga. De quatro no chão, com uma lanterna acesa ao lado, sondava a parede com leves pancadas, procurando. O barulho da porta fez com que se endireitasse. Afora isso, não se perturbou minimamente e disse com naturalidade:

– Uns fósforos que caíram.

E depois de recolocar no devido lugar o pote de manteiga, acrescentou:

– Vim pegar a lanterna porque ainda há pouco, vindo para casa, vi um sujeito caído perto dos trilhos... Acho que morto.

Jacques, tomado primeiramente pela ideia de ter pegado Misard procurando o dinheiro de tia Phasie, o que transformava em certeza a dúvida com relação às acusações feitas, ficou em seguida tão violentamente abalado com a notícia da descoberta de um cadáver que esqueceu o outro drama, aquele que se passava ali, naquela casinha perdida. A cena no cupê, a rápida visão de um homem degolando outro homem ressurgia, à luz do mesmo clarão.

– Um homem nos trilhos? Onde? – ele perguntou empalidecendo.

Misard ia contar que trazia duas enguias, tiradas das suas linhas de pesca e que tinha, antes de mais nada, corrido em casa para escondê-las, mas para que entrar em confidências com o rapaz? Fez apenas um gesto vago e respondeu:

– Logo ali, a uns quinhentos metros... É preciso clarear para ter certeza. Jacques ouviu nesse momento, no alto, um choque surdo. Estava tão agitado que deu um pulo.

– Não é nada – tranquilizou o pai –, é Flore.

E o rapaz efetivamente reconheceu o som de dois pés descalços no piso. Na certa tinha esperado por ele e vinha escutar pela porta entreaberta.

– Também vou – ele disse. – Tem certeza de que está morto?

– Diacho! Tive a impressão. Com a lanterna vamos poder ver.

– Bom, e o que acha? Um acidente, não é?

– Pode ser. Alguém que foi atropelado ou quem sabe um passageiro que pulou de um vagão.

Jacques se contraiu.

– Vamos rápido! Vamos rápido!

Nunca tamanha ansiedade de ver, de saber o agitara tanto. No caminho, sem emoção alguma o companheiro seguia os trilhos, balançando a lanterna, fazendo sua claridade redonda iluminar tranquilamente a via, enquanto ele se apressava à frente, irritado com tanta lentidão. Era como um desejo físico, o mesmo fogo interior que acelera os passos dos enamorados na expectativa dos encontros. Temia o que o aguardava e voava em sua direção, com todos os músculos dos seus membros. Ao chegar, quase esbarrando naquele monte escuro caído perto da via descendente,⁴² ficou parado, percorrido dos calcanhares à nuca por um arrepio. E a aflição de nada conseguir distinguir com clareza se manifestou amaldiçoando o parceiro, que vinha lentamente, a mais de trinta passos.

– Santo Deus! Rápido! Se estiver vivo ainda podemos socorrer.

Misard se aproximava na sua pachorra, fleumático. Depois de passar a lanterna por cima

do corpo, exclamou:

– Vixe! Entregou a alma.

O indivíduo, lançado provavelmente de um vagão, tinha caído de bruços, de cara no chão, a cinquenta centímetros ou mais dos trilhos. Da cabeça, via-se apenas um anel espesso de cabelos brancos. As pernas estavam afastadas. Os braços, o direito parecia jogado como se tivesse sido arrancado e o esquerdo dobrava-se sob o peito. Estava muito bem-vestido com um amplo paletó de algodão azul, botinas elegantes, camisa fina. O corpo não tinha marcas de esmagamento, muito sangue havia escorrido, mas apenas da garganta, e manchava o colarinho.

– Um burguês que alguém liquidou – concluiu tranquilamente Misard, após alguns segundos de exame silencioso.

Depois, virando-se para Jacques, que se mantinha imóvel, pasmo:

– Não pode mexer, é proibido... Fique aqui tomando conta que vou correndo a Barentin prevenir o chefe de estação.

Ergueu a lanterna e consultou a marcação quilométrica.

– Bom! Bem no poste 153.

Deixando a lanterna no chão, perto do corpo, ele se afastou com seu andar arrastado.

Sozinho, Jacques não se mexeu e continuava olhando para a massa inerte, amorfa, que a claridade vaga, no rés do chão, mais confundia. A agitação que o havia feito apertar o passo, assim como a horrível atração que o prendia ali, desembocavam nesse pensamento agudo que escapava de todo o seu ser: o outro, o desconhecido percebido com a faca em punho, tinha ousado! Tinha ido até o fim do seu desejo, havia matado! Não ser covarde, se satisfazer enfim, enfiar a faca! Ele a quem o anseio há dez anos torturava! Em seu estado febril havia desprezo por si mesmo e admiração pelo outro, mas sobretudo a necessidade de ver, a sede inextinguível de encher as vistas com aquele farrapo humano, aquele espantalho destrozado, aquele trapo molengo no qual uma simples facada podia transformar uma criatura. O que ele sonhava o outro havia realizado e ali estava. Se ele matasse, restaria aquilo no chão. O coração batia a ponto de explodir, o prurido de morte se exasperava como uma concupiscência, frente ao espetáculo daquele morto trágico. Ele deu um passo e se aproximou mais, como uma criança assustada que se familiariza com o medo. Sim! Ele ousaria, também ousaria!

Mas um rugido às suas costas o fez saltar de lado. Um trem chegava e ele sequer tinha ouvido, abismado naquela contemplação. Seria estraçalhado, o bafo quente, o sopro formidável da locomotiva apenas avisava. O trem passou com seu tufão de barulho, fumaça e fogo. Outra vez muita gente, o fluxo de passageiros continuava rumo a Le Havre para a festa do dia seguinte. Um menino achatava o nariz no vidro, olhando o campo escuro; perfis masculinos se esboçavam e uma jovem senhora, baixando uma janela, jogou fora um papel sujo de manteiga e açúcar. O trem alegre já seguia longe, em sua indiferença pelo cadáver que suas rodas quase haviam roçado. E o corpo jazia ainda de cara no chão, vagamente iluminado pela lanterna, no meio da merencória tranquilidade da noite.

Jacques então foi assaltado pelo desejo de ver o ferimento enquanto estava sozinho. Uma preocupação o impedia, a ideia de que, se tocasse na cabeça, talvez notassem. Calculou que Misard não poderia estar de volta com o chefe de estação em menos de quarenta e cinco

minutos. Deixou passar o tempo, pensou que Misard, tão fraco, tão lento, tão calmo também ousara matar, e isso da forma mais tranquila do mundo, a doses de droga. Era então tão fácil assim? Todo mundo matava. Aproximou-se. A ideia de ver o ferimento o torturava de forma tão viva que sua pele ardia. Ver como era aquilo e o que havia escorrido, ver o buraco vermelho! Se colocasse de volta a cabeça com todo cuidado, ninguém saberia. Mas havia outro medo, inconfesso, no fundo de tanta hesitação, o próprio medo do sangue. Em Jacques, sempre e com relação a todo tipo de coisa, o medo vinha junto com o desejo. Mais quinze minutos sozinho, ele já a ponto de se decidir, quando um leve barulho ao lado o assustou.

Era Flore, de pé, igualmente olhando. Tinha curiosidade por acidentes: assim que anunciavam um animal esmagado, um homem amputado por um trem, era certo que logo Flore estaria por lá. Tinha voltado a se vestir e queria ver o morto. Pelo menos ela, depois da primeira olhada, não hesitou. Abaixando-se e erguendo a lanterna com uma das mãos, com a outra segurou e virou a cabeça.

– Cuidado, é proibido mexer – disse Jacques num sussurro.

Ela deu de ombros. A cabeça apareceu na claridade amarelada, uma cabeça de velho, nariz grande, olhos azuis de quem foi louro, bem abertos. Abaixo do queixo, a ferida escancarada, horrível, um corte profundo que havia aberto a garganta, uma chaga revolvida, como se a faca tivesse se revirado, ao entrar. Sangue encharcava o lado direito do peito. À esquerda, na botoeira do paletó, uma roseta de comendador parecia uma pedrinha vermelha perdida por ali.

Flore deu um risinho de surpresa.

– Veja só!

Também debruçado, Jacques se aproximara, misturando seus cabelos aos dela, para ver melhor. Mal conseguia respirar, saciando-se com o espetáculo. Inconscientemente repetiu:

– O velho... o velho...

– Ele mesmo, o velho Grandmorin... O presidente.

Por um momento ainda ela examinou o rosto pálido, a boca repuxada, os olhos arregalados de pavor. Em seguida largou a cabeça que a rigidez cadavérica começava a gelar e que voltou ao chão, fechando o ferimento.

– Não vai mais se divertir com as moças! – disse baixinho. – Foi por causa de alguma delas, com certeza... Ah, pobre Louissette! O porco teve o que merecia!

E um grande silêncio se fez. Flore, que tinha deixado a lanterna, esperava, lançando em Jacques lentos olhares, enquanto ele, que tinha entre os dois o corpo, não se mexia mais, como se estivesse perdido, impressionado com o que acabava de ver. Deviam ser quase onze horas. Um constrangimento, depois do ocorrido anteriormente, a impedia de tomar a iniciativa e falar. Mas ouviu-se um barulho de voz, era o pai que trazia o chefe de estação e, não querendo ser vista, ela se decidiu:

– Não vem para casa dormir?

Ele teve um sobressalto, uma dúvida pareceu agitá-lo por um instante, para em seguida dizer, fazendo esforço, num recuo de desespero:

– Não, não vou!

Ela nada disse, mas a linha dos seus fortes braços descaindo exprimiu toda sua decepção.

Como se quisesse se desculpar pela resistência de ainda há pouco, de forma bem humilde ela insistiu:

– Então não vai voltar, não o verei mais?

– Não, não!

As vozes se aproximavam e, sem procurar apertar a mão dele, já que parecia fazer questão de manter o cadáver entre os dois, sem nem a despedida familiar da antiga amizade de infância, ela se afastou, se perdeu na escuridão, com a respiração entrecortada como se abafasse lágrimas.

Logo em seguida o chefe de estação estava ali, com Misard e dois carregadores. Igualmente constatou a identidade: era mesmo o presidente Grandmorin, que ele conhecia por vê-lo descer na sua estação toda vez que vinha visitar a irmã, sra. Bonnehon, em Doinville. O corpo devia continuar no lugar em que estava e apenas foi coberto com um casacão que um dos homens havia trazido. Um funcionário tinha pego, em Barentin, o trem das 11h00 para avisar o procurador imperial⁴³ de Rouen. Mas não se podia contar com este último antes das cinco ou seis horas da manhã, pois teria que trazer com ele o juiz de instrução,⁴⁴ o escrivão do tribunal e um médico. De forma que o chefe de estação organizou um serviço de guarda junto ao morto: durante toda a noite, por revezamento, alguém estaria constantemente ali, com a lanterna.

Até resolver, enfim, ir se esticar sob algum hangar da estação de Barentin, de onde partiria para Le Havre no trem das 7h20, Jacques permaneceu ainda por bom tempo ali, imóvel e atormentado. A presença do juiz de instrução aguardado deixava-o perturbado como se fosse cúmplice. Contaria o que havia visto no momento da passagem do expresso? Primeiro decidi que sim, pois afinal não tinha o que temer. O dever, inclusive, afastava qualquer dúvida quanto a isto. Em seguida se perguntou qual utilidade a informação acrescentaria: não trazia fato nenhum decisivo, não se sentia capaz de afirmar detalhe algum de maior precisão sobre o assassino. Seria estupidez se meter naquela história, perder tempo e se agitar à toa, sem nenhum proveito. Não, não falaria! Finalmente foi embora, voltando-se duas vezes para ver o volume escuro que o corpo fazia no chão, no círculo de luz amarela da lanterna. Um frio mais intenso vinha do céu esfumado, na desolação daquele deserto de encostas áridas. Mais trens passaram, outro se aproximava, indo a Paris, muito comprido. Todos se cruzavam em sua inexorável força mecânica, corriam a seu destino incerto, ao futuro, passando bem perto, sem se dar conta, da cabeça quase arrancada daquele homem que outro homem havia degolado.

30. As estações são reais, mas a passagem de nível e a casa de Croix-de-Maufrais são fictícias.

31. O expresso Paris–Le Havre fazia parada em Barentin. O das 18h30 parava nessa estação às 21h37 e chegava a seu ponto final às 23h05. Os atuais trens de grande velocidade (TGV) franceses fazem o trajeto em 75 minutos.

32. Jacques é filho de Gervaise Macquart e Auguste Lantier, que têm sua triste história contada em *L'Assommoir*, sétimo volume da saga dos *Rougon-Macquart*.

33. A École Nationale Supérieure des Arts et Métiers é hoje uma escola técnica de nível superior. Foi fundada em 1788 pelo duque de La Rochefoucauld, precursor da difusão da máquina a vapor na França. Com a crescente industrialização, a Escola foi se especializando cada vez mais, mantendo sempre um espírito liberal, sendo malvista pelos meios mais conservadores. À época do romance, propunha-se a formar “chefes de ateliês e operários especializados nas artes particularmente úteis às indústrias da madeira e do ferro”, segundo o seu programa.

34. Os sinaleiros eram encarregados de fechar a passagem atrás de cada trem e telegrafar avisando a proximidade de sua chegada ao posto subsequente, para então reabrir a via ao trem seguinte.
35. Pequeno carro mecânico usado em manobras, para transporte de material ou socorro.
36. Le Havre é o segundo porto mais importante da França (sendo Marselha o primeiro) e o principal para as ligações com as Américas. No séc.XIX contava também com importantes estaleiros navais.
37. Água em que se esfriava um ferro em brasa ou deixavam-se enferrujar pregos; era considerada revigorante.
38. Claude Lantier é personagem de *L'Œuvre*, 14º volume da saga dos *Rougon-Macquart* (o pintor Cézanne, que era amigo de infância de Zola, rompeu com o escritor por julgar ter sido retratado no romance). Étienne é o herói de *Germinal*, 13º volume da série.
39. Para Auguste Lantier e Gervaise, ver nota 32.
40. Essa “rachadura hereditária”, que no caso de Jacques Lantier se revela por um desejo de matar diretamente ligado ao desejo erótico, é a ideia central de Zola com relação aos *Rougon-Macquart*, ao longo dos vinte volumes da série.
41. Ao contrário de camponesas ou operárias, que usavam toucas, de função utilitária, ao passo que o chapéu da mulher burguesa era meramente decorativo.
42. Isto é, que descia na direção do mar, onde fica Le Havre.
43. Representante do ministério público imperial sob Napoleão III, no período chamado Segundo Império, que durou de 1852 a 1870.
44. No sistema penal francês, magistrado civil encarregado das investigações, a quem o delegado policial deve prestar ajuda, para a constituição do processo que será levado a julgamento.

NO DIA SEGUINTE, DOMINGO, as cinco horas da manhã acabavam de soar em todos os campanários de Le Havre quando Roubaud desceu à parte coberta da estação para retomar o serviço. Estava ainda escuro e o vento que vinha do mar havia aumentado, empurrando as brumas, ocultando as encostas que se estendem de Sainte-Adresse ao forte de Tourneville,⁴⁵ enquanto a oeste, acima do mar aberto, um claro se esboçava, um pedaço de céu em que brilhavam as últimas estrelas. Sob o telheiro, bicos de gás continuavam acesos, empalidecidos pelo frio úmido daquela hora matinal. Já se encontrava ali o primeiro trem de Montivilliers, que homens de equipe formavam, sob as ordens do subchefe da noite. As portas das salas não estavam abertas, as plataformas se estendiam desertas no despertar sonolento da estação.

Deixando seu alojamento, situado acima das salas de espera, Roubaud encontrou a mulher do caixa, sra. Lebleu, imóvel no meio do corredor central em que desembocavam os demais alojamentos reservados a funcionários. Há semanas ela se levantava à noite para vigiar a srta. Guichon, encarregada da bilheteria, que ela suspeitava de ter um caso com o chefe de estação, sr. Dabadie. Nunca havia conseguido resultado algum, nem de longe. Naquela manhã também voltava ligeira para casa, tendo como novidade apenas a surpresa de ter visto na casa dos Roubaud, nos três segundos que o marido levou para abrir e fechar a porta, a esposa de pé na sala de jantar, a bela Séverine, já vestida, penteada e calçada, ela que normalmente ficava na cama até as nove da manhã. Isso bastou para que a sra. Lebleu acordasse o sr. Lebleu e contasse o fato extraordinário. Na véspera, não tinham se deitado antes da chegada do expresso de Paris, às onze e cinco, querendo saber como tinha se passado a história com o subprefeito. Mas nada haviam conseguido decifrar na atitude dos Roubaud, que tinham chegado com a aparência de sempre. Em vão, até meia-noite, ficaram de orelhas em pé: barulho nenhum escapava do alojamento dos vizinhos, que certamente tinham logo caído em sono profundo. Era provável que a viagem não tivesse dado tão bom resultado, ou Séverine não teria se levantado àquela hora. Tendo o caixa perguntado com que cara ela estava, a mulher se esforçou a descrever: muito tensa, muito pálida, com seus grandes olhos azuis tão claros sob os cabelos negros e sem movimento algum, parecendo uma sonâmbula. Mas certamente teriam melhores informações no correr do dia.

Embaixo, Roubaud encontrou o colega Moulin, que se encarregara do expediente noturno. E assumiu o serviço, enquanto Moulin falava e perambulava por ali ainda alguns minutos, pondo-o ao corrente das pequenas ocorrências da noite: gatunos tinham sido pegos em flagrante quando entravam na sala de guarda-volumes, três carregadores foram repreendidos por indisciplina, um gancho de atrelagem acabava de quebrar durante a composição do trem de Montivilliers. Em silêncio, Roubaud ouvia com aparente calma, apenas um pouco pálido, provavelmente pelo cansaço, que as olheiras igualmente acusavam. O colega parou de falar e ele continuava na expectativa, aguardando outras ocorrências dignas de nota. Mas era só aquilo mesmo e ele baixou a cabeça, olhando por um instante o chão.

Caminhando ao longo do cais, os dois homens chegaram ao extremo da plataforma coberta,

no lugar em que, à direita, havia um depósito em que estacionavam os vagões do rodízio, aqueles que, chegando num dia, formariam comboios no outro. Ele ergueu a cabeça e seus olhos se fixaram num carro de primeira classe atrelado a um cupê, de número 293, coincidentemente iluminado por um bico de gás com claridade vacilante. O colega então exclamou:

– Já ia esquecendo...

A palidez do rosto de Roubaud ganhou cores e ele não pôde conter uma ligeira reação.

– Ia esquecendo – repetiu Moulin. – Esse carro não pode ser usado, não o coloque agora de manhã no expresso das 6h40.

Houve um curto silêncio e Roubaud perguntou em tom bem natural:

– É? Por quê?

– Reservaram um cupê para o expresso do fim da tarde. Como não se tem certeza de que chegue outro durante o dia, é melhor garantir este.

Olhando-o ainda fixamente, ele respondeu:

– Tem razão.

Mas outro pensamento o absorvia e ele bruscamente exclamou:

– É absurdo! Veja como esses preguiçosos trabalham! Esse carro parece ter poeira acumulada de oito dias.

– Ah! – conciliou Moulin. Quando os trens chegam depois das onze, o pessoal não se dispõe mesmo nem a passar um pano... Já fico satisfeito quando fazem uma vistoria. Numa dessas noites esqueceram um passageiro dormindo numa poltrona e ele só acordou na manhã seguinte.

Depois, controlando um bocejo, disse que ia subir para se deitar. Já se afastando, uma brusca curiosidade o fez se voltar.

– Aliás, e o seu negócio com o subprefeito? Acabou, não é?

– Acabou, acabou. A viagem foi boa, estou contente.

– Bom, melhor assim... E lembre que o 293 não sai.

Sozinho na plataforma, Roubaud voltou lentamente para onde estava o trem de Montivilliers, que esperava. As portas das salas foram abertas, passageiros apareceram, caçadores com seus cães, duas ou três famílias de comerciantes querendo aproveitar o domingo, na verdade pouca gente. Porém, após a partida desse trem, o primeiro do dia, não se podia perder tempo, era preciso imediatamente formar o trem parador das 5h45, um trem para Rouen e Paris. A essa hora da manhã, com poucos funcionários ainda, o trabalho do subchefe de serviço se complicava entre tantos detalhes a observar. Depois de controlar a manobra, com cada viatura sendo retirada do depósito por um carrinho empurrado à força de braços e deixada sob o telheiro, ele teve que correr à sala de embarque, dar uma olhada na distribuição das passagens e no registro das bagagens. Uma discussão teve início entre alguns soldados e um empregado, sendo necessária a sua intervenção. Por meia hora, entre correntes geladas de ar, entre passageiros que tremiam de frio, com olhos ainda fechando de sono, no mau humor gerado por toda aquela faina em plena escuridão, ele se desdobrou, sem ter um só pensamento voltado para si mesmo. Depois que a partida do trem parador esvaziou a estação, Roubaud correu ao posto do agulheiro, querendo confirmar se tudo corria bem no setor, pois outro trem

chegava, o direto de Paris, com algum atraso. Voltou para assistir ao desembarque, esperou que o fluxo de passageiros entregasse os bilhetes e se acomodasse, amontoado nos carros dos hotéis, que àquela época vinham ainda até os telheiros para esperar, separados dos trilhos por uma simples paliçada. Somente então pôde tomar fôlego, na estação que voltara a estar vazia e silenciosa.

Soavam seis horas. Roubaud deixou a plataforma coberta como quem passeia. Lá fora, tendo à frente o espaço aberto, ergueu a cabeça e respirou, vendo que finalmente a aurora despontava. O vento do largo tinha acabado de expulsar as brumas, iniciava-se a clara manhã de um belo dia e ele olhou para o norte, vendo se destacar como um risco arroxeadado no céu ainda pálido a costa de Ingouville, se estendendo até as árvores do cemitério. Virando-se em seguida para o sul e para oeste notou, acima do mar, o último voo de discretas nuvens brancas que, em esquadra, flutuavam lentamente, enquanto todo o leste na amplidão do estuário do Sena começava a arder ao raiar do sol, que se anunciava. Com um gesto maquinal, tirou o boné bordado de prata, como se quisesse refrescar a testa com o ar vivo e puro. Aquele ambiente familiar, a vasta e igual sucessão de dependências da estação, tendo à esquerda a chegada, depois o depósito das locomotivas, à direita a expedição, formando verdadeira cidade, parecia tranquilizá-lo, devolvendo-o à calma das suas tarefas cotidianas, sempiternamente as mesmas. Acima do muro da rua Charles-Lafitte, chaminés de fábricas fumegavam e viam-se os enormes montes de carvão dos depósitos ao longo da represa Vauban.⁴⁶ Um burburinho já crescia, vindo das outras represas. Os apitos dos trens de mercadoria, o despertar e o odor do fluxo, trazidos pelo vento, o fizeram se lembrar da festa daquele dia, com o navio que seria lançado ao mar e em torno do qual a multidão se aglomeraria.

Ao voltar à plataforma coberta, Roubaud encontrou a equipe braçal já a formar o expresso das 6h40 e achou que os homens estavam colocando o 293 no carrinho de transporte. Toda a tranquilidade da fresca manhã se desfez numa explosão de raiva.

– Que diabo! Esse aí não! Deixem o maldito carro em paz! Só vai sair no fim da tarde.

O chefe de equipe explicou que o estavam simplesmente empurrando, para pegar outro que estava atrás. Mas Roubaud não ouvia, transtornado por uma agitação completamente desproporcional.

– Bando de incompetentes, não foi dito que não deviam mexer nele?

Depois de afinal compreender, continuou furioso e passou a criticar a falta de conforto da estação, onde nem se podia manobrar direito um vagão. E de fato a estação, uma das primeiras da linha a ser construída, era insuficiente, aquém das necessidades de Le Havre, com o depósito de vagões em madeira já antiga, um telheiro de tábuas e zinco, com vidraças estreitas, prédios despídos de ornamentos e tristes, com rachaduras por todo lado.

– É vergonhoso, não sei como a Companhia não mandou ainda demolir tudo isso.

Os trabalhadores braçais o olhavam, surpresos de ouvi-lo falar tão livremente, ele que de modo geral era tão disciplinado. O subchefe se deu conta disso e de súbito parou. Em silêncio, crispado, continuou a fiscalizar a manobra. Uma ruga de descontentamento vincava sua testa estreita, enquanto o rosto redondo e sanguíneo, espetado de barba ruiva, ganhava uma tensão de profunda força de vontade.

Roubaud recuperou então todo o seu sangue-frio. Dedicou-se ativamente ao expresso,

controlando cada detalhe. Considerou algumas atrelagens malfeitas e exigiu que fossem engatadas novamente, sob sua vigilância. Uma conhecida de sua mulher, acompanhada pelas duas filhas, pediu-lhe que as instalasse em uma cabine exclusivamente feminina. Antes de apitar dando o sinal de partida, ele assegurou-se uma vez mais da boa ordem do trem e então observou-o se afastando, com o olhar aguçado de quem sabe que um minuto de distração no que faz pode custar a vida de muitas pessoas. Logo depois, aliás, precisou atravessar a via para receber um trem de Rouen que entrava na estação. Justamente chegava nele um funcionário do correio com quem ele diariamente trocava informações. Era, nas suas manhãs tão atarefadas, um curto descanso de quase quinze minutos, durante o qual podia respirar, sem que nenhum serviço urgente o exigisse. Naquela manhã, como de hábito, ele enrolou um cigarro e conversou alegremente. A claridade do dia se firmara e acabavam de apagar os bicos de gás sob o telheiro. Este era tão pouco envidraçado que uma sombra cinzenta ainda reinava ali dentro; mas, lá fora, o vasto trecho de céu para o qual a estrutura se abria ardia já com um incêndio de raios, enquanto o horizonte inteiro ganhava tonalidade rosada, com viva nitidez de detalhes, graças ao ar puro da bela manhã de inverno.

Normalmente, às oito horas o chefe de estação, sr. Dabadie, descia e o subchefe ia ao seu encontro para um relatório. Era belo homem, bem moreno, elegante, ostentando toda a aparência de um grande comerciante dedicado a seus negócios. Aliás, frequentemente deixava um pouco de lado a estação propriamente de passageiros, se interessando mais pelo movimento nas represas, com enorme trânsito de mercadorias, em contínua relação com o alto comércio de Le Havre e do mundo inteiro. Naquele dia ele estava bem atrasado e por duas vezes Roubaud já havia empurrado a porta do escritório sem encontrá-lo. Em cima da mesa, a correspondência sequer tinha sido aberta. Entre as cartas, o olhar atento do subchefe havia distinguido um despacho telegráfico. A partir disso, como se estivesse hipnotizado, não deixou mais a porta, sem conseguir sair dali e lançando rápidas olhadelas à mesa.

Às oito e dez finalmente o sr. Dabadie apareceu. Roubaud sentara-se calado, dando-lhe tempo para que o telegrama fosse aberto. Mas o chefe não parecia ter a menor pressa, mostrando-se atencioso com o subordinado, a quem estimava.

– E em Paris, tudo esteve a contento?

– Perfeitamente, senhor, agradeço por se preocupar.

O telegrama foi finalmente aberto, mas sem ser lido, pois o chefe sorria ainda para o outro, cuja voz ficara mais abafada dado o violento esforço que fazia para dominar um tique nervoso que fazia seu queixo tremer.

– Ficamos muito contentes que continue aqui.

– E eu bem satisfeito de continuar com o senhor.

Decidindo-se enfim o sr. Dabadie a ler o telegrama, Roubaud, com um ligeiro suor a umedecer o rosto, acompanhava suas reações. Mas a emoção que esperava notar não se confirmava. O chefe terminou tranquilamente a leitura do telegrama e deixou-o na escrivaninha. Era sem dúvida um simples despacho de serviço. E passou a abrir o restante da correspondência enquanto, seguindo a rotina de cada manhã, o subchefe fazia o relatório verbal das ocorrências da noite e do início de manhã. Só que Roubaud parecia hesitante e precisou fazer um esforço para se lembrar do que havia dito o colega a respeito dos indivíduos pegos no guarda-volumes. Trocaram ainda algumas palavras e o chefe o dispensou

com um gesto quando os dois chefes-adjuntos, o das represas e o das mercadorias, entraram para seus respectivos relatórios. Traziam um novo telegrama, que um empregado acabava de entregar na plataforma.

– Pode ir – disse o sr. Dabadie, vendo que Roubaud continuava na porta.

Este último, porém, de olhos arregalados e fixos, esperava e só se retirou quando o pequeno papel foi deixado em cima da mesa, descartado com o mesmo gesto de indiferença. Por um momento o subchefe vagou perplexo e confuso sob o telheiro. O relógio marcava oito e trinta e cinco, não havia novas partidas antes do trem parador das 9h50. Ele normalmente usava essa hora vaga para um giro pela estação. Andou por alguns minutos sem saber bem aonde o levavam os seus pés. Depois, erguendo a cabeça e vendo que estava diante do carro 293, deu brusca meia-volta e se afastou na direção do depósito de locomotivas, apesar de não ter o que controlar por ali. O sol já se erguia no horizonte e uma poeira dourada chuvejava no ar descorado. Roubaud já não desfrutava mais da bela manhã, apertava o passo como quem tem pressa, tentando sufocar a obsessão da espera.

Um chamado bruscamente o interrompeu.

– Seu Roubaud, bom dia! Por acaso viu minha mulher?

Era o foguista Pecqueux, um folgazão de quarenta e três anos, magro e ossudo, de rosto tostado pelo fogo e pela fumaça. Os olhos acinzentados sob a testa estreita e a boca grande num maxilar saliente davam a impressão de uma permanente risada de quem gosta de noitadas.

– Ah! É você? – espantou-se Roubaud, parando. – É verdade, esqueci do acidente com a locomotiva... Só viajam à noite? Um descanso de vinte e quatro horas, boa coisa, não é?

– Ótima coisa! – repetiu o foguista, meio tonto ainda da farra da véspera.

De um vilarejo perto de Rouen, ele tinha entrado bem moço para a Companhia como operário ajustador. Aos trinta anos, cansando-se do trabalho na oficina, quis ser foguista para depois se tornar maquinista. Foi quando se casou com Victoire, do mesmo vilarejo que ele. Os anos entretanto passaram e ele continuou foguista, sem nunca conduzir, sem bom comportamento, beberrão e mulherengo. Já teria sido despedido vinte vezes não fosse a proteção do presidente Grandmorin e se não estivessem todos já habituados a seus deslizes, que ele compensava com seu bom humor e a experiência de antigo operário. Só se tornava realmente inconveniente quando estava bêbado, pois se transformava então em verdadeiro animal, capaz de qualquer coisa.

– Esteve com minha mulher? – perguntou de novo, com a boca estirada em amplo sorriso.

– Com certeza – respondeu o subchefe. – Nós a vimos. Inclusive nos hospedamos com ela... É uma boa esposa que você tem, Pecqueux. E faz mal em não ser fiel.

Ele riu ainda mais forte.

– É o mínimo que se possa dizer! Mas é ela que quer que eu me divirta!

Pois isso era verdade. Victoire, que era dois anos mais velha do que ele, tendo engordado muito, se movia com dificuldade e deixava sempre um dinheirinho no bolso dele para que se distraísse fora. Nunca reclamava das infidelidades, das contínuas idas ao bordel, para as necessidades da natureza. Ele porém havia organizado sua existência e tinha duas mulheres, uma em cada fim de linha, a de Paris, para as noites em que dormia por lá, e outra em Le Havre para as horas de espera na cidade, entre dois trens. Muito econômica, vivendo

parcimoniosamente, Victoire sabia de tudo e tratava maternalmente o marido, repetindo sempre que não queria deixá-lo mal com a outra mulher. Inclusive, a cada vez, ela cuidava da sua roupa, para não ser acusada pela rival de não tratar direito do seu homem.



Muito econômica, vivendo parcimoniosamente, Victoire sabia de tudo e tratava maternalmente o marido.

– Mesmo assim – continuou Roubaud –, não é uma boa atitude. Minha mulher adora sua antiga ama de leite e ainda vai brigar com você.

Mas calou-se, vendo sair de um hangar perto de onde estavam uma mulher grande e seca, Philomène Sauvagnat, irmã do chefe de depósito de locomotivas e que há um ano era a esposa suplementar de Pecqueux em Le Havre. Deviam estar de conversa no hangar quando ele saiu para falar com o subchefe. Parecia ainda jovem apesar dos seus trinta e dois anos, alta, angulosa, quase sem seios, corpo incendiado por contínuos desejos. Tinha a cabeça comprida e olhos flamejantes de égua magra no cio. Comentava-se que bebia. Todos os homens da estação já haviam passado por ela, na casinha que o irmão ocupava perto do depósito de máquinas e que ela mantinha de maneira bem desleixada. O irmão, da região de Auvergne,⁴⁷ teimoso e muito severo em matéria de disciplina, era bem-visto pelos chefes, mas tivera muitos problemas por conta dela, a ponto de quase ser mandado embora. Tolerava-se então Philomène por causa dele, que se obstinava em mantê-la por espírito de família – o que não o impedia de espancá-la brutalmente sempre que a pegava com homens, até deixá-la no chão, semimorta. Entre ela e Pecqueux houve um verdadeiro encontro: ela finalmente saciada nos braços daquele diabo de grande farrista, e ele escapando da esposa muito gorda, feliz com esta muito magra, repetindo de brincadeira que não precisava mais procurar fora. E Séverine era a única, por sua relação com Victoire, a ter brigado com Philomène, a quem já

anteriormente ela evitava, por orgulho feminino, e passara a nem mais cumprimentar.

– Então até logo, Pecqueux – disse Philomène com insolência. – Vou indo, já que o sr. Roubaud tem lição de moral a dar, da parte da esposa.

Ele, sempre bem-humorado, continuou rindo.

– Fique para ouvir – brincou.

– Não posso! Preciso levar dois ovos das minhas galinhas, que prometi à sra. Lebleu.

O nome na verdade foi dito de propósito, por saber da surda animosidade entre as mulheres do caixa e do subchefe, fingindo se dar bem com a primeira apenas para irritar a outra. Mas acabou ficando, repentinamente interessada ao ouvir o foguista pedir notícia do caso do subprefeito.

– As coisas se passaram bem e deve estar contente, não é, seu Roubaud?

– Muito contente.

Pecqueux piscou os olhos de maneira cúmplice.

– Não tem por que se preocupar quem dispõe de um bom pistolão, não é? Sabe o que quero dizer... Minha mulher também tem muito que agradecer a ele.

O subchefe interrompeu a alusão ao presidente Grandmorin, repetindo de maneira brusca:

– Então parte somente no fim da tarde?

– Isso mesmo, a Lison está sendo consertada, acabam de ajustar a biela... E estou esperando o maquinista, que foi tomar um pouco de ar. O senhor sabe, Jacques Lantier. É da sua região.

Por um instante, Roubaud ficou sem responder, ausente, com o pensamento longe. Depois, despertando de repente:

– Como? Jacques Lantier, o maquinista... Claro que conheço. Quer dizer, bom dia, boa noite. Foi aqui que nos conhecemos, pois ele é mais novo e eu nunca o tinha visto em Plassans... No outono passado ele fez um pequeno favor a minha mulher, uma incumbência junto às primas dela em Dieppe... Um rapaz bem competente, ao que dizem.

Estava falando só por falar, aos borbotões. De repente se afastou.

– Até mais, Pecqueux... Tenho que dar uma olhada por ali.

Somente então Philomène se foi com suas amplas passadas de égua, enquanto Pecqueux, parado de mãos nos bolsos, ria à vontade em sua desocupação daquela alegre manhã, surpreso de que o subchefe, contentando-se em dar uma volta no hangar, fosse rapidamente embora. Não era tão demorada assim a vistoria. O que teria vindo bisbilhotar?

Já iam soar nove horas quando Roubaud voltou à plataforma coberta. Caminhou até o fundo, até a sala das bagagens, olhou sem aparentemente encontrar o que procurava e voltou no mesmo passo, com certa impaciência. Uma após a outra, olhou de forma inquisitória as salas dos diferentes serviços. Àquela hora a estação estava em paz, vazia, e era ele o único a se agitar, cada vez mais irritado com tanta calma, na aflição de quem, sob a ameaça de uma catástrofe, acaba querendo muito que ela estoure logo. Seu autocontrole estava no limite, ele não aguentava mais ficar parado. Os olhos não se desviavam do relógio. Nove horas, nove horas e cinco. Normalmente ele só ia em casa às dez horas, depois da saída do trem das 9h50, para uma refeição. Mas de repente, lembrando-se de Séverine, que também devia estar na

expectativa, subiu.

No corredor, nesse preciso minuto, a sra. Lebleu abria a porta para Philomène, em visita de vizinha, despenteada e trazendo dois ovos. Continuaram ali e Roubaud teve que entrar em casa sob os seus olhares atentos. Tinha no bolso a chave e se apressou. Mesmo assim, no vaivém rápido da porta, elas viram Séverine sentada numa cadeira da sala de jantar, pálida, imóvel. Puxando Philomène para dentro e também fechando a porta, a sra. Lebleu contou já tê-la visto na mesma posição pela manhã: provavelmente o caso do subprefeito ia mal. Nada disso, Philomène explicou que viera justamente para contar as novidades e repetiu o que acabava de ouvir o próprio subchefe dizer. As duas mulheres então passaram a novas conjecturas. Era sempre assim quando se viam, mexericos sem fim.

– Levaram um sabão, minha querida; ponho minha mão no fogo... Tenho certeza, estão cai não cai.

– Ah, minha amiga! Se pudermos nos livrar deles...

A rivalidade, que cada vez mais se acirrava entre os Lebleu e os Roubaud, tinha nascido de simples questão de moradia. O andar inteiro acima das salas de espera servia para alojar funcionários, e o corredor central, verdadeiro corredor de hotel, pintado de amarelo e iluminado pelo alto, separava o andar em duas metades, alinhando as portas marrons de um lado e de outro. Só que os apartamentos da direita tinham janelas que davam para o pátio de partida, plantado com velhos olmos, acima dos quais se vislumbrava a admirável vista de Ingouville, enquanto os da esquerda, com janelas estreitas em arco, davam diretamente para o telheiro da estação, cuja alta inclinação coberta de zinco e vidros sujos impedia a visão do horizonte. Nada mais agradável do que os primeiros, com a contínua animação do pátio, o verde das árvores e o vasto campo, e eram de matar de tédio os outros, em que mal se enxergava de tão escuros, com um céu murado de prisão. Nos de frente moravam o chefe de estação, o subchefe Moulin e os Lebleu; nos de fundos os Roubaud, assim como a bilheteira, a srta. Guichon. Os três cômodos restantes eram reservados para inspetores em trânsito. Entretanto, era notório que os dois subchefes sempre tinham morado um ao lado do outro. Os Lebleu se encontravam ali apenas por favor do subchefe anterior a Roubaud, que era viúvo, sem filhos e, querendo ser simpático, cedeu à sra. Lebleu o alojamento. Mas não eram os Roubaud que tinham direito à moradia? Seria justo, então, jogá-los nos fundos se podiam estar de frente? Enquanto os dois casais mantiveram bom convívio, Séverine aceitou, já que a vizinha era vinte anos mais velha, doente e tão gorda que tinha dificuldade o tempo todo de respirar. A guerra realmente foi declarada no dia em que Philomène, com suas horríveis tagarelices, conseguiu indispor as duas mulheres.

– Sabe – continuou Philomène –, é bem possível que tenham aproveitado a viagem a Paris para pedir a expulsão de vocês... Me disseram que eles escreveram ao diretor uma longa carta, expondo o direito que têm.

A sra. Lebleu ficou sem ar.

– Miseráveis! E tenho toda certeza de que puseram a bilheteira do lado deles, pois há quinze dias ela mal me cumprimenta... É outro caso sujo! Mas estou de olho nela...

Baixou a voz para dizer que toda noite a srta. Guichon provavelmente se encontrava com o chefe de estação. As duas portas ficavam de frente. O sr. Dabadie, viúvo, pai de uma moça já grande que estava sempre no internato, é que tinha trazido aquela loura de trinta anos, já

envelhecida, silenciosa e magra, com uma ligeireza de cobra. Devia ter sido professora primária. Era impossível pegá-la de surpresa, de tal modo passava sem o menor ruído pelas frestas mais finas. Pessoalmente não tinha a menor importância, mas se estivesse indo para a cama com o chefe de estação ganharia um valor decisivo, por isso tudo dependia de mantê-la sob controle, conhecendo seu segredo.

– E vou acabar descobrindo – continuou a sra. Lebleu. – Não vou deixar que me comam pelas beiras... Estamos aqui e vamos continuar aqui. As pessoas boas e simples estão conosco, não é, minha menina?

A estação inteira de fato seguia aquela guerra das duas moradias. Sobretudo o corredor se apaixonava pelo caso. Somente o outro subchefe, Moulin, não dava bola, satisfeito de estar no lado da frente, casado com uma mulherzinha tímida e frágil que nunca era vista e que dava à luz um filho de vinte em vinte meses.

– Podem estar cai não cai – concluiu Philomène –, mas não é dessa vez que vão pra rua... Fique atenta, porque conhecem gente que pode mexer os pauzinhos.

Continuava a segurar os dois ovos e os ofereceu – ovos daquela manhã, que acabara de recolher de sob as galinhas. A velha senhora se desmanchou em agradecimentos.

– Como você é gentil! Me faz agrados demais... Venha mais vezes conversar. Como sabe meu marido está sempre ocupado na sua caixa e eu me entedio, presa aqui por causa das minhas pernas! O que vai ser de mim se aqueles miseráveis me tirarem a minha vista?

Em seguida, abrindo a porta e acompanhando a amiga, ela cruzou um dedo por cima dos lábios.

– Psiu! Vamos ouvir.

De pé no corredor, as duas ficaram cinco bons minutos paradas, sem um movimento, segurando a respiração. Esticavam a cabeça, de ouvidos atentos à sala de jantar dos Roubaud. Mas ruído algum escapava de lá, reinava um silêncio mortal. Temendo serem pegadas em flagrante, afinal se separaram, despedindo-se com um gesto da cabeça, sem uma palavra. Uma se foi na ponta dos pés e a outra fechou a porta de casa com tanto cuidado que nem se ouviu a lingueta da fechadura.

Às nove e vinte, Roubaud já se encontrava de novo embaixo, sob o telheiro. Supervisionou a formação do trem parador das 9h50 e, apesar do esforço para se controlar, gesticulava mais que de hábito, se impacientava, virava o tempo todo a cabeça para inspecionar a plataforma com o olhar, de um extremo a outro. Nada acontecia, suas mãos tremiam.

De repente, porém, perscrutando ainda a estação, numa olhadela para trás ouviu perto dele a voz de um empregado do telégrafo, que perguntou, sem fôlego:

– Sr. Roubaud, sabe dizer onde estão o chefe de estação e o comissário de vigilância...?⁴⁸ Tenho mensagens para os dois e há dez minutos estou atrás deles...

Ele se virara com tal rigidez no corpo inteiro que nem um músculo de seu rosto se moveu. Os olhos se fixaram nos dois telegramas que o funcionário segurava. Pela agitação deste último ele teve certeza, era finalmente a catástrofe.

– O sr. Dabadie passou por aqui ainda há pouco – respondeu com tranquilidade.

E ele nunca tinha se sentido tão frio, com inteligência tão clara, totalmente aplicado à defesa. Voltava a estar perfeitamente seguro de si.

– Olhe, é ele ali, o sr. Dabadie.

De fato, o chefe de estação voltava do setor de mercadorias. Assim que leu o telegrama, exclamou:

– Houve um assassinato na linha... O telegrama é do inspetor de Rouen.

– O quê? – espantou-se Roubaud. – Um funcionário nosso foi assassinado?

– Não, um passageiro. Num cupê... O corpo foi lançado fora, quase na saída do túnel de Malaunay, à altura do poste 153... E a vítima é um dos nossos administradores, o presidente Grandmorin.

Foi a vez do subchefe exclamar:

– O presidente! Minha pobre mulher vai ficar arrasada!

O lamento foi tão franco, tão sincero que o sr. Dabadie se interrompeu por um momento.

– É verdade, vocês o conhecem, um homem tão correto, não é?

Em seguida, referindo-se ao outro telegrama, endereçado ao comissário de vigilância:

– Provavelmente é do juiz de instrução, para alguma formalidade... São apenas nove e vinte e cinco, o sr. Cauche ainda não chegou, é claro... Que alguém vá rapidamente ao Café do Commerce, na avenida Napoléon. Deve estar por lá.

Cinco minutos depois o sr. Cauche se apresentou, chamado por um homem da equipe de carregadores. Ex-oficial, considerando o emprego uma aposentadoria, ele nunca chegava à estação antes das dez horas, perambulava um pouco por lá e voltava ao Café. A notícia do drama chegara entre duas partidas de baralho e de início o surpreendeu, pois os casos que passavam por suas mãos eram, em geral, pouco graves. Mas o telegrama vinha mesmo do juiz de instrução de Rouen, e como chegava doze horas depois da descoberta do cadáver, isso significava que o juiz havia primeiro telegrafado ao chefe de estação de Paris para saber em quais condições se dera o embarque da vítima. Somente depois de informado sobre o número do trem e do carro é que havia enviado ao comissário de vigilância a ordem para examinar o cupê que se encontrava com o carro 293, caso este ainda estivesse em Le Havre. O mau humor demonstrado pelo sr. Cauche por ser incomodado, de maneira provavelmente desnecessária, desapareceu, cedendo vez a uma atitude de extrema importância, tendo em vista a gravidade excepcional que o caso ganhava.

– Mas será que o carro ainda se encontra aqui? Deve ter voltado a partir pela manhã – alarmou-se o comissário, temendo perder a investigação.

Roubaud o tranquilizou, mantendo seu ar calmo.

– Não, não se preocupe... Houve a reserva de um cupê para o fim da tarde e o vagão está aqui, no seu depósito.

E foi quem seguiu na frente, com o comissário e o chefe de estação atrás. A notícia, no entanto, se espalhou, pois os homens de equipe discretamente deixaram suas tarefas e os seguiram também, enquanto nas portas dos diversos serviços os empregados acorriam e, um a um, acabavam aderindo ao grupo. Em pouco tempo havia verdadeiro ajuntamento.

Já quase diante do carro, o sr. Dabadie fez em voz alta a reflexão:

– Uma inspeção de rotina deve ter sido feita ontem à noite. Se houvesse vestígios isso estaria assinalado no relatório.

– É o que vamos ver – disse o sr. Cauche.

Ele próprio abriu a porta e subiu ao cupê. E no mesmo instante gritou, sem se dar conta, excedendo-se:

– Caramba! Santo Deus! É como se tivessem sangrado um porco aqui!

Um murmúrio de pavor percorreu os que estavam do lado de fora, os pescoços se esticaram e o sr. Dabadie, um dos primeiros, quis olhar, subindo no degrau do vagão. Roubaud, para fazer como todo mundo, demonstrou também curiosidade.

Lá dentro, o cupê não apresentava desordem alguma. Os vidros estavam fechados, tudo parecia em seu devido lugar. Somente um cheiro horrível vinha da porta aberta e ali, entre as poltronas, havia uma poça de sangue escuro já coagulado, uma poça tão grande e larga que formara um riozinho, como se brotasse de uma nascente, se espalhando pelo tapete. Coágulos permaneciam grudados no tecido. E nada mais, apenas o sangue nauseabundo.

O sr. Dabadie não se conteve.

– Onde estão os encarregados da inspeção de ontem à noite? Quero que se apresentem!

E eles, justamente, estavam ali. Assumiram a desatenção, balbuciando desculpas: no escuro da noite, quem poderia imaginar? No entanto, passavam as mãos por todo lugar. Na véspera, garantiram, não havia cheiro nenhum.

O sr. Cauche, entretanto, de pé no vagão, tomava notas a lápis para o seu relatório. Chamou Roubaud, com quem tinha relação cordial, fumando às vezes cigarros ao longo da plataforma, nas horas mais desocupadas.

– Sr. Roubaud, entre aqui para me ajudar.

E tendo o subchefe saltado por cima do sangue no tapete, tomando cuidado de não pisar, ele disse:

– Olhe sob a outra poltrona, pode ser que alguma coisa tenha caído por ali.

Roubaud ergueu a almofada, tateando com prudência e olhar simplesmente curioso.

– Não tem nada.

Mas uma mancha no tecido acolchoado do encosto chamou sua atenção e ele mostrou ao comissário. Não seria a marca ensanguentada de um dedo? Não, acabaram concordando ser mero respingo. O amontoado de curiosos tinha se aproximado para seguir o exame, farejando o crime, comprimindo-se às costas do chefe de estação, paralisado no degrau pela natural repugnância de homem mais sensível.

Ele de repente fez uma observação.

– Diga, Roubaud, o senhor estava nesse trem... Não é mesmo? O senhor voltou no expresso de ontem à noite... Talvez possa nos dar informações!

– É mesmo, é verdade! – exclamou o comissário. – Não notou nada?

Por três ou quatro segundos o subchefe permaneceu mudo. Estava agachado, naquele momento, examinando o tapete. Mas se levantou quase imediatamente, respondendo com sua voz natural, um pouco grossa.

– Deixe-me ver, deixe-me ver, vou pensar... Minha mulher estava comigo. Se o que eu souber for figurar no relatório, prefiro que ela venha, para juntarmos sua lembrança à minha.

A ideia pareceu razoável ao sr. Cauche e Pecqueux, que acabava de chegar, se ofereceu

para chamar a sra. Roubaud. Foi-se com passadas largas e houve um momento de espera. Philomène, que chegara ao mesmo tempo, seguiu-o com os olhos, irritada por ele ter se oferecido. Mas vendo se aproximar a sra. Lebleu, que se apressava com toda a velocidade que permitiam suas pernas inchadas, ela foi ajudá-la. As duas ergueram mãos aos céus com grandes exclamações, exaltadas pela descoberta de tão abominável crime. Apesar de ninguém saber o que quer que fosse, versões já circulavam ao redor, na confusão assustada dos gestos e dos rostos. Sobrepondo-se ao zunzum das vozes, Philomène por conta própria afirmava, sem ter ouvido ninguém dizer, que a sra. Roubaud tinha visto o assassino. Mas o silêncio se impôs quando esta última surgiu, acompanhada por Pecqueux.

– Olhe só para ela! – murmurou a sra. Lebleu. – Veja se parece esposa de um subchefe, com esses ares de princesa! De manhã, antes do amanhecer já estava assim, penteada e vestida como se fosse visitar alguém.

Com passinhos regulares Séverine se aproximou. Tinha um longo trecho do cais a percorrer sob os olhares que a acompanhavam e se mantinha firme, apenas segurando o lenço junto às pálpebras, na imensa dor por que passava, depois de saber quem era a vítima. Trajando um vestido de lã preta, muito elegante, parecia já estar de luto por seu protetor. Os densos cabelos escuros brilhavam ao sol, pois sequer tivera tempo de cobrir a cabeça, apesar do frio. Os tão suaves olhos azuis, cheios de aflição e inundados de lágrimas tornavam sua imagem muito comovente.

– Tem bons motivos para chorar – disse a meia-voz Philomène. – Vão estar em maus lençóis, agora que perderam o deus protetor.

Quando Séverine chegou, no meio de toda aquela gente, diante da porta aberta do cupê, o sr. Cauche e Roubaud desceram, começando o marido a imediatamente dizer o que sabia.

– Não foi mesmo, querida? Ontem de manhã, assim que chegamos a Paris fomos ver o sr. Grandmorin... Por volta das onze e quinze, não foi?

Fitou-a intensamente e ela repetiu com docilidade:

– Foi, onze e quinze.

Mas seus olhos se fixavam na poltrona escura de sangue, ela teve uma contração, soluços profundos brotaram de sua garganta e o chefe de estação, sensibilizado, rapidamente interrompeu:

– Se a senhora não suportar a cena... Compreendemos muito bem sua dor...

– Serão apenas poucas palavras – aparteu o comissário. – Em seguida faremos com que acompanhem a senhora à sua casa.

Roubaud se apressou a continuar:

– Nessa ocasião, depois de falar de diferentes coisas, o sr. Grandmorin nos disse que iria no dia seguinte à casa da irmã, em Doinville... Posso vê-lo ainda, sentado à escrivaninha. Eu estava aqui, minha mulher ali... Não é, querida, ele não nos disse que viajaria no dia seguinte?

– Sim, no dia seguinte.

O sr. Cauche, que continuava a tomar notas rápidas a lápis, ergueu a cabeça.

– Como assim, no dia seguinte? Ele partiu na mesma noite!

– Espere um pouco! – explicou o subchefe. – Ele inclusive, quando soube que tomaríamos

o trem à tardinha, pensou em pegar o mesmo expresso que nós se minha mulher quisesse acompanhá-lo a Doinville para passar alguns dias com a irmã dele, como já haviam feito antes. Minha mulher, porém, achou que tinha muito que fazer aqui e não aceitou... Não se lembra, querida?

– Não aceitei, me lembro.

– Foi como tudo se passou. Ele foi muito atencioso... Preocupou-se comigo, nos acompanhou até a porta do escritório... Concorda, querida?

– Isso, até a porta.

– No final da tarde, pegamos o trem... Antes de irmos para nossa cabine, conversei com o chefe de estação, sr. Vandorpe. Nada vi demais. Fiquei bem aborrecido por ter achado que estávamos sozinhos mas havia, num canto, uma senhora que eu não tinha notado. Além disso, duas outras pessoas, um casal, ainda embarcaram no último instante... Até Rouen nada de particular a assinalar, nada notei... Mas em Rouen descemos para esticar um pouco as pernas e qual não foi nossa surpresa ao ver, a três ou quatro vagões do nosso, o sr. Grandmorin, de pé à porta de um cupê! “Presidente, o senhor afinal veio hoje? Não imaginamos que estivéssemos no mesmo trem!” E ele nos disse ter recebido um telegrama... Soou o apito e voltamos depressa à nossa cabine onde, aliás, não havia mais ninguém, todos os nossos companheiros de viagem haviam descido em Rouen, o que nada nos incomodou... Só isso! Foi só isso, não foi, querida?

– Só isso.

Por mais simples que tivesse sido, a narrativa impressionou muito os ouvintes. Todos se mantinham na expectativa, tentando compreender. O comissário, tendo parado de escrever, expressou a surpresa geral com a pergunta:

– E tem certeza de que não havia ninguém mais no cupê com o sr. Grandmorin?

– Tenho sim, plena certeza.

Um frisson percorreu os que ouviam. O mistério que se acrescentava irradiava medo, um friozinho que cada um sentiu passar pela nuca. Se a vítima estava só, quem poderia tê-la assassinado e lançado do cupê a três léguas de lá, antes de nova parada do trem?

No silêncio, ouviu-se a voz maldosa de Philomène:

– É meio estranho tudo isso.

Sentindo-se visado, Roubaud olhou para ela e fez um sinal com o queixo, como se quisesse dizer que também achava. E viu que Pecqueux e a sra. Lebleu, ao lado, também meneavam a cabeça. Todos tinham os olhos voltados para ele, esperando algo mais, algum detalhe esquecido que pudesse esclarecer o caso. Não havia a menor acusação naquelas expressões, mas ele acreditou se criar um início de desconfiança, a dúvida que um mínimo detalhe pode transformar em certeza.

– Extraordinário – murmurou o sr. Cauche.

– Realmente extraordinário – repetiu o sr. Dabadie.

Isso fez Roubaud tomar a decisão:

– Como também tenho certeza de que o expresso seguiu num só fôlego de Rouen a Barentin, em sua velocidade de praxe, sem que nada de anormal se pudesse observar... Digo isto porque, como já estivéssemos sozinhos, baixei a janela para fumar um cigarro e dei

algumas olhadas para fora, com perfeita noção dos barulhos do trem... Inclusive reconheci em Barentin, na plataforma, o sr. Bessièrre, que me sucedeu ali como chefe de estação. Fiz sinal para ele, que subiu no degrau do vagão para me cumprimentar enquanto trocamos umas três palavras... Não foi assim, querida? Podemos perguntar e o sr. Bessièrre vai confirmar.

Séverine, ainda imóvel e pálida, com seu fino rosto banhado em tristeza, mais uma vez concordou com o que dizia o marido.

– Vai confirmar, com certeza.

A partir disso, tornava-se impossível qualquer suspeita, uma vez que os Roubaud, tendo voltado a sua cabine em Rouen, tinham sido cumprimentados em Barentin por um amigo. A vaga desconfiança que o subchefe havia pressentido nos olhares se dissipou e o espanto geral cresceu. O caso assumia uma dimensão cada vez mais misteriosa.

– Prosseguindo – disse o comissário –, tem certeza de que ninguém, em Rouen, entrou no cupê depois que deixaram o sr. Grandmorin?

Com toda evidência, Roubaud não havia previsto a pergunta pois, pela primeira vez, ficou perturbado, provavelmente sem ter preparado a resposta com antecedência. Hesitante, olhou para a esposa.

– Não creio... Já fechavam as portas, apitavam, mal tivemos tempo de voltar ao nosso lugar... Além disso, o cupê é reservado, ninguém pode subir, tenho impressão...

Mas os olhos azuis de Séverine se arregalaram, ficaram tão grandes que ele se assustou por estar sendo afirmativo demais.

– Mas quem sabe... Pode ser que alguém tenha embarcado... Houve um verdadeiro corre-corre.

À medida que falava, a voz voltou a se mostrar segura, a nova história se afirmava.

– Por causa da festa em Le Havre, havia enorme multidão... Fomos obrigados a defender nossa cabine de passageiros de segunda e até de terceira classe... Além disso, a estação é mal iluminada, não se via grandes coisas, as pessoas se empurravam, gritavam, na confusão das partidas... Não sei, é bem possível que, sem saber como se encaixar ou aproveitando-se do tumulto, alguém tenha forçado a entrada no cupê, no último segundo.

Ele parou:

– É o que acha, querida? Não pode ter acontecido?

Arrasada, com o lenço nos olhos cansados, Séverine repetiu:

– Pode ter acontecido, provavelmente.

Uma pista tinha sido dada e, sem nada dizer, o comissário de vigilância e o chefe de estação trocaram um olhar satisfeito. Uma longa agitação movimentou a multidão, que sentia o término da investigação e se entregava à vontade de tecer comentários: suposições imediatamente circularam, cada qual tinha sua versão própria. Já há algum tempo os serviços da estação se encontravam meio que suspensos, pois todo o seu pessoal estava ali, fixado no drama. Foi então uma surpresa ver entrar sob o cais coberto o trem das 9h38. Houve certa correria, as portas se abriram e o fluxo de passageiros se espalhou pela plataforma. Mas quase todos os curiosos continuaram em volta do comissário que, por zelo de homem metódico, examinava uma última vez o cupê banhado em sangue.

Pecqueux, gesticulando entre a sra. Lebleu e Philomène, viu nesse momento o seu

maquinista, Jacques Lantier, que acabava de descer do trem e, parado, olhava de longe o amontoado de pessoas. Chamou-o veementemente com a mão. Jacques continuava imóvel. Afinal, lentamente se decidiu.

– O que há? – perguntou ao foguista.

Ele sabia do que se tratava e foi sem prestar muita atenção que ouviu a notícia do assassinato e as suposições feitas. O que o surpreendia e estranhamente sensibilizava era ter caído em plena investigação, voltar a ver o cupê percebido na escuridão a toda velocidade. Esticou-se, olhou para a poça de sangue coagulado na poltrona, reviu a cena do homicídio, reviu principalmente o cadáver estendido perpendicular à via, com sua garganta aberta. Depois, desviando o olhar, notou os Roubaud, enquanto Pecqueux continuava a contar a história, a maneira pela qual o casal estava envolvido no caso, a partida de Paris no mesmo trem que a vítima, as últimas palavras que haviam trocado em Rouen. Ao marido ele conhecia de vista e às vezes trocavam um aperto de mão, desde que ele assumira o serviço do expresso. À esposa havia percebido apenas de longe, afastando-se dela como de todas mais, em seu temor doentio. Naquele minuto porém, lacrimejando e pálida, com a suavidade assustada dos olhos azuis sob o peso negro da cabeleira, ela o impressionou. Não tirava mais os olhos dela e, nesse estranhamento, se perguntou por que os Roubaud e ele estavam ali, como os acontecimentos os haviam reunido diante daquele vagão do crime, o casal voltando de Paris na véspera e ele chegando de Barentin naquele instante.

– Eu sei! – disse o maquinista em voz alta, interrompendo o colega. – Estava justamente lá, na saída do túnel, à noite, e acho que vi alguma coisa, no momento em que o trem passou.

Isso causou enorme comoção e todos o cercaram. Ele próprio foi o primeiro a se sobressaltar, espantado, perturbado com o que acabara de dizer. Por que havia falado, tendo formalmente prometido a si mesmo se calar? Inúmeros bons motivos aconselhavam o silêncio! Mas as palavras tinham inconscientemente escapado dos seus lábios, olhando aquela mulher. Ela bruscamente afastou o lenço e fitou-o com seus olhos em lágrimas que ainda mais os aumentavam.

O comissário rapidamente se aproximou.

– Como? O que viu?

E Jacques, sob o olhar imóvel de Séverine, disse o que tinha visto: o cupê iluminado passando na noite, a todo vapor, e os perfis fugidios dos dois homens, um caído e o outro de faca em punho. Junto da mulher, Roubaud ouvia, fixando nele seus olhos arregalados e vivos.

– Então – perguntou o comissário – pode reconhecer o assassino?

– Não, creio que não!

– Usava paletó ou roupa de trabalho?

– Não posso afirmar nada. Pense bem, um trem que devia estar à velocidade de oitenta quilômetros!

Contra a sua vontade, Séverine trocou um olhar com Roubaud, que teve a força de comentar:

– De fato, teria que ter bons olhos.

– Pouco importa – concluiu o sr. Cauche –, é um depoimento muito importante. O juiz de instrução vai ajudar a enxergar melhor tudo isso... Sr. Lantier e sr. Roubaud, deem seus nomes

exatos para as citações.

Tinham chegado ao fim, os curiosos pouco a pouco se dispersaram e os serviços da estação voltaram à atividade normal. Roubaud, principalmente, teve que correr para dar atenção ao trem parador das 9h50, no qual os passageiros já embarcavam. Apertara a mão de Jacques com mais vigor do que de hábito e este último, ficando a sós com Séverine, atrás da sra. Lebleu, de Pecqueux e Philomène, que seguiam aos cochichos, se sentiu na obrigação de acompanhar a jovem sob o telheiro, até a escada dos funcionários, sem ter o que dizer, mas sem conseguir no entanto se afastar, como se um laço acabasse de se firmar entre os dois. A alegria do dia só havia aumentado e o sol resplandecente se elevava, tendo vencido as brumas matinais, na intensa limpidez azul do céu, enquanto o vento do mar, ganhando força com a maré crescente, trazia seu frescor salgado. Ao deixá-la finalmente, reencontrou aqueles olhos grandes, cuja suavidade aterrorizada e súplice tão profundamente o impressionara.

Mas ouviu-se um ligeiro apito. Era Roubaud dando o sinal de partida. A locomotiva respondeu com seu próprio silvo prolongado e o trem das 9h50 se movimentou, ganhou ritmo mais veloz e desapareceu distante, na poeira dourada do sol.

-
45. Sainte-Adresse é hoje quase um prolongamento de Le Havre pelo litoral. O forte de Tourneville desde 1976 perdeu a vocação militar e abriga instituições culturais.
 46. A rua ainda existe com o mesmo nome, entre a estação ferroviária e o *bassin* Vauban, uma das várias represas com águas do estuário do rio Sena e do mar, onde funcionavam os diferentes portos de mercadoria.
 47. Os *auvergnats*, nascidos nessa região do centro-oeste da França, na época ainda predominantemente camponesa e isolada dos grandes eixos de comunicação, eram pejorativamente vistos como pessoas de espírito terra a terra e tendências sovínas.
 48. O *commissaire de surveillance*, de modo geral, era funcionário do ministério público, prestando expediente na estação e tendo como função garantir a segurança da circulação ferroviária. Era também chamado para todo tipo de constatação legal no âmbito da ferrovia.

NAQUELE DIA, na segunda semana de março, o juiz de instrução, dr. Denizet, havia convocado novamente à sua sala no Palácio da Justiça de Rouen algumas testemunhas importantes do caso Grandmorin.

Há três semanas só se falava disso. A história havia abalado Rouen e agitado Paris, e os jornais da oposição, na violenta campanha que faziam contra o Império, passaram a usá-la como cavalo de batalha. A proximidade das eleições gerais, que preocupavam toda a política, incendiava a luta. Tinha havido na Câmara sessões das mais tempestuosas: uma em que acirradamente se disputou a validação de mandato de dois deputados ligados ao imperador e outra em que se criticou com violência a gestão financeira do prefeito departamental do Sena,⁴⁹ pedindo a eleição de um conselho municipal. E o caso Grandmorin, naquele momento, dava continuidade às agitações, com as versões mais extraordinárias circulando e os jornais imprimindo diariamente novas hipóteses, sempre ofensivas ao governo. Subentendia-se, por exemplo, que a vítima, frequentadora das Tuileries,⁵⁰ um ex-magistrado, comendador da Legião de Honra,⁵¹ dono de fortuna milionária, era dado às piores imoralidades. Além disso, não tendo o processo até então apresentado bom resultado, já se acusava de complacência a polícia e a magistratura, com ironias a respeito do assassino lendário que permanecia inencontrável. Como as críticas tinham boa dose de verdade, pareciam ainda mais difíceis de serem suportadas.

O dr. Denizet, então, perfeitamente se dava conta da pesada responsabilidade que tinha sobre os ombros. Ele próprio se entusiasmara, pois tinha ambições e há muito aguardava um caso daquela importância para demonstrar as altas qualidades de perspicácia e energia que achava ter. Filho de um grande criador normando de gado, havia cursado Direito em Caen e entrara na magistratura tardiamente, onde sua origem camponesa, agravada pela falência paterna, dificultara ainda mais seu avanço na carreira. Suplente em Bernay, Dieppe e Le Havre, levava dez anos para se tornar procurador imperial em Pont-Audemer. Depois disso, enviado a Rouen como suplente, há dezoito meses se tornara juiz de instrução, já com mais de cinquenta anos. Sem fortuna própria, tomado por necessidades que seu magro salário não satisfazia, vivia na dependência da magistratura mal paga, abraçada apenas pelos medíocres e na qual os mais sagazes se entredevoram, esperando se vender a bom preço. Ele próprio tinha inteligência bem viva, fina e até honesta, com amor pela profissão, apreciando aquela onipotência que o tornava, em sua sala de juiz, senhor absoluto da liberdade alheia. Apenas os interesses balizavam seu entusiasmo e era tão forte o desejo de ser condecorado e transferido a Paris que depois de se deixar levar, no primeiro dia do processo, pela busca da verdade, passara a avançar em seguida com extrema prudência, imaginando por todo lugar algum provável atoleiro em que a sua carreira podia afundar.

Diga-se que o dr. Denizet estava prevenido, pois logo no início da investigação um amigo o aconselhou ir a Paris, ao ministério da Justiça. Conversara então demoradamente com o secretário-geral, dr. Camy-Lamotte, personagem influente, encarregado das nomeações, em

constante relação com Tuileries. Era belo homem, que começara também como suplente, mas que as relações e o casamento tornaram deputado e grande oficial da Legião de Honra. O caso tinha naturalmente chegado às suas mãos, pois o procurador imperial de Rouen, assustado com a falta de clareza daquele drama em que aparecia como vítima um ex-magistrado, tivera a precaução de se remeter ao ministro que, por sua vez, repassou o problema para seu secretário-geral. E nesse ponto houve uma feliz coincidência: o dr. Camy-Lamotte fora discípulo do presidente Grandmorin, alguns anos mais moço, e tinham sido tão íntimos que ele o conhecia a fundo, inclusive em seus vícios. Assim sendo, foi com profundo pesar que falou da morte trágica do amigo, deixando claro ao dr. Denizet sua grande vontade de descobrir o culpado. Mas não escondeu que Tuileries não apreciava o barulho desproporcional que se fazia em torno do caso e ousou sugerir que se agisse com muito tato. Em suma, o juiz entendeu que melhor faria não se apressando demais e não assumindo riscos sem prévia aprovação. Inclusive voltara a Rouen com a certeza de que, por sua vez, o secretário-geral havia lançado seus próprios agentes, querendo também obter informações. Devia-se descobrir a verdade, inclusive para ocultá-la melhor, caso houvesse necessidade.

Dias então se passaram, mas o dr. Denizet, apesar de toda paciência, se irritava com as zombarias da imprensa. Era o seu lado policial que ressurgia, com focinho de pé como bom cão de caça. Deixou-se tomar pela vontade de encontrar a verdadeira pista, pela glória de ser o primeiro a farejar, mesmo que tivesse que abandonar tudo, caso recebesse ordem para isso. Enquanto esperava então uma carta do ministério, um conselho, um simples sinal – que não vinha –, ele ativamente voltou à investigação. Dos dois ou três encarceramentos que foram feitos, nenhum pôde ser mantido. Bruscamente, porém, a abertura do testamento do presidente Grandmorin despertou uma suspeita que já havia passado pela cabeça do juiz, logo no início: a possível culpa dos Roubaud. O documento, recheado de legados estranhos, tinha um que constituía Séverine herdeira da casa situada no local denominado Croix-de-Maufras. Tinha-se com isso um móbil para o crime, que até então se procurara em vão: sabendo do legado, os Roubaud poderiam ter assassinado o próprio benfeitor para imediatamente herdar. E o dr. Camy-Lamotte havia mencionado de forma particular a sra. Roubaud, por tê-la conhecido anos antes, ainda bem jovem, na casa do presidente. Mas eram muitas as improbabilidades, as impossibilidades materiais e morais! Desde que começara a voltar seu interesse nessa direção, o inquérito esbarrava a cada passo em fatos que se chocavam contra a concepção clássica de uma investigação judicial. Nada se esclarecia, faltava a grande clareza central, a causa primeira que a tudo iluminaria.

Outra pista havia e que o dr. Denizet não perdeu de vista, a pista fornecida pelo próprio Roubaud, de um homem que, no corre-corre da partida, poderia ter embarcado no cupê. Seria o famoso assassino não encontrado, legendário, com que todos os jornais da oposição faziam galhofas. O esforço processual se dirigiu primeiro ao reconhecimento desse homem em Rouen, sua estação de partida, e Barentin, onde provavelmente desembarcara. Nada se conseguiu de concreto, com algumas testemunhas negando inclusive a possibilidade de um cupê reservado ser tomado de assalto, enquanto outras davam informações extremamente contraditórias. A pista parecia não dar em nada até o juiz, interrogando o guarda-cancela Misard, ter conhecimento, sem querer, da dramática aventura de Cabuche e Louissette, jovem que, violentada pelo presidente, teria ido morrer na casa do amigo. Foi como um raio que caísse e, de uma só vez, o ato clássico de acusação se formulou em sua mente. Tudo se reunia ali, as

ameaças de morte do quebrador de pedras contra a vítima, seus antecedentes deploráveis, um álibi inabilmente evocado, impossível de se comprovar. Em segredo, num minuto de inspiração enérgica, ele fizera na véspera com que tirassem Cabuche da casinha em que morava no fundo de um bosque, uma espécie de toca perdida, onde encontrou uma calça suja de sangue. Mesmo sem querer ainda se entregar à convicção que o ganhava, prometendo a si mesmo não abandonar a hipótese dos Roubaud, o juiz exultava com a ideia de ser o único a ter tido faro suficiente para descobrir o verdadeiro assassino. Foi para se certificar de tudo isso que convocou a seu gabinete, naquele dia, várias testemunhas já ouvidas logo após o crime.

A sala do juiz de instrução ficava na lateral dando para a rua Jeanned'Arc, no velho edifício malconservado e junto do antigo palácio dos duques da Normandia, hoje transformado em Palácio da Justiça – que ele comprometia.⁵² O grande e triste cômodo, situado no andar térreo, era tão mal iluminado que no inverno era necessário acender o lampião já às três horas da tarde. Forrado com um papel de parede verde desbotado, tinha como único mobiliário duas poltronas, quatro cadeiras, a escrivaninha do juiz, a mesinha do escrivão e, na lareira sempre apagada, duas taças de bronze ao lado de um relógio de mármore negro. Atrás da escrivaninha, uma porta levava a uma sala em que o juiz eventualmente deixava as pessoas que queria manter à sua disposição, enquanto a porta de entrada dava diretamente para o amplo corredor com bancos, onde aguardavam ser chamadas as testemunhas.

À uma e meia, apesar de a convocação estar marcada para as duas horas, os Roubaud já se encontravam lá. Vinham de Le Havre e almoçaram às pressas num pequeno restaurante da Grande-Rue. Ambos de preto, ele de sobrecasaca e ela num vestido de seda com ares de senhora de certo status, o casal mantinha a atitude grave e circunspecta de quem perdeu um parente. Ela sentada num banco, imóvel e calada, enquanto ele, de pé e mãos nas costas, caminhava lentamente à frente da esposa. A cada volta, entretanto, os olhares se cruzavam e a ansiedade que procuravam disfarçar se estampava, como uma sombra, nas suas faces mudas. Apesar de tê-los enchido de alegria, herdar a propriedade de Croix-de-Maufras havia lhes reavivado os temores, pois a família do presidente, a filha principalmente, inconformada com as estranhas doações, tão numerosas que comprometiam metade da fortuna total, ameaçava abrir processo contra o testamento. A sra. de Lachesnaye, influenciada pelo marido, se mostrava particularmente dura com a ex-amiga Séverine, contra a qual levantava as mais graves suspeitas. Por outro lado, a lembrança de uma prova na qual Roubaud não pensou de início assombrava-o agora continuamente: a carta que ele mandara a mulher escrever para fazer com que Grandmorin se decidisse a partir, carta que seria encontrada caso o presidente não a tivesse destruído, e cuja letra seria fácil identificar. Mas o tempo felizmente estava passando e nada havia acontecido; a carta provavelmente tinha sido rasgada. Nem por isso, porém, a nova convocação ao gabinete do juiz de instrução deixava de causar calafrios ao casal, sob toda aquela postura de herdeiros e testemunhas.

Soaram as duas horas e Jacques apareceu, por sua vez. Vinha de Paris. Imediatamente Roubaud foi até ele de mão estendida, bem expansivo.

– Ah! Também o fizeram vir... Quanto incômodo, não é?, com esse caso que não termina!

Jacques, percebendo Séverine ainda sentada, imóvel, estancou. Há três semanas, dia sim, dia não, a cada viagem sua a Le Havre o subchefe se mostrava extremamente atencioso com

ele. Inclusive uma vez se sentiu obrigado a aceitar um convite para almoçar. Perto da jovem esposa, ele voltara a sentir aquele seu antigo arrepio familiar e uma crescente perturbação. Será que também a desejava? O coração batia forte, as mãos ardiam só de ver o contorno branco do pescoço, acima do decote da blusa. Estava então firmemente decidido a evitar qualquer aproximação.

– E o que dizem em Paris? – insistiu Roubaud. – Nada de novo, não é? Está vendo, nada sabem, nunca vão saber... Venha cumprimentar minha mulher.

Jacques foi arrastado, teve que ir até lá, deu boa-tarde a Séverine, que parecia pouco à vontade, sorrindo com seu ar de criança assustada. Fez imenso esforço para falar de coisas triviais, sob o olhar do marido e da esposa que não o largavam, como se tentassem ler para além até do seu pensamento, nos devaneios vagos em que ele próprio hesitava mergulhar. Por que se mostrava tão frio? Por que parecia querer evitá-los? Teriam suas lembranças despertado, seria para uma acareação que os haviam convocado? Era preciso conquistar aquela temível e única testemunha, atraí-la com laços tão estreitos de fraternidade que não teria mais coragem de depor contra eles.

Foi o subchefe, em cócegas, que voltou ao caso.

– Então, tem ideia do porquê dessa convocação? Acha que têm algo de novo? Jacques fez um gesto de indiferença.

– Corria um boato na estação, ainda há pouco quando cheguei. Falavam de uma prisão.

Os Roubaud ficaram surpresos, se agitaram bem perplexos. Como assim, uma prisão? Ninguém comentara nada com eles! Despejaram mil perguntas, mas o rapaz nada mais sabia.

Nesse momento, no corredor, um barulho de passos despertou a atenção de Séverine.

– Chegaram Berthe e o marido – ela murmurou.

Eram de fato os Lachesnaye. Passaram bem empertigados diante dos Roubaud, a jovem sequer olhou para a antiga companheira. E um funcionário imediatamente os fez entrar no gabinete do juiz de instrução.

– Teremos que nos armar de paciência – comentou Roubaud. – Vamos estar aqui por pelo menos duas horas... É melhor nos sentarmos!

Ele próprio acabava de se colocar à esquerda de Séverine e com a mão indicava o outro lado, perto dela. Jacques permaneceu de pé por um momento ainda, mas diante daquele olhar suave e assustado, sentou-se no banco. A moça parecia bem frágil entre os dois, passando a impressão de uma terna submissão, mas a leve mornidão que emanava do seu corpo durante a longa espera lentamente foi entorpecendo o maquinista.

Começavam os interrogatórios no gabinete do dr. Denizet. O processo já reunia um material volumoso, vários maços de papel organizados em diversas pastas azuis. Havia concentrado esforços em seguir a vítima desde sua partida de Paris. O chefe de estação Vandorpe havia acrescentado, no último momento antes da partida do expresso das 18h30, o carro 293. Foram registradas também as palavras trocadas com Roubaud, que subiu à sua cabine pouco antes da chegada do presidente Grandmorin, e a acomodação deste último no cupê, onde, sem sombra de dúvida, estava sozinho. Depois o maquinista do trem, Henri Dauvergne, perguntado sobre o que se passara em Rouen durante a parada de dez minutos, nada pôde afirmar. Viu os Roubaud conversando à frente do cupê e achava que tinham em

seguida voltado ao vagão deles, cuja porta um funcionário de plataforma fechou. Mas tudo isso era impreciso, no meio do tumulto da multidão e na semiobscuridade da estação. Chamado a opinar quanto à possibilidade de alguém, o famoso assassino que não se encontrava, ter penetrado no cupê no momento em que o trem partia, disse acreditar ser algo muito improvável, mas admitiu a possibilidade, pois já ouvira falar de dois casos semelhantes. Outros empregados da estação de Rouen, também interrogados sobre as mesmas questões, em vez de trazerem esclarecimentos mais confundiram os dados com respostas contraditórias. Um detalhe comprovado, no entanto, foi o aperto de mão entre Roubaud, no interior do vagão, e o chefe de estação de Barentin, sr. Bessière, de pé no degrau: o funcionário formalmente confirmou o cumprimento e acrescentou que o colega estava sozinho com a mulher, que, recostada, parecia dormir tranquilamente. Além disso, chegaram inclusive a localizar os passageiros embarcados em Paris e que ocuparam a mesma cabine que os Roubaud. A senhora gorda e o senhor gordo que entraram atrasados, no último minuto, burgueses de Petit-Couronne, declararam ter cochilado quase que imediatamente, sem poder dizer muito. Já a mulher de negro, muda em seu canto, desapareceu como uma sombra e foi absolutamente impossível encontrá-la. Mas descobriram-se outras testemunhas, pessoas da arraia-miúda que serviram para estabelecer a identidade dos passageiros que desceram naquela noite em Barentin, onde a vítima deveria desembarcar: contaram-se as passagens e todos os passageiros foram identificados, exceto um, justamente, um sujeito grande, com a cabeça protegida por um lenço azul, que uns diziam vestir um paletó e outros uma roupa de trabalhador. Apenas sobre esse homem misterioso, desaparecido como num sonho, havia um dossiê de trezentas e dez peças, mas tão confusas que cada testemunho desmentia outro.

E o processo ainda mais se complicava com a documentação judicial: o auto de constatação redigido pelo escrivão com observações do procurador imperial e do juiz de instrução sobre a cena do crime, toda uma volumosa descrição do local da via férrea em que jazia a vítima, da posição do corpo, da roupa, dos objetos encontrados nos bolsos e que permitiram que se estabelecesse a identidade; o laudo do médico levado ao local, peça em que demoradamente se descrevia, em termos científicos, o ferimento na garganta, lesão terrível e única, aberta com instrumento cortante, uma faca provavelmente; e outros depoimentos, outra documentação sobre o transporte do cadáver para o hospital de Rouen, sobre o tempo que lá permaneceu, até que a decomposição notavelmente rápida forçasse a autoridade a devolvê-lo à família. Mas de toda essa nova papelada chamavam atenção apenas dois ou três pontos importantes. Primeiro, nos bolsos não foram encontrados nem o relógio de algibeira, nem a pequena carteira em que deveria haver dez notas de mil francos, soma que o presidente devia à irmã, sra. Bonnehon, e que ela aguardava. Podia então parecer que o crime tinha o roubo como móbil, se um anel com um gráudo brilhante não tivesse ficado no dedo. Isso gerava ainda toda uma série de hipóteses. Não se tinha, infelizmente, a numeração das notas, mas o relógio era conhecido, um relógio robusto, de corda, tendo na caixa as duas iniciais entrelaçadas do presidente e no interior o número de fabricação, 2516. A arma, por fim, a faca que o assassino havia utilizado, foi objeto de buscas consideráveis, ao longo da via, nos matagais em volta, por onde poderia ter sido jogada, mas tudo foi infrutífero, o assassino devia tê-la escondido no mesmo buraco que o dinheiro e o relógio. Só o que se encontrou como objeto comprometedor, abandonado cerca de cem metros antes da estação de Barentin, foi a manta de viagem da vítima. Figurava entre as provas do processo.

Quando os Lachesnaye entraram, o dr. Denizet relia de pé, diante da escrivãzinha, um dos primeiros interrogatórios que o escrivão acabava de localizar no processo. Era um homem baixo e espadaúdo, sem barba e já grisalho. Bochechas volumosas, queixo quadrado e nariz largo, tudo isso numa imobilidade macilenta que as pálpebras pesadas, caindo por cima dos olhos claros, sublinhavam. Toda a sagacidade, porém, toda a habilidade que ele supunha ter se concentrava na boca, uma dessas bocas de ator encenando seus sentimentos ao público, com lábios de extrema mobilidade, que se afinavam nos minutos em que ele se tornava mais sutil. Tanta sutileza muitas vezes acabava sendo sua perdição, pois era perspicaz demais, manipulava demais a simples e pura verdade, por ideal profissional, procurando ser uma espécie de anatomista moral, dotado de dupla percepção, com muito tino. Diga-se, aliás, que de forma alguma era um tolo.

Mostrou-se imediatamente cavalheiresco com a sra. de Lachesnaye, pois continuava sendo, apesar de tudo, um magistrado mundano, que frequentava a boa sociedade de Rouen e arredores.

– Por favor, senhora, queira se sentar.

Ele próprio puxou a poltrona para a jovem, uma loura frágil, de aparência desagradável e feia em seus trajes de luto. Já com o sr. de Lachesnaye, louro também e magro, foi apenas polido e até meio arrogante. Isso porque o homenzinho, conselheiro da corte desde os trinta e seis anos de idade, condecorado graças à influência do sogro e aos serviços que o pai, também magistrado, outrora havia prestado nas Comissões Mistas,⁵³ representava a seu ver a magistratura de favor, a magistratura rica, os medíocres que se estabelecem tendo certeza de rápida ascensão, pelo parentesco ou pela fortuna. Ele, porém, pobre e sem protetores, sempre estivera reduzido à situação humilhada do solicitante para avançar na carreira, sob a ameaça de uma pedra que o tempo todo o podia fazer rolar ladeira abaixo. De forma que não o deixava descontente mostrar, naquele gabinete, sua onipotência, o absoluto poder que tinha sobre a liberdade de todos, a ponto de com uma só palavra transformar em suspeito uma testemunha e ordenar sua imediata prisão, se assim lhe aprouvesse.

– A senhora me perdoe ter ainda que torturá-la com essa dolorosa história. Sei que tanto quanto nós deseja o completo esclarecimento, para que o culpado expie o seu crime.

Fez um sinal para o escrivão, um rapaz amarelado, de rosto com ossos proeminentes, indicando o início do interrogatório.

Desde as primeiras perguntas à esposa, o sr. de Lachesnaye, que se sentara por conta própria, vendo ser inútil esperar que lhe oferecessem lugar, tentou se impor. Deixou que se percebesse todo seu amargor contra o testamento do sogro. Como algo assim era possível? Legados em tal quantidade e tão importantes que comprometiam a metade da fortuna, uma fortuna de três milhões e setecentos mil francos! E isso para pessoas desconhecidas, na maioria, mulheres de todas as classes! Havia até uma pequena vendedora de violetas, com banca junto a um arco da rua du Rocher. Era inaceitável e ele aguardava apenas que o processo criminal terminasse para ver se não haveria meio de anular aquele testamento imoral.

Enquanto assim se lamentava, dentes cerrados, mostrando claramente o tolo que era, o provinciano de teimosias arraigadas, mergulhado na avareza, o dr. Denizet o observava com seus grandes olhos claros e semicobertos, e sua boca fina exprimia um desdém cheio de

inveja por aquele inapto a quem dois milhões não bastavam e que provavelmente estaria um dia sob a púrpura suprema,⁵⁴ graças a tanto dinheiro.

– Creio que o cavalheiro estaria cometendo um erro. O testamento só poderia ser questionado se a totalidade desses legados ultrapassasse a metade da fortuna, o que não é o caso.

Virando-se em seguida para o escrivão:

– Diga, Laurent, não está registrando tudo isso, espero?

Com um vago sorriso o funcionário o tranquilizou, como alguém que sabe o que faz.

– Era só o que faltava! – exaltou-se ainda mais o sr. de Lachesnaye. – Não pense que vou deixar Croix-de-Maufras para esses Roubaud. Um presente desse para a filha de um empregado? E a troco de quê? Além de estar provado que têm relação com o crime...

O dr. Denizet aproveitou a deixa:

– Acha mesmo?

– Como não? Já que sabiam do testamento, fica demonstrado o interesse que tinham na morte de meu sogro... Note, além disso, que foram os últimos a falar com ele... Ou seja, tudo isso parece bem suspeito.

Irritado com a invasão no que era a sua nova hipótese, o juiz se voltou para Berthe.

– E a senhora, acha sua velha amiga capaz de semelhante crime?

Antes de responder ela olhou para o marido. Poucos meses de vida em comum haviam bastado para que a amargura, a frieza de ambos se comunicasse e se somasse. Tornavam-se piores juntos; ele é que a colocara contra Séverine a ponto de, para reaver a casa, ser capaz de mandá-la imediatamente para trás das grades.

– Santo Deus! A pessoa a quem se refere tem péssimos instintos, desde criança – ela terminou dizendo.

– Acusa-a, então, de ter se comportado mal em Doinville?

– Isto não, doutor! Meu pai não a teria mantido em casa.

Nessa reação, quem de fato se exprimia era o falso recato da boa burguesa, que nunca tivera uma falta a ser recriminada e que se orgulhava de ser uma das virtudes mais incontestáveis de Rouen, cumprimentada e bem recebida por todo lugar.

– Quando, no entanto – ela continuou –, a pessoa tem hábitos de leviandade e dissipação... O que quero dizer, doutor, é que vejo agora muito do que antes acreditava não ser possível.

Novamente o dr. Denizet deixou escapar um gesto de impaciência. Não era mais a pista que o interessava e quem quer que nela insistisse se tornava um adversário, indo contra a segurança da sua inteligência.

– Raciocinem comigo – ele exclamou. – Pessoas como os Roubaud não saem matando alguém como o seu pai para herdar mais rapidamente. Ou pelo menos haveria indícios dessa precipitação, eu veria em outros detalhes traços desse afã para possuir e usufruir. Não, como móbil não é suficiente, teria que haver outro e não vejo nenhum, os senhores não trouxeram nenhum mais... Além disso, reconstituam os fatos, não veem impossibilidades materiais? Ninguém viu os Roubaud penetrando no cupê, um funcionário inclusive praticamente afirma

que eles voltaram à própria cabine. E como com certeza ali continuavam ao chegar a Barentin, seria preciso admitir um vaivém até o cupê do presidente, atravessando três outros vagões, e isso durante os poucos minutos do trajeto, com o trem a toda velocidade. Acham plausível? Interroguei maquinistas, chefes de trem. Todos confirmaram que só muita prática podia dar sangue-frio e energia bastante para isso... A mulher, em todo caso, não conseguiria, e o marido teria se arriscado sozinho. E para quê? Para matar um protetor que acabava de tirá-los de forte dificuldade? Não, realmente não! A hipótese não se sustenta, é preciso procurar outra coisa... Sim, um homem que embarcasse em Rouen e descesse na primeira estação, tendo recentemente feito ameaças de morte à vítima...

Em seu entusiasmo, havia chegado à sua mais recente tese e já ia falar demais quando a porta foi entreaberta e o meirinho passou a cabeça pelo vão. Mas antes que dissesse qualquer coisa uma mão enluvada abriu totalmente a porta e uma senhora loura entrou. Trajava um luto muito elegante, ainda bela, passados os cinquenta anos, uma beleza opulenta e forte de deusa envelhecida.

– Sou eu, meu caro juiz. Estou atrasada e o senhor me desculpa, não é? Os caminhos estão impraticáveis. As três léguas entre Doinville e Rouen hoje pareciam seis.

O dr. Denizet galantemente se levantou.

– A saúde se mantém boa, senhora, desde o último domingo?

– Muito boa... E o senhor, caro juiz, recuperou-se do susto que meu cocheiro lhe causou? Contou-me que quase tiveram um acidente quando o levou de volta, a apenas dois quilômetros do castelo.

– Ah! Um simples sacolejo. Já nem me lembrava... Queira sentar. Como disse ainda há pouco à sra. de Lachesnaye, desculpe se volto a despertar a sua dor com esse horrível caso.

– Por Deus! Já que é necessário... Boa tarde, Berthe! Boa tarde, Lachesnaye! Era a sra. Bonnehon, irmã da vítima, que beijou a sobrinha e apertou a mão do seu marido. Viúva desde os trinta anos de um dono de fábrica que deixou boa fortuna – e já era bastante rica antes, pois na divisão dos bens familiares com o irmão ficara com a propriedade de Doinville –, levou uma existência agradável, cheia, ao que diziam, de repentinas paixões, mas de forma tão correta e franca que sempre manteve situação arbitral na sociedade rouenense. Ocasionalmente e por tendência natural, seus amores ocorriam na magistratura e há vinte e cinco anos recebia no castelo o mundo judiciário, toda aquela gente do Palácio que os seus carros traziam de Rouen e levavam de volta, em constante festa. E não tinha ainda se aposentado, pois falava-se do maternal carinho que guardava por um jovem suplente, filho de um conselheiro da corte, dr. Chaumette: esforçava-se pelo avanço profissional do rapaz e cumulava o pai com agrados e cortesias. Conservava, além disso, um bom amigo dos tempos de outrora, também conselheiro e solteiro, o dr. Desbazeilles, glória literária do tribunal de Rouen, autor de sonetos finamente escritos. Por vários anos ele manteve quarto particular em Doinville e ainda hoje, apesar dos seus mais de sessenta anos, ia frequentemente jantar, como velho amigo a quem o reumatismo permitia apenas lembranças do passado. A sra. Bonnehon conservava então a realeza, pelo apuro com que se mantinha, apesar da velhice ameaçadora, e ninguém pensava em disputar o status que construía. Apenas no último inverno havia pressentido uma rival na pessoa da sra. Leboucq, também mulher de um conselheiro, uma vistosa morena de trinta e quatro anos, realmente muito apresentável, cuja casa a magistratura começava a frequentar com

assiduidade. Apesar do notório bom humor da velha senhora, isso lhe causava uma ponta de melancolia.

– Se permitir, senhora, farei então algumas perguntas – retomou o dr. Denizet.

O interrogatório dos Lachesnaye terminara, mas o juiz não os havia liberado: seu tão triste e frio gabinete ganhava, naquela tarde, ares de salão mundano. O fleumático escrivão novamente se preparou, de pena em punho.

– Uma testemunha mencionou um telegrama que o seu irmão teria recebido, chamando-o com urgência a Doinville... Não encontramos o menor sinal desse telegrama. A senhora enviou algo assim?

Muito à vontade e sorridente, a sra. Bonnehon respondeu em tom de alegre conversação.

– Não escrevi a meu irmão. Esperava uma visita sua, sabia que viria, mas não tínhamos marcado data. Ele em geral chegava sem avisar, e quase sempre por um trem noturno. Como ficava num pavilhão isolado na propriedade, dando para uma ruela deserta, nem o ouvíamos chegar. Pegava em Barentin um carro de aluguel e só o víamos no dia seguinte, às vezes já bem tarde, como um vizinho de longa data que viesse em visita... Daquela vez estava esperando por ele, que devia trazer uma soma de dez mil francos, um acerto de contas entre nós. É muito provável que carregasse consigo esse dinheiro. Por isso desde o início achei que o mataram para roubar, simplesmente.

O juiz deixou reinar um curto silêncio. Em seguida, olhou-a de frente:

– O que acha da sra. Roubaud e do marido?

A reação foi um claro gesto de protesto.

– Não, meu caro dr. Denizet, não vá se perder indo atrás dessas boas pessoas... Séverine era ótima menina, meiga, atenciosa até, e encantadora, o que não prejudica a ninguém. Creio, já que me faz repetir, que ela e o marido são incapazes de qualquer ação maldosa.

Ele concordou com a cabeça, triunfante, com rápida olhada para a sra. de Lachesnaye. Esta, sentindo-se atingida, quis intervir.

– Acho minha tia um tanto condescendente.

Esta última então não se conteve, com sua habitual maneira franca de falar.

– Pare com isso, Berthe, nunca vamos estar de acordo nesse ponto... Era uma menina alegre, que gostava de rir. E tinha toda razão... Sei perfeitamente o que o seu marido e você pensam disso. Na verdade, é preciso que o interesse perturbe a cabeça dos dois para que se espantem assim com o fato de seu pai ter deixado Croix-de-Maufras à boa Séverine... Foi quem a criou, deu-lhe um dote de casamento, nada mais natural que a incluísse no testamento. Não a considerava um pouco como filha?... Ah! Querida, o dinheiro conta muito pouco na felicidade!

A sra. Bonnehon, é verdade, sempre fora riquíssima e demonstrava absoluto desinteresse. Inclusive, por charme de mulher bonita e adorada, constantemente procurava citar a beleza e o amor como única razão de se viver.

– Roubaud foi quem mencionou o telegrama – lembrou secamente o sr. de Lachesnaye. – Se não houve telegrama, o presidente não pode ter dito que recebeu. Por que Roubaud mentiu?

– O presidente pode perfeitamente ter inventado o telegrama para explicar a súbita partida aos Roubaud – exaltou-se o dr. Denizet. – Pelo que disseram, ele só partiria no dia seguinte e,

estando no mesmo trem, precisou dar um pretexto qualquer, se não quisesse dizer o verdadeiro motivo que, aliás, ignoramos... Isso não tem importância, não leva a lugar nenhum.

Novo silêncio se fez. Ao continuar, o juiz voltara a estar calmo e cauteloso.

– Mas agora preciso, sra. Bonnehon, tocar num assunto particularmente delicado e peço que desculpe a natureza das perguntas. Ninguém mais do que eu respeita a memória do seu irmão... mas circulam histórias, não é? Falam de amantes.

Ela voltou a sorrir, com infinita condescendência.

– Ah, caro doutor, na idade dele!... Meu irmão enviuvou muito cedo, nunca me dei ao direito de achar errado o que ele próprio achava certo. Viveu então como quis, sem que eu me envolvesse na sua existência. O que posso dizer é que sempre manteve sua posição e até o fim se fez respeitar pela melhor sociedade.

Berthe, revoltada por estarem, na sua presença, falando das amantes do pai, havia baixado os olhos, enquanto o marido, tão incomodado quanto a esposa, plantou-se à janela, de costas para a sala.

– Desculpe se insisto – continuou o dr. Denizet. – Não houve um incidente com uma camareira da sua casa?

– Houve sim, Louissette... Porém, caro doutor, era uma corrompida que aos quatorze anos frequentava um homem com histórico judicial. Quiseram explorar a sua morte contra o meu irmão. Trata-se de uma indignidade, vou lhe contar como tudo se passou.

Ela provavelmente estava de boa-fé. Apesar de não desconhecer as tendências do presidente e a sua morte trágica não a ter surpreendido, sentia contudo a necessidade de defender a alta situação da família. Aliás, na infeliz história de Louissette, mesmo achando o irmão perfeitamente capaz de querer a mocinha, estava igualmente convencida dos precoces vícios desta última.

– Imagine uma criança, ah!, tão pequena, tão delicada, lourinha e rosada como um anjo, e meiga, além de tudo, meiguice de santa que lhe abriria as portas do céu sem confissão... Pois bem! Antes dos quatorze anos era ligada a um bruto da pior espécie, um quebrador de pedras chamado Cabuche, que acabava de cumprir cinco anos de prisão por ter matado um homem num cabaré. O sujeito vivia em estado selvagem, no limiar da floresta de Bécourt, onde o pai, morto de desgosto, lhe deixara um barracão feito de troncos de árvore e barro. Ele teimava em explorar um resto das pedreiras abandonadas que no passado, ao que dizem, forneceram a metade da matéria-prima com que se construiu Rouen. Era no fundo dessa toca que a menina ia encontrar seu lobisomem, de quem todos na região tinham tanto medo que ele vivia completamente só, como um pestilento. Frequentemente eram vistos juntos, perambulando no bosque de mãos dadas, ela tão bonitinha e ele enorme e bestial. Ou seja, uma licenciosidade só... É claro, eu só soube de tudo isso mais tarde. Havia aceitado Louissette em casa quase por caridade, como boa ação. A família dela, os Misard, que eu sabia serem pobres, tinha evitado dizer o quanto bateram na criança, sem nem por isso conseguirem impedir que fosse atrás do tal Cabuche assim que a porta fosse deixada aberta... E foi como o acidente aconteceu. Meu irmão, em Doinville, não tinha criadagem própria. Louissette e outra empregada cuidavam do pavilhão isolado que ele ocupava. Tendo ido sozinha até lá, certa manhã, ela em seguida desapareceu. Para mim, há muito tempo já premeditava uma fuga, quem sabe o amante a esperava e levou-a... Mas o terrível foi que, cinco dias depois, o boato da morte de Louissette

circulou, mencionando uma tentativa de estupro por parte do meu irmão, em circunstâncias tão monstruosas que a menina, apavorada, fugiu para a casa de Cabuche e lá, pelo que diziam, teria morrido de febre maligna. O que de fato aconteceu? Tantas versões circularam que é difícil dizer. De minha parte acredito que Louissette realmente morreu de febre, pois foi o que um médico constatou, dada à imprudência das noites sob as estrelas e de passeios nos alagados... O senhor imagina, caro doutor, meu irmão suplicando a menina? É odioso, impossível.

Durante a narrativa, o dr. Denizet havia escutado atentamente, sem concordar nem discordar. A sra. Bonnehon se sentiu então ligeiramente incomodada em sua conclusão, mas afinal se decidiu:

– Juro, de jeito nenhum estou dizendo que meu irmão não tenha querido se aproveitar dela. Gostava de jovens e era bem alegre, sob a aparente sisudez. Resumindo, admitamos que a tenha beijado.

Ao ouvir isso, houve uma reação pudica entre os Lachesnaye.

– Tia! Por favor!

Mas ela deu de ombros: com a justiça, para que mentir?

– Pode ter beijado, feito umas tentativas, é possível. Não é crime... E o que me faz admitir isso é que a invenção não veio de Cabuche. Louissette foi quem provavelmente mentiu, a pervertida que exagerou as coisas, talvez para que o amante a aceitasse em casa, de maneira que ele, homem bruto, como disse, acabou imaginando, de boa-fé, que tinham matado sua namorada... Ficou realmente louco de raiva e repetia nos cabarés que frequentava que se o presidente caísse em suas mãos ele o degolaria como a um porco...

O juiz, até então em silêncio, bruscamente interrompeu.

– Disse realmente isto? Há testemunhas que possam confirmar?

– Meu caro doutor! Pode encontrar quantas quiser... Resumindo, uma história bem desagradável, que nos causou muito incômodo. Felizmente a posição de meu irmão o deixava acima de qualquer suspeita.

A sra. Bonnehon acabava de compreender qual nova pista seguia o dr. Denizet e se preocupou, preferindo não ir além, questionando-o, por sua vez. Ele se levantou, disse não querer abusar demais da dolorida boa vontade da família. Por ordem sua, o escrivão leu os interrogatórios para que as testemunhas assinassem. Tinham sido perfeitamente transcritos, tão corretamente isentos de palavras desnecessárias e comprometedoras que a sra. Bonnehon, segurando a pena para assinar, prestou mais atenção no tal Laurent, pálido e ossudo, que ela até então sequer tinha notado.

Depois, acompanhada pelo juiz até a porta, junto com o casal Lachesnaye, ao se despedir apertou-lhe as mãos.

– Até breve, não é? Sabe que o esperamos em Doinville... E agradeço, é um dos meus últimos fiéis.

O sorriso se mesclou de melancolia, mas a sobrinha, que de maneira seca foi a primeira a sair, mal o cumprimentou.

Sozinho na sala, o dr. Denizet respirou por um minuto e parou de pé, refletindo. O caso ficava mais claro. Era provável que tivesse havido violência por parte de Grandmorin, que

tinha esta reputação. Isso tornava a investigação mais delicada e ele decidiu aumentar a prudência até que o esperado parecer do ministério viesse. Mas não deixava de se sentir triunfante. Finalmente tinha o culpado.

Depois de retomar seu lugar na escrivania, chamou o meirinho.

– Mande entrar o sr. Jacques Lantier.

No banco do corredor, os Roubaud continuavam esperando com gravidade, sonolentos de paciência, mas às vezes agitados por algum tique nervoso. E a voz do meirinho chamando Jacques pareceu despertá-los com um leve susto. De olhos bem abertos o acompanharam até que desaparecesse na sala. Voltaram em seguida à espera ainda mais pálidos, em silêncio.

Todo aquele caso há três semanas perturbava Jacques com um mal-estar, como se as coisas pudessem acabar se voltando contra ele. Era tolice, pois nada tinha feito de errado, sequer se mantivera em silêncio. Mas foi com um calafrio culpado que entrou na sala do juiz, como quem teme ter seu crime descoberto, na defensiva diante das perguntas, tomando todo cuidado, com medo de falar demais. Pois também poderia ter matado: não se podia ler isso nos seus olhos? Eram extremamente desagradáveis aquelas convocações judiciais, ele sentia uma certa raiva e não escondia querer que parassem logo de chateá-lo com histórias que não lhe diziam respeito.

Naquele dia, aliás, o dr. Denizet insistiu apenas na descrição do assassino. Jacques era a única testemunha a ter visto alguma coisa, único a poder dar informações precisas. Mas o rapaz não se afastou do seu primeiro depoimento, repetindo que a cena do crime se mantinha em sua lembrança como visão de um segundo apenas, uma imagem tão fugidia que permanecia meio sem forma, abstrata. Apenas um homem degolando outro, nada mais. Por meia hora o juiz, com lenta obstinação, o crivou de perguntas, na verdade sempre a mesma, sob as mais diferentes formas imagináveis: ele era grande? Pequeno? Tinha barba? Cabelos compridos ou curtos? Que tipo de roupa usava? A que classe social parecia pertencer? Perturbado, Jacques continuava sempre a dar respostas vagas.

– Para terminar – perguntou bruscamente o dr. Denizet, olhando-o bem de frente –, seria capaz de reconhecê-lo, se o visse?

Seguidos e rápidos batimentos de pálpebras, cheios de aflição, reagiram ao olhar que parecia vasculhar o seu cérebro. Era como se a sua própria consciência fizesse a pergunta em voz alta.

– Reconhecer... talvez... pode ser.

Mas quase imediatamente o seu estranho medo de uma cumplicidade inconsciente o lançou de volta às evasivas.

– No entanto, não, não creio, nunca poderia afirmar. Imagine só! Uma velocidade de oitenta quilômetros por hora!

Com um gesto de desânimo, o juiz ia fazê-lo passar à sala ao lado, para mantê-lo à disposição, quando mudou de ideia.

– Fique, continue sentado.

E chamou novamente o meirinho.

– Mande entrar o sr. e a sra. Roubaud.

Assim que entraram, vendo Jacques, o olhar de ambos se turvou com uma hesitação

apreensiva. Teria falado? Estavam ali para uma acareação? Toda a segurança se desfez, só de sabê-lo presente, e foi com voz um pouco surda que começaram a responder. Mas o juiz simplesmente retomava o primeiro interrogatório e eles tiveram apenas que repetir as mesmas frases, quase idênticas, enquanto o magistrado ouvia, de cabeça baixa, sem sequer olhá-los.

De repente, porém, voltou-se para Séverine.

– A senhora disse ao comissário de vigilância, cujo depoimento tenho em mãos, acreditar que um homem pudesse ter embarcado no cupê em Rouen, quando o trem já se punha em movimento.

Ela ficou paralisada. Por que estaria lembrando esse detalhe? Seria uma armadilha? Talvez quisesse, juntando suas declarações, fazer com que caísse em contradição? Com uma rápida olhada, consultou o marido, que interveio com prudência.

– Não creio, doutor, que minha mulher tenha sido tão categórica.

– Desculpe... Mas quando o senhor levantou a possibilidade, sua esposa confirmou: “Pode ter acontecido, provavelmente”... Pois quero saber, senhora, se tinha motivos particulares ao falar assim.

Ela acabou se confundindo completamente, convencida de que, se não tomasse cuidado, de resposta em resposta seria levada à confissão. No entanto, não podia ficar em silêncio.

– De forma alguma, doutor, nenhum motivo... Devo ter feito o comentário a título de simples raciocínio, porque de fato era difícil explicar de outra maneira o que aconteceu.

– Então não viu o homem, nada pode nos dizer a seu respeito?

– Não vi, doutor, nada posso dizer!

O dr. Denizet deu a impressão de abandonar esse ponto da investigação, mas imediatamente voltou a ele, dirigindo-se a Roubaud.

– E o senhor, como pode não ter visto o homem, caso ele tenha realmente embarcado, se em seu depoimento disse conversar ainda com a vítima quando soou o apito para a partida?

Aquela insistência estava deixando aterrorizado o subchefe de estação, ansioso para descobrir qual partido devia tomar, se abandonava ou não a invenção daquele personagem. Se houvesse provas contra ele, a hipótese do assassino desconhecido não seria sustentável e poderia inclusive agravar o seu caso. Esperando ganhar tempo para entender, deu explicações confusas e demoradas.

– É realmente pena – voltou o dr. Denizet – que suas lembranças sejam tão pouco claras, pois poderiam nos ajudar a acabar com desconfianças que se espalharam sobre diversas pessoas.

A Roubaud a observação pareceu tão direta que o assaltou uma irresistível necessidade de se inocentar. Achou ter sido descoberto e imediatamente se decidiu.

– Trata-se de um caso de consciência! A gente hesita, às vezes, o senhor sabe, é quase natural. Se eu lhe disser que acho mesmo ter visto o homem...

O juiz teve um gesto de vitória, achando ser graças à sua habilidade que conseguia aquele início de franqueza. Sempre dizia conhecer por experiência a estranha dificuldade que certas testemunhas têm a confessar o que sabem. E gabava-se de ser capaz de fazê-las falar apesar dessas indecisões.

– Diga, então... Como era? Grande, pequeno, do seu tamanho mais ou menos?

– Não, não, muito maior... Pelo menos foi a minha impressão, pois é uma simples impressão, um sujeito em quem tenho quase certeza de haver esbarrado, quando voltei correndo ao meu vagão.

– Espere – disse o dr. Denizet.

E voltando-se a Jacques, perguntou:

– O homem que rapidamente percebeu, de faca em punho, era maior do que o sr. Roubaud?

O maquinista já se impacientava, receando perder o trem das 17h00. Ergueu os olhos e examinou Roubaud, parecendo nunca tê-lo olhado direito. Espantou-se descobrindo que era atarracado, forte, com um perfil bem singular, que ele já havia visto em outro lugar, talvez em sonho.

– Não. Não maior, mais ou menos do mesmo tamanho – resmungou.

O subchefe de estação reagiu com veemência.

– Nada disso! Muito maior, um bom palmo, pelo menos.

Jacques permaneceu um bom tempo a fixá-lo e, sob esse olhar no qual se percebia uma crescente surpresa, Roubaud se agitava, como se quisesse escapar da semelhança consigo mesmo. Séverine igualmente seguia, gelada, o surdo trabalho de memória que as feições do rapaz exprimiam. Claramente ele primeiro se surpreendera com certas analogias entre o marido e o assassino, e acabava agora de ter a brusca certeza de ser Roubaud o assassino, conforme boatos que já circulavam. Estava então à mercê da emoção dessa descoberta, boquiaberto, sem que fosse possível saber ao certo o que faria, pois ele próprio não sabia. Se falasse, o casal estava perdido. Os olhos de Roubaud encontraram os dele, os dois se observaram na profundidade das suas almas. Houve um silêncio.

– Então não concordam – retomou o juiz. – Pode tê-lo visto menor, provavelmente pela posição curvada em que devia estar, lutando com a vítima.

Ele também olhava atento para os dois homens. Não era como havia imaginado se servir do confronto, mas por instinto profissional sentiu que a verdade estava no ar, naquele minuto. A confiança na pista Cabuche ficou inclusive abalada. Teriam razão os Lachesnaye? Seriam os culpados, indo contra todas as aparências, aquele funcionário correto e sua mulher tão meiga?

– O homem tinha barba cheia, como o senhor? – ele perguntou a Roubaud, que teve força para responder sem que a voz tremesse:

– Barba cheia? Não, não! Barba nenhuma, acho.

Jacques entendeu que a mesma pergunta lhe seria feita. O que responder? Pois poderia jurar que o homem tinha barba. Aquelas pessoas não o interessavam em nada, por que afinal não dizer a verdade? Desviando porém seus olhos do marido, encontrou os da mulher, que estampavam tão ardente súplica, um devotamento tão integral de toda a sua pessoa que ficou desconcertado. O antigo arrepio o percorreu: será então que a amava, como simplesmente se ama, sem o monstruoso desejo de destruição? E nesse momento, num singular reviramento do seu transtorno, pareceu-lhe que sua memória se obscurecia, ele deixava de reconhecer em Roubaud o assassino. A visão voltou a ficar pouco nítida, com a dúvida ganhando espaço a ponto de fazê-lo perceber que se arrependeria mortalmente se falasse.

O dr. Denizet fez a pergunta:

– O homem tinha barba cheia, como o sr. Roubaud?

E ele respondeu de boa-fé:

– Excelência, na verdade nada posso afirmar. Uma vez mais, tudo foi muito rápido. Não sei o que dizer.

O juiz no entanto insistiu, querendo acabar de vez com as próprias suspeitas com relação ao subchefe. Voltou a pressionar este último, voltou a pressionar o maquinista e conseguiu do primeiro uma completa descrição do assassino, grande, forte, sem barba, vestido com roupa de trabalho; em tudo o contrário dos seus próprios traços. Do segundo extraiu apenas monossílabos evasivos, o que fortalecia as afirmações do outro. Com isso o juiz voltava à sua convicção anterior: estava na pista certa e o retrato que a testemunha fazia do assassino era tão exato que cada novo detalhe se acrescentava àquela certeza. O mesmo casal do qual tão injustamente se desconfiava é que, com seu depoimento arrasador, faria cair a cabeça do culpado.⁵⁵

– Entrem aqui – disse ele aos Roubaud e a Jacques, fazendo-os passar para o cômodo vizinho, depois de terem assinado seus depoimentos. – Esperem que eu os chame.

Imediatamente deu ordem para que trouxessem o prisioneiro. E estava tão satisfeito que levou o bom humor até o ponto de dizer ao escrivão:

– Laurent, pegamos o homem.

A porta foi aberta neste ínterim e dois policiais entraram, trazendo um rapaz grande, de idade entre vinte e cinco e trinta anos. Retiraram-se depois de um sinal do juiz e Cabuche ficou sozinho no meio do gabinete, atordoado, crispado como fera acuada. Era um rapagão de pescoço forte, punhos enormes, louro, pele muito branca, barba rala, quase uma penugem dourada, que ondulava sedosa. As faces maciças e a testa curta indicavam a violência de alguém tacanho, à mercê da sensação imediata, mas a isso se acrescentava uma necessidade de terna submissão, que se espelhava na boca larga e no nariz quadrado de cão fiel. Brutalmente arrancado do fundo da sua toca de manhã cedo, afastado da sua floresta, exasperado por acusações que não compreendia, já apresentava, com seu espanto e roupa rasgada, o ar suspeito do acusado, esse ar dissimulado e bandido que a prisão consegue dar até ao mais honesto dos homens. A tarde caía, a sala era mal iluminada e o prisioneiro se reconfortava nessa escuridão, quando o meirinho trouxe um lampião grande e sem nada que quebrasse a forte luz que iluminou o seu rosto. A descoberto, o homem permaneceu imóvel.

Imediatamente o dr. Denizet fixou nele seus grandes olhos claros de pálpebras pesadas. Sem nada dizer, tratava-se de uma preliminar muda, um primeiro teste do seu poder antes da guerra selvagem, guerra de astúcias, de armadilhas, de torturas morais. O homem era culpado, tudo então se tornava lícito contra ele, para quem o único direito era o de confessar o crime.

O interrogatório começou, muito lento.

– Sabe de qual crime está sendo acusado?

Com a voz abafada pela raiva impotente, Cabuche grunhiu:

– Ninguém me disse, mas imagino. Já falam bastante disso.

– Conhecia o sr. Grandmorin?

– Conhecia, conhecia. Demais, até!

– Uma moça, Louise, sua amante, trabalhava como camareira na casa da sra. Bonnehon.

Uma onda de raiva assaltou o quebrador de pedras, que se descontrolou.

– Santo Deus! Quem diz isto é um mentiroso da pior espécie. Louissette nunca foi minha amante.

Com curiosidade o juiz o observou se irritar e, abrindo um desvio no interrogatório:

– O senhor tem um caráter violento, foi condenado a cinco anos de prisão por ter matado um homem, numa briga.

Cabuche curvou a cabeça. Era uma vergonha para ele, aquela condenação. Murmurou:

– Ele que bateu primeiro... E cumpri apenas quatro anos, tive indulto de um ano.

– Então – continuou o dr. Denizet –, o senhor afirma que a jovem Louissette não era sua amante?

De novo ele fechou os punhos. Depois, em voz baixa, entrecortada, respondeu:

– Era apenas uma menina, nem tinha quatorze anos quando voltei... de lá... Todo mundo me evitava, queria me jogar pedras. E ela, na floresta em que sempre a encontrava, se aproximou. Conversava, era gentil. Como foi gentil... Por isso ficamos amigos. Andávamos de mãos dadas passeando. Foi tão bom, um tempo tão bom... É claro que ela cresceu e eu pensava nela. Não nego, estava louco por ela de tanto que a amava. E ela também me amava. Muito. Teria acabado acontecendo o que o senhor disse, mas fomos separados, ela foi mandada para Doinville, para a casa daquela senhora... Até que um dia, voltando da pedreira no final da tarde, encontrei-a quase louca diante da minha porta, toda machucada, ardendo de febre. Tinha preferido não ir para a casa dos pais e veio morrer perto de mim... Ah, por Deus! Aquele porco! Eu devia ter ido correndo sangrá-lo ali mesmo!

O juiz franzia os lábios finos, surpreso com o tom de sinceridade do acusado. Realmente, ia ser preciso não deixar brechas, seria um jogo árduo, mais do que imaginara.

– Não se dê ao trabalho, conheço a história horrível que você e a moça inventaram. Mas observe que a existência inteira do sr. Grandmorin o coloca acima dessas acusações.

Espantado, de olhos arregalados e mãos tremendo, o quebrador de pedras gaguejou:

– O quê? Inventamos?... Os outros mentem e somos nós acusados de mentir?

– Não se faça de inocente... Já interroguei Misard, casado com a mãe da sua amante. Vou colocá-los frente a frente se for preciso. Vai ver o que ele diz dessa sua história... E tome cuidado com suas respostas. Temos testemunhas, sabemos de tudo, é melhor que diga a verdade.

Era a tática ordinária de intimidação, mesmo sem nada saber e sem contar com testemunhos.

– Nega que por todo lugar, publicamente, alardeou que sangraria o sr. Grandmorin?

– Ah! Isso sim, com certeza fiz. E do fundo do coração, pode acreditar! Pois era o que a mão pedia muito fortemente!

A surpresa fez parar o dr. Denizet, que esperava toda uma estratégia de completa negação. Como? O suspeito confessava as ameaças! Qual truque estaria escondendo? Receando ter avançado depressa demais, recolheu-se por um instante e o encarou, lançando essa pergunta brusca:

– O que fez na noite de 14 para 15 de fevereiro?

– Fui me deitar já escuro, por volta das seis... Não estava bem e meu primo Louis inclusive me fez o favor de levar para mim uma carroça de pedras a Doinville.

– Eu sei, ele foi visto atravessando a via férrea na passagem de nível. Mas, interrogado, seu primo só conseguiu responder uma coisa: que o senhor o deixou ao meio-dia e ele não o viu mais... Prove que estava na cama às dezoito horas.

– Ora, é estúpido, não tenho como! Não posso provar. Moro num lugar isolado, na beira da floresta... Estava lá, é o que digo, e basta.

O dr. Denizet resolveu então aplicar o grande golpe da afirmação que se impõe. A expressão se paralisou numa tensão voluntariosa, enquanto a boca assumia sua teatralidade.

– Pois vou lhe dizer o que fez na tarde de 14 de fevereiro... Às quinze horas, pegou em Barentin o trem para Rouen, com uma finalidade que a investigação ainda não estabeleceu. Voltaria pelo trem de Paris que para em Rouen às vinte e uma horas e três minutos e estava no cais, no meio das pessoas, quando viu o sr. Grandmorin no seu cupê. Observe que perfeitamente admito ausência de premeditação e que a ideia do crime veio somente então... Subiu graças à confusão do embarque, esperou estar dentro do túnel de Malaunay, mas calculou mal o tempo, pois o trem já saía do túnel quando praticou o crime... Jogou pela janela o cadáver e desceu em Barentin, depois de se livrar também da manta de viagem. Foi o que fez.

O juiz vigiava os menores movimentos nas faces rosadas de Cabuche e se irritou quando este último, que ouvia muito atento, acabou soltando uma gargalhada.

– O que está dizendo?... Se tivesse feito isso eu diria.

E continuou, tranquilamente:

– Não fui eu, mas é o que deveria ter feito. Santo Deus! Isso mesmo, pena que não fui eu.

E o dr. Denizet nada mais conseguiu extrair. Em vão refez as perguntas, dez vezes voltou aos mesmos pontos, seguindo diferentes táticas. Não! Sempre o não! Não fora ele. Infelizmente, lamentava. Ao ser preso, teve o barracão revistado, sem que se descobrissem nem a arma, nem as dez cédulas bancárias, nem o relógio; mas conseguiu-se uma calça manchada com algumas gotas de sangue, prova contundente. Mas de novo ele riu: mais uma boa história, um coelho, pego pelo pescoço, cujo sangue lhe escorreu pelas pernas! Em sua ideia fixa do crime, era o juiz que perdia o rumo, por excesso de sutileza profissional, complicando e indo além da verdade simples. Aquele homem limitado, incapaz de lutar com artimanhas, com força invencível quando dizia não e insistia nisso, pouco a pouco o deixava fora de si. Pois de tanto querer vê-lo como culpado, cada nova negação o desesperava mais, como obstinação na selvageria e na mentira. Mas ele o forçaria a confessar.

– Então nega?

– Claro, pois não fui eu... Se tivesse sido, ah!, estaria contente disso e não deixaria de dizer.

Com um brusco movimento, o dr. Denizet se pôs de pé e foi pessoalmente abrir a porta da saleta ao lado. Chamou Jacques:

– Reconhece este homem?

– Sei quem é – respondeu o maquinista, surpreso. – Já o vi, há tempos, na casa dos Misard.

– Não, não é isso... Reconhece-o como o homem do vagão, o assassino?

Na mesma hora Jacques ficou alerta. Não o reconhecia, a lembrança era de alguém menor, menos claro. Ia dizer, mas achou que seria ainda se arriscar muito. Permaneceu evasivo.

– Não sei dizer, não tenho como... Acredite, doutor, não posso afirmar.

Sem esperar, o juiz chamou os Roubaud e fez a mesma pergunta:

– Reconhecem este homem?

Cabuche continuava a sorrir. Não se surpreendera. Rapidamente acenou com a cabeça a Séverine, a quem havia conhecido bem moça e que morava em Croix-de-Maufras. Mas ela e o marido se surpreenderam, vendo-o ali. Entenderam então: era o preso a que Jacques se referira, o suspeito que motivara o novo interrogatório. E Roubaud estava perplexo, impressionado com a semelhança do rapaz com o assassino imaginário cuja descrição havia inventado, oposta à sua. Era pura coincidência, mas tão perturbadora que hesitou em responder.

– E então, reconhece?

– Por Deus, sr. juiz! Repito que foi apenas uma sensação, um indivíduo que passou por mim... É bem verdade que é alto e louro, além de não ter barba.

– Reconhece ou não?

Aflito, o subchefe travava uma surda luta interior. Venceu o instinto de preservação.

– Não posso afirmar. Mas se parecem. Bastante. Com certeza.

Dessa vez Cabuche praguejou. Já estavam passando dos limites com aquelas histórias. Não tinha sido ele, então queria ir embora. Com o fluxo sanguíneo subindo à cabeça, bateu os punhos de forma tão ameaçadora que os policiais foram chamados de volta e o levaram. Mas diante daquela violência, daquele assalto de besta acuada que se lança à frente, o dr. Denizet se sentiu triunfante. Estava convicto e não escondeu o fato.

– Notaram os olhos? É pelos olhos que os reconheço... Ah! Não vai escapar, é nosso.

Paralisados, os Roubaud se entreolharam. Então era isto? Terminado, estavam salvos, já que a justiça tinha o culpado. Continuaram ali meio atordoados, com a consciência pesada pelo papel que se viram levados a aceitar. Mas a euforia predominava, afastando qualquer escrúpulo. Sorriram para Jacques aliviados, ansiosos para estar ao ar livre e esperando apenas que o juiz os liberasse, quando o meirinho trouxe uma carta.

Imediatamente o dr. Denizet voltou à sua mesa para lê-la com atenção, esquecendo as três testemunhas. Era a carta do ministério, as instruções que ele deveria ter tido a paciência de esperar antes de levar adiante o processo. E o que lia provavelmente arranhava o seu triunfo, pois a expressão do rosto pouco a pouco perdia animação, voltando à insípida imobilidade. Em determinado momento, lançou um olhar aos Roubaud, como se uma das frases o fizesse se lembrar deles, que, perdendo a fulgurante alegria, voltaram à situação constrangida de antes, se sentindo outra vez apanhados. Por que os olhara daquele modo? Teriam encontrado, em Paris, as três linhas escritas, o bilhete infeliz que tanto os assombrava? Séverine conhecia bem o dr. Camy-Lamotte, por tê-lo visto muitas vezes na casa do presidente, e sabia que tinha sido encarregado de organizar os papéis do morto. Um arrependimento penoso torturava Roubaud, por não ter pensado em mandar a mulher a Paris para algumas visitas úteis, e poderia, pelo menos, ter garantido a proteção do secretário-geral, caso a Companhia, incomodada com os

boatos que circulavam, quisesse despedi-lo. Nenhum dos dois tirava os olhos do juiz, sentindo aumentar a tensão na medida em que o viam ficar cada vez mais sombrio, visivelmente desconcertado com a carta que tinha em mãos e destruía todo o bom trabalho daquele dia.

O dr. Denizet finalmente deixou-a em cima da mesa e permaneceu absorto por um momento, olhando para os Roubaud e Jacques. Depois, parecendo se resignar, disse em voz alta a si mesmo:

– Que seja! Veremos, vamos retomar tudo isso... Podem se retirar.

Mas com os três já saindo ele não resistiu à necessidade de saber, de esclarecer o ponto grave que destruía todo o seu novo sistema, apesar da recomendação que acabara de receber, para que nada mais fizesse sem aprovação prévia.

– Não, você, espere ainda um instante, tenho uma pergunta a fazer.

Os Roubaud ficaram no corredor. As portas estavam abertas mas não podiam ir embora, algo os impedia, a ansiedade de saber o que acontecia no gabinete do juiz, uma impossibilidade física de partir sem perguntar a Jacques qual pergunta lhe fora feita. Inquietos e com as pernas cansadas, voltaram a se sentar lado a lado no banco em que tinham esperado horas a fio, abatidos, em silêncio.

Quando o rapaz saiu, Roubaud se levantou com dificuldade.

– Quisemos esperá-lo, podemos ir juntos à estação... E então?

Mas Jacques desviava o rosto, embaraçado, como se quisesse evitar o olhar de Séverine, pregado nele.

– Ele não se sente mais tão seguro, está confuso – explicou finalmente o maquinista. – Quis saber se não seriam dois em ação no cupê. Como em Le Havre me referi a algo escuro fazendo peso nas pernas do velho, ele insistiu nisso... Pessoalmente, acha que era apenas a cobertura. Mandou então buscar a tal manta e precisei responder alguma coisa... Meu Deus! Talvez fosse mesmo a manta, é provável.

Os Roubaud estremeceram. Estavam na pista deles, uma só palavra de Jacques poria tudo a perder. E, como seguramente sabia, acabaria falando. Os três – a mulher entre os dois homens – deixaram em silêncio o Palácio da Justiça, até que o subchefe retomou a conversa, na rua:

– A propósito, colega, minha mulher vai precisar passar um dia em Paris, por obrigações que tem a cumprir. Seria bom poder contar com sua ajuda, caso ela precise.

49. As sessões citadas ocorreram em março de 1869, e o prefeito departamental do Sena era o conhecido barão Haussmann, que ocupou o cargo de 1853 a 1870 e dirigiu as grandes obras de reurbanização do centro de Paris.

50. Napoleão III fez do palácio des Tuileries sua residência em Paris. Destruído por um incêndio criminoso em 1871, durante a revolta da Comuna, suas ruínas foram definitivamente demolidas em 1883 e o espaço incorporado ao jardim das Tuileries. O nome significa “olaria”, pois o antigo palácio, do séc.XVI, foi construído no local de uma fábrica de telhas.

51. A mais alta condecoração francesa, instituída em 1802, recompensando méritos militares ou civis prestados à nação.

52. O palácio, construído entre os sécs. XV e XVI, é considerado obra-prima da arquitetura medieval e ganhou o anexo que o próprio Zola em suas notas (pº 524) estima ser do séc.XVII. Ver também nota 80.

53. Tribunais de exceção reunindo juristas e militares instituídos logo depois do golpe de Estado de dezembro de 1851 (que levou à criação do Segundo Império), com a função de julgar expeditamente personalidades inconvenientes ao regime.

54. Púrpura como o manto símbolo de riqueza e poder.

55. A França manteve a pena de morte até o início dos anos 1980, sendo as execuções à guilhotina.

ÀS ONZE E QUINZE, à hora exata, o posto da ponte Europe assinalou, com os dois toques regulamentares de buzina, o expresso de Le Havre, que saía do túnel de Batignolles. As molas de mudança de via foram acionadas, o comboio entrou na estação com um breve apito, fazendo ranger os freios, soltando fumaça e lavado pela chuva torrencial que não parava de cair, desde Rouen.

Os funcionários não tinham ainda destravado os ferrolhos das portas quando uma delas foi aberta por dentro e Séverine agilmente saltou no cais, antes que o trem parasse de todo. Estava num vagão da cauda e precisava se apressar para chegar à locomotiva, no meio do brusco fluxo de passageiros descendo de suas cabines, numa confusão de crianças e bagagens. Jacques estava de pé no estribo da locomotiva, esperando para levá-la ao depósito, enquanto Pecqueux, com um pano, limpava os cobres.

– Então combinado – ela disse, esticando-se na ponta dos pés. – Estarei às três horas na rua Cardinet para que me acompanhe e me apresente, por favor, a seu chefe. Só assim poderei agradecer a ele.

Foi o pretexto que Roubaud havia imaginado, um agradecimento ao chefe de depósito de Batignolles por algum vago favor prestado. A intenção, contudo, era a de estreitar os laços de amizade com o maquinista, para de alguma forma agir e poder influenciá-lo.

Jacques, porém, negro de carvão, encharcado, exausto por ter lutado contra a chuva e o vento, olhava para ela nada solícito, sem responder. Não conseguira se esquivar do pedido de Roubaud ao deixar Le Havre, e a ideia de estar sozinho com a moça o transtornava, pois sentia agora perfeitamente que a desejava.

– Não é? – ela insistiu sorridente, com aquele suave e meigo olhar, apesar da surpresa e certa repugnância por vê-lo tão sujo que mal podia ser reconhecido. – Está bem? Conto com o senhor.

Como a jovem se esticava ainda mais, apoiando a mão enluvada num corrimão de ferro, Pecqueux atenciosamente avisou:

– Cuidado, vai se sujar.

Era preciso que dissesse alguma coisa e Jacques então respondeu de maneira um tanto brusca:

– Está bem, rua Cardinet... A menos que essa maldita chuva acabe de me derreter. Que inferno de tempo!

Ela se deu conta do estado lamentável em que se encontrava o maquinista e acrescentou, como se tanto sofrimento tivesse sido unicamente por ela:

– É verdade! E eu tão confortável na cabine... Pensei nos senhores aqui e isso me desesperava, com toda essa enxurrada... Estava tão contente com a ideia de que me trazia esta manhã e me levará de volta à noite, com o expresso!

Mas aquela familiaridade gentil e carinhosa parecia incomodá-lo ainda mais. Foi então com alívio que ouviu alguém gritar: “Para trás!” Com mão acostumada ele puxou a alça do apito, enquanto o foguista, com um gesto, fazia sinal para que a jovem se afastasse.

– Às três horas!

– Está bem, às três horas!

Com a locomotiva voltando a se pôr em movimento, Séverine foi a última a deixar a plataforma. Lá fora, já na rua de Amsterdam, quando foi abrir o guarda-chuva ficou feliz ao constatar que não chovia mais. Desceu até a praça du Havre, pensou por um instante e resolveu que seria melhor que almoçasse logo. Eram onze e vinte e cinco e ela entrou num restaurante barato, na esquina da rua Saint-Lazare. Pediu ovos fritos e costeleta de porco. Depois, enquanto lentamente comia, voltou às reflexões que há semanas a preocupavam, com expressão pálida e tensa, sem mais aquele dócil sorriso de sedução.

Dois dias depois do interrogatório em Rouen, achando perigoso esperar, o marido resolveu que ela faria uma visita ao dr. Camy-Lamotte, não no ministério, mas na sua residência da rua du Rocher, um palacete bem próximo, justamente, do de Grandmorin. Ela sabia que encontraria o secretário-geral em casa à uma hora e não tinha pressa, preparando o que dizer, tentando prever as respostas, para evitar surpresas que a perturbassem. Na véspera, um novo motivo de inquietação fez com que se apressasse a viagem: tinham sabido, por mexericos da estação, que a sra. Lebleu e Philomène contavam a torto e a direito que a Companhia ia despedir Roubaud, por achá-lo comprometedor. E o pior é que o sr. Dabadie, diretamente interrogado, não havia negado, o que dava muito peso à notícia. Tornava-se então urgente que fosse a Paris defender sua causa e, principalmente, conseguisse a proteção do poderoso personagem, como antes teriam pedido a do presidente. Mas encoberto por esse pedido, que já bastava para justificar a visita, havia a imperiosa necessidade, premente e insaciável, de saber. É a necessidade que leva o criminoso a até se entregar, por não conseguir simplesmente ignorar. A incerteza os aniquilava, agora que se sentiam descobertos, depois de Jacques ter mencionado a suspeita a respeito de um segundo assassino. Esgotavam conjecturas, achando que a carta tinha sido encontrada, facilitando a reconstituição dos fatos. Por isso aguardavam para qualquer momento a perquirição e a prisão. O suplício se agravava tanto, os menores fatos em volta ganhavam ares tão assustadores, que acabavam preferindo a catástrofe àquele contínuo medo. Teriam certeza e sofreriam menos.

Séverine terminou a costeleta tão absorta que despertou com um sobressalto, espantada de estar sentada ali. Teve uma sensação de peso, a digestão não se fazia e ela nem teve vontade de tomar o café. Mas por mais que tivesse comido devagar, eram apenas meio-dia e quinze quando deixou o restaurante. Ainda quarenta e cinco minutos a passar! Ela que adorava Paris, que gostava tanto de andar livremente pelas ruas nas poucas vezes em que vinha, sentia-se perdida, medrosa, impaciente para terminar tudo aquilo e se esconder. As calçadas já começavam a secar, um vento morno ia afastando as nuvens. Desceu a rua Tronchet, viu-se no mercado de flores da Madeleine,⁵⁶ uma dessas feiras do mês de março, que alegram com junquinhos e azaleias os dias descoloridos do fim de inverno. Por meia hora perambulou naquela primavera precoce, mergulhada em vagos devaneios, pensando em Jacques como inimigo a quem devia desarmar. Tinha a impressão de que a visita à rua du Rocher já estava feita, que tudo se passara como previsto, restando apenas obter o silêncio do rapaz. E era uma

tarefa complicada em que ela se perdia, com a cabeça tumultuada por planos romanescos. Estava certa, porém, de que tudo se faria sem susto nem canseiras, de forma agradável e suave. Depois, de repente, viu a hora no relógio de um quiosque: uma e dez. Nada estava resolvido, ela voltou duramente à angústia do real e se apressou na direção da rua du Rocher.

O palacete do dr. Camy-Lamotte se situava na esquina dessa rua com a de Naples, e Séverine precisou passar à frente da residência Grandmorin, que estava em silêncio, vazia e de janelas fechadas. Deu uma olhada e apertou o passo. Voltou a lembrança da sua última visita e o majestoso imóvel ali continuava, terrível. A certa distância, instintivamente olhou para trás, como se gritos de acusação a perseguissem, e viu na outra calçada o juiz de instrução, dr. Denizet, que também subia a rua. Foi um impacto. Teria notado a maneira como olhou a casa? Mas o juiz calmamente seguia em frente e ela deixou que tomasse a dianteira, ficando mais para trás, em grande agitação. Foi porém um novo choque vê-lo bater, chegando à esquina da rua de Naples, à casa do dr. Camy-Lamotte.

Verdadeiro pânico tomou conta dela. Agora, de jeito nenhum ousaria tocar a campainha. Voltou atrás, entrou pela rua d'Edimbourg, desceu até a ponte Europe. Somente ali se sentiu a salvo. Sem saber mais para onde ir nem o que fazer, perdida, ficou parada junto à balaustrada, olhando mais abaixo, através das vigas metálicas, a vasta área da estação em que trens continuamente iam e vinham. Seguia-os sem ver, pensando que obviamente o juiz estava ali para discutir o seu caso, que estavam naquele exato minuto falando dela e decidindo o seu destino. Em desespero, um só desejo a atormentava, o de se jogar logo debaixo de um trem, em vez de voltar à rua du Rocher. Justamente vinha saindo um da plataforma coberta das grandes linhas, que ela ficou vendo se aproximar e passar sob a ponte, fazendo chegar até o seu rosto um morno turbilhão de vapor branco. A tola inutilidade daquela viagem, a horrível aflição com que voltaria se não encontrasse energia suficiente para ir buscar uma certeza, se impuseram logo em seguida à sua mente, com tanta força que ela resolveu ficar ali por cinco minutos para recuperar o ânimo. Locomotivas apitavam e com os olhos ela acompanhou uma, pequena, que deixava um comboio de subúrbio. Erguendo a vista à esquerda, reconheceu, acima do pátio das bagagens, bem no alto do prédio do beco de Amsterdam, a janela da velha Victoire, em que ela se reviu apoiada no parapeito com o marido, antes da abominável cena que causaria toda a sua desgraça. Isso trouxe de volta a urgência da situação, com uma pontada de sofrimento tão aguda que ela se sentiu disposta a tudo, para acabar com aquilo. Apitos e toda a barulheira prolongada a ensurdeciam, com espessas fumaças fechando o horizonte, alçando-se no amplo e claro céu de Paris. Tomou então a direção da rua du Rocher, indo como quem caminha para a morte, apressando a marcha, com o súbito receio de não encontrar mais ninguém em casa.

Quando apertou o botão da campainha, um novo terror deixou-a paralisada. Mas um criado já a mandava entrar, fazendo-a esperar no hall, depois de perguntar seu nome. Pelas portas entreabertas, ela muito distintamente ouviu uma viva conversa entre duas vozes. Em seguida houve um profundo e absoluto silêncio. Ouvia agora apenas as batidas surdas das suas têmporas, imaginando que se o juiz ainda estivesse ali, provavelmente a fariam esperar muito tempo, uma espera que seria insuportável. Logo em seguida, porém, uma surpresa: o criado dizendo que o acompanhasse. O juiz não podia ter saído e ela o imaginou escondido por trás de alguma porta.

Era um grande gabinete de trabalho com móveis escuros, tapete espesso, portas pesadas,

tão severo e hermético que ruído algum de fora chegava até lá. No entanto, havia flores, rosas de cor pouco viva num vaso de bronze. E isso indicava uma graça oculta, um amável gosto pela vida, por trás de tanta severidade. O secretário-geral estava de pé, muito corretamente enfiado numa sobrecasaca, austero. Suíças grisalhas alargavam um pouco seu rosto fino. Tinha uma elegância de quem foi galanteador e se manteve esbelto, com uma distinção que se pressentia jovial, sob a rigidez que a situação oficial exigia. Na pouca claridade do cômodo, ele parecia bastante grande.

Ao entrar, Séverine se sentiu oprimida pela atmosfera abafada que a tapeçaria das paredes criava, mas concentrou-se apenas no dono da casa, que a observava se aproximar, sem gesto nenhum indicando que se sentasse. Fez também questão de não ser o primeiro a falar, aguardando que ela explicasse o motivo da visita. O silêncio se prolongou e, reagindo com força, Séverine subitamente recuperou o autocontrole diante do perigo, voltando a se sentir perfeitamente calma e prudente.

– O senhor, por favor, me desculpe a ousadia de vir abusar de sua boa vontade. Não desconhece a perda irreparável que sofri e, no abandono em que me encontro agora, atrevi-me a pensar que poderia nos defender, dando alguma continuidade à generosidade de seu amigo, meu saudoso protetor.

Camy-Lamotte foi obrigado então a fazer um gesto para que ela se sentasse, pois aquilo fora dito num tom perfeito, sem exageros de humildade nem de pesar, com a arte inata da hipocrisia feminina. Mas continuava sem nada dizer, tendo também se sentado, ainda esperando. Ela prosseguiu, percebendo que devia ser mais precisa.

– Permito-me trazer à lembrança do senhor que tive a honra de vê-lo em Doinville. Foi uma época feliz para mim!... Hoje os dias sombrios chegaram e não tenho a quem recorrer senão ao senhor, me desculpe se imploro, em nome daquele que recentemente perdemos. Foram amigos, peço então que continue sua boa obra, tomando o seu lugar.

Ele escutava, observava e sentia todas suas convicções se abalarem, de tanto que a jovem parecia falar com naturalidade, encantadora em seus lamentos e súplicas. O bilhete que havia descoberto entre os papéis de Grandmorin, duas linhas não assinadas, lhe parecera só poder vir dela, de quem não ignorava as relações com o presidente. E ainda há pouco, o simples anúncio da sua visita bastara para que decididamente se convencesse. Havia interrompido a conversa com o juiz apenas para confirmar aquela certeza. Mas como acreditar na sua culpa vendo-a daquela maneira, tão tranquila e submissa?

Quis se sentir mais seguro e pediu, mantendo o ar severo:

– Explique-se melhor, senhora... Lembro-me perfeitamente e tudo que quero é poder ser útil, se a isto nada se opuser.

Então, com toda clareza, Séverine contou que o marido corria o risco de ser despedido. Muitos o invejavam por seus méritos e pela alta proteção que, até então, o sustentara. Agora que parecia sem defesa, queriam derrubá-lo e redobravam-se os esforços nesse sentido. Sem nomear as pessoas, ela se expressava em termos comedidos, apesar da iminência do perigo. Só viera a Paris por estar convencida da necessidade de uma ação com toda urgência. Talvez o dia seguinte já fosse tarde: era para o imediato que pedia ajuda e socorro. Tudo isso foi explicado com tal abundância de dados lógicos e bons motivos que a ele pareceu impossível que a jovem tivesse se dado ao incômodo por qualquer outra finalidade.

Ele observava inclusive as imperceptíveis pulsações dos seus lábios e afinal arriscou uma primeira investida:

– Mas por que a Companhia mandaria embora o seu marido, se nada de grave tem contra ele?

Séverine também não despregava os olhos dele, espiando as mínimas contrações do seu rosto, procurando adivinhar se teria ou não encontrado a carta e, apesar da inocência da pergunta teve a brusca convicção de que a carta estava ali, num móvel qualquer daquele gabinete: ele sabia e preparava uma cilada, querendo ver se ousaria falar dos verdadeiros motivos da demissão. O tom da pergunta, aliás, fora acentuado demais, fazendo-a se sentir esquadrihada até o fundo da alma por aqueles olhos descorados de homem cansado.

Ela bravamente enfrentou o perigo.

– Por Deus! É monstruoso, mas houve quem dissesse que assassinamos nosso benfeitor por causa do infeliz testamento. Não foi difícil demonstrar nossa inocência. Infelizmente, porém, fica sempre algum resquício dessas calúnias e é possível que a Companhia tema algum escândalo.

Ele outra vez ficou surpreso, desarmado com tanta franqueza e, mais ainda, pela sinceridade do tom. Além disso, tendo-a julgado insignificante à primeira vista, começava a achá-la extremamente sedutora, com seu olhar azul complacente e submisso, sob a energia dos cabelos negros. E pensou com invejosa admiração no amigo Grandmorin: como, diabos, o danado, dez anos mais velho, tinha até o fim conseguido criaturas de sonho, enquanto ele se sentia obrigado desde já a desistir dessas diversões para manter o que lhe restava de tutano? A jovem era realmente encantadora, requintada, e ele deixava vir à tona o sorriso de antigo conhecedor, agora desinteressado, sob sua altiva pose reservada de funcionário público, tendo a seu encargo um processo tão incômodo.



Séverine teve a brusca convicção de que a carta estava ali, num móvel qualquer daquele gabinete.

Séverine, porém, em bravata de mulher consciente da sua força, cometeu a imprudência de acrescentar:

– Gente como nós não mata por dinheiro. Teria que haver outro motivo; e não há.

Ele olhou fixamente para ela, viu tremer os cantos da boca. Foi ela! Tornou-se absoluta a convicção e Séverine imediatamente percebeu o erro cometido, pela maneira como ele parou de sorrir, com o queixo nervosamente retraído. Sentiu-se fraquejar, como se todo o seu ser a abandonasse. Mesmo assim, manteve o tronco ereto na cadeira, ouvindo a própria voz continuar a falar sem alteração de tom, dizendo as palavras certas. A conversa continuou, mas não tinham mais o que revelar. Por baixo daquelas palavras fortuitas, falava-se de coisas que não eram ditas. Ele tinha a carta e ela a havia escrito. Isto se evidenciava inclusive nos momentos de silêncio.

O secretário-geral finalmente se decidiu:

– Minha senhora, de forma alguma me nego a intervir junto à Companhia, se realmente forem dignos de interesse. Logo mais, justamente, devo receber um dos seus diretores, para outro assunto... Preciso apenas de algumas indicações. Escreva o nome, a idade e as funções do seu marido, enfim, tudo que possa me pôr ao corrente da sua situação.

E empurrou até ela uma mesinha, parando também de olhá-la diretamente, para que não se assustasse. Ela hesitou: ele queria que escrevesse algo, para poder comparar a letra. Por um instante procurou desesperadamente um pretexto, decidida a não se arriscar. Depois, pensou: para quê? Ele sabe! E não seria difícil conseguir algumas linhas suas. Sem aparentar qualquer preocupação, como se achasse a coisa mais natural do mundo, escreveu o que tinha sido pedido enquanto ele, de pé, atrás, reconhecia perfeitamente a escrita mais forte, menos tremida que a do bilhete. E acabou se convencendo do quanto era corajosa aquela mulherzinha miúda. Voltou a sorrir, agora que não era visto, com aquele sorriso masculino que apenas a sedução motiva, do alto da sua experiência e despreocupado com relação a todo tipo de coisa. No fundo, de nada valia tanto trabalho só para ser justo. Era um simples cuidado em sustentar as aparências do regime a que servia.

– Muito bem, senhora. Deixe isso comigo, vou procurar me informar e farei o possível.

– Fico muito agradecida, senhor... Vai conseguir manter o emprego do meu marido? Posso contar com isso?

– Ah! Nem tanto! Não posso garantir... Preciso ver, pensar um pouco.

Ele de fato estava hesitante, não sabia qual direção seguiria com relação ao casal. Enquanto ela tinha agora apenas uma aflição, já que sabia estar a sua mercê: a dúvida, a possibilidade de ser salva ou destruída por ele, sem conseguir adivinhar as razões que o decidiriam.

– Ah, doutor! Veja nossa situação. Não me deixe ir embora sem uma certeza qualquer.

– Santo Deus! Não sou eu quem decide, senhora. Será preciso esperar.

E foi levando-a até a porta. Já prestes a ir embora em desespero, transtornada, a ponto de querer tudo confessar em voz alta, pela necessidade imediata de forçá-lo a dizer claramente o que pretendia fazer, para permanecer mais um minuto, esperando encontrar algum pretexto, ela exclamou:

– Ia esquecendo, gostaria de pedir um conselho com relação ao infeliz testamento... Acha que deveríamos recusar o que nos foi legado?

– Têm o apoio da lei – ele prudentemente respondeu. – É algo que só depende da apreciação e das circunstâncias.

Já estava na soleira, tentou um último esforço.

– Doutor, por favor, não me deixe partir nesse estado, diga se devo ter esperanças.

Num gesto de abandono, ela segurou a mão dele, que logo a retirou. Mas fitava-o com aqueles bonitos olhos, tão ardentes de súplica que o fizeram vacilar.

– Pois volte às cinco horas! Talvez já tenha alguma coisa a dizer.

Ela se foi, deixou a residência mais aflita ainda do que ao chegar. A situação se explicitara melhor, mas seu destino continuava em suspenso, sob ameaça de prisão talvez imediata. Como sobreviver até as cinco horas? Lembrou-se bruscamente de Jacques, de quem havia esquecido. Era outro que podia destruí-la, se fosse presa! Mesmo que não passasse de duas e meia, ela se apressou a subir a rua du Rocher, na direção da rua Cardinet.

Uma vez sozinho, Camy-Lamotte parou diante da sua escrivania. Frequentador do palácio des Tuileries, já que suas funções de secretário-geral do ministério da Justiça o faziam ir lá quase diariamente, tão poderoso quanto o próprio ministro, atuando inclusive em processos mais delicados, ele sabia o quanto o caso Grandmorin irritava e incomodava o altíssimo escalão. Os jornais de oposição continuavam em ruidosa campanha, uns acusando a polícia de estar tão ocupada na vigilância política que não tinha mais tempo para prender assassinos, outros vasculhando a vida do presidente, dando a entender que era alguém ligado à corte, onde reinava a mais reles depravação. E tal campanha se tornava realmente desastrosa na medida em que se aproximavam as eleições. De forma que já se deixara claro, ao secretário-geral, o desejo formal de terminar tudo aquilo o mais rapidamente possível, fosse como fosse. Como o ministro havia repassado o embaraçoso processo, tornara-se ele o principal responsável quanto ao rumo a seguir. Pesado encargo, na verdade, que merecia demorado exame, pois não tinha dúvida de que pagaria por todo mundo, caso se mostrasse inábil.

Ainda pensativo, foi abrir a porta do cômodo ao lado, onde o dr. Denizet esperava. E este último, que pudera tudo ouvir, imediatamente exclamou:

– Como eu disse, foi um erro suspeitar dessas pessoas... A mulher, é evidente, pensa apenas em salvar o marido de uma possível demissão. Não teve uma palavra sequer suspeita.

O secretário-geral não respondeu de imediato. Olhando absorto para o juiz, cujo rosto pesado o intrigava, com seus lábios finos, pensou na magistratura como um todo, da qual era ele a eminência parda, quem fazia as escolhas, e se espantou que fosse ainda tão digna em sua pobreza, tão inteligente em seu torpor profissional. Aquele juiz em particular, por mais fino que se acreditasse com seus olhos encobertos por pálpebras espessas, era capaz de um entusiasmo tenaz quando acreditava ter chegado à verdade.

– Então continua achando o tal Cabuche culpado? – voltou Camy-Lamotte. O dr. Denizet teve um gesto de surpresa.

– Mas é claro!... Tudo vai contra ele. Enumerei as provas. São, por assim dizer, clássicas, sem que falte nenhuma. Procurei ver se não haveria um cúmplice, uma mulher no cupê, como o senhor me deu a entender. Isso parecia se encaixar com o depoimento de um maquinista, alguém que entreviu a cena do crime. Mas habilmente interrogada por mim, a testemunha não persistiu em sua primeira declaração e inclusive reconheceu a manta de cabine como sendo a massa escura que havia mencionado... Ah! Claramente Cabuche é o culpado. Ainda mais porque, sem ele, não temos ninguém.

Até então o secretário-geral havia esperado para afinal mencionar a prova escrita que possuía, mas agora, estabelecida sua convicção, diminuía a vontade de estabelecer a verdade. Para que destruir a falsa pista da investigação processual se a verdadeira conduziria a transtornos maiores? Era algo a se levar em consideração.

– Por Deus! – retomou ele, então, com seu sorriso de homem cansado. – Admitamos que esteja certo... Pedi que viesse apenas para vermos juntos alguns pontos graves. O caso é excepcional e se tornou inteiramente político, o senhor percebe, não é? Talvez então sejamos forçados a agir como homens do governo... Diga, com toda franqueza, baseado em seus interrogatórios, a tal moça, amante de Cabuche, foi mesmo violentada?

O juiz deixou escapar seu trejeito facial de homem sutil, com os olhos quase desaparecendo por trás das pálpebras.

– Nossa Senhora! Acho que o presidente a deixou em mau estado e isto certamente será levantado no processo... Acrescente-se que, se a defesa for confiada a um advogado da oposição, pode-se esperar uma quantidade de histórias desagradáveis, pois não é o que falta lá na nossa região.

Aquele Denizet até que não era tão obtuso, quando não obedecia à rotina da profissão, imbuído do absoluto de sua perspicácia e onipotência. Havia entendido por que fora convocado não ao ministério da Justiça, mas à casa particular do secretário-geral.

– Ou seja – concluiu o juiz, vendo que seu interlocutor não reagia –, teríamos um caso bem sujo pela frente.

Camy-Lamotte se limitou a balançar a cabeça. Estava em pleno cálculo dos eventuais resultados do outro processo, o dos Roubaud. Se o marido tivesse que enfrentar um júri, com certeza confessaria tudo, e também sua mulher permissiva – em solteira, mas também depois, configurando-se adultério. O ciúme furioso o teria levado ao homicídio. Não se trataria mais de uma criada e um ex-presidiário, mas de um honesto trabalhador, casado com uma bonita mulher, e isto poria em julgamento toda uma faixa da burguesia, assim como o universo das estradas de ferro. Além disso, nunca se tinha certeza quanto ao rumo que as coisas podiam tomar, tratando-se de alguém como o presidente. Era possível que tudo se encaminhasse para abominações imprevisíveis. Decididamente o caso dos Roubaud, os verdadeiros culpados, era mais sujo e arriscado. Resolveu-se então e o descartou em definitivo. Sendo preciso escolher, o mais indicado era sustentar a acusação contra o inocente Cabuche.

– Inclino-me à sua tese – disse enfim ao dr. Denizet. – Há de fato fortes indícios contra o quebrador de pedras, buscando exercer vingança considerada legítima... Como tudo isto é triste, meu Deus! E quanta lama será revolvida!... Mas sei que a justiça deve se manter alheia às consequências e planar acima dos interesses...

Terminou com um gesto, enquanto o juiz, em silêncio, aguardava com expressão compassiva as ordens que não deixariam de vir. Uma vez que fosse aceita a sua verdade, aquela criação da sua inteligência, dispunha-se a sacrificar às necessidades governamentais a ideia de justiça. Mas o secretário, apesar de sua tarimba com aquele tipo de ajuste, se precipitou um pouco, falou rápido demais, como autoridade inquestionável:



Sendo preciso escolher, o mais indicado era sustentar a acusação contra o inocente Cabuche.

– Resumindo, o que se quer é uma anulação... Conduza o processo de modo a que seja arquivado.

– Sinto muito, sr. secretário – declarou o dr. Denizet –, minha vontade não é mais soberana neste caso, ele depende de minha consciência.

Camy-Lamotte sorriu, voltando a uma atitude mais correta, com seu ar desabusado e polido que parecia zombar do mundo.

– É claro. Mas é também à sua consciência que me dirijo. Deixo que tome a decisão que ela ditar, certo de que equilibradamente sopesará os prós e os contras, visando o triunfo das santas doutrinas e da moral pública... Melhor do que eu, o colega sabe que é mais heroico às vezes aceitar um erro, para evitar algo pior... Quero dizer, o apelo feito aqui se dirige ao bom cidadão, ao cavalheiro. Ninguém pensa em fazer pressão sobre sua independência e é por isso que repito ser o juiz o senhor absoluto do caso como, aliás, prevê a lei.

Cioso desse poder ilimitado, sobretudo estando prestes a utilizá-lo mal, o juiz aceitou cada uma dessas frases com um meneio satisfeito de cabeça.

– Aliás – continuou o outro, redobrando a boa vontade a ponto de torná-la irônica de tão exagerada –, sabemos com quem estamos falando. Há muito tempo seguimos seus esforços e ousou dizer que o chamaríamos agora mesmo a Paris, houvesse uma vaga.

O dr. Denizet teve um gesto de surpresa. Como? Se não fizesse o que era solicitado não satisfariam sua grande ambição, o sonho de um posto em Paris! Mas Camy-Lamotte, tendo

compreendido, acrescentou:

– Seu lugar está reservado, é uma questão de tempo... Porém, já que comecei a ser indiscreto, fico feliz de lhe dizer que foi indicado para a cruz,⁵⁷ na sessão do próximo 15 de agosto.

Por um momento, o juiz pensou introspectivamente. Teria preferido uma promoção, pois calculava que lhe traria um aumento de mais ou menos cento e sessenta e cinco francos por mês e, na miséria decente em que vivia, era um bem-estar a mais, seu guarda-roupas renovado e a boa Mélanie mais bem-tratada, menos rabugenta. Mas a cruz não era de se desprezar. Além do que, havia a promessa. E ele que não se vendia, criado na tradição da magistratura honesta e medíocre, imediatamente cedia à simples esperança, ao vago compromisso que a administração pública assumia de favorecê-lo. A função judiciária não passava mais de uma profissão como outra qualquer e ele arrastava o peso da expectativa salarial, como demandante faminto, sempre disposto a se curvar às ordens do poder.

– Fico muito grato – ele murmurou –, por favor agradeça ao sr. ministro.

E se levantou, sentindo que qualquer coisa que acrescentassem seria incômoda para ambos.

– Concluirei então minha investigação – disse com olhar vago, feições apagadas – levando em consideração suas preocupações. Naturalmente, se não tivermos fatos absolutamente comprobatórios contra o tal Cabuche, será melhor não correr o risco de escândalo público com um julgamento... Será posto em liberdade e continuará a ser vigiado.

O secretário-geral, já à porta, acabou de se mostrar totalmente amável.

– Dr. Denizet, confiamos inteiramente em seu grande tato e perfeita integridade.

Tão logo ficou sozinho, Camy-Lamotte teve a curiosidade, já inútil, de comparar a página escrita por Séverine com o bilhete descoberto entre os papéis do presidente Grandmorin. A semelhança era total. Dobrou o papel com todo cuidado, pois, mesmo sem ter falado disso com o juiz de instrução, considerava que arma assim deve ser conservada. E como a imagem daquela senhora tão miúda e frágil, mas tão forte em sua resistência mental, se esboçava à sua frente, ele deu de ombros de forma indulgente e brincalhona. Ah, essas criaturas, quando elas querem!...

Séverine, faltando vinte para as três, chegou à rua Cardinet, adiantada para o encontro marcado com Jacques. Era a rua em que ele morava, no alto de um edifício grande, num quatinho estreito ao qual se retirava apenas no fim do dia, para se deitar. E ainda dormia fora duas noites por semana, que passava em Le Havre, entre o expresso noturno e o expresso da manhã. Naquele dia, no entanto, encharcado da chuva e morto de cansaço, tinha ido se jogar na cama. De forma que Séverine o teria esperado em vão se a briga de um casal vizinho, com o marido batendo na mulher aos berros, não o tivesse acordado. Ele se lavou e se vestiu muito mal-humorado, tendo-a visto lá embaixo na calçada, ao olhar pela janela da mansarda.

– Ah, até que enfim! – ela exclamou, vendo-o aparecer na ampla porta de dois batentes do edifício. – Achei que podia ter entendido mal... Havia falado na esquina da rua Saussure...

Sem esperar resposta, erguendo os olhos para o edifício:

– Então é aqui que mora?

Sem ter lhe dito por quê, ele havia marcado o encontro à frente da sua porta porque o

depósito das locomotivas aonde deviam ir era quase em frente. Mas a pergunta o incomodou, imaginando que ela pudesse levar aquela espécie de camaradagem ao ponto de pedir para ver seu quarto, tão sumariamente mobiliado e bagunçado que ele tinha vergonha.

– Ah! Não posso dizer que moro, é um poleiro – ele respondeu. – Não podemos perder tempo, talvez o chefe já tenha ido embora.

De fato, ao chegarem à casinha que ele ocupava, atrás do depósito, junto à estação, não o encontraram. Inutilmente foram de hangar em hangar: em todos disseram que fossem por volta das quatro e meia às oficinas de reparação, se quisessem ter certeza de encontrá-lo.

– Está bem, voltaremos a essa hora – declarou Séverine.

Depois, já do lado de fora e sozinha com Jacques:

– Se não estiver ocupado, se incomoda que esperemos juntos?

Ele não podia recusar e, além disso, acrescentando-se à surda inquietude que ela lhe causava, havia também um encanto crescente e tão forte que a rabugice que programara como proteção foi se desfazendo sob os meigos olhares de Séverine. Com suas compridas feições ternas e tímidas, provavelmente era amorosa como um cão fiel, no qual nem se tem coragem de bater.

– Não vou deixá-la sozinha – ele respondeu com um tom menos brusco. – Só que temos mais de uma hora de espera... Quer entrar num café?

Ela sorriu, feliz de finalmente senti-lo mais afável. E exclamou com vivacidade.

– Não, não! Não quero ficar trancada... Prefiro caminhar com você pelas ruas. Escolha por onde.

E tomou gentilmente o seu braço. Agora que não estava mais imundo da viagem, ela começava a achar que tinha um ar distinto, com trajes de empregado bem-situado, aparência burguesa, acrescida de uma espécie de orgulho franco, pelo hábito do ar livre e do perigo enfrentado diariamente. Nunca até então havia reparado que era bastante bonito, de rosto redondo e regular, bigode bem escuro na pele clara, e apenas os olhos, olhos fugidios, semeados de pontinhos dourados e que se desviavam dela, continuavam a deixá-la desconfiada. Se evitava olhar para ela de frente, não seria por não querer se comprometer, para poder agir como bem entendesse, inclusive contra ela? Na incerteza em que estava, assustando-se ainda toda vez que pensava no gabinete da rua du Rocher onde sua vida estava sendo decidida, sua única meta passava a ser a de sentir seu, todo seu, o homem que lhe dava o braço, e conseguir que, erguendo a cabeça, ele deixasse seus olhos se encontrarem, profundamente. Só então ele seria seu. Não que estivesse interessada nele, sequer pensava nisso. Simplesmente se esforçava para torná-lo coisa sua e não precisar mais temê-lo.

Por alguns minutos andaram sem falar, no contínuo fluxo dos transeuntes que tumultua aquele bairro populoso. Às vezes eram obrigados a descer da calçada e atravessar a rua, no meio dos carros. Viram-se de repente diante do jardim público des Batignolles, quase deserto àquela época do ano. O céu, no entanto, lavado pelo dilúvio da manhã, era de um azul bem suave e, sob o tépido sol de março, os lilases estavam prestes a desabrochar.

– Entramos? – perguntou Séverine. – Toda essa gente me deixou zozna. Antes mesmo de ouvi-la, Jacques já ia entrando, sem se dar conta da necessidade que tinha de tê-la mais para si, longe da multidão.

– Por aqui ou por lá – ele respondeu. – Vamos.

Lentamente continuaram a andar ao longo dos gramados, entre as árvores sem folhas. Mulheres levavam para passear crianças em cueiro e pessoas atravessavam o jardim para cortar caminho, de passo apressado. Eles cruzaram o rio, subiram nas pedras e depois voltaram, sem muito o que fazer. Passaram diante de uns abetos, cuja folhagem persistente e verde-escura brilhava ao sol. E havia um banco ali, num recanto solitário, protegido de olhares. Sentaram-se sem dessa vez nem mesmo se consultar, como se estivessem previamente combinados.

– Que dia bonito, afinal – ela disse, após um silêncio.

– É mesmo. O sol voltou.

Mas não era no que pensavam. Ele, que procurava se manter longe das mulheres, acabava de se lembrar dos acontecimentos que o haviam aproximado daquela em particular. Ela estava ali, bem a seu lado, ameaçando invadir sua existência, e isso lhe causava uma contínua surpresa. Desde o último interrogatório, em Rouen, não tinha mais dúvida de que era cúmplice no assassinato de Croix-de-Maufras. Como? Por quais circunstâncias? Empurrada por quais paixões ou interesses? Fizera essas perguntas a si mesmo, sem conseguir resposta clara. De forma que acabou fabricando uma história: o marido interesseiro, violento, querendo apressar a herança; talvez por medo de alguma modificação desvantajosa no testamento, ou talvez querendo prender mais a esposa, por um laço de sangue. E se apegava a essa história cujos detalhes obscuros o atraíam e interessavam sem que procurasse esclarecê-los. A ideia do dever de tudo contar à justiça também o afligia. Era inclusive a que mais o preocupava desde que estavam sentados lado a lado naquele banco, tão perto que sentia no seu quadril a mornidão do quadril de Séverine.

E ele continuou:

– É incrível, em março, podermos nos sentar assim aqui fora, como se fosse verão.

– Assim que o sol está mais alto, a gente sente bem o calor – ela concordou.

Em seu íntimo, ela se dizia ser preciso que Jacques fosse bem idiota para não ter logo adivinhado que eram culpados. Tinham se lançado acintosamente demais atrás dele e estavam, ela e ele, naquele momento juntos demais sentados naquele banco. No silêncio entrecortado por palavras vazias, ela seguia os seus pensamentos. Os olhos de ambos finalmente se encontraram e ficou claro que o rapaz se perguntava se não era Séverine a massa escura que ele havia visto pesando sobre as pernas da vítima. O que fazer, o que dizer para prendê-lo num laço indestrutível?

Acrescentou:

– Pela manhã estava bem frio em Le Havre.

– Sem falar de toda a água que caiu sobre nós no caminho.

Nesse instante, Séverine teve uma brusca inspiração. Não raciocinou, não procurou avaliar. Foi algo que veio num impulso instintivo, das obscuras profundezas da inteligência e do coração. Pois se pensasse nada diria, mas sentiu que seria boa coisa e que, falando, o conquistaria.

Devagar, pegou a mão de Jacques e o olhou. As árvores verdes agrupadas os protegiam dos que passavam pelas ruas em volta, ouviam apenas o longínquo rumor dos carros, abafado

pela solidão ensolarada do jardim. Sozinha num trecho da alameda, uma criança brincava em silêncio, enchendo de areia um baldinho com uma pá. Sem qualquer preâmbulo, do fundo da alma, ela perguntou num sussurro:

– Acha que sou culpada?

Ele estremeceu, fixou seus olhos nos dela.

– Acho – respondeu, com a mesma voz baixa e emocionada.

Ela apertou mais forte a mão que não havia largado e não voltou a falar imediatamente, sentindo o estado febril de ambos se confundir.

– Engano seu, não sou culpada.

Disse isso não para convencê-lo, mas unicamente para avisá-lo de que devia ser inocente aos olhos das demais pessoas. Era a confissão feminina que diz não por desejar que seja não, apesar de tudo e para sempre.

– Não sou culpada... Não me cause mais essa dor de achar que sou culpada.

Estava feliz vendo que ele mantinha os olhos nos seus, profundamente. Sem dúvida o que acabara de fazer era o dom da sua pessoa, pois tinha se entregado plenamente. Se mais tarde ele cobrasse esse dom, ela não teria como recusar. Mas o laço estava criado entre os dois, indissolúvel. Duvidava que ele falasse a partir de então. Estava ligado a ela como ela a ele. A confissão os unia.

– Não me cause mais essa dor. Acredita em mim?

– Sim, acredito – ele respondeu sorrindo.

Por que forçá-la a falar brutalmente daquela coisa horrível? Mais tarde ela contaria tudo, se assim quisesse. Aquela maneira de se tranquilizar, confiando-se sem, na verdade, nada dizer o comovia, como um sinal de infinita ternura. Era tão confiante, tão frágil com seus olhos azuis de pervinca! Pareceu-lhe tão feminina, toda feita para o homem, sempre disposta a aceitá-lo para ser feliz! Mas principalmente, o que o alegrava, enquanto as suas mãos permaneciam juntas e os olhares não se separavam mais, era não sentir a doença, o assustador arrepio que o percorria quando se aproximava de uma mulher com a ideia de possuí-la. Com as outras não podia nem chegar perto sem ter vontade de atacar, com insaciável sede de sangue. E a ela, poderia amá-la sem ânsias homicidas?

– Sou seu amigo e não tem o que temer de mim – ele murmurou em seu ouvido. – Não quero conhecer detalhes, será como você disser... Entende? Disponha totalmente de mim.

Os dois rostos estavam tão próximos que sentia aquela respiração quente em seu bigode. Poucas horas antes estaria apavorado, temendo alguma crise selvagem. O que estava acontecendo para que sentisse apenas uma leve vibração, com a lassidão satisfeita dos convalescentes? Saber que havia matado tornava-a diferente, maior, única. Talvez não tivesse apenas ajudado e houvesse também desferido o golpe. Convenceu-se disso, sem prova alguma. E isto a consagrou para além de qualquer raciocínio, na inconsciência do desejo temente que ela inspirava.

Os dois passaram a conversar alegremente, como casal que se encontra, quando o amor começa.

– Deveria me dar sua outra mão, para que eu a aqueça.

– Aqui não. Seríamos vistos.

– Por quem? Estamos sozinhos... E aliás não seria tão grave. Ninguém gera filhos só com isso.

– Espero que não.

Ela ria com toda franqueza, na alegria de se sentir salva. Não amava aquele rapaz, tinha certeza, e mesmo que tivesse criado expectativas, já buscava meios para não cumprir a promessa. Ele parecia generoso, não insistiria e tudo se passaria muito bem.

– Então somos amigos. Sem que os outros, nem meu marido, tenham a ver com isso... Agora solte minhas mãos e pare de me olhar desse jeito, vai gastar os olhos.

Mas ele mantinha os dedos delicados entre os dele. Em voz bem baixa gaguejou:

– Bem sabe que a amo.

Ela bruscamente se afastou, assustada e, pondo-se de pé à frente dele, que continuava no banco:

– Seria loucura! Seja razoável, está vindo gente.

De fato, uma babá se aproximava com um bebê dormindo no colo. Em seguida uma moça, toda apressada. O sol descia, mergulhava no horizonte com vapores arroxeados e seus raios deixavam o gramado, morrendo numa poeira dourada, na ponta verde dos abetos. Foi como se subitamente tivesse se interrompido o burburinho contínuo dos carros nas ruas. Num relógio ali por perto soaram as cinco horas.

– Meu Deus! – exclamou Séverine. – Cinco horas e eu devia estar na rua du Rocher!

Toda a alegria desapareceu, voltava a angústia diante do desconhecido, impondo-se a lembrança de que não estava salva ainda. Ficou bem pálida, com os lábios trêmulos.

– E o chefe de depósito que você queria ver? – perguntou Jacques, que se levantara do banco para lhe dar o braço.

– Não tenho como! Fica para outra vez... Meu amigo, ouça. Não preciso mais de você, preciso ir correndo a esse compromisso. Obrigada, obrigada de todo coração.

Apertou as mãos dele e se apressou.

– Até daqui a pouco, no trem.

– Até lá.

E afastou-se com passos rápidos, desaparecendo entre a vegetação do jardim enquanto ele, lentamente, se encaminhou para rua Cardinet.

Em casa, Camy-Lamotte acabava de ter uma longa conversa com um diretor da Companhia do Oeste. Chamado a pretexto de outro assunto, o dirigente acabara confessando o quanto o processo Grandmorin incomodava a Companhia. Antes de tudo havia as queixas dos jornais, mencionando a falta de segurança para os passageiros dos vagões de primeira classe. Depois, todo o pessoal fora envolvido na aventura, com vários funcionários suspeitos, sem falar do tal Roubaud, o mais comprometido, que podia ser preso a qualquer momento. Para terminar, os boatos que corriam sobre os maus hábitos do presidente, membro do conselho administrativo, pareciam respingar no conselho como um todo. Com isso, o hipotético crime de um pequeno subchefe de estação, uma história sórdida sem importância, baixa e mal contada, subia por engrenagens complicadas e acabava sacudindo a imensa máquina de uma exploração ferroviária, afetando inclusive a administração superior. Os resultados iam inclusive mais

além, chegando ao ministério, ameaçando o Estado num momento político delicado: uma hora crítica em que a menor febre podia apressar a decomposição do grande corpo social.

Quando então Camy-Lamotte soube do seu interlocutor que a Companhia havia, naquela manhã mesmo, se decidido pela demissão de Roubaud, declarou-se claramente contrário à medida. Não e não! Nada seria mais despropositado e isto só aumentaria o falatório da imprensa, caso resolvesse colocar o subchefe na posição de vítima política. Tudo se abalaria mais forte ainda, de cima a baixo, e só Deus saberia dizer quais descobertas desagradáveis não conseguiriam fazer, contra qualquer um! O escândalo já durava exageradamente e era preciso dar um ponto final o quanto antes. Convencido, o diretor prometeu manter Roubaud e nem mesmo transferi-lo de Le Havre. Ficaria claro não haver ninguém de má-fé naquilo tudo. Estava acabado e o processo seria arquivado.

Quando Séverine, sem fôlego e com o coração aos saltos se viu no severo gabinete da rua du Rocher diante do dr. Camy-Lamotte, ele contemplou-a em silêncio por um momento, interessado no extraordinário esforço que ela fazia para parecer calma. Definitivamente tinha simpatia por aquela criminosa delicada e com olhos cor de pervinca.

– Pois bem, senhora...

E parou para apreciar toda aquela ansiedade por mais uns segundos. Mas o olhar da jovem era tão profundo, tão atento, com tal necessidade de saber que ele foi piedoso.

– Pois bem, senhora, estive com o diretor da companhia, consegui que seu marido não seja despedido... Está tudo acertado.

Ela teve uma vertigem, sob o impacto forte demais que a invadiu. Os olhos se encheram de lágrimas e ela nada conseguiu dizer, apenas sorriu.

Ele repetiu, insistindo na frase para dar todo o seu significado:

– Está tudo acertado... Pode voltar tranquila a Le Havre.

Ela entendeu perfeitamente: o que estava sendo dito é que não seriam presos, tinham sido agraciados. Não era apenas o emprego garantido, era o terrível drama esquecido, enterrado. Com um gesto de carinho instintivo, como gentil animalzinho de estimação que agradece e faz festas, ela tomou-lhe as mãos, beijou-as, manteve-as junto ao rosto. E dessa vez ele não as retirou logo, também comovido com a terna sinceridade daquela gratidão.

– No entanto – ele restaurou uma expressão mais sisuda –, lembrem-se de tudo isso e tenham juízo.

– Ah, doutor!

Mas ele queria manter a mulher e o marido à sua mercê e não deixou de fazer alusão à carta.

– Lembre-se de que o processo continua disponível e que o menor passo em falso pode fazer tudo recomeçar... Sobretudo diga a seu marido que não se envolva em política. Nesse ponto, seríamos implacáveis. Sei que já esteve comprometido, falaram-me de uma discussão desagradável com o subprefeito. Passou a ser visto como republicano, o que é detestável... Não concorda? Que se comporte ou simplesmente o eliminaremos.

Ela estava de pé, com pressa agora de sair e deixar explodir a alegria que a sufocava.

– Seguiremos à risca o que disser, senhor, seremos o que achar melhor... Quando for, onde for, terá apenas que ordenar; eu lhe pertenço.

Ele tinha voltado a sorrir com seu ar cansado, com a ponta de desdém do homem que por muito tempo conviveu com o vazio de todas as coisas.

– Não abusarei, minha senhora, não abuso mais.

E pessoalmente abriu a porta do gabinete. Saindo da casa, duas vezes ela se voltou, com o rosto brilhando ainda de gratidão.

Na rua du Rocher, Séverine andou desorientada. Deu-se conta de estar subindo a rua sem ter por quê e voltou a descê-la, mudando de calçada à toa, com risco de ser atropelada. Era uma necessidade de movimentos, de gestos, de gritos. Mas já compreendia os motivos pelos quais foram inocentados e se surpreendeu dizendo:

– Lógico! Eles é que têm medo, não corremos o menor perigo de que queiram mexer nessas coisas, como fui boba por me torturar tanto. É evidente... Que sorte! Salva! Salva em definitivo, dessa vez! De qualquer jeito, vou assustar meu marido, para que se comporte... Salva, salva, que sorte!

Desembocando na rua Saint-Lazare ela viu, no relógio de uma joalheria, que ainda faltavam vinte minutos para as seis.

– Sabe de uma coisa, mereço um bom jantar e tenho tempo.

Escolheu o restaurante mais luxuoso à frente da estação. Sentada sozinha numa mesa pequena e com toalha bem branca, junto do espelho sem aço da vitrine, distraiu-se com o movimento da rua e pediu um jantar fino: ostras, filé de linguado, uma asa de frango assado... Compensava o almoço que tinha sido ruim. Devorou tudo, achou ótimo o pãozinho macio e ainda pediu filhós de sobremesa. Depois do café precisou se apressar, pois tinha poucos minutos para pegar o expresso.

Jacques, ao deixá-la, passou pelo seu quartinho, vestiu a roupa de trabalho e seguiu diretamente para o depósito, embora normalmente só precisasse estar lá meia hora antes de pôr a locomotiva em movimento. Acabara se acostumando e deixava para Pecqueux os cuidados de vistoria, mesmo que o foguista estivesse bêbado na maior parte das vezes. Naquele dia, porém, na terna emoção em que se encontrava, um remorso inconsciente o fazia querer se assegurar pessoalmente do bom funcionamento de todas as peças; sobretudo porque, pela manhã, vindo de Le Havre, teve a impressão de estar gastando força demais, com resultados abaixo do esperado.

No vasto hangar fechado, negro de fuligem e que altas janelas empoeiradas iluminavam, entre as demais locomotivas em descanso, a de Jacques já se encontrava na cabeceira de uma via, devendo ser a primeira a partir. Um foguista do depósito acabava de encher a fornalha, pedras incandescentes de carvão caíam embaixo, no fosso em que se atiçavam as chamas. Era uma dessas locomotivas de expresso, de dois eixos acoplados, de elegância fina e gigantesca. Com suas grandes rodas ligeiras unidas por braços de aço, peitoral amplo, dorso alongado e forte, ostentava toda a lógica e a certeza que criam a beleza soberana dos seres de metal, a precisão na força. Assim como as outras locomotivas da Companhia do Oeste, além do número que a designava trazia o nome de uma estação, no caso a de Lison, na região do Cotentin. Mas Jacques, de forma carinhosa, considerava-o um nome de mulher e se referia à sua locomotiva em tom sempre meigo e amoroso como a Lison.

E de fato, ele adorava aquela máquina, sob sua responsabilidade há quatro anos. Havia conduzido outras, algumas dóceis outras rebeldes, corajosas ou preguiçosas. Sabia então que

cada uma tem seu gênio próprio e que muitas não valiam nada, como se diz de mulheres de carne e osso. Amava então a Lison por suas indiscutíveis e raras qualidades de boa companheira. Era meiga, obediente, de partida rápida e capaz de manter, em seguida, graças à sua boa vaporização, marcha regular e contínua. Muitos diziam que o arranque tão fácil que tinha se devia às excelentes braçadeiras das rodas e, mais ainda, à perfeita regulagem das gavetas,⁵⁸ assim como vaporizava tão bem, com tão pouco combustível, pela qualidade do cobre dos tubos e pela boa disposição da caldeira. Ele entretanto sabia haver algo mais, pois outras locomotivas, identicamente construídas e montadas com igual esmero não apresentavam nenhuma das suas qualidades. Havia a alma, o mistério da fabricação, o algo mais que o acaso do martelo acrescenta ao metal, que o manuseio do operário montador dá às peças: a personalidade da máquina, a vida.

Era então com um sentimento viril que Jacques amava a Lison, rápida na partida e na freada como uma égua vigorosa e dócil. Amava-a porque, além do salário fixo, sua máquina lhe proporcionava um dinheiro extra de premiações por desempenho. Vaporizava tão bem que garantia boa economia de carvão. Uma única crítica podia ser feita, no tocante à sua exagerada necessidade de lubrificação: os cilindros, principalmente, devoravam quantidades absurdas de graxa, com apetite insaciável, uma verdadeira orgia. Em vão ele tentou moderar tanta fome. Mas ela então perdia fôlego. Fazia parte do seu temperamento e Jacques tolerava enfim aquela paixão gluttona, da mesma maneira com que fechamos os olhos a um eventual defeito, em pessoas que, afóra isso, são recheadas de qualidades. Limitava-se apenas a comentar de brincadeira com o foguista que a Lison precisava, a exemplo das belas mulheres, ser azeitada com frequência.

Enquanto a caldeira roncava e a máquina pouco a pouco acumulava pressão, Jacques andava em volta, inspecionava cada peça, tentando descobrir por que, pela manhã, havia consumido mais graxa do que de hábito. Nada encontrou, estava luzidia e limpa, com aquela limpeza perfeita que indica o zelo do maquinista. O tempo todo ele podia ser visto a cuidar, dar polimento, principalmente na chegada. Assim como se fricciona com palha o corpo suado dos animais após uma longa corrida, ele a esfregava com força, aproveitando estar ainda quente para melhor tirar manchas e respingos oleosos. Evitava também forçar a marcha, mantida sempre regular, procurando não se atrasar para não ser preciso recuperar o tempo com velocidade acima do desejado. Formavam dupla tão boa que, naqueles quatro anos, ele nunca se queixara da Lison no registro do depósito, onde os maquinistas listavam pedidos de consertos, os maus maquinistas, relapsos ou beberrões, o tempo todo em confronto com suas locomotivas. Naquele dia, porém, incomodara-o o consumo exagerado de graxa, mas havia algo mais também, uma sensação vaga, profunda e inédita, uma preocupação, uma dúvida, como se desconfiasse dela e quisesse ter certeza de que não se comportaria mal no caminho.

Pecqueux não chegava e Jacques se irritou quando ele finalmente apareceu, de língua pastosa, depois de um almoço com um amigo. Normalmente os dois se entendiam bastante bem, na longa camaradagem que os levava de uma ponta a outra da linha, sacudidos lado a lado, silenciosos, unidos pela mesma tarefa e mesmos perigos. Apesar de dez anos mais moço, o maquinista era paternal com o foguista, abafava os seus defeitos, deixava-o dormir uma hora quando estava bêbado demais. E Pecqueux retribuía o gesto com uma devoção de cão fiel. Independente disso, era ótimo ajudante e experiente na profissão, a despeito de suas bebedeiras. Diga-se que também amava a Lison, o que já bastava para o bom entendimento.

Os dois e a locomotiva formavam verdadeiro *ménage à trois*, uma relação a três sem qualquer rusga. De forma que o foguista, estranhando ser tão mal recebido, olhou para o companheiro com ainda maior espanto ao ouvir seus resmungos contra a máquina.

– Como assim? Ela se comporta como um anjo!

– Não, não me sinto confiante.

E, malgrado o bom estado de cada peça, ele continuou a balançar a cabeça. Acionou as alavancas, averiguou o funcionamento da válvula. Subiu ao tabuleiro⁵⁹ e foi encher pessoalmente os recipientes de graxa dos cilindros, enquanto Pecqueux esfregava a cobertura côncava, em que restavam pequenas marcas de ferrugem. A haste da caixa de areia⁶⁰ funcionava bem, tudo de forma que deveria tranquilizar. A causa de tanta ansiedade, porém, é que no coração do maquinista a Lison já não era única. Outra ternura havia brotado, aquela criatura tão miúda e frágil, que Jacques revia a seu lado no banco do jardim, com sua fraqueza indolente, que precisava ser amada e protegida. Até então, se uma causa involuntária o deixasse com algum atraso em seu horário, sendo preciso lançar a locomotiva a uma velocidade de oitenta quilômetros por hora, ele nunca havia pensado no perigo que eventualmente corriam os passageiros. Mas bastava agora a simples ideia de levar de volta a Le Havre aquela mulher que de manhã ainda ele quase detestava, trazida de má vontade, para que se enchesse de preocupação, temendo um acidente em que a imaginava ferida por culpa sua, morrendo em seus braços. Transportava agora uma carga amorosa e a Lison – tornada suspeita – que se comportasse corretamente, se quisesse manter a fama de boa andarilha.

Soaram as seis horas. Jacques e Pecqueux subiram na pequena ponte de metal ligando o tênder à locomotiva. O foguista abriu o purgador a um sinal do chefe e um turbilhão de vapor branco encheu o hangar negro. Em seguida, obedecendo à alavanca do regulador, lentamente acionado pelo maquinista, a Lison se moveu, deixou o depósito e apitou para que lhe abrissem a via. Quase imediatamente pôde entrar no túnel de Batignolles. Sob a ponte Europe, porém, precisou esperar e estava no horário regulamentar quando o agulheiro a enviou para o expresso das 18h30, ao qual dois homens de equipe solidamente a atrelaram.

Deviam partir, faltavam apenas cinco minutos e Jacques se debruçava, surpreso de não ver Séverine na confusão de passageiros. Tinha certeza de que não embarcaria sem antes vir falar com ele. De fato ela surgiu, atrasada, quase correndo e, como esperado, percorreu todo o trem até a locomotiva, corada de animação, alvoroçada de alegria.

Pôs-se na ponta dos pés, o rosto se virou para o alto, tudo nela sorria.

– Não se preocupe, estou aqui.

Ele também começou a rir, feliz e aliviado.

– Ótimo, ótimo! Melhor assim.

Mas ela se esticou mais ainda e disse em voz baixa:

– Meu amigo, estou contente, muito contente... Tive muita sorte... Tudo que eu queria.

E ele perfeitamente entendeu, ficando muito satisfeito. Já indo embora às pressas, ela se virou e acrescentou brincando:

– Não vá agora me quebrar os ossos.

Ele gritou de volta, em tom alegre:

– Era só o que faltava! Não tem perigo!

As portas já estavam sendo fechadas, Séverine mal teve tempo de embarcar e Jacques, ao sinal do controlador-chefe, apitou e em seguida abriu o regulador. Partiram. Em tudo aquela partida se assemelhava à do trem fatídico de fevereiro: era a mesma hora, no meio das mesmas atividades da estação, os mesmos barulhos, as mesmas fumaças. Só que ainda não anoitecera, havia um crepúsculo claro, uma infinita suavidade. Com a cabeça na janela da porta, Séverine olhava.

Do lado direito da Lison e de pé, bem-agasalhado em suas calças e japonsa de lã, óculos de antolhos amarrados por trás da cabeça, sob o boné, Jacques não tirava mais os olhos dos trilhos, se debruçava a cada segundo fora do vidro de proteção para ver melhor. Rudemente sacudido pela trepidação sem nem mais se dar conta, mantinha a mão direita no volante de mudança de marcha, como um timoneiro na roda do leme. Manobrava com movimentos imperceptíveis e contínuos, moderando ou acelerando a velocidade. A mão esquerda não se afastava da alavanca do apito, pois a saída de Paris é complicada, cheia de perigos. Apitava antes das passagens de nível, das estações, dos túneis, das curvas pronunciadas. Um sinal vermelho apareceu ao longe, na noite que caía, e ele insistentemente pediu via aberta, passando como um relâmpago. Dava às vezes uma rápida olhada no manômetro, girando o registro do injetor assim que a pressão chegava a dez quilos. E era sempre para os trilhos adiante que voltava a atenção, vigiando os menores detalhes, com tal concentração que mais nada enxergava nem sentia o vento passar em violentas rajadas. O manômetro desceu, ele abriu a porta da fornalha, levantando a cremalheira. Habitado com o gesto, Pecqueux imediatamente quebrou carvão a marteladas e o espalhou com a pá em camada homogênea por toda a grelha. Um forte calor queimou as pernas dos dois homens e em seguida, fechada a porta, de novo a corrente de ar frio voltou a soprar.

Caía a noite, Jacques redobrou a prudência. Poucas vezes havia sentido a Lison tão obediente. Perfeitamente dominada, cavalgada sob o absoluto controle de quem nem por isso afrouxava o rigor, tratando-a como animal domado, mas do qual se deve sempre desconfiar. Às suas costas, no trem lançado a grande velocidade, estava a imagem grácil de Séverine que se abandonava confiante, sorridente. Sentiu um ligeiro arrepio, apertou mais brutalmente o volante de mudança de marcha e escrutou as trevas crescentes com olhar fixo, buscando sinais vermelhos. Depois dos entroncamentos de Asnières e Colombes, ele respirou mais à vontade. Até chegar em Mantes tudo ia bem, o caminho se abria como verdadeiro corredor, que o trem percorreu sem obstáculos. Depois de Mantes foi preciso forçar a Lison para subir o aclive bastante pronunciado, de quase meia légua. Em seguida, sem diminuir o ritmo, lançou-a pela subida mais suave do túnel de Rolleboise. Dois quilômetros e meio de túnel, atravessados em apenas três minutos. Havia somente mais um túnel, o de Roule, perto de Gaillon, antes da estação de Sotteville, uma estação problemática, que a complicação das vias, as contínuas manobras e o constante congestionamento tornavam muito perigosa. Todas as forças de Jacques se concentravam nos olhos que vigiavam, na mão que pilotava, e a Lison, apitando e fumegante, atravessou Sotteville a todo vapor, parando apenas em Rouen, de onde em seguida partiu, um pouco mais calma, vencendo mais lentamente a subida que leva a Malaunay.

A lua havia surgido, bem forte, com uma claridade branca, permitindo a Jacques discernir o matagal e até as pedras dos caminhos, em sua passagem rápida. Ao sair do túnel de Malaunay, ele deu uma olhada à direita, preocupado com a sombra projetada por uma árvore grande, cortando a via, e reconheceu o ponto isolado, no meio do mato, de onde havia

presenciado o assassinato. Era uma região deserta e agreste, com suas contínuas encostas e depressões escuras cobertas de bosques, inóspita e desolada. Depois, em Croix-de-Maufras, sob a lua imóvel, a brusca e melancólica visão da casa plantada de través, no abandono e miséria das suas janelas eternamente fechadas. Desta feita, porém, sem saber por quê, Jacques sentiu o coração pesar, com a impressão de estar passando diante da sua desgraça.

Mas imediatamente seus olhos foram tomados por outra imagem. Perto da casa dos Misard, junto à cancela da passagem de nível, estava Flore, de pé. A cada viagem agora dava com ela naquele mesmo lugar, esperando, vigiando. Não se movia, apenas girava a cabeça para segui-lo por mais tempo, no relâmpago que o levava embora. A alta silhueta sobressaía escura na claridade e os cabelos dourados resplandiam na pálida douradura do astro.

E tendo forçado a Lison para a travessia da subida de Motteville, Jacques deixou-a se recuperar um pouco ao longo da planura de Bolbec, para lançá-la enfim, de Saint-Romain a Harfleur, na mais acentuada ladeira da linha, três léguas que as locomotivas devoram num galope frenético de animais ansiosos por chegar ao estábulo.

Em Le Havre estava morto de cansaço quando, sob o telheiro do cais, em plena balbúrdia e fumaça da chegada, Séverine, antes de subir para casa, foi até ele dizer com seu ar alegre e doce:

– Obrigada e até amanhã.

56. A igreja da Madeleine, no 8º *arrondissement*. O mercado de flores ainda hoje existe, do lado direito da igreja.

57. Isto é, para ser condecorado com a Legião de Honra, cuja medalha é em forma de cruz.

58. Sistema móvel para distribuição do vapor aos cilindros, em máquinas a vapor.

59. Passarelas para a circulação em volta da caldeira e do sistemas de exaustão.

60. As locomotivas a vapor levavam uma carga de areia, que podia ser lançada nos trilhos para melhorar a aderência das rodas motrizes no momento em que se punham em movimento.

UM MÊS SE PASSOU e uma grande calma voltou ao alojamento que os Roubaud ocupavam no primeiro andar da estação, logo acima das salas de espera. Para eles, para os vizinhos de corredor, para todo o mundinho de empregados submetidos àquela existência de relógio pelo uniforme desenrolar das horas regulares, a vida voltara ao fluxo de sempre, monótono. E parecia que nada de violento ou anormal houvesse acontecido.

O ruidoso escândalo do caso Grandmorin pouco a pouco ia sendo esquecido e seria arquivado dada a incapacidade que a justiça demonstrava para descobrir o culpado. Após uma detenção de mais uns quinze dias, o juiz de instrução Denizet emitiu uma ordem de soltura a favor de Cabuche, tendo em vista a falta de provas específicas. Uma lenda policial e romanesca estava se formando: a do assassino desconhecido, impossível de ser capturado, um aventureiro do crime, presente em todo lugar ao mesmo tempo, ao qual eram imputados todos os crimes e que se dissipava como névoa, bastava surgirem policiais. Mas no febril entusiasmo das eleições gerais que se aproximavam, já se tornavam mais raras nos jornais de oposição as brincadeiras sobre o lendário assassino. A pressão que o governo fazia e as violências dos seus representantes diretos forneciam cotidianamente assunto para artigos indignados, e com a imprensa deixando de se ocupar tanto do caso, ele acabou deixando de ser objeto da curiosidade apaixonada da opinião pública. Não se falava mais disso.

O que acabou de trazer de volta a calma ao lar dos Roubaud foi a feliz maneira como progrediu a outra dificuldade, aquela levantada pelo testamento do presidente Grandmorin. A conselho da sra. Bonnehon, os Lachesnaye haviam finalmente desistido de questionar o testamento, temendo despertar ainda o escândalo e inseguros também quanto ao resultado de um eventual processo. De posse do seu legado, os Roubaud há uma semana eram proprietários de Croix-de-Maufras, com a casa e o terreno avaliados em cerca de quarenta mil francos. Imediatamente resolveram vender aquele local de devassidão e sangue, que os afligia como um pesadelo e no qual nem se atreveriam a dormir, apavorados com espectros do passado. Vender tudo de uma vez só, com os móveis e tal como se encontrava, sem conserto e sem sequer tirar a poeira. Mas como em leilão público a propriedade se desvalorizaria muito e seriam raros os compradores a querer se retirar naqueles ermos, eles resolveram esperar um interessado e se limitaram a pendurar na fachada um imenso cartaz que facilmente podia ser lido de dentro dos ininterruptos trens que passavam. A oferta em letras garrafais daquela desolação à venda só aumentava a tristeza das suas janelas fechadas e do jardim devorado pelo mato. Como Roubaud firmemente se negou a ir até lá, mesmo que só de passagem, para algumas disposições indispensáveis, Séverine foi certa tarde. Deixou as chaves com os Misard, que ficaram encarregados de mostrar a propriedade, caso se apresentassem compradores. Em duas horas era possível ao novo proprietário se estabelecer na casa, pois até roupa de cama havia nos armários.

Sem que nada mais preocupasse os Roubaud, eles deixavam que os dias tranquilamente passassem, um depois do outro. A casa acabaria sendo vendida, o dinheiro seria investido e

tudo estaria muito bem. Inclusive se esqueciam disso, viviam como se jamais fossem deixar o alojamento de três cômodos que ocupavam: a sala de jantar com porta se abrindo diretamente para o corredor, o quarto de dormir bastante amplo, à direita, e a cozinha bem pequena e sem ventilação, à esquerda. E até o telheiro da estação, à frente das janelas, aquela chapa abaulada de zinco que obstruía a vista como um muro de prisão, em vez de irritar como antigamente, parecia tranquilizá-los, aumentando a sensação de infinito repouso e reconfortante paz em que dormiam. Pelo menos não estavam sob as vistas de vizinhos, não tinham pela frente olhos de espiões a vasculhar a casa. Só se queixavam ainda, com a chegada da primavera, do calor abafado e dos reflexos ofuscantes do zinco, banhado pelos primeiros raios de sol. Depois da terrível tensão em que tinham vivido por quase dois meses, em permanente susto, aproveitavam agora como bem-aventurados aquele agradável torpor que os invadia. Tudo que pediam era não ter que se mover, felizes de ali estar, sem medo nem sofrimento. Nunca Roubaud se mostrara funcionário mais exato e consciencioso. Nas semanas de plantão diurno, descia à plataforma às cinco da manhã, subia para almoço somente às dez, voltava às onze e ia direto até as cinco da tarde. Eram onze horas bem atarefadas. Nas de turno noturno, ia das cinco da tarde às cinco da manhã, sem nem mesmo o curto descanso em casa, pois fazia a refeição na sua salinha. E carregava essa dura escravidão satisfeito, parecendo gostar, indo aos detalhes, querendo tudo ver, tudo fazer. Era como se encontrasse esquecimento no cansaço, um recomeço de vida equilibrada, normal.

Séverine, por sua vez, estava quase o tempo todo sozinha, viúva semana sim semana não. Mesmo quando tinha o marido, só o via no almoço e no jantar, mas parecia tomada por uma febre de boa dona de casa. Até então estava sempre sentada, bordando, e detestava fazer a limpeza, tarefa repassada a uma senhora, a velha Simon, que vinha das nove ao meio-dia. Desde que voltara a estar tranquila em casa, e tendo certeza de em casa continuar, ideias de faxina e arrumação passaram a preencher os seus dias. Só voltava à sua poltrona depois de arrumar a casa toda. No restante do tempo, o casal tinha um sono bem tranquilo. Nas raras vezes em que conversavam, nas refeições e nas noites em que se deitavam juntos, nunca falavam do caso, que deviam achar ser algo terminado, enterrado.

Para Séverine, principalmente, a existência voltou a ser das mais amenas. Restabeleceu sua antiga indolência e novamente deixou para a velha Simon os cuidados domésticos, como menina nascida apenas para os trabalhos de agulha. Havia começado uma obra interminável, uma colcha toda bordada que tinha tudo para preencher uma vida inteira. Levantava-se tarde, contente de estar sozinha na cama, embalada pelas partidas e chegadas dos trens que marcavam para ela o passar das horas, exatamente como um relógio. Nos primeiros tempos de casada, aqueles barulhos violentos da estação – apitos, choques de placas giratórias, estrondos tempestuosos, trepidações bruscas como se a terra tremesse e que a sacudiam junto com os móveis – a enlouqueciam. Depois, pouco a pouco habituou-se, a estação entrou na sua vida com seus barulhos e vibrações. A ponto de agora apreciá-la: sua calma vinha de toda essa agitação e algazarra. Até a hora do almoço, perambulava entre um cômodo e outro, conversava de mãos à toa com a faxineira. Depois, passava as longas tardes sentada diante da janela da sala de jantar, com o bordado em geral caído em cima das pernas, feliz da vida de não fazer nada. Nas semanas em que o marido vinha se deitar apenas ao amanhecer, ela o ouvia roncar até o fim da tarde e, na verdade, estas se tornaram as boas semanas para ela, com dias em que podia viver como antigamente, antes de se casar, ocupando a cama toda, se

distraído em seguida à vontade, livre o dia inteiro. Quase nunca saía e da cidade via apenas a fumaça das fábricas nas vizinhanças, com seus rolos de fumaça espessa e escura manchando o céu acima da cumeada de zinco que cortava o horizonte a poucos metros dela. Le Havre ficava por trás daquele eterno muro. Séverine podia sentir a sua presença e o desgosto de não vê-la acabou tendo um lado agradável, graças aos cinco ou seis vasos de aleli e verbena que passou a cultivar na calha do telheiro, um jardinzinho particular que enfeitava sua solidão. Às vezes falava de si como de uma reclusa, no fundo de uma floresta.

Enquanto isso Roubaud, sozinho em seus momentos de lazer, saltava a janela da sala, seguia ao longo daquela mesma calha até a extremidade, subia a inclinação de zinco e chegava ao alto da empena, que debruçava sobre a avenida Napoléon, onde tranquilamente fumava seu cachimbo a céu aberto. Dali tinha a cidade a seus pés, com as represas formando bosques apinhados de mastros altos e, mais adiante, o mar imenso, de um verde descorado, se estendendo ao infinito.

A mesma sonolência parecia ter ganhado os outros casais vizinhos dos Roubaud. O corredor, normalmente varrido por devastador vendaval de mexericos, também se mostrava adormecido. Quando Philomène ia visitar a sra. Lebleu, mal se ouvia o leve murmúrio das suas vozes. Surpresas de ver como as coisas progrediam, só se referiam agora ao subchefe com comiseração carregada de desprezo: é claro que, para manter o emprego do marido, a esposa tinha feito poucas e boas em Paris. Era um homem marcado e que nunca mais estaria limpo de certas suspeitas. E como a mulher do caixa se sentia segura, calculando os vizinhos sem força para tomar sua moradia, limitava-se agora a apenas externar o seu desdém, passando empertigada por eles, sem cumprimentar. Tanto que indispsôs a própria Philomène, a quem não divertia mais, tão cheia de soberba, fazendo-a rerear as visitas. Para se ocupar, a sra. Lebleu continuava então de olho na intriga envolvendo a srta. Guichon e o chefe de estação, sr. Dabadie, em tocaia aliás infrutífera. No corredor, tudo que se ouvia agora era o roçar imperceptível das suas chinelas de feltro. Nesse entorpecimento, pouco a pouco um mês se passou, período de soberana paz, como as grandes calmarias que sucedem as grandes catástrofes.

No lar dos Roubaud, porém, restava um ponto dolorosamente inquietante, um ponto do piso da sala de jantar. Qualquer olhar casual naquela direção trazia de volta um mal-estar. Era à esquerda da janela, um friso de carvalho que eles haviam deslocado e depois recolocado no lugar, para esconder o relógio e os dez mil francos tirados do cadáver de Grandmorin, além de mais ou menos trezentos francos em moedas de ouro que continuavam numa sacolinha portaníqueis. O relógio e o dinheiro, Roubaud só tinha pegado para dar impressão de roubo, pois não era ladrão e preferiria morrer de fome, dizia ele, a se servir de um centavo ou vender o relógio. Era dinheiro de um velho que havia conspurcado sua mulher e fora justicado, dinheiro sujo de lama e de sangue. Mil vezes não! Não era dinheiro que pudesse ser limpo e um homem honesto jamais o utilizaria. Não achava o mesmo da casa de Croix-de-Maufras, que era um presente aceitável. Apenas o fato de ter revistado a vítima, com aqueles pertences subtraídos na abominação do assassinio, o revoltava, afetava sua consciência, fazendo-a reagir com um recuo de medo. Mesmo assim, não lhe passara pela cabeça pôr fogo nas notas e à noite jogar relógio e portaníqueis no mar. Era o que aconselhava a simples prudência, mas um surdo instinto protestava em seu interior contra semelhante destruição. Tinha um respeito inconsciente pela propriedade e nunca ousaria destruir tal soma. Logo na primeira noite,

escondeu tudo debaixo do travesseiro, sem achar outro lugar mais seguro. Nos dias seguintes, buscou esconderijos e os trocava toda manhã, com medo de uma busca judicial. Nunca fora necessária tanta imaginação! Depois, esgotadas as artimanhas, cansado de tanto alarme, teve preguiça um dia de retirar o dinheiro e o relógio escondidos na véspera atrás do friso, e agora por nada no mundo se dispunha a mexer ali: era como um ponto macabro, um buraco de terror e morte em que fantasmas o esperavam. Evitava inclusive, andando, pisar naquela tábuca do assoalho, pois a sensação era desagradável, imaginando poder receber nas pernas um ligeiro choque. Séverine, por sua vez, quando se sentava à tarde diante da janela, recuava a cadeira, para não estar em cima do cadáver sepultado ali. Não falavam disso entre si, querendo achar que se acostuariam, e se irritavam vendo que não se desfaziam da sensação, constante, cada vez mais inoportuna, sob os pés. Estranhamente o canivete – o belo canivete novo, comprado pela esposa e que o marido havia plantado na garganta do amante – não causava mal-estar nenhum. Fora apenas lavado e estava jogado no fundo de uma gaveta. A velha Simon inclusive o usava às vezes para cortar pão.

Nessa paz em que vivia, Roubaud acabava de introduzir outra causa de perturbação que aos poucos se expandia, buscando forçar Jacques a frequentemente visitar o casal. O rodízio do serviço trazia o maquinista a Le Havre três vezes por semana: segunda, das dez e trinta e cinco às seis e vinte da tarde, quinta e sábado das onze e cinco da noite às seis e quarenta da manhã seguinte. Sobretudo na primeira segunda-feira após a viagem de Séverine, o subchefe insistiu muito.

– Ora, colega, não pode recusar vir comer alguma coisa conosco... Que diabos! Foi muito prestativo com minha mulher, devo-lhe isto.

Duas vezes naquele mês Jacques teve que aceitar o almoço. Tinha-se a impressão de que Roubaud, incomodado com o pesado silêncio que passara a se estabelecer à mesa com sua mulher, sentia certo alívio tendo um convidado entre os dois. Imediatamente encontrava histórias a contar, conversava e brincava.

– Venha sempre que puder! Como vê, de jeito nenhum nos incomoda!

Certa noite de quinta-feira, já tendo se lavado, Jacques ia se meter na cama quando encontrou o subchefe fazendo sua ronda por perto do depósito das locomotivas. Apesar da hora tardia, querendo companhia, fez o rapaz acompanhá-lo à estação e acabou levando-o até em casa. Séverine, ainda acordada, lia. Tomaram um pequeno cordial e inclusive jogaram cartas já passada a meia-noite.

O almoço das segundas-feiras, as pequenas noitadas de quinta e de sábado se tornaram hábito. Quando o colega não aparecia era o próprio Roubaud que o procurava, chamando e reclamando sua presença. Ele em geral andava cada vez mais sombrio, só parecendo realmente se alegrar na companhia do novo amigo. A testemunha que o havia tão cruelmente preocupado, e a quem deveria agora execrar – pois era a evocação viva das coisas horríveis que queria esquecer –, tornou-se pelo contrário uma necessidade, talvez justamente por saber que, mesmo podendo, não tinha falado. Isso se mantinha entre eles como fortíssimo laço, uma cumplicidade. Com frequência o subchefe lançava ao amigo um olhar conivente, apertava-lhe a mão com inesperado ímpeto, com força que parecia ir além da simples expressão de camaradagem.

Mas era sobretudo no lar que Jacques se revelava uma distração, pois também Séverine o

recebia com alegria e uma pequena exclamação quando ele chegava, como alguém tirada da letargia por um súbito prazer. Deixava o que fosse de lado, bordado ou livro, e com palavras e risos saía da morna sonolência em que passava os dias.

– Ah, que bom que veio! Ouvi o expresso, pensei em você.

Quando o maquinista ficava para almoçar era uma festa. Ela já conhecia seu gosto e ia pessoalmente buscar ovos frescos. Tudo isso com muita gentileza, como boa dona de casa que recebe uma pessoa querida, sem que se pudesse ver nisso outra coisa além do desejo de ser amável e a necessidade de se distrair.

– Venha na segunda, não deixe de vir! Teremos creme fresco.

Ao fim de um mês, porém, com essa situação bem-estabelecida, a separação entre os Roubaud se agravou. Séverine cada vez mais apreciava ocupar sozinha a cama, procurava estar o menos possível nela com o marido, que por sua vez nada fazia para impedir isso, ele que era tão ardente e brutal nos primeiros anos do casamento. Sempre a amara sem delicadeza alguma e ela se resignava com submissão de companheira complacente, achando que era sempre assim que devia ser, desconhecendo, aliás, qualquer prazer. Desde o crime, entretanto, sem que soubesse por quê, o marido lhe causava verdadeira repulsa. Sentia-se irritada, assustada. Certa noite, como a vela ainda estava acesa, ela não pôde reprimir um grito, pois naquele rosto convulsionado em cima dela pareceu-lhe rever o do assassino. A partir daí, sentia-se aterrorizada a cada vez, voltando a horrível sensação do assassinato, como se estivesse sendo atacada de faca em punho. Sabia ser loucura, mas o coração batia apavorado. E o marido, diga-se, cada vez menos abusava de seus direitos, sentindo-a reticente demais para que ele tivesse prazer. Era como se o sangue derramado houvesse provocado entre os dois a crise que a idade traz, com cansaço e indiferença. Nas noites em que não podiam evitar o leito comum, ficavam cada um numa beirada. E Jacques evidentemente ajudava na consumação do divórcio, tirando-os, com sua presença, da obsessão em que se encontravam. Ele os livrava um do outro.

Roubaud, no entanto, vivia sem remorsos. Até o caso ser arquivado, tivera medo apenas das consequências judiciais. Sua grande preocupação era simplesmente a de não perder o emprego. Naquele momento, não tinha arrependimento algum. A única diferença, no entanto, se fosse possível tudo refazer, é que não teria envolvido a esposa. De fato, as mulheres se assustam com facilidade e a sua lhe escapava por ele ter-lhe depositado um peso excessivo sobre os ombros. Teria mantido sua posição se não houvesse descido com ela ao companheirismo aterrorizado e hostil do crime. Mas as coisas estavam feitas e era preciso se adaptar a elas. Precisaria, de qualquer forma, de um esforço enorme para voltar ao estado de espírito em que ficou quando, depois da confissão de Séverine, ele havia decidido que aquela morte era necessária à sua vida. Tinha a impressão de que, se não matasse o presidente, não poderia viver. Extinta a chama do ciúme e já não se impondo mais a intolerável ardência, invadido pelo torpor, como se o sangue do seu coração se houvesse condensado com todo aquele sangue derramado, a necessidade do crime já não lhe parecia tão evidente. Às vezes inclusive se perguntava se realmente tinha valido a pena matar. Mas não chegava a ser um arrependimento, no máximo uma desilusão, a descoberta de que podemos fazer coisas inconfessáveis para sermos felizes, e nem por isso conseguirmos sê-lo. Ele que era tão falante caía agora em longos silêncios, em meditações profundas, das quais saía ainda mais sombrio.

Diariamente, então, para evitar depois das refeições estar sozinho com a esposa, subia no telheiro, sentava-se no alto da empena e, sob os sopros de vento do largo, acalentado por vagos devaneios, fumava seu cachimbo a olhar, acima da cidade, grandes navios que se perdiam no horizonte, rumo a mares longínquos.

Certa noite, Roubaud teve um despertar do ciúme feroz de antigamente. Indo procurar Jacques no depósito das locomotivas e levando-o para tomar o cordial em casa, encontrou descendo a escada o controlador-chefe Henri Dauvergne. E este lhe pareceu confuso, explicando ter ido transmitir à sra. Roubaud um recado das suas irmãs. Mas a verdade é que há algum tempo perseguia Séverine, com esperanças.

Mal entrou, o subchefe falou violentamente com a esposa.

– O que fazia aquele sujeito aqui? Sabe que não gosto dele!

– Meu amigo! Era para um desenho de bordado...

– Vou mostrar a ele o que é um bordado! E acha que sou imbecil para não saber o que ele quer! Tome cuidado você também!

Caminhou na direção dela de punhos fechados e Séverine foi recuando pálida, espantada com tal explosão dentro da calma indiferença em que ultimamente viviam. Ele entretanto se acalmou e disse ao colega:

– É incrível, esses abusados que entram numa casa e acham que a mulher vai logo se entregar e o marido, satisfeito, fechar os olhos! Meu sangue ferve... Acredite, fosse o caso eu esganaria minha mulher, isso mesmo, na hora! E que o sujeitinho não apareça mais aqui, ou acerto as suas contas... Não concorda? É nojento.

Constrangido com a cena, Jacques não sabia muito que atitude tomar. Seria para atingi-lo, aquele exagero de raiva? Um aviso que estava sendo dado? Ficou mais tranquilo quando Roubaud se desculpou com a esposa em tom mais sereno:

– Que grande besta que sou! Bem sei que seria a primeira a colocá-lo porta afora, se fosse o caso... Vá, traga os copos e brinde conosco.

Deu tapinhas no ombro de Jacques, e Séverine, também se recuperando, sorriu para os dois homens. Em seguida beberam juntos e passaram uma hora bem agradável.

Foi como Roubaud aproximou sua esposa e o colega, num ambiente de boa amizade, sem parecer imaginar as consequências possíveis. Aquele arroubo de ciúme inclusive se tornou pretexto para maior intimidade entre Jacques e Séverine, com toda uma secreta ternura, consolidada por confidências. Pois ao revê-la dois dias depois, ele lamentou que tivesse sido tão brutalmente tratada. De olhos marejados ela confessou, com as queixas involuntariamente ganhando maiores proporções, quão pouca felicidade encontrava na vida de casada. A partir daí, tiveram um tema de conversação só deles, uma cumplicidade amiga através da qual podiam se entender com um único gesto. A cada visita ele a interrogava com o olhar para saber se havia algum novo motivo de tristeza e a resposta vinha com um simples movimento das pálpebras. Em seguida foram as mãos que passaram a se tocar por trás das costas do marido, de forma cada vez mais intensa, correspondendo-se com demoradas pressões, expressando, pela ponta dos dedos febris, o crescente interesse que tinham pelos menores detalhes das respectivas existências. Raramente tinham a felicidade de se encontrar um minuto sem a presença de Roubaud. Ele sempre estava ali, entre os dois, naquela melancólica sala de

jantar, e eles nada faziam para escapar, sem sequer imaginar a possibilidade de marcar um encontro no fundo de algum canto escondido da estação. Era, até então, uma pura afeição, um laço de viva simpatia em que o marido quase não incomodava, pois um olhar, um aperto de mão ainda bastavam para a mútua compreensão.

A primeira vez que Jacques sussurrou ao ouvido de Séverine que a esperaria na quinta-feira seguinte, à meia-noite, atrás do depósito das locomotivas, ela ficou revoltada e retirou sua mão com violência. Era a sua semana de liberdade, a do turno da noite. Mas sentiu-se perturbada à ideia de sair de casa e ir encontrar o amigo tão longe, atravessando o escuro da estação. Era uma sensação inédita, o medo que têm as virgens inexperientes, com o coração a bater forte. Ela então não cedeu de imediato e o rapaz precisou insistir por quinze dias até obter consentimento, apesar do ardente desejo que ela própria tinha pelo passeio noturno. Era início de junho, as noites se tornavam muito quentes e a brisa marítima mal as refrescava. Três vezes ele a havia esperado, sempre esperançoso de que viesse, mesmo que dissesse não. Fora o caso também naquele dia, mas era uma noite sem lua, noite de céu coberto em que estrela nenhuma brilhava, sob a bruma quente que tornava a atmosfera ainda mais pesada. De pé à sombra, ele finalmente a viu chegar, vestida de preto, com passos mudos. Tudo estava tão escuro que ela podia ter esbarrado nele sem o ver, se ele não a envolvesse nos braços e beijasse. A reação foi um ligeiro gritinho, num frisson. Em seguida, rindo deixou os lábios colados aos dele. Mas foi só isso, em momento algum ela aceitou sequer se sentar sob um dos hangares em volta. Caminharam, conversaram bem baixinho, agarrados um ao outro. Tinham à disposição um vasto espaço ocupado pelo depósito e suas dependências, todo o terreno compreendido entre as ruas Verte e François-Mazeline, ambas cortando a linha com uma passagem de nível: espécie de imenso terreno vago atravancado por vias de garagem, reservatórios, saídas d'água, construções de todo tipo, como os dois grandes abrigos das locomotivas, a casinha dos Sauvagnat cercada pela pequena horta, os barracões das oficinas de reparação e a ala em que dormiam os maquinistas e foguistas. Nada mais fácil do que se esconder, se perder como num bosque entre aquelas ruelas desertas, com inextricáveis desvios. Por uma hora desfrutaram de maravilhosa solidão, que seus corações acalentavam com palavras amigas, represadas há tanto tempo. Pois naquele encontro só falariam de afeição, havia imediatamente declarado Séverine, acrescentando que jamais pertenceria a ele e seria feio demais sujar a pura amizade de que tanto se orgulhava, tendo necessidade apenas de estima. Ele em seguida acompanhou-a até a rua Verte e suas bocas voltaram a se encontrar num beijo profundo. Depois ela voltou para casa.

Naquele instante, na sala dos subchefes, Roubaud começava a cochilar no fundo da velha poltrona de couro, da qual se levantava vinte vezes por noite, com os membros doídos. Até as nove horas, tivera que receber e despachar os trens do fim da tarde. O trem da maré⁶¹ era o que mais dava trabalho: repetidas manobras, atrelagens, folhas de expedição a controlar de perto. Depois da chegada do expresso de Paris e com o comboio já desmembrado, ele comia sozinho, num canto da mesa do escritório, um pedaço de carne fria trazida de casa, entre duas fatias de pão. O último trem, um trem parador vindo de Rouen, entrava na estação à meia-noite e meia. As plataformas desertas caíam então em grande silêncio, ficavam acesos apenas uns poucos bicos de gás, a estação inteira adormecia no farfalhar da semiobscuridade. De todo o pessoal, restavam apenas dois vigias e quatro ou cinco carregadores sob as ordens do subchefe de estação. Conseguiram todos roncar pesado, nas tábuas da guarita de vigilância,

mas Roubaud, forçado a acordá-los à menor suspeita de algo fora do comum, cochilava de ouvidos atentos. Com medo de que o cansaço o fizesse dormir mais profundamente, já de madrugada ele armava o despertador para as cinco horas, quando deveria estar de pé e se preparar para receber o primeiro trem de Paris. Mas às vezes, sobretudo nos últimos tempos, ele não conseguia dormir, com insônia e se revirando na poltrona. Então saía para uma ronda, ia até o posto do agulheiro e conversava um pouco. O vasto céu escuro e a soberana paz da noite acabavam acalmando a sua agitação. Após uma ameaça de gatunos, a administração lhe deixara um revólver, que ele trazia carregado no bolso. E até o amanhecer ele muitas vezes andava assim, parando sempre que achava ter visto algo se mover no escuro, retomando a caminhada, quase lamentando não ter tido oportunidade para um disparo e só relaxando quando o céu se esbranquiçava, tirando da sombra o grande fantasma pálido da estação. Agora que as primeiras claridades despontavam já às três da manhã, ele voltava a essa hora para se jogar na poltrona e dormia profundamente até que o despertador o assustasse e pusesse de pé.

De quinze em quinze dias, na quinta e no sábado, Séverine ia encontrar Jacques e certa noite, mencionando o revólver que o marido carregava, eles se preocuparam. Na verdade, Roubaud nunca ia até o depósito, mas isso não deixava de acrescentar aos passeios uma pitada de perigo que redobrava o encanto. Tinham afinal encontrado um cantinho adorável, por trás da casa dos Sauvagnat, uma espécie de alameda margeada por montes enormes de carvão mineral, dando a impressão de uma rua solitária numa cidade estranha, com grandes palácios de mármore negro. Sentiam-se ali bem protegidos e havia, no fundo, um pequeno barraco de ferramentas com uma pilha de sacos vazios que até poderiam servir de leito acolhedor. Num sábado, porém, em que um súbito aguaceiro os forçou a se abrigar ali, ela teimou em se manter de pé, deixando apenas os lábios entregues a beijos infundáveis. Nisso o seu pudor não interferia, deixava que sofregamente se saciassem, como por amizade. E quando, ardendo de desejo, Jacques tentava maior proximidade, ela se defendia, chorava, repetia sempre os mesmos argumentos. Por que insistia em causar tanta mágoa? Era tão mais delicado se amar sem toda aquela sujeira do sexo! Conspurcada aos dezesseis anos pela devassidão de um velho, cujo espectro sangrento agora a perseguia, estuprada em seguida pelo apetite brutal do marido, preservara-se, mesmo assim, uma candura de criança, uma virgindade, todo aquele encantador acanhamento da paixão que se ignora. O que a interessava em Jacques era a doçura, sua obediência em não dar continuidade ao correr das mãos assim que ela simplesmente as retinha, apesar de toda sua fragilidade. Pela primeira vez ela amava. E não se entregava justamente para não estragar o amor, não lhe pertencer como pertencera aos dois outros homens. Inconscientemente queria prolongar para sempre aquela sensação deliciosa, voltar a ser a adolescente de antes da imundice, de ter um bom amigo como se tem aos quinze anos e podem-se trocar beijos ardentes por trás das portas. Fora dos instantes febris, Jacques não fazia exigências, participava daquela felicidade voluptuosamente adiada. É que também para ele parecia um retorno à infância, um reinício do amor que, até então, se revelara doloroso. Mantinha-se dócil, recolhendo as mãos assim que ela as afastava, mas motivado pelo surdo medo que permanecia alojado no fundo da sua ternura, aquela grande perturbação, na qual ele temia confundir o desejo com a antiga necessidade de matar. Séverine, que havia matado, era então como um sonho da sua volúpia. A cada dia a cura parecia mais assegurada, pois a tivera por horas enlaçada a seu pescoço, com as bocas de ambos coladas. Bebera a sua alma sem que a furiosa vontade despertasse querendo se impor, sem querer degolá-la. Mas

ainda não ousava muito, e era tão bom esperar, deixar ao amor a tarefa de uni-los quando chegasse a hora, no desalento das vontades, nos braços um do outro. De forma que os encontros felizes se sucediam, eles não se cansavam de voltar a se encontrar por um momento, de caminhar juntos no breu, entre as montanhas de carvão que mais escureciam a noite ao redor deles.

Certa noite de julho, para chegar a Le Havre às onze e cinco, a hora prevista, Jacques precisou forçar a Lison, como se o calor sufocante a tivesse deixado preguiçosa. Desde Rouen, à esquerda, uma tempestade o acompanhava, seguindo o vale do Sena com fulgurantes relâmpagos que tudo iluminavam. Ele de vez em quando os vigiava preocupado, pois devia encontrar Séverine naquela noite e temia que a tempestade, caso despencasse cedo demais, a impedisse de sair. Ao conseguir chegar à estação antes da chuva, foi a vez de se impacientar com os passageiros, que não paravam mais de sair dos vagões.

Roubaud estava na plataforma, de serviço a noite inteira.

– Por Deus! – ele exclamou rindo. – Está com pressa de ir para a cama... Durma bem.

– Obrigado.

E Jacques, depois de liberar a locomotiva, apitou e se dirigiu ao depósito. As abas do imenso portão estavam abertas e a Lison mergulhou no hangar fechado, uma espécie de galeria com duas pistas e cerca de setenta metros de comprimento, podendo conter seis locomotivas. Tudo estava muito escuro, quatro bicos de gás mal conseguiam quebrar um pouco as trevas, e mais pareciam aumentá-las, acrescentando grandes sombras moventes. Só mesmo os relâmpagos aclaravam às vezes a vidraça do teto e as altas janelas, de um lado e de outro. Distinguiam-se então, como no clarão de um incêndio, as paredes com rachaduras, as vigas enegrecidas de carvão, toda a miséria caduca daquele prédio já insuficiente. Duas locomotivas estavam ali, frias, adormecidas.

Imediatamente Pecqueux começou a esvaziar a fornalha. Atiçava violentamente os restos de brasas, que caíam pelas grelhas no fosso.

– Estou morrendo de fome, vou comer alguma coisa – disse ele. – Não quer ir?

Jacques não respondeu. Apesar da pressa, não queria deixar a Lison antes de a última brasa cair e a caldeira estar vazia. Era um cuidado, um hábito de bom maquinista que ele sempre manteve. Quando tinha tempo, só ia embora depois de uma vistoria completa e alguma limpeza, com a atenção que se dá a um animal de valor.

Fez escorrer água aos jatos pelo fosso, dizendo apenas:

– Rápido, vamos rápido com isso.

Uma formidável trovoadas abafou suas palavras. As altas janelas, contra o céu em chamas, se destacaram tão claramente que era possível contar os vidros quebrados, que eram muitos. À esquerda, ao longo das bancadas da oficina de reparos, uma folha de zinco que estava de pé vibrou como se fosse um sino. Todo o antigo madeiramento do telhado estremeceu.

– Diabos! – disse simplesmente o fogueira.

O maquinista teve um gesto de desconsolo. Era o fim das esperanças, ainda mais que uma chuva diluviana começou a cair sobre o hangar. As trovoadas davam a impressão de que arrebenhariam os vidros do telhado. Também lá em cima algumas placas deviam estar quebradas, pois chovia muito sobre a Lison, pingos grossos. Um vento furioso entrava pelos

portões ainda abertos, parecendo querer carregar a carcaça do velho prédio.

Pecqueux deu por encerradas as atividades na locomotiva:

– Pronto! Amanhã vai dar para ver melhor... Por hoje chega de paparicos... E voltando à ideia anterior:

– É melhor ir comer... Está chovendo demais para se atirar direto na cama.

De fato o refeitório ficava bem ao lado do depósito, enquanto o dormitório para maquinistas e foguistas que passavam a noite em Le Havre era numa casa, alugada pela Companhia, na rua François-Mazeline. Naquele dilúvio, chegariam lá encharcados até os ossos.

Jacques teve então que aceitar a ideia de acompanhar Pecqueux, que por gentileza resolvera carregar um pequeno cesto do chefe. Ele sabia que dentro restavam ainda duas fatias de vitela fria, pão e uma garrafa quase cheia – e era, na verdade, o que lhe dava água na boca. A chuva redobrava, uma nova trovoadá acabava de sacudir o hangar. Quando os dois homens saíram pela pequena porta à esquerda, que levava à cantina, a Lison já esfriava. E depois dormiu abandonada, na escuridão que os violentos relâmpagos por momentos iluminavam, sob pesadas gotas que inundavam seu costado. Perto dela, a água que saía de uma bica mal fechada formava uma poça, que escorria entre suas rodas até o fosso.

Antes de entrar no refeitório, Jacques quis se lavar um pouco. Havia sempre, num canto, água quente e tinas. Pegou um sabão no seu cesto e tirou das mãos e do rosto o negrume da viagem. E porque tinha a precaução recomendada aos maquinistas de ter sempre uma muda de roupa sobressalente, pôde se trocar da cabeça aos pés, como se esmerava em fazer quando tinha encontro marcado ao chegar a Le Havre. Já Pecqueux esperava na cantina, mal tendo lavado a ponta do nariz e os dedos.

O tal refeitório consistia em mera salinha de paredes amarelas, quase vazia, tendo apenas um forno para aquecer a comida e uma mesa, chumbada no piso e coberta por uma folha de zinco à guisa de toalha. Dois bancos completavam o mobiliário. Os ferroviários tinham que trazer seus próprios víveres e comer em cima de um papel, com a ponta de suas facas. Uma ampla janela iluminava o cômodo.

– Isso realmente é uma chuva das feias! – resmungou Jacques de pé à janela.

Pecqueux esperava sentado num banco, à mesa.

– Não vai mesmo comer?

– Não, meu amigo, pode acabar com o pão e a carne, se tiver vontade... Não estou com fome.

O foguista não se fez de rogado, atacou a vitela e deu cabo da garrafa. Muitas vezes tinha uma sorte dessas, pois o chefe não era de comer muito. Isso o fazia apreciá-lo ainda mais, em sua fidelidade canina, por todas as migalhas que de vez em quando lhe sobravam. De boca cheia, voltou a falar, após um silêncio:

– Que chova, que diferença faz, já que chegamos? É bem verdade que, se continuar assim, vou abandoná-lo. Fico aqui ao lado.

E começou a rir, pois não escondia do amigo o caso com Philomène Sauvagnat, para que não estranhasse o fato de tão frequentemente não passar a noite no dormitório. Como ela ocupava, na casa do irmão, um quarto no térreo, perto da cozinha, bastava bater na janela: ela

abria e Pecqueux entrava por ali mesmo, da maneira mais simples. A tal janela, diziam as más línguas, todo o pessoal da estação já havia pulado. Mas Philomène agora se dedicava apenas ao foguista que, aparentemente, lhe bastava.

– Diabos! Diabos! Diabos! – praguejou surdamente Jacques, vendo o dilúvio ficar mais violento, após ter diminuído por um momento.

Pecqueux, com o último pedaço de carne na ponta da faca, soltou de novo uma risada quase infantil.

– Será que tinha alguma coisa prevista essa noite? Diz aí! Ninguém, aliás, pode nos acusar de gastar muito os colchões lá da rua François-Mazeline.

Jacques deixou bruscamente a janela.

– Que história é essa?

– Ora, está parecendo eu, desde a primavera só vai se deitar às duas ou três horas da manhã.

Ele devia saber de alguma coisa, talvez tivesse percebido algum dos encontros. Nos dormitórios as camas eram aos pares, com a do foguista junto à do maquinista, pois procurava-se aproximar ao máximo a vida dos dois colegas, buscando maior e mais estreito entendimento no trabalho. Não era então de espantar que Pecqueux se desse conta do comportamento irregular do chefe, até então dos mais moderados.

– Tenho dores de cabeça – explicou-se Jacques. – Melhoram se caminho um pouco à noite.

Mas o foguista já temporizava:

– É claro, tem todo direito... Estava só brincando... E se por acaso um dia tiver algum problema, não deixe de falar comigo, estou junto para o que for.

Sem se explicar mais claramente, tomou a liberdade de pegar a mão de Jacques e apertá-la com força entre as suas, para confirmar o inteiro dom da sua pessoa. Depois, amassou e jogou fora o papel gorduroso que havia embrulhado a carne, devolveu a garrafa ao cesto, fez uma pequena arrumação como bom subalterno cuidadoso, tendo o hábito da vassoura e da esponja. E como a chuva insistia em cair, apesar das trovoadas terem cessado:

– Bom, vou indo. Deixo-o pensando na vida.

– Está bem! – exclamou Jacques. – Já que a chuva não para, vou me deitar no acampamento.

Era, ao lado do depósito, uma sala com colchões protegidos por capas de lona onde os funcionários podiam descansar vestidos, quando tinham apenas três ou quatro horas de espera na cidade. E de fato, assim que viu o foguista desaparecer na direção da casa dos Sauvagnat, ele se decidiu e rumou para esse aposento. Mas em vez de se deitar, ficou junto à porta aberta, sufocado pelo calor intenso que fazia lá dentro. Bem no fundo, um colega maquinista, deitado de barriga para cima, roncava com a boca escancarada.

Alguns minutos se passaram e Jacques não se conformava, não perdia a esperança. Na irritação contra aquele dilúvio imbecil, crescia uma absurda vontade de ir, apesar de tudo, ao ponto de encontro. Pelo menos teria a alegria de estar ali, mesmo sem Séverine. O impulso tomou conta de todo seu corpo e ele acabou saindo em plena tempestade. Chegou ao cantinho de que tanto gostavam e seguiu a alameda negra formada pelas pilhas de carvão. E como as pesadas gotas, banhando o seu rosto, o impediam de ver, continuou até o barracão de

ferramentas, onde uma vez já tinham se abrigado. Achou que ali se sentiria menos só.

Entrava na profunda escuridão daquele recinto quando dois braços delicados o envolveram e lábios mornos se colaram aos seus. Séverine estava lá.

– Deus do céu! Você veio!

– Vim, percebi a tempestade se formando e me apressei antes da chuva... Como demorou!

Suspirava com a voz quase apagada, ele nunca a havia sentido se abandonar tanto em seus braços. Em seguida, ela se deixou sentar sobre os sacos vazios, naquele leito macio que ocupava todo um canto do barraco. Ele a acompanhou sem que os braços de ambos se desatassem, sentidos suas pernas também se entrelaçarem. Não podiam se ver, mas as respirações se misturaram envolvendo-os numa espécie de vertigem, fazendo desaparecer tudo ao redor.

Na ardente troca de beijos que se seguiu, os dois apaixonados passaram com naturalidade a um tratamento menos formal, acompanhando os acelerados fluxos de sangue dos seus corações.

– Estava me esperando...

– Ah! Esperei, esperei muito...

E imediatamente, logo no primeiro momento, sem quase nada dizer, foi ela que o puxou para si e o fez possuí-la. Não havia premeditado. Quando Jacques chegou, ela sequer achava mais que o veria, mas acabava de se deixar levar pela alegria inesperada de abraçá-lo, por uma brusca e irresistível necessidade de pertencer a ele, sem fazer cálculos nem pensar. Assim seria porque tinha que ser. A chuva se intensificava no telhado do depósito, o último trem de Paris a entrar na estação passou, rugindo e apitando, sacudindo a terra.

Quando Jacques se levantou, ouviu com surpresa o rumor da tempestade. Onde estava? E ao reconhecer no chão, bem perto dele, o cabo de um martelo que já havia percebido ao se sentar, uma vaga de felicidade o invadiu. Tinha então conseguido? Havia possuído Séverine sem procurar o martelo para arrebentar sua cabeça. Pertencera-lhe sem luta, sem aquele impulso instintivo de jogá-la de costas, morta, como uma presa arrancada do bando. Não sentia mais a sede de se vingar de ofensas muito antigas, das quais havia perdido a exata lembrança, o rancor que, de macho em macho, se ajuntou desde a primeira traição, no fundo das cavernas. Nada disso. Aquela posse tinha um encanto arrebatador. Séverine o havia curado por ser diferente, violenta em sua fraqueza, coberta do sangue de um homem, o que formava nela uma espécie de couraça de horror. Era ela a força dominante, ousando onde ele não ousara. Foi então com terna gratidão, com um desejo de nela se fundir, que voltou a abraçá-la.



– Ah! Esperei, esperei muito...

Séverine igualmente se abandonara, feliz, liberada de uma luta da qual não entendia mais a razão. Por que se negara por tanto tempo? Havia prometido, deveria ter se entregado antes. Com Jacques só encontraria prazer e suavidade. Naquele momento, compreendeu perfeitamente ser o que sempre quis, mesmo achando tão bom esperar. Seu coração e corpo só viviam pela necessidade de amor absoluto e contínuo. Todos aqueles acontecimentos que a haviam lançado, assustada, contra tantas abominações, tinham sido terrivelmente perversos. Até então fora enganada na vida com lama, sangue e uma tal violência que seus belos olhos azuis, ainda ingênuos, guardaram um terror que os arregalava, sob o manto trágico que os seus cabelos negros formavam. Tinha permanecido virgem, apesar de tudo, e acabava de, pela primeira vez, se entregar àquele homem adorado, querendo desaparecer nele, ser sua serva. Pertencia a ele, que dela podia dispor segundo seus caprichos.

– Meu amor, fique comigo, quero tudo que você quiser.

– Não, é você a soberana, estou aqui apenas para amá-la e obedecer.

Horas se passaram. A chuva há muito tempo tinha cessado, um grande silêncio reinava na estação, perturbado apenas por uma voz longínqua, indistinta, que vinha do mar. Estavam ainda nos braços um do outro quando um disparo de arma de fogo os pôs de pé, trêmulos. O dia já ia nascer, sua mancha pálida esbranquiçava o céu acima da desembocadura do Sena. Que disparo era aquele? A imprudência cometida, a loucura de estar ali até aquela hora, tudo os fazia imaginar o marido a persegui-los aos tiros.

– Não saia, vou ver o que é.

Com toda cautela, Jacques foi até a porta e, na escuridão ainda cerrada, ouviu se aproximar um tropel de homens e reconheceu a voz de Roubaud, que incitava os vigias gritando que os ladrões eram três e ele os vira roubando carvão.

Há semanas a mesma cena se repetia e não havia noite em que ele não fosse acometido por alucinações assim, com bandidos imaginários. Desta vez, entrando em pânico, havia atirado a

esmo, na escuridão.

– Rápido! Não podemos ficar aqui – disse baixinho Jacques. – Vão vir revistar o depósito... Fuja!

Os dois se arrumaram com pressa, entre abraços apertados e beijos. Em seguida Séverine prestamente esgueirou-se ao longo do depósito, protegendo-se junto à comprida parede, enquanto Jacques, sem fazer barulho, se escondeu no meio dos montes de carvão. Na verdade bem a tempo, pois Roubaud queria de fato vasculhar o barracão. Jurava que os ladrões estariam ali. As lanternas dos vigias dançavam rente ao chão. Houve uma discussão e todos acabaram retomando o rumo da estação, irritados com a inútil perseguição.

E quando Jacques, tranquilizado, resolveu enfim ir para a rua François-Mazeline dormir, se surpreendeu quase esbarrando em Pecqueux, que acabava de vestir suas roupas e praguejava feio.

– O que é isso, amigo?

– Ah! Santo Deus! Nem me fale! Esses imbecis acabaram acordando Sauvagnat, que me ouviu no quarto com a irmã e desceu de camisolão. Saí correndo pela janela... Veja só, ouça!

Eram gritos e choro de mulher apanhando muito, enquanto uma voz mais grossa de homem não economizava xingamentos.

– Hein? Viu só? A surra de sempre. Por mais que tenha trinta e dois anos, entra no cinto como se fosse criança, quando é pega em flagrante... Bom, que seja! Não me meto: são irmãos!

– Achei que a você ele aceitasse, que só se enfurecesse quando a encontrava com outros – disse Jacques.

– Nunca se sabe. Às vezes finge que não me vê. E outras vezes, de repente, sai batendo... Mas gosta da irmã. São ligados e por nada nesse mundo se separaria dela. Só que quer manter a compostura... Santo Deus! Acho que ela já teve a sua cota de hoje.

Os gritos pararam, restando apenas uns suspiros chorosos. Os dois homens se afastaram. Dez minutos depois, dormiam a sono solto, um ao lado do outro no fundo do pequeno dormitório caiado de amarelo, mobiliado com quatro camas simples, quatro cadeiras e uma mesa, havendo uma só bacia de zinco.

Agora, a cada noite de encontro, Jacques e Séverine tinham grandes alegrias. Nem sempre contavam com a proteção da tempestade. Céus estrelados, luas resplandecentes atrapalhavam, mas nessas noites procuravam os locais mais encobertos, os cantinhos mais escuros, onde se abraçavam e se sentiam tão bem. Passaram então, nos meses de agosto e setembro, noites adoráveis, de tal suavidade que poderiam até languidamente se deixar surpreender pelo sol, se o despertar da estação, o bufar longínquo de alguma locomotiva não os separasse. Sequer as primeiras friagens de outubro foram desagradáveis. Ela vinha mais abrigada, debaixo de um pesado casacão no qual até ele meio que desaparecia. Depois se trancavam dentro do barracão de ferramentas, que ele passara a fechar por dentro com uma barra de ferro. Sentiam-se como se estivessem em casa. Turbilhões do mês de novembro e vendavais podiam até arrancar placas de ardósia dos telhados sem sequer incomodá-los. Jacques, no entanto, desde a primeira vez tinha um desejo, o de possuí-la em casa, naquele estreito alojamento em que ela parecia outra pessoa, ainda mais atraente, numa sorridente tranquilidade de burguesa honesta.

Ela, porém, recusava, menos por medo da espionagem do corredor e mais por um derradeiro escrúpulo da virtude, zelando pelo leito conjugal. Mas certa segunda-feira, em pleno dia, pois ele fora convidado a almoçar e o marido demorava a subir, retido pelo chefe de estação, gracejando o rapaz levou-a até a cama e, numa louca temeridade que os fazia rir, lá ficaram. A partir daí ela não resistiu mais e Jacques subia para encontrá-la em casa depois da meia-noite, às quintas e sábados. Era extremamente perigoso, eles mal se moviam, com medo dos vizinhos. Mas tudo isso gerava maior carinho e novos prazeres. Muitas vezes, a vontade de um passeio noturno, a necessidade de escapar como se fossem animais que fogem do cerco os levava para o ar livre, para a solidão das noites glaciais. No mês de dezembro, sob uma forte geada, amaram-se lá fora.

Há quatro meses Jacques e Séverine viviam dessa maneira, em crescente paixão. Eram realmente jovens, na infância dos seus corações, na inocência espantada do primeiro amor, que as menores carícias encantam. Mantinha-se o combate da submissão, numa disputa de quem se sacrificaria mais pelo outro. Pessoalmente, ele não tinha mais dúvida, estava curado da sua medonha tara hereditária. Desde que a possuía, a ideia de matar não o perturbava mais. Estaria contida pela posse física a vontade assassina? Será que, nas sombrias profundezas da besta humana, possuir e matar se equivalem? Ignorante demais, ele não raciocinava, não tentava abrir essa porta do horror. Às vezes, nos braços da amante, voltava-lhe bruscamente a lembrança do que ela havia feito, o assassinato, admitido apenas pelo olhar no banco do jardim de Batignolles. E não tinha vontade de saber dos detalhes. Séverine, pelo contrário, parecia cada vez mais atormentada pela necessidade de tudo contar. Quando o abraçava forte, ele sentia perfeitamente que estava sufocada e ofegante por causa do seu segredo e que desejava anelar-se a ele para assim se livrar do que a asfixiava. Era uma energia que partia dos rins, erguia seu colo de mulher apaixonada, num fluxo confuso de suspiros que chegavam aos lábios. A voz expirava no meio de um espasmo; estava resolvida a falar? Mas ele, rapidamente, com um beijo fechava a sua boca, impedia a confissão, subitamente preocupado. Por que colocar aquela incógnita entre os dois? Poder-se-ia afirmar que aquilo em nada modificaria a felicidade comum? Ele pressentia o perigo, uma tensão o invadia, face à expectativa de revolver com ela aquelas histórias de sangue. E Séverine provavelmente também percebia, voltava à atitude carinhosa e dócil, criatura do amor, feita unicamente para amar e ser amada. Um delírio de posse então os dominava e, às vezes, permaneciam semidesfalecidos, um nos braços do outro.

Já Roubaud, desde o verão estava mais pesado e, na medida em que a esposa recuperava o frescor dos vinte anos, ele envelhecia e parecia mais sombrio. Em quatro meses, como ela dizia, o marido havia mudado muito. Continuava estendendo cordialmente a mão a Jacques, convidava-o à sua casa e só se mostrava contente quando o tinha à mesa. Mas essa distração passou a não bastar e ele frequentemente saía, mal acabava de comer, deixando o companheiro com a esposa, a pretexto de precisar tomar um pouco de ar fresco. A verdade é que passara a frequentar o café da avenida Napoléon, onde encontrava o comissário de vigilância, sr. Cauche. O subchefe pouco bebia, apenas uns poucos copinhos de rum, mas descobrira um gosto pelo jogo, em vias de se tornar paixão. Só recuperava o ânimo e esquecia tudo com as cartas do baralho na mão, às voltas com intermináveis partidas de *piquet*.⁶² O sr. Cauche, inveterado jogador, havia proposto tornar as partidas mais interessantes e organizaram-se apostas que chegavam até à soma de cinco francos. Roubaud, espantado em descobrir que não

se conhecia tão bem, tomou-se de forte entusiasmo pelo ganho, a febre ardente da cobiça, que arrasa um homem até fazê-lo pôr em risco sua situação, quiçá a própria vida, num lance de dados. Até ali, seus expedientes como subchefe de estação não tinham sido afetados: escapava assim que se via livre, voltando para casa apenas às duas ou três horas da manhã nas noites em que não estava de plantão. A esposa não reclamava, mas não deixava de observar que ele estava cada vez mais carrancudo; pois uma falta de sorte extraordinária o perseguia e ele se endividava.

Certa noite, uma primeira discussão mais áspera explodiu entre Séverine e Roubaud. Sem ainda chegar ao ódio, suportava-o cada vez menos, sentindo-o como um peso na sua vida. Tudo seria tão mais leve, mais feliz, sem a presença dele! Aliás, não sentia remorso algum por enganá-lo; que culpa tinha se ele praticamente a compelira ao adultério? Na lenta desunião do casal, procurando tratar do mal que o desorganizava, cada um se consolava, se desanuviava à sua maneira. Ele tinha o jogo, ela podia perfeitamente ter um amante. Mas o que a aborrecia, o que não podia aceitar sem contrariedade era o constrangimento causado pelas constantes perdas do marido. Desde que as moedas de cinco francos começaram a sumir no café da avenida Napoléon, ela não sabia mais como pagar a lavadeira. Todo tipo de supérfluo, de pequenas necessidades pessoais femininas começou a faltar. E na noite em questão, foi justamente pela necessidade da compra de um par de botinas que começou a discussão. No momento de sair, não achando a faca para cortar um pedaço de pão, ele havia pegado a outra, a arma, que era deixada na gaveta do aparador. Ela olhava, vendo-o recusar os quinze francos das botinas, por não os ter nem saber onde conseguir. Ela repetia o pedido obstinadamente, forçava-o a repetir a negativa que pouco a pouco ia se tornando mais exasperada; de repente, ela apontou para o lugar do assoalho em que dormiam os espectros. Disse-lhe haver ali dinheiro e que o queria. Roubaud ficou lívido, a faca caiu de volta na gaveta. Por um momento ela achou que seria agredida fisicamente, vendo o marido se aproximar. Quase sem conseguir falar, disse que aquele dinheiro podia muito bem apodrecer ali, que seria mais fácil cortar fora a própria mão do que pegá-lo. E mostrou o punho fechado como ameaça, caso ela quisesse, na sua ausência, levantar o friso e retirar um centavo que fosse. Nunca, jamais! Era algo morto e enterrado! Ela mesma, aliás, igualmente havia empalidecido, quase perdendo os sentidos só de pensar em mexer ali. Poderia a miséria vir, morreriam de fome. De fato, não se tocou mais no assunto, nem nos dias de maior penúria. Quando aproximavam o pé daquele local, tinham uma crescente sensação de calor, tão intolerável que acabavam se afastando.

Outras discussões então aconteceram, mas por causa de Croix-de-Maufras. Por que não vender a casa? Reciprocamente se acusavam de nada fazer para apressar a venda. Ele próprio se recusava violentamente a tratar do assunto, enquanto ela, nas raras vezes em que escreveu a Misard, obteve apenas respostas vagas: nenhum interessado se apresentava, os frutos tinham apodrecido e os legumes murchavam por não serem regados. Pouco a pouco, a grande calma que se estabelecera depois da crise vinha sendo sacudida e o casal corria o risco de se deixar levar por uma retomada da terrível febre. Todos os germes de mal-estar – o dinheiro escondido e o amante – ganhavam terreno e os separavam, irritando um contra o outro. Nessa crescente agitação, a vida foi se tornando um inferno.

Além disso, por fatal coincidência, tudo parecia desandar em torno dos Roubaud. Nova borrasca de mexericos e brigas soprava no corredor. Philomène acabava de romper violentamente com a sra. Lebleu, que por calúnia a acusou de lhe haver vendido uma galinha

morta por doença. Mas o verdadeiro motivo da ruptura tinha sido a aproximação de Philomène e Séverine. Pecqueux havia reconhecido esta última nos braços de Jacques, certa noite, e ela então deixou de lado a soberba, passando a se mostrar mais cordial com a amante do foguista. Lisonjeada com aquele bom tratamento por parte de quem incontestavelmente encarnava a beleza e a distinção da estação ferroviária, Philomène acabou se colocando contra a mulher do caixa, “aquela bruxa velha, capaz de mover montanhas para causar maldades”. Acusava-a de mil manigâncias, dizendo em voz alta que o alojamento voltado para a rua era dos Roubaud, sendo um absurdo não fazer valer esse direito. As coisas começaram então a ficar feias para a sra. Lebleu, ainda mais porque, de tanto vigiar a srta. Guichon para provar sua ligação com o chefe de estação, estava correndo sérios riscos. De fato, não conseguia surpreendê-los, mas cometia o erro de deixar que a surpreendessem de ouvido colado na porta. Irritado com aquela espionagem, o sr. Dabadie acabou comentando com o subchefe Moulin que a primeira vez que Roubaud reivindicasse o alojamento, ele se disporia a subscrever o pedido. O normalmente pouco dado a falatórios subchefe Moulin repetiu esse comentário, o que quase gerou uma pancadaria de porta em porta, de uma ponta a outra do corredor, de tanto que se reacenderam as paixões.

No meio de toda essa crescente agitação, Séverine tinha apenas um dia agradável na semana, a sexta-feira. Desde o mês de outubro, inventara um tranquilo e audacioso pretexto, o primeiro que lhe passou pela cabeça, uma dor no joelho que necessitava dos cuidados de um médico especializado. Toda sexta-feira, então, partia no expresso das 6h40, conduzido por Jacques, e passava o dia com ele em Paris, voltando no fim da tarde, no expresso das 18h30. De início, achou-se na obrigação de dar ao marido notícias do joelho, se estava melhor ou pior, mas depois, vendo que ele sequer ouvia, deixou de fazer qualquer comentário. Às vezes, olhava-o bem, se perguntava se ele sabia. Como aquele ciumento feroz, capaz de matar, imerso no sangue e numa raiva imbecil, tolerava que tivesse um amante? Não podia acreditar, achou que ele simplesmente estava ficando mais idiota ainda.

Nos primeiros dias de dezembro, numa noite glacial, Séverine esperou o marido até tarde. No dia seguinte, uma sexta-feira, tomaria o expresso antes do amanhecer. Nessas ocasiões, ela costumava se preparar com todo esmero, deixando inclusive as roupas prontas para se vestir rapidamente, mal saía da cama. Acabou se deitando e conseguindo dormir, por volta de uma hora. Roubaud não havia chegado. Por duas vezes ele já havia voltado para casa com o dia prestes a raiar, totalmente entregue à crescente paixão, sem conseguir deixar o café, onde uma salinha dos fundos pouco a pouco tinha se transformado em verdadeiro cassino: apostavam-se agora fortes somas no *écarté*.⁶³ Nada descontente de dormir sozinha, embalada pela expectativa das horas agradáveis que esperava ter no dia seguinte, dormiu profundamente, sob o suave calor das cobertas.

Mas quase às três horas um barulho estranho a despertou. De início não compreendeu direito, achou ter sonhado e voltou a dormir. Eram ruídos surdos, estalidos de madeira, como se estivessem forçando uma porta. Um barulho mais brusco, de algo se rompendo, acabou por acordá-la completamente. Ficou apavorada: com certeza alguém estava arrombando a fechadura do corredor. Por um minuto nem ousou se mexer, à escuta, com os ouvidos latejando de tanto esforço. Depois tomou coragem para ir ver e se levantou com todo cuidado, descalça. Entreabriu devagarzinho a porta do quarto, mas tão encolhida de frio que parecia ainda menor na camisola. O espetáculo com que se deparou na sala de jantar deixou-a paralisada de

surpresa e pavor.

Deitado de barriga no chão e apoiado nos cotovelos, Roubaud tinha arrancado o friso com um formão. Uma vela ao lado o iluminava e projetava uma sombra enorme, que ia até o teto. Naquele minuto mesmo, com o rosto voltado para o buraco que formava uma fenda escura no assoalho, ele procurava de olhos esbugalhados. A agitação sanguínea deixava as faces arroxeadas, era a sua fisionomia de assassino. Brutalmente mergulhou a mão e, de tão alterado que estava, nada encontrou, precisou aproximar a vela. No fundo apareceram o porta-níqueis, o dinheiro, o relógio.

Séverine não conseguiu controlar um grito e Roubaud, assustado, se virou. De imediato nem a reconheceu, provavelmente achou ser um espectro, toda branca e horrorizada.



Com o rosto voltado para a fenda escura no assoalho, ele procurava de olhos esbugalhados.

– O que está fazendo? – ela perguntou.

Afinal compreendendo, mas sem querer responder, ele soltou apenas um grunhido abafado. Olhou para a mulher, incomodado com a sua presença e querendo que voltasse para a cama. Mas nada que fosse condizente vinha à cabeça; sua vontade era apenas de esbofeteá-la ali mesmo, tremendo de frio e nua.

– Então é assim? – ela continuou. – Não pode me dar botinas, mas pega o dinheiro porque perdeu no jogo.

De súbito aquilo o enfureceu. Iria agora querer ainda estragar a sua vida, ser uma desmancha-prazeres, aquela mulher que ele não desejava mais, cuja posse não passava de uma lembrança sem o menor prazer? Havia encontrado outra distração, não precisava mais dela. Voltou a procurar no esconderijo e pegou apenas a sacolinha, com os trezentos francos em ouro. Depois de recolocar o friso no lugar com uma pisada de calcanhar, foi até ela e esbravejou, de dentes cerrados:

– Não me encha a paciência! Faço o que bem entender. Por acaso fico perguntando o que vai fazer logo mais em Paris?

Em seguida, dando de ombros sem esconder a raiva, voltou ao café, deixando a vela no chão.

Séverine pegou-a e voltou para a cama, gelada até os ossos. Deixou-a acesa sem conseguir dormir, esperando a hora do expresso de olhos arregalados, seu corpo pouco a pouco passando a arder. Agora tinha certeza, era como se o crime tivesse se infiltrado, causando progressiva desorganização e degradando aquele homem, deteriorando qualquer vínculo entre os dois. Roubaud sabia.

61. *Train de marée*, expresso que ligava portos de pesca a grandes centros urbanos, transportando peixe fresco.

62. Jogo em que o baralho é distribuído entre três ou quatro jogadores, que devem juntar a maior quantidade possível de cartas da mesma cor, com valete, dama e rei tendo maior valor.

63. Carteado, menos dependente da sorte, em que os jogadores podem dispensar (*écarter*) suas cartas, esperando melhor combinação.

NAQUELA SEXTA-FEIRA, os passageiros que, em Le Havre, deviam pegar o expresso das 6h40, tiveram ao acordar uma surpresa: a neve caía desde a meia-noite, em flocos tão firmes, tão grandes que encheram as ruas com uma camada de trinta centímetros de espessura.

Já sob o cais coberto, a Lison bufava, fumegante, tendo atrelados a ela sete vagões, três de segunda classe e quatro de primeira. Por volta das cinco e meia, Jacques e Pecqueux tinham chegado ao depósito para a vistoria, já resmungando, preocupados com aquela insistência da neve, que parecia ainda encher o céu carregado. Agora, em seus respectivos postos, esperavam o apito do chefe de estação com os olhos perdidos ao longe, para além do portal aberto que o telheiro formava, olhando a queda muda e interminável dos flocos que traçavam riscas esbranquiçadas nas trevas.

O maquinista murmurou:

– Diabos me carreguem se consigo ver algum sinal!

– Se é que vamos conseguir passar! – completou o foguista.

Roubaud estava no cais com sua lanterna, tendo chegado naquele exato minuto para assumir seu turno. Às vezes, suas pálpebras pesadas caíam de cansaço, sem que nem por isso ele deixasse de estar atento. Quando Jacques lhe perguntou se tinha alguma informação sobre o estado geral da via, ele se aproximara para um aperto de mão, respondendo não ter ainda recebido aviso algum. Nesse momento Séverine descia do alojamento, agasalhada num pesado casacão, e o marido a acompanhou até um compartimento de primeira classe, indicando um assento. Provavelmente havia percebido o olhar de carinhosa preocupação trocado entre os dois amantes, mas limitou-se apenas a lembrar à esposa ser uma imprudência partir com um tempo daquele e que talvez fosse melhor adiar a viagem.

Passageiros chegavam encasacados, carregados de malas, com todo o corre-corre de praxe naquele frio terrível da manhã. Nem a neve nos sapatos derretia. As portas dos vagões foram fechadas, todos tomaram os seus lugares e a plataforma ficou deserta, mal iluminada pelos clarões incertos de alguns bicos de gás, enquanto o fanal⁶⁴ da locomotiva, preso na base da chaminé, ardia sozinho, como um olho gigante, ampliando na distância, no escuro, sua extensão incendiária.

Roubaud ergueu sua lanterna, dando o sinal. O controlador-chefe apitou e Jacques respondeu, depois de abrir o regulador e inclinar para a frente o pequeno volante de mudança de marcha. Partiam. Por um minuto ainda, o subchefe tranquilamente seguiu com o olhar o trem que se afastava sob a tempestade.

– Todo cuidado! – disse Jacques a Pecqueux. – Nada de brincadeira hoje.

Ele tinha percebido que o companheiro também parecia estar caindo de cansaço: provável resultado de alguma farra na véspera.

– Não tem perigo, não tem perigo! – sorriu o foguista.

Assim que saíram da parte coberta, se viram em plena neve. O vento soprava a partir do leste e a locomotiva o recebia em cheio, açoitada de frente pelas rajadas. Atrás do abrigo, os dois ferroviários de início não foram muito incomodados, vestidos com lã grossa e protegidos por óculos. Na escuridão, porém, a luz forte do fanal parecia ser devorada por toda aquela densidade descorada que caía. Em vez de ser iluminada por até duzentos ou trezentos metros, a via se mostrava sob uma espécie de bruma leitosa, em que as coisas só surgiam já muito próximas, como se viessem das profundezas de um sonho. Como temia o maquinista, logo se constatou – já no primeiro sinal de beira da via – que seria impossível distinguir, dentro da distância mínima regulamentar, as luzes vermelhas delimitando o caminho. Isso levou ao auge a sua preocupação. A partir daí avançou com extrema prudência, sem poder entretanto diminuir a velocidade, pois o vento opunha enorme resistência e qualquer atraso representaria perigo igualmente grande.

Até a estação de Harfleur a Lison manteve boa marcha contínua. A camada de neve que havia ainda não preocupava Jacques, pois não passava dos sessenta centímetros e o limpaneve dianteiro podia dar conta de até um metro, facilmente. Estava concentrado em manter a velocidade, sabendo que a verdadeira qualidade de um maquinista, depois da temperança e do amor por sua locomotiva, está em avançar de maneira regular, sem abalos e mantendo a máquina sob a mais alta pressão possível. Inclusive o único defeito de Jacques era o de teimar em não parar, em desobedecer aos petardos de segurança,⁶⁵ achando que sempre teria tempo de controlar a Lison. De forma que às vezes exagerou, com fogo nas ventas, como se diz, o que por duas vezes já lhe valera suspensões de oito dias.

Naquele momento, porém, diante do grande perigo em que estavam, era em Séverine que pensava. Ter sob sua responsabilidade aquela querida existência decuplicaria sua força de vontade, mantida sob tensão até Paris, ao longo da dupla linha férrea, repleta de obstáculos a serem superados.

De pé sobre a placa de metal que unia a locomotiva ao tênder, no contínuo sacolejo da trepidação, apesar da neve Jacques se debruçava à direita, procurando enxergar melhor. O vidro do abrigo, fustigado pela água, não deixava que se distinguísse nada. Ele expunha então o rosto às rajadas, que lhe flagelavam a pele com milhares de agulhas de gelo que eram como cortes de navalha. De vez em quando se protegia no interior para poder respirar. Tirava os óculos, enxugava-os e voltava ao posto de observação, em pleno turbilhão, o olhar fixo, na expectativa de algum sinal vermelho, com a atenção tão concentrada que por duas vezes teve uma alucinação com bruscas faíscas de sangue manchando a esbranquiçada cortina que esvoaçava à sua frente.

De repente, entretanto, em plena escuridão, uma sensação o fez notar que o foguista não estava mais presente. Apenas uma pequena lamparina iluminava o nível da água, para que claridade alguma ofuscasse o maquinista, e no mostrador do manômetro, cujo esmaltado parecia guardar uma luz própria, Jacques notou que a trêmula agulha azul rapidamente descia. Era o fogo que se apagava. Vencido pelo sono, Pecqueux acabava de se estender sobre um tampo.

– Maldito beberrão! – enfureceu-se o maquinista, sacudindo-o.

O foguista prontamente se levantou, desculpando-se com um grunhido ininteligível. Mal conseguia se manter de pé, mas pela força do hábito reassumiu imediatamente a manutenção

do fogo, de martelo em punho, quebrando carvão e espalhando-o pela grelha com a pá, em camada bem regular, dando em seguida uma varrida. Enquanto esteve aberta a porta de ferro, um reflexo da fornalha, como uma cauda flamejante de cometa na parte posterior do trem, incendiou com pesadas gotas de ouro a neve que caía de través.

Depois de Harfleur, começou a grande subida de três léguas, a mais íngreme de toda a linha, indo até Saint-Romain. O maquinista redobrou então o cuidado, sabendo que todo esforço seria necessário para o aclave, já difícil em tempo bom. Com a mão no volante da mudança de marcha, via passar os postes do telégrafo, tentando calcular a velocidade,⁶⁶ que havia diminuído muito. A Lison se fatigava, podendo-se imaginar o atrito no limpa-neve, que sofria crescente resistência. Com a ponta do pé, Jacques abriu a porta da fornalha e o sonolento foguista entendeu ser preciso atizar o fogo para aumentar a pressão. A porta de ferro se abrasou, iluminando as pernas dos dois homens com uma cor arroxeadada. Mas a corrente de ar gelado ao redor mal permitia que sentissem a ardência do calor. A partir de um gesto do chefe, o foguista acabava também de erguer a haste do braseiro, melhorando a tiragem. A agulha do manômetro rapidamente subiu para dez atmosferas. A Lison estava despendendo toda a força de que era capaz. Em certo momento, inclusive, vendo o nível da água descer, o maquinista precisou mover o pequeno volante do injetor, apesar de com isso fazer cair a pressão. Que logo voltou a subir. A máquina roncava, cuspiam como um animal que está sendo exigido além da conta, com sobressaltos e pinotes, podia-se até achar que os seus membros estalavam. Estava sendo maltratada, como mulher já mais velha e menos rija, por quem não se tem mais o mesmo carinho de antigamente.

– Nunca que essa preguiçosa vai conseguir subir! – disse entre dentes o maquinista, que não era de falar em serviço.

Surpreso em sua sonolência, Pecqueux o observava. Que maneiras eram aquelas, agora, de tratar a Lison? Não continuava sendo a boa máquina obediente, de partida tão fácil que era um prazer acionar, com tão formidável vaporização que economizava um décimo do carvão previsto para o percurso Paris–Le Havre? Numa máquina com gavetas de tão perfeita regulagem, cortando fantásticamente o vapor, qualquer imperfeição podia ser tolerada, como se toleram numa dona de casa algumas teimas, quando tem a seu favor a boa conduta e a economia. É verdade que consumia muita graxa. Qual importância? Era só dar a graxa necessária!

E, justamente, Jacques repetia, irritado:

– Nunca que ela vai subir, se não pusermos graxa.

E fez o que nem três vezes tinha feito na vida, pegou a almotolia para lubrificar com a máquina em funcionamento. Passando para fora, seguiu pelo tabuleiro ao longo da caldeira. Era uma manobra das mais arriscadas: os pés escorregavam na estreita faixa de ferro molhada pela neve e ele ia às cegas, podendo ser varrido como uma palha pelo fortíssimo vento. Com o homem agarrado a seu dorso, a Lison continuava sua corrida ofegante no escuro, cercada pela imensa extensão branca, em que abria um sulco profundo. Na trepidação da máquina, Jacques chegou à travessa dianteira, se agachou junto ao recipiente de lubrificação do cilindro da direita e teve imensa dificuldade para enchê-lo, pois com uma das mãos tinha que se agarrar a uma alça de segurança. Em seguida foi preciso dar toda a volta, como um inseto que rasteja, para ir fazer o mesmo no cilindro da esquerda. Quando voltou ao seu posto, extenuado, estava

bem pálido, tendo visto a morte passar perto.

– Monte de ferro imprestável!

Estranhando tanta violência com a boa Lison, Pecqueux não pôde deixar de dizer, voltando às suas brincadeiras usuais:

– Deixasse que eu ia; sou bom nisso de lubrificar as senhoras.

Um pouco mais desperto, o foguista também tinha assumido seu posto, controlando o lado esquerdo da linha. Normalmente tinha bons olhos, melhores que os do chefe, mas, naquela tormenta, tudo havia desaparecido e os dois mal reconheciam os lugares que atravessavam, embora cada quilômetro daquele caminho lhes fosse tão familiar! A via férrea submergia sob a neve, as cercas e até as casas pareciam imersas, tudo era apenas uma planície rasa e sem fim, um caos de brancura indistinta em que a Lison dava a impressão de galopar à vontade, ensandecida. Nunca os dois homens tinham sentido tão estreitamente o laço de fraternidade que os unia na locomotiva em marcha, desbravando perigos, onde se achavam mais a sós, mais esquecidos pelo restante do mundo do que num quarto fechado. E com um agravante, a opressiva responsabilidade pelas vidas humanas que carregavam a reboque.

De forma que Jacques, que se irritava com aquele tipo de gracejo, acabou sorrindo, controlando a raiva. Não era o melhor momento para brigas. A neve aumentava, formando uma cortina cada vez mais espessa à frente. Continuavam subindo quando o foguista acreditou ter visto piscar uma luz vermelha ao longe. Avisou o chefe, mas não distinguia mais o sinal. Seus olhos tinham sonhado, como ele às vezes dizia. No maquinista, que nada havia visto, o coração bateu mais acelerado, perturbado com a alucinação do parceiro e perdendo um pouco da própria segurança. O que ele imaginava distinguir, para além da quantidade de esbranquiçados flocos, eram imensas formas escuras, massas consideráveis, como pedaços gigantes de noite que pareciam se deslocar e vir de encontro à locomotiva. Seriam colinas que desmoronaram, montes que barravam o caminho e contra os quais ia se chocar o trem? Com medo, ele puxou a alavanca do apito e o fez soar insistente e desesperadamente. O lamento se espalhou lúgubre pela tempestade. Logo em seguida seu espanto foi total, por ter afinal apitado corretamente, pois o trem atravessou em grande velocidade a estação de Saint-Romain, da qual o maquinista imaginava estar ainda a uns dois quilômetros de distância.

Superada a terrível subida, a Lison começou a avançar com mais facilidade e Jacques pôde respirar melhor. De Saint-Romain a Bolbec a linha sobe muito pouco e tudo provavelmente iria bem até a outra extremidade do platô. Mesmo assim, na parada de três minutos em Beuzeville, ele fez sinal ao chefe de estação e transmitiu sua preocupação com a neve, que formava camada cada vez mais espessa. Nunca chegaria a Rouen daquele jeito, o melhor seria dobrar a atrelagem, acrescentando uma segunda locomotiva, já que tinham ali um depósito, com máquinas sempre a postos para eventualidades como aquela. O funcionário disse precisar de ordem superior para isso, pois não assumiria a responsabilidade. Tudo que pôde fazer foi emprestar cinco ou seis pás de madeira para limpar os trilhos em caso de necessidade. E Pecqueux aceitou as pás, que colocou num canto do tênder.

Nas terras altas a Lison de fato continuou sua marcha em boa velocidade, sem muito esforço. Mas parecia se cansar. O tempo todo o maquinista precisava repetir o gesto de sempre, abrindo a porta da fornalha para que o foguista pusesse carvão. E toda vez, acima do trem opaco e escuro no meio de toda aquela brancura, coberto com sua mortalha, fulgia a

deslumbrante cauda de cometa, atravessando a noite. Eram sete e quarenta e cinco, o dia raiava e mal se distinguia, no entanto, a claridade do céu, no imenso turbilhão leitoso que enchia o espaço, de uma ponta a outra do horizonte. A vaga claridade, em que nada ainda se distinguia, inclusive mais preocupava os dois homens que, com os olhos lacrimejantes, apesar dos óculos, se esforçavam para enxergar à distância. Sem largar o volante de mudança de marcha, o maquinista também não tirava mais a outra mão da alça do apito, com avisos quase ininterruptos, por prudência, num apelo de aflição que ecoava no fundo daquele deserto de neve.

Atravessaram Bolbec e, em seguida, Yvetot, sem dificuldade. Em Motteville, de novo Jacques chamou o subchefe, que não teve como dar maiores informações sobre o estado da via. Composição nenhuma havia passado e a única mensagem recebida anunciara que o trem parador de Paris ficara bloqueado em Rouen por medida de segurança. De forma que a Lison prosseguiu, descendo à sua maneira pesadona e cansada as três léguas de declive suave até Barentin. Finalmente a luz do dia se sobrepunha, mas confundida em sua palidez com a própria neve. Que continuava, mais densa, como se fosse a própria alvorada que caísse, tormentosa e fria, inundando a terra com destroços do céu. Com o dia se impondo, o vento redobrou de violência, arremessando os flocos de neve como rajadas de balas e a todo instante o foguista tinha que pegar sua pá para liberar o carvão no fundo do tênder, entre as paredes do recipiente de água. De ambos os lados da via o campo parecia tão irreconhecível que os dois homens tinham a sensação de viajar em um sonho: as vastas áreas planas, os opulentos pastos divididos por sebes, os pomares, tudo não passava de um oceano branco que mal apresentava pequenas ondas, numa imensidão descorada e trêmula em que tudo se desmanchava na mesma brancura. E o maquinista, de pé, com o rosto maltratado pela intempérie e a mão no volante, começava a terrivelmente sentir frio.

Na parada de Barentin, finalmente, o chefe de estação, sr. Bessière, por conta própria foi até a locomotiva para prevenir Jacques que uma quantidade considerável de neve havia caído à altura de Croix-de-Maufras.

– Acho que ainda é possível passar – acrescentou –, mas terá dificuldade. O maquinista realmente se zangou:

– Santo Deus! Eu bem que avisei, em Beuzeville! O que custava ter reforçado a atrelagem? ... Realmente, haja paciência!

O controlador-chefe acabava de descer do furgão, também irritado. Estava congelado no seu posto de vigilância e declarou ser impossível distinguir um sinal de um poste telegráfico. Uma verdadeira viagem às cegas naquela brancura toda!

– Bom, quis só preveni-los – desculpou-se o sr. Bessière.

Os passageiros já estranhavam a demora, no grande silêncio da estação que desaparecia na neve, sem ouvir um grito dos funcionários, um fechamento de porta. Alguns vidros de janelas desceram, cabeças surgiram: uma senhora bem volumosa, com duas mocinhas louras – provavelmente filhas –, inglesas as três, com toda evidência, e, mais adiante, uma morena muito bonita que um senhor mais maduro queria que voltasse para dentro da cabine, enquanto dois homens – um moço e o outro velho – conversavam de um vagão a outro, com quase a metade do corpo para fora das respectivas portas. Mas quando Jacques deu uma olhada para trás viu apenas Séverine, que igualmente se debruçara, olhando na direção dele, parecendo

ansiosa. A tão querida criatura! Como devia estar preocupada e que aflição para ele sabê-la tão perto e tão longe, naquele perigo! Daria o próprio sangue para chegar a Paris e desembarcá-la sã e salva.

– É melhor partirem – concluiu o chefe de estação. – Não tem por que assustar as pessoas.

E ele deu o sinal. De volta ao furgão, o controlador-chefe soprou seu apito e, mais uma vez, a Lison se moveu, depois de responder com um longo grito de angústia.

Imediatamente Jacques sentiu que o estado da via mudava. Não estavam mais no plano, num estender infinito do espesso tapete de neve que a locomotiva percorria como um navio, deixando sulcos. Entravam numa região tumultuada, com colinas e vales formando enormes ondas que os acompanhariam até Malaunay, corcoveando o chão. E a neve tinha se juntado ali de maneira irregular, com a via se apresentando limpa em alguns pontos, mas com massas consideráveis obstruindo outras passagens. O vento varria as encostas, empurrando a neve para as depressões. Formava-se com isso uma contínua sucessão de obstáculos a serem atravessados, com trechos de trilhos livres, barrados às vezes por verdadeiras muralhas. Já era pleno dia e sob a camada de neve aquela região devastada, de gargantas estreitas, subidas íngremes, ganhava a desolação de um oceano de gelo, imobilizado na tormenta.

Nunca antes Jacques se sentira tão à mercê do frio. Sob as mil fisgadas da neve, o rosto parecia dilacerado. Das mãos nem tinha mais consciência, paralisadas a ponto de as extremidades doerem e tão insensíveis que ele se assustou, percebendo ter perdido contato com o pequeno volante de mudança de marcha. Quando erguia o braço para puxar a alça do apito, sentia-o pesar no ombro como se estivesse morto. Não saberia dizer se as pernas ainda o aguentavam, no contínuo sacudir da trepidação que lhe revirava as tripas. Um imenso cansaço sobreveio, com o frio dominando todo o seu pensamento. Receava não ter mais concentração, esquecer a própria razão de estar ali, pois girava o volante com gesto maquinal, vendo, aparvalhado, o manômetro descer. Todas as histórias conhecidas de alucinações vieram à sua mente. Não é uma árvore caída ali, atravessada nos trilhos? Não teria visto uma bandeira vermelha se agitar acima daquela moita? O tempo todo não explodiam petardos de aviso, despercebidos no rumor constante das rodas? Não saberia dizer. Repetia para si mesmo que devia parar, mas não conseguia juntar vontade suficiente. Por alguns minutos essa crise o torturou. Logo em seguida, vendo que Pecqueux voltara a dormir em cima do tampo, prostrado pelo mesmo frio que também o afligia, a raiva foi tanta que de certa forma o aqueceu.

– Miserável!

E ele, que normalmente tolerava as falhas do companheiro beberrão, o despertou aos pontapés, chutando-o até que se levantasse. O foguista, entorpecido, se limitou a resmungar, empunhando a pá.

– Está bem, está bem! Já vai!

Carregada a fornalha, a pressão voltou a subir. Já não era sem tempo, a Lison acabava de entrar no fundo de uma depressão, devendo abrir caminho numa espessura de mais de um metro de neve. Avançava com extremo esforço, que a fazia tremer inteira. Por um momento ela fraquejou, dando a impressão de que ia parar, como um navio que tocasse num banco de areia. O que a deixava mais pesada era a neve que, pouco a pouco, se acumulava nas capotas dos vagões. Mas prosseguiram ainda, simples ponto negro na alvura da trilha, encobertos por aquele lençol branco. Parecia que a locomotiva se enfeitara com rebordos de arminho a vestir

seus costados escuros, em que os flocos derretiam e escorriam em pingos de chuva. Uma vez mais, não obstante o peso, ela se liberou e passou. Ao longo de uma ampla curva numa área aterrada, pôde-se ainda seguir o trem avançando às soltas, como uma fita de sombra perdida num país lendário de deslumbrante brancura.

Mais adiante, porém, voltaram áreas rebaixadas. Jacques e Pecqueux, sentindo a Lison ameaçada de encalhar, se compenetraram contra o frio, de pé a seus postos que somente mortos deixariam. A locomotiva novamente perdia velocidade e, entre dois taludes, foi parando lentamente, sem se sacudir. Parecia atolar, com todas as rodas cada vez mais presas, sem fôlego. Não se mexeu mais. A neve fechara o cerco, deixando-a impotente.

– Diabos! Estamos feitos! – praguejou Jacques.

Por mais uns segundos ele permaneceu no seu posto, com a mão no volante, abrindo tudo que podia, com a esperança de ver o obstáculo ceder. Mas ouvindo a Lison engasgar esbaforida em vão, fechou o regulador, blasfemando em voz alta, furioso.

O controlador-chefe se debruçou fora da porta do furgão e Pecqueux gritou para ele:

– Acabou! Estamos presos!

Rapidamente o homem saltou na neve, que chegava aos joelhos, e se aproximou. Os três discutiram a situação.

– Tudo que nos resta é tentar limpar os trilhos – acabou dizendo o maquinista. – Felizmente temos pás. Chame o controlador do último furgão e os quatro juntos podemos conseguir desbloquear as rodas.

Fizeram sinal ao controlador da retaguarda, que também havia descido do seu furgão. Com muita dificuldade conseguiu chegar até eles, muitas vezes afundando na neve fofa. Aquela parada em pleno campo, no meio da solidão branca, o som das vozes discutindo o que fazer, o outro ferroviário passando junto ao comboio aos trancos e barrancos, tudo isso inquietou os passageiros. Janelas foram abaixadas. Gritavam-se perguntas, formou-se uma confusão, ainda vaga, mas crescente.

– Onde estamos?... Por que paramos?... O que está havendo?... Meu Deus, que desgraça!

O controlador percebeu que era necessário tranquilizar as pessoas. Justamente, no momento em que se encaminhava, a senhora inglesa, cujas amplas faces vermelhas surgiram enquadradas pelos bonitos rostos das filhas, perguntou, com carregado sotaque:

– Cavalheiro, corremos perigo?

– Nenhum, minha senhora – ele respondeu. – É só um pouco de neve. Partimos em poucos instantes.

E o vidro voltou a ser fechado, na alegre agitação dos risinhos das moças, com a musicalidade das sílabas inglesas, tão joviais em lábios rosados. As duas se divertiam, achando tudo engraçado.

Mais adiante, o senhor idoso o chamou, enquanto atrás dele aparecia o bonito rosto moreno de sua jovem esposa.

– Como não se tomaram as devidas precauções? É intolerável... Estou voltando de Londres, meus negócios exigem minha presença em Paris esta manhã. A Companhia será responsabilizada por qualquer atraso.

– Partiremos em três minutos, senhor – foi tudo que pôde repetir o funcionário.

O frio era tremendo. A neve entrava nos vagões, as cabeças desapareceram e os vidros foram erguidos. Entretanto, no fundo dos carros bem fechados, certa agitação persistia, certa ansiedade da qual se podia ouvir o zumbido. Duas janelas apenas continuavam abertas e, apoiados nelas, a três compartimentos de distância, dois passageiros conversavam, um americano quarentão e um rapaz de Le Havre, ambos muito interessados nos trabalhos para a liberação da via.

- Fosse na América, meu amigo, todo mundo desceria para pegar pás.
- Nada tão grave, fiquei bloqueado duas vezes no ano passado. O trabalho me faz ir toda semana a Paris.
- E eu, mais ou menos de três em três semanas, amigo.
- Como assim? De Nova York?
- Exatamente, meu amigo, de Nova York.

Jacques orientava os trabalhos. Vendo Séverine na porta do primeiro vagão, onde ela sempre viajava, para estar mais perto dele, implorou com o olhar que se pusesse ao abrigo e ela, compreendendo, se retirou, para não se expor ao vento glacial que queimava sua pele. Pensando nela, ele trabalhou com mais afinco. Mas notou que o que causara a paralisação, o bloqueio, não se originara nas rodas, que haviam cortado as camadas mais espessas de neve. A causa estava no reservatório de cinzas, próximo dos dormentes, que criava obstáculo, endurecendo uma quantidade enorme de gelo. Teve então uma ideia.

- Precisamos soltar o guarda-cinzas.

De início o controlador-chefe se opôs. O maquinista estava sob as suas ordens e ele não quis permitir que se tocasse na locomotiva. Mas, em seguida, se deixou convencer:

- Se assumir a responsabilidade, concordo!

Só que foi uma dura labuta. Deitados sob a máquina, com os dedos na neve que derretia, Jacques e Pecqueux precisaram de quase meia hora. Felizmente tinham na caixa de ferramentas as chaves necessárias. Enfim, correndo vinte vezes o risco de se queimar e serem esmagados, conseguiram soltar a peça. Mas só isso não bastava, precisavam removê-la dali debaixo. Com um peso enorme, estava imprensada entre as rodas e os cilindros. Os quatro finalmente conseguiram e a arrastaram para fora da via, até o talude.

- Vamos agora acabar de limpar o caminho – disse o controlador.

Há quase uma hora estavam ali parados e a aflição dos passageiros aumentava. A cada minuto um vidro descia e alguém perguntava o motivo da paralisação. Havia um início de pânico, com gritos e choros, numa crescente crise de descontrole.

- Basta, já é o suficiente – declarou Jacques. – Subam que me encarrego do resto.

Estava de novo em seu posto, com Pecqueux, e quando os dois controladores voltaram a seus furgões, ele próprio girou a torneira do purgador. O jato escaldante de vapor, abafado, acabou de derreter o gelo que ainda aderira aos trilhos. Em seguida, com a mão no volante, deu marcha a ré. Bem devagar, recuou cerca de três metros para ganhar impulso. Tendo alimentado o fogo, inclusive indo além da pressão permitida, partiu contra o muro que barrava a via, lançando a Lison com toda sua massa, acrescida do peso dos vagões atrelados. Ela emitiu um som gutural de um lenhador ao cravar o machado no lenho; sua forte estrutura de ferro fundido estalou. Mas não conseguiu passar, parou, fumegante, estremeando com o choque. Por mais

duas vezes foi preciso reiniciar a manobra, recuando e partindo contra a neve para atravessá-la. A cada vez a Lison concentrou seu ímpeto, atacou de peito aberto, com um arfar enraivecido de gigante. Até que finalmente pareceu recuperar o fôlego, estufou a musculatura de metal num supremo esforço e passou. Pesadamente o comboio acompanhou, entre as duas muralhas de neve violentada. A Lison estava livre.

– Boa menina, não se pode negar! – orgulhou-se Pecqueux.

Sem nada conseguir enxergar, Jacques tirou os óculos, limpou-os. O coração batia forte e ele nem mais sentia frio. Mas lembrou-se de uma depressão profunda, a cerca de mais ou menos trezentos metros de Croix-de-Maufras: abria-se para a direção do vento e a neve devia ter se acumulado ali em quantidade bem considerável. Imediatamente teve consciência de ser o escolho fatal em que naufragaria. Debruçou-se na janela. Distante, depois de uma última curva, viu a trincheira em linha reta, como um comprido fosso cheio de neve. Era dia claro, a brancura não tinha limites e ofuscava, sob a ininterrupta queda dos flocos.

A Lison corria em velocidade mediana, sem ter mais encontrado obstáculo. Por precaução, estavam acesas as lanternas dianteira e traseira, assim como o fanal branco, na base da chaminé, como um olho vivo de ciclope. Avançava e se aproximava da depressão com esse seu olho bem arregalado. E pareceu começar a respirar com pequenos sopros curtos, como um cavalo com medo. Era sacudida por profundos tremores, queria refugar, só continuando por sentir a mão voluntariosa do maquinista. Com um gesto, ele abriu porta da fornalha para que o foguista a alimentasse. Naquele momento, não era mais uma cauda de astro celeste incendiando a noite, era um penacho de fumaça negra, grossa, sujando o fremir descorado do céu.

A Lison avançava. Teve que penetrar na concavidade. De ambos os lados os taludes estavam soterrados e nada mais se distinguiu da ferrovia à frente. Era como um leito de torrente em que a neve dormia, extravasando. Ela entrou, percorreu uns cinquenta metros perdendo fôlego, cada vez mais lenta. A neve empurrada foi formando barreira cada vez mais compacta à sua frente, crescendo num fluxo revoltado que ameaçava devorá-la. Por um instante, tudo indicava que tinha sido subjugada, vencida, mas num derradeiro esforço de toda a musculatura se libertou, avançou mais trinta metros. Era o fim, o estertor da agonia: pedaços compactos de neve desabavam, cobriam as rodas, invadiam todas as peças do mecanismo, progressivamente atadas pelas cadeias de gelo. A Lison parou em definitivo, expirando no frio intenso. O fôlego se extinguiu, estava imóvel e morta.

– Agora acabou – disse Jacques. – Era de se esperar.

Imediatamente quis dar marcha a ré e tentar de novo a manobra que antes dera certo. Dessa vez, porém, a Lison não se mexeu. Recusava-se a recuar e a avançar. Estava bloqueada por todos os lados, colada ao chão, inerte, surda. Atrás, o comboio igualmente parecia morto, afundado na espessa camada até as portas. A neve não cessava e caía mais dura, com longas rajadas. E era uma imersão em que locomotiva e vagões iam desaparecer, já cobertos pela metade, no silêncio frio daquela solidão branca. Nada mais se movia, a neve fiava sua mortalha.

– Outra vez? – gritou o controlador-chefe se debruçando fora do furgão.

– Estamos feitos! – respondeu simplesmente Pecqueux.

A situação, de fato, se tornara crítica. O controlador da retaguarda correu para colocar os

petardos que deviam proteger o trem na cauda, enquanto o maquinista acionava desesperadamente o apito com sinais rápidos, o som resfolegante e lúgubre do pedido de socorro. Mas a neve ensurdecia o ar, o apelo se perdia e provavelmente sequer chegava a Barentin. O que fazer? Eram apenas quatro, nunca conseguiriam remover tamanho obstáculo. Precisariam de toda uma equipe. Era necessário ir buscar socorro. Para piorar as coisas, o pânico voltava a tomar conta dos passageiros.

Uma porta se abriu, a morena bonita saltou, apavorada, imaginando um acidente. O marido, o negociante de certa idade, seguiu-a, esbravejando:

– Vou escrever ao ministro! É um insulto!

Mulheres choravam, homens furiosos deixavam os carros, janelas eram abertas com violência. Apenas as duas inglesinhas se mantinham alegres, parecendo tranquilas, sorridentes. Enquanto o controlador-chefe tentava acalmar a todos, a mais moça perguntou a ele em francês, com ligeiro ceceio britânico:

– Senhor? É aqui que ficamos?

Vários homens tinham descido, apesar da grossa camada em que afundavam até a cintura. O americano afinal encontrou o rapaz de Le Havre e os dois caminharam até a locomotiva, para ver. Balançaram a cabeça.

– Serão quatro ou cinco horas até soltá-la disso tudo.

– No mínimo, e isso com uns vinte operários trabalhando.

Jacques acabara de convencer o controlador-chefe a enviar o controlador da retaguarda a Barentin, para pedir ajuda. Ele e Pecqueux não podiam se afastar da locomotiva.

O homem se foi e logo sumiu de vista, na outra ponta da trincheira. Seriam quatro quilômetros a percorrer, não estaria de volta antes de, no mínimo, duas horas. Desesperado, Jacques deixou por um instante seu posto e correu até o primeiro carro, onde tinha visto Séverine, que havia abaixado o vidro.

– A senhora não precisa ter medo, não corre perigo.

Ela respondeu, procurando manter o tratamento cerimonioso, temendo ser ouvida:

– Não tenho medo. Mas me preocupei com o senhor.

E isso foi dito com tanto carinho que ambos se sentiram consolados e sorriram. Quando Jacques se virou, teve a surpresa de ver, junto ao talude, Flore, Misard e dois homens que ele de início não reconheceu. Tinham ouvido o apito pedindo socorro e Misard, que não estava de serviço, correu com os dois companheiros, a quem justamente havia oferecido um copo de vinho branco, o quebrador de pedras Cabuche, sem poder trabalhar por causa da neve, e o agulheiro Ozil, vindo de Malaunay pelo túnel para cortejar Flore, que ele ainda insistia em cortejar, apesar de mal recebido. Ela, curiosamente, livre, brava e forte que era, os acompanhara. Para ela e para o pai era um acontecimento extraordinário, uma incrível aventura aquele trem parar assim à porta de casa. Há cinco anos moravam ali e, a todas as horas do dia e da noite, sob tempo bom ou temporal, viam trens passar, na ventania da velocidade! Todos pareciam carregados pelo vendaval que os empurrava e nunca um sequer havia diminuído a marcha. Seguiam em frente, se perdiam, desapareciam sem que nada se pudesse saber a seu respeito. O mundo inteiro passava, a multidão humana arrastada a todo vapor, sem que conhecessem nada além de rostos percebidos num piscar de olhos, rostos que

normalmente nunca mais veriam, rostos que às vezes se tornavam familiares de tanto os reverem em horários fixos, mas se mantinham sem nome. E eis que, em plena neve, um trem encalhava à porta deles. A ordem natural estava revirada, tinham diante de si todo aquele mundo desconhecido que um acidente expunha e o contemplavam com olhos assombrados de selvagens que acorressem ao litoral em que europeus naufragavam. As portas abertas mostravam mulheres abrigadas em peles, homens que desceram vestindo casacos grossos, todo um luxo confortável, estatelado naquele mar de gelo, a deixá-los pasmos de espanto.

Flore, no entanto, reconheceu Séverine. Atenta cada vez que passava o trem de Jacques, já havia notado há algumas semanas a presença da mulher no expresso das manhãs de sexta-feira. Ainda mais porque a jovem senhora, no momento em que o trem se aproximava da passagem de nível, punha a cabeça à janela, para ver sua propriedade de Croix-de-Maufras. E os olhos de Flore maliciaram, vendo-a falar a meia-voz com o maquinista.

– Ah, sra. Roubaud! – exclamou Misard, que também acabava de reconhecê-la e de imediato assumiu seus ares obsequiosos. – Realmente um azar!... Mas não há de ficar aqui, vá até nossa casa.

Jacques apertou a mão do guarda-cancela e concordou.

– Ele tem razão... Isso talvez dure horas, teria tempo de morrer de frio.

Séverine recusava, dizendo-se bem agasalhada. Além disso, percorrer trezentos metros na neve a assustavam um pouco. Nesse momento, Flore, que a observava com olhos fixos, disse:

– Venha, madame, levo-a até lá.

E, sem mais esperar, pegou-a em seus braços vigorosos de homem e ergueu-a como se fosse uma criança pequena, colocando-a em seguida do outro lado da via, num lugar já bastante pisoteado em que os pés não afundavam mais. Vários passageiros riram, encantados. Que figura! Contassem com uma dúzia de pessoas assim, limpar os trilhos seria coisa de somente duas horas.

O oferecimento de Misard, no entanto, mencionando sua casa de guarda-cancela, oferecendo um abrigo aquecido e, quem sabe, pão e vinho, correu de carro em carro e o pânico se acalmou, compreendendo-se não haver qualquer perigo imediato. Mas nem por isso a situação era menos lamentável: as bolsas de água quente esfriavam, eram nove horas, passariam todos fome e sede se o socorro não chegasse logo. E era possível que a situação se eternizasse, quem podia garantir que não seriam obrigados a dormir ali? Duas tendências se organizaram: os que, por desespero, não queriam deixar seus vagões e neles se acomodavam como se fosse para ali morrer, agasalhados nos cobertores, estendidos vingativamente com os pés nas poltronas, e os que preferiam o risco de uma caminhada pela neve, esperando encontrar melhores expectativas mais adiante, querendo, principalmente, escapar do pesadelo que era aquele trem imobilizado, morto de frio. Um grupo se formou, com o negociante idoso e sua jovem mulher, a senhora inglesa e as duas filhas, o rapaz de Le Havre, o americano e uma dúzia mais de pessoas dispostas a fazer a travessia.

Em voz baixa Jacques havia feito Séverine se decidir, prometendo ir depois dar notícias, se pudesse dar uma escapada. Mas como Flore continuava a acompanhá-los com um olhar sombrio, ele tranquilamente se dirigiu a ela, como velho amigo:

– Então combinamos assim, leve essas damas e os cavalheiros... Fico com Misard e os outros. Começamos já a trabalhar, fazendo o que for possível, enquanto esperamos reforço.

E, de fato, imediatamente Cabuche, Ozil e Misard se armaram de pás para se juntar a Pecqueux e o controlador-chefe, que já atacavam a neve. A pequena equipe se esforçava para liberar a locomotiva, limpando junto às rodas e jogando a neve retirada nos taludes. Ninguém mais abria a boca, só se ouvia a faina silenciosa, no sombrio abafamento do campo todo branco. E quando o grupo que partia se afastou, cada um deu uma última olhada no trem que ficava ali sozinho, apenas uma fina linha negra, sucumbindo sob aquela espessa camada. As portas tinham sido fechadas, os vidros levantados. A neve continuava a cair, tudo enterrando lenta e implacavelmente, em muda obstinação.

Flore quis novamente carregar Séverine nos braços, mas ela recusou a gentileza, dizendo poder caminhar como os outros. Os trezentos metros foram bem difíceis de atravessar. Na parte baixa, sobretudo, todos afundavam até os quadris e duas vezes foi necessária uma operação de salvamento da gorda senhora inglesa, semissubmersa. As filhas continuavam a rir, achando tudo engraçado. A jovem senhora do velho cavaleiro escorregou e precisou da mão do jovem de Le Havre, enquanto o marido deblaterava contra a França com o americano. Quando saíram da concavidade, a caminhada ficou mais cômoda; mas seguiam junto a uma encosta e a pequena tropa teve que avançar em fila sob o açoite do vento, evitando com todo cuidado as beiradas, indistintas e perigosas sob a neve. Finalmente chegaram e Flore acomodou os viajantes na cozinha, sem poder nem mesmo oferecer uma cadeira para cada um, pois eram uns vinte a encher o cômodo que, felizmente, era bastante amplo. Tudo que pôde fazer foi buscar tábuas e improvisar dois bancos, colocando-as sobre as cadeiras de que dispunha. Em seguida alimentou o fogo da lareira e fez um gesto, dando a entender que mais não lhe pedissem. Não havia dito uma palavra, manteve-se de pé, olhando aquelas pessoas com seus olhos grandes e esverdeados, ares petulantes e rudes em sua selvageria loura. Dois rostos apenas lhe eram familiares, por tê-los muitas vezes observado no trem, há meses: o do americano e o do rapaz de Le Havre. Examinava-os ali como quem estuda um inseto que afinal pousa zumbindo e que não se podia seguir enquanto voava. Pareciam singulares, não os havia precisamente imaginado daquele jeito, sem, aliás, saber qualquer coisa a respeito deles, além dos traços do rosto. Quanto às outras pessoas, pareciam ser de uma raça diferente, habitantes de uma terra desconhecida, caídos do céu em sua casa, em sua cozinha, com roupas, costumes e ideias que ela jamais havia imaginado ver ali. A dama inglesa contava à jovem esposa do negociante que iria à Índia encontrar o filho mais velho, alto funcionário, e a francesa brincava comentando seu azar, pois era a primeira vez que tivera o capricho de acompanhar a Londres o marido, que fazia a viagem duas vezes por ano. Todos se lastimavam por estar bloqueados naquele deserto: precisariam comer, precisariam dormir, o que seria deles, meu Deus? Flore, que ouvia tudo aquilo imóvel, acabou encontrando o olhar de Séverine, sentada numa cadeira perto do fogo, e fez sinal para que a acompanhasse ao quarto ao lado.

– Mamãe – ela avisou, entrando. – É a sra. Roubaud... Quer falar com ela?

Phasie estava deitada, o rosto amarelado, as pernas tomadas pelo inchaço, tão doente que há quinze dias não deixava a cama. Naquele quarto pobre, em que um fogão de ferro fundido mantinha um calor sufocante, ela passava as horas com a ideia fixa que a obcecava, sem outra distração além do sacudir dos trens que passavam a toda velocidade.

– Ah! Sra. Roubaud – ela murmurou. – Bom, bom.

Flore falou do acidente, da quantidade de gente que havia trazido para casa. Mas nada

disso a interessava.

– Bom, bom – ela respondia com a mesma voz cansada.

Mas acabou se lembrando e ergueu um pouco a cabeça, para dizer:



– Ah! Sra. Roubaud – ela murmurou. – Bom, bom.

– Se a senhora quiser ir ver a casa... Flore, você sabe que as chaves estão penduradas junto do armário.

Mas Séverine não quis. Ficou arrepiada à ideia de entrar em Croix-de-Maufras debaixo daquela neve, em dia tão feio. Não, não, nada tinha a fazer ali, preferia ficar onde estava, esperando, no calor.

– Sente-se, madame – insistiu Flore. – Vai estar melhor aqui do que ao lado. Além do quê, não vamos ter pão para toda essa gente, enquanto que para a senhora, se tiver fome, sempre haverá um pedaço.

Tinha aproximado uma cadeira, sempre muito atenciosa, fazendo visível esforço para controlar sua natural rudeza. Mas não tirava os olhos da convidada, como se quisesse decifrar algo na sua pessoa, esclarecer certa questão que a perturbava há algum tempo. Por baixo de tanta delicadeza havia a necessidade de se aproximar, olhar, tocar, procurando saber.

Séverine agradeceu, sentou-se perto do fogão, preferindo de fato estar naquele quarto sozinha com a doente, onde esperava que Jacques não demorasse a vir. Duas horas se passaram, o calor abafado a relaxou e ela cochilava, depois de ter conversado um pouco sobre as coisas da região. Foi quando Flore, que a cada instante era chamada à cozinha, voltou a abrir a porta, dizendo com seu tom áspero:

– Entre, ela está aqui!

Era Jacques, que tinha dado uma escapulida para levar uma boa notícia. O funcionário que tinha ido a Barentin acabava de chegar com toda uma equipe, uns trinta soldados que a administração enviara aos pontos sensíveis, prevendo possíveis acidentes. Já estavam em plena atividade, com picaretas e pás. Mas seria demorado, talvez não partissem antes do anoitecer.

– De qualquer forma, não está tão mal, só precisa ter paciência – ele acrescentou. – Tia Phasie não vai deixar a sra. Roubaud morrer de fome, não é?

Phasie, vendo o seu menino, como ela dizia, com muita dificuldade se aprumara um pouco e olhava para ele, ouvindo-o falar, reanimada e feliz. Esperou Jacques estar bem perto para responder:

– Claro, claro! Ah, é você, meu menino! Foi você então quem ficou preso na neve!... E essa bobalhona nem me disse nada!

Virou-se para a filha e chamou sua atenção:

– Seja educada, pelo menos. Cuide dos passageiros para que não digam à administração que somos uns selvagens.

Flore tinha ficado plantada entre Jacques e Séverine. Por um instante pareceu hesitar, pensando em teimar e permanecer ali, contrariando a mãe. Mas nada veria, pois a presença de Phasie faria com que os dois tomassem cuidado. Então saiu, sem uma palavra, mas lançando um insistente olhar ao casal.

– Então, tia Phasie? – retomou Jacques com tristeza. – Não sai mais da cama? É sério mesmo?

Ela forçou-o a se sentar na beira do colchão e, sem se importar mais com Séverine, que discretamente se afastou um pouco, aliviou as mágoas, dizendo bem baixinho:

– Seríssimo, seríssimo! É um milagre que ainda me veja viva... Não quis escrever porque coisas assim não se escrevem... Quase passei desta para melhor, mas me recuperei um pouco e acho que ainda escapo dessa vez.

Ele a examinava, assustado com o avanço da doença, sem encontrar nada mais da bonita e saudável criatura de antigamente.

– Ainda com aquelas dormências e vertigens, minha pobre tia Phasie?

Ela apertava a sua mão como se quisesse esmagá-la e continuou, baixando ainda mais a voz:

– Imagine que o peguei... Você sabe que estava ficando louca por não saber onde ele punha a droga para me envenenar. Não bebia nem comia nada que ele tocasse e, mesmo assim, no final do dia minha barriga pegava fogo... Pois era no sal que ele punha a droga! Um dia eu vi... E eu que salgava tudo, em quantidade, para purificar!

Jacques, desde que possuía Séverine e se sentira curado, às vezes pensava naquela história de envenenamento lento e obstinado, mas ainda com dúvidas, como num pesadelo. Apertou com carinho as mãos da doente, querendo acalmá-la.

– Acha mesmo possível tudo isso?... Para afirmar coisas assim precisa realmente ter certeza... E está sendo demorado demais! Pode ser uma dessas doenças das quais os médicos não sabem grandes coisas.

– Doença – ela repetiu com ironia amarga. – Uma doença que ele colocou em mim, isso sim!... Com relação aos médicos você tem razão: vieram dois que nada entenderam e nem mesmo diziam as mesmas coisas. Não quero mais ver nenhum desses abutres aqui... Viu só? Ele me botava a coisa no sal. Juro que vi! Por causa dos meus mil francos, os mil francos que papai deixou para mim. Cisma que depois de me matar vai acabar encontrando. Mas duvido, estão num lugar em que ninguém nunca vai descobrir. Nunca, nunca!... Posso ir embora, vou

tranquila, ninguém nunca vai pôr a mão nos meus mil francos!

– No seu lugar, tia Phasie, eu chamaria a polícia, se tivesse tanta certeza assim.

Ela fez um sinal de nojo.

– Não! Polícia não... É uma coisa entre nós, entre ele e eu. Sei que quer me destruir e não quero que me destrua, é claro. Tenho só é que me defender, não é? Não ser tão burra quanto fui com o sal... Hein? Quem diria? Um aborto como ele, um toco de homem que se pode pôr no bolso, acaba dando cabo de uma mulher como eu. Se deixasse ia conseguir, com seus dentes de rato!

Foi atravessada por um ligeiro arrepio. Respirou com dificuldade, para conseguir terminar:

– Mas não vai ser dessa vez. Estou melhor, antes de quinze dias vou estar de pé... E ele vai ter que ser muito esperto para voltar a me pegar. Fico até curiosa. Se conseguir achar como me envenenar de novo é que realmente é mais forte do que eu e, nesse caso, azar o meu! Morro... Que ninguém se meta nisso!

Jacques achou que a doença havia tomado o seu cérebro com aquelas ideias negras e, para distrair, tentou fazer alguma brincadeira, mas ela começou a tremer sob o cobertor.

– Ele está aqui – disse num suspiro. – Sinto quando se aproxima.

De fato, poucos segundos depois Misard entrou. Ela ficou lívida, com o terror involuntário do colosso diante de um inseto que o corrói, pois na sua obstinação em se defender sozinha, vivia em crescente pavor, que não confessava. Misard, aliás, que já na porta olhara a mulher e o maquinista de forma rude, em seguida pareceu sequer tê-los visto e, com expressão frouxa, boca retraída e atitude de fragilidade, retomou suas maneiras obsequiosas com Séverine.

– Achei que a senhora talvez quisesse aproveitar a oportunidade e dar uma olhada na sua casa. Então dei uma fugida... Se assim quiser, posso acompanhá-la.

Como a jovem voltou a recusar, ele continuou com voz dolente:

– A senhora talvez tenha se admirado, por causa dos frutos... Estavam todos bichados e nem valia a despesa da embalagem... E deu um pé de vento que acabou de estragar o resto... Ah! É triste que não tenha podido vender! Um senhor apareceu, mas quis que se fizessem reparos. Em todo caso, estou à sua disposição. Conte comigo como se estivesse a senhora aqui presente.

Em seguida, insistiu querendo servir pão e peras, peras do seu próprio pomar, que não estavam bichadas. Ela aceitou.

Atravessando a cozinha, Misard tinha avisado aos viajantes que o trabalho de liberação da locomotiva avançava, mas que demoraria ainda quatro ou cinco horas. Deu meio-dia e cresceram as reclamações, pois todos estavam com fome. Flore declarou não ter pão suficiente para todo mundo, mas tinha vinho, e subiu da cave dez litros, que distribuiu em cima da mesa. Só que os copos também não seriam bastantes. Teriam que beber por grupos: a senhora inglesa com as duas filhas, o velho cavalheiro com a jovem esposa etc. Esta última, aliás, tinha no rapaz de Le Havre um dedicado servidor, criativo e preocupado com seu bem-estar. Ele desapareceu e voltou com maçãs e um pão, descoberto junto do depósito de lenha. Flore se zangou, dizendo ser o pão da sua mãe doente. Mas ele já o estava cortando e distribuiu os pedaços às senhoras, a começar pela jovem morena, que sorriu encantada. O

marido continuava enfurecido, sem se ocupar dela, exaltando com o americano os costumes comerciais de Nova York. Nunca as jovens inglesas tinham comido maçãs com tanto gosto. A mãe, exausta, dormitava ao lado. Diante da lareira, duas mulheres tinham se sentado no chão, vencidas pela espera. Homens que haviam saído para fumar à frente da casa, querendo que pelo menos aquele quarto de hora passasse mais depressa, voltavam congelados, tremendo de frio. Pouco a pouco crescia o mal-estar, com a fome insatisfeita e o cansaço, ao que se somavam o desconforto e a impaciência. O ambiente estava tomando ares de acampamento de náufragos, na desolação de um bando de civilizados lançados por algum acaso marítimo numa ilha deserta.

E como em suas idas e vindas Misard deixava a porta aberta, tia Phasie, do seu leito de doente, olhava. Aquela então era a gente que também ela via passar como um raio, naquele quase um ano em que se arrastava do colchão à cadeira. Já nem podia mais, ou muito raramente, ir até a via e passava os dias e as noites sozinha, pregada ali, olhando a janela sem outra companhia além dos trens que passavam tão rápidos. Sempre se queixara daquela região de lobos, em que nunca se recebia uma visita e, de repente, uma verdadeira tropa desembarcava do desconhecido. E dizer que em todo aquele mundaréu de gente apressada, querendo voltar aos seus negócios, ninguém podia imaginar a porcaria que tinham posto no seu sal! Pesava no seu coração tamanha patifaria e ela se perguntava como Deus permitia tanta safadeza sonsa, sem que pessoa alguma se desse conta. E olhe que passava verdadeira multidão por ali, milhares e milhares de indivíduos, mas tudo a galope, nenhum que se interessasse em saber que ali, naquela casinha baixa, estavam matando sem fazer alarde, sem que ninguém se incomodasse. E tia Phasie olhava um a um, gente que tinha caído da lua, concluindo não ser surpreendente que pessoas tão ocupadas pudessem andar perto de coisas sujas sem nada perceber.

– Não vai voltar para lá? – perguntou Misard a Jacques.

– Vou, vou. Daqui a pouco.

Misard se foi, fechando a porta, e Phasie, segurando o rapaz pela mão, disse ainda a seu ouvido:

– Se eu bater as botas, vai ver a cara dele, sem encontrar o dinheiro... É o que mais me diverte, quando penso. Vou morrer contente.

– Mas tia Phasie, ninguém vai aproveitar? Não vai deixar para a sua filha?

– Flore? Para que ele tome dela? Nada disso!... Nem mesmo para você, meu menino, porque também é muito bobo e ele acabaria conseguindo alguma coisa... Ninguém! Vai ficar na terra, onde vou estar com ele.

Estava ficando exausta e Jacques ajudou-a a se deitar de novo, com um beijo e a promessa de que voltaria em breve. Em seguida, como ela parecia ter adormecido, passou por trás de Séverine, ainda sentada perto do fogão, e ergueu um dedo, sorrindo, para recomendar que fosse prudente. Com um gracioso gesto em silêncio ela virou a cabeça, oferecendo os lábios, e ele se debruçou, beijando-a na boca, de forma discreta, mas profunda. Seus olhos se fecharam embevecidos. Quando voltaram a abri-los, Flore, que tinha entrado sem fazer barulho, estava ali, de pé à frente deles, olhando.

– Madame não quer mais pão? – perguntou com uma voz rouca.

Confusa, muito sem graça, Séverine vagamente balbuciou:

– Não, não, obrigada.

Por um momento, Jacques fixou em Flore olhos chamejantes. Hesitou, seus lábios tremiam como se fosse falar, mas, em seguida, com um gesto furioso de ameaça, preferiu sair. A porta bateu com força, atrás dele.

Flore permaneceu de pé, com sua alta estatura de virgem guerreira, tendo na cabeça o pesado elmo de cabelos louros. A aflição que sentia toda sexta-feira, vendo aquela senhora no trem que ele conduzia, não a havia enganado. Conseguira afinal, plenamente, a certeza que queria ter desde que os tinha ali, juntos. Nunca o homem a quem amava a amaria: preferira aquela mulher magra, aquele quase nada. E o arrependimento por tê-lo recusado, naquela noite em que ele brutalmente havia tentado possuí-la, voltou mais forte, doloroso, quase fazendo-a chorar. De fato, em seu raciocínio simples, ela é que naquele momento estaria sendo beijada pelo maquinista, se tivesse se entregado antes da outra. Onde encontrá-lo sozinho agora, para se jogar em seus braços e gritar: “Sou sua, fui estúpida porque não sabia!” Em seu desamparo, entretanto, sentiu crescer uma raiva imensa contra aquela criatura frágil que estava ali gaguejando, sem saber o que fazer. Com um só aperto dos seus braços brutos de lutadora, podia sufocá-la como se fosse um passarinho. Por que não fazia isso? Mas jurou se vingar, pois sabia coisas sobre a rival que podiam levá-la direto para a prisão, ela que estava livre, como todas as vigaristas que se vendem a velhos poderosos e ricos. Torturada de ciúme, inchada de raiva, começou a retirar os restos de pão e as peras, com seus gestos amplos de bela selvagem.

– Se não quer mais, vou dar isto aos outros.

Soaram as três horas e depois as quatro. O tempo se arrastava desmedidamente, esmagado pelo cansaço e crescente irritabilidade. A noite se aproximava, lívida nos vastos campos brancos, e de dez em dez minutos os homens que saíam para medir de longe o avanço dos trabalhos voltavam, dizendo que aparentemente a locomotiva continuava presa. Até as duas jovens inglesas chegaram a chorar de desânimo. Num dos cantos, a bonita morena dormia encostada no ombro do rapaz de Le Havre, sem que o marido sequer percebesse, naquele abandono geral que afastava todo senso das conveniências. O cômodo esfriava, tremia-se de frio e ninguém nem mesmo pensava em pôr lenha no fogo, de forma que o americano acabou indo embora, achando que estaria mais confortável estendido no banco de um vagão. Passou a ser a ideia geral, o remorso de todos: deveriam ter permanecido lá, pelo menos sofreriam menos de ansiedade, sem saber o que acontecia. Foi preciso convencer a senhora inglesa, que também falava em voltar à sua cabine para poder se deitar. Quando uma vela foi plantada num canto da mesa, iluminando todo mundo no fundo daquela cozinha escura, o desânimo foi imenso, abismando-se tudo num triste desespero.

Ao longe, entretanto, a operação de desentulho chegava ao fim e, enquanto a equipe de soldados que havia libertado a locomotiva limpava a via adiante, o maquinista e o foguista voltaram a seus postos.

Vendo a neve enfim cessar, Jacques se sentia mais confiante. O agulheiro Ozil afirmara que para além do túnel, do lado de Malaunay, o volume de neve fora bem menos considerável. O maquinista mais uma vez insistiu:

– Veio mesmo a pé pelo túnel? Pôde entrar e sair sem problema?

– Foi o que disse! Vai passar, posso garantir.

Cabuche, que tinha trabalhado com vigor de bom gigante, já se afastava, com seu ar tímido e retraído, tendência que os últimos contratemplos com a justiça ainda mais haviam agravado. Foi preciso que Jacques o chamasse:

– Por favor, amigo, passe aquelas pás que são nossas e estão ali encostadas no talude. Em caso de necessidade, é bom que estejam à mão.

E quando o quebrador de pedras prestou esse último favor, Jacques quis lhe dar um forte aperto de mão para mostrar o quanto o apreciava, apesar de tudo, depois de vê-lo trabalhar.

– Você é realmente um bom sujeito!

Esse sinal de amizade comoveu Cabuche extraordinariamente.

– Obrigado – foi tudo que conseguiu dizer, engolindo as lágrimas.

Misard, que já tinha voltado às boas com ele, depois de quase acusá-lo diante do juiz de instrução, concordou com a cabeça, contraindo a boca com ligeiro sorriso. Já há bom tempo ele não ajudava mais, com as mãos nos bolsos, olhando o trem com um olhar maroto, parecendo só aguardar para ver se sob as rodas não encontraria objetos esquecidos.

Depois de consultar Jacques, o controlador-chefe decidiu que deviam enfim tentar pôr o trem em marcha, mas Pecqueux, que voltara a descer até a via, chamou o maquinista.

– Vem ver, tem um cilindro que recebeu uma pancada.

Jacques se aproximou e se abaixou ao lado do foguista. Examinando com cuidado, constatou que a Lison de fato estava ferida. Quando os trilhos estavam sendo desimpedidos, já se havia notado que tocos de carvalho, largados nos taludes pelos cantoneiros, tinham escorregado e corrido para a via, levados pela neve e pelo vento. Provavelmente, inclusive, foram esses os obstáculos que, em parte, fizeram a máquina parar. Era visível o afundamento na caixa do cilindro, na qual o pistom parecia ter sido um pouco afetado. Mas era o único mal aparente, o que tranquilizou o maquinista naquele primeiro momento. Talvez houvesse avarias internas mais graves, pois nada é mais delicado do que o complicado mecanismo das gavetas, onde bate o coração, a alma viva do motor. Jacques subiu, apitou, abriu o regulador para sentir as articulações da Lison. Ela demorou a se mover, como alguém que se ressentia de um tombo, sem saber direito por onde andam as pernas e os braços. Com um suspiro dolorido ela enfim andou por alguns giros das rodas, ainda assustada e pesada. Tudo bem, conseguiria continuar a viagem. Mas o maquinista balançava a cabeça, pois, conhecendo-a profundamente, sentia que estava diferente, mudada, envelhecida, atingida em algum lugar por um golpe fatal. Naquela neve é que provavelmente ficou lesionada, algum sopro no coração, um frio de morte, como as moças que, mesmo de sólida constituição, definham de um mal no peito, por terem saído de um baile à noite, sob uma chuva gelada.

Jacques apitou novamente, depois de Pecqueux ter aberto o purgador. Os dois controladores estavam a postos. Misard, Ozil e Cabuche subiram no estribo do furgão dianteiro. Suavemente o trem deixou a trincheira em que estava, entre os soldados armados de pás e que tinham se colocado dos dois lados, ao longo do talude. Em seguida parou diante da casa do guarda-cancela para recolher os passageiros.

Flore estava ali, do lado de fora. Ozil e Cabuche se juntaram a ela, enquanto Misard acorria para cumprimentar as senhoras e os senhores que deixavam a casa – sem deixar de aceitar algumas moedas de prata. Enfim estavam livres! Mas haviam esperado demais, todo

mundo morria de frio, de fome e de cansaço. A dama inglesa puxava as filhas que dormiam em pé, o rapaz de Le Havre subiu no mesmo vagão que a bonita, e agora toda lânguida, morena, pondo-se à disposição do marido. A cena mais parecia, no lamaçal da neve pisoteada, o embarque de uma tropa em debandada se empurrando, aos tropeções, tendo perdido todo espírito de disciplina. Por um momento, na janela do quarto, tia Phasie apareceu, tirada da cama pela curiosidade e tendo se arrastado para ver. Seus grandes olhos fundos de doente acompanhavam a multidão desconhecida, de viajantes do mundo em marcha que ela nunca mais veria, trazidos pela tempestade e pela tempestade carregados.

Séverine foi a última a sair. Moveu o rosto e sorriu para Jacques, que se debruçou para segui-la com o olhar até o carro. E Flore, que os espreitava, empalideceu ainda, diante daquela tranquila troca de carinho. Com um movimento brusco se aproximou de Ozil, a quem tinha até então rejeitado, como se, naquele momento de ódio, tivesse necessidade de ter um homem.

O controlador-chefe deu sinal, a Lison respondeu com um toque lamentoso de apito e Jacques arrancou, para agora só parar em Rouen. Eram seis horas, a noite acabava de cair por completo do céu escuro sobre o campo branco, mas um reflexo descorado e de terrível melancolia se mantinha ao rés do chão, iluminando a desolação daquela região devastada. Nesse ambíguo lusco-fusco, a casa de Croix-de-Maufras se realçava de través, ainda mais ruínosa e sombria no meio da neve, com seu cartaz pregado na fachada em abandono: “À venda.”

64. Lanterna que, além de iluminar, assinala a posição do trem.

65. Explosivos postos nos trilhos a boa distância para trás de um trem imobilizado (ou em velocidade bem baixa), que estouravam à passagem de outro trem, para que este tivesse tempo de frear.

66. O velocímetro foi inventado apenas em 1888, pelo croata Josip Belušić; os postes de telégrafo (o precursor do rádio), por se localizarem à

EM PARIS, o trem só entrou na estação às dez e quarenta da noite. Foram dados vinte minutos aos passageiros, em Rouen, para que comessem alguma coisa, e Séverine se preocupou em enviar um telegrama ao marido, avisando que só voltaria a Le Havre no expresso de fim de tarde do dia seguinte. Uma noite inteira com Jacques, a primeira que passariam juntos, num quarto fechado, livres e à vontade, sem receio de serem incomodados!

No momento em que deixavam Mantes, Pecqueux teve uma ideia. Sua mulher, a velha Victoire, estava num hospital há oito dias, por causa de uma entorse grave no pé, consequência de um tombo. Como tinha, na cidade, outra cama para dormir – como dizia com um riso debochado –, oferecia o quarto à sra. Roubaud, que estaria assim bem melhor acomodada do que num hotel dos arredores. Podia ficar até o fim do dia seguinte como se estivesse na própria casa. Jacques imediatamente se deu conta do quanto seria prático aceitar, ainda mais por não saber para onde levar a amante. De forma que assim que a viu se aproximar da locomotiva, na balbúrdia dos passageiros que enfim desembarcavam sob o telheiro da estação, aconselhou que aceitasse, entregando a chave que o foguista já havia deixado. Ela ainda hesitou, recusando, incomodada com o sorriso de cumplicidade de Pecqueux.

– Não é preciso, tenho a casa de uma prima, que aceitará pôr um colchão para mim no chão.

– Vamos, aceite! – acabou insistindo Pecqueux com seu jeitão farrista e camarada. – A cama é macia e grande, dá até para quatro!

Jacques olhou tão suplicante que Séverine pegou a chave. Ele então se aproximou mais e disse bem baixinho:

– Espere que não demoro.

Séverine tinha só que subir um trecho da rua de Amsterdam e dobrar na ruela sem saída, mas a neve estava tão escorregadia que precisou caminhar com muita precaução. Teve a sorte de encontrar o prédio ainda aberto, subiu a escada sem ser vista pela *concierge*,⁶⁷ mergulhada numa partida de dominó com uma vizinha e, no quarto andar,⁶⁸ abriu e fechou a porta com tanto cuidado que nenhum morador, com certeza, podia imaginar que estivesse ali. Além disso, ao passar pelo terceiro andar, tinha claramente ouvido risadas e cantoria no alojamento dos Dauvergne: provavelmente uma das reuniões que as duas irmãs organizavam em volta do piano com as amigas, uma vez por semana. Depois de fechar a porta, na pesada obscuridade do cômodo, ainda podia sentir, através do piso, a viva alegria das moças. Por um momento, a escuridão pareceu total e ela se assustou quando o cuco do relógio, naquele breu, começou a dar onze horas, com as pancadas profundas que Séverine conhecia bem. Os olhos em seguida foram se acostumando, as duas janelas se realçaram como dois quadrados mais claros, iluminando o teto com o reflexo da neve. Já podia se orientar e procurou fósforos em cima do bufê, num lugar em que se lembrava de tê-los visto. Foi mais difícil encontrar uma vela, mas enfim achou um toco no fundo de uma gaveta. Depois de acender, já enxergando em volta, deu

uma olhada preocupada e rápida, como se quisesse confirmar não haver mesmo mais ninguém. Reconhecia cada detalhe, a mesa redonda em que tinham almoçado, a cama arrumada com uma colcha vermelha, a beirada do colchão em que o marido a havia derrubado com um soco. Tudo estava ali, sem mudança alguma; há dez meses não voltava àquele quarto.

Lentamente Séverine retirou o chapéu, mas no momento em que ia se desfazer do casacão, sentiu frio. Estava um gelo, aquele quarto. Perto do fogão, numa caixa, havia carvão e lenha miúda. Sem continuar a se despír, resolveu acender o fogo. Seria divertido, uma distração para aquela má sensação inicial. Esse preparativo para uma noite de amor, pensar que assim teriam mais conforto, devolveu a doce alegria daquela escapada. Há tanto tempo, sem a menor esperança, sonhavam com uma noite assim! Com o fogão ronronando de calor, ela pensou em outros detalhes, arrumou as cadeiras a seu jeito, procurou lençóis brancos e refez completamente a cama, o que foi bem complicado, pois de fato era muito grande. A única contrariedade foi nada encontrar para comer nem beber no aparador; visivelmente Pecqueux, há três dias responsável pela casa, não havia deixado nem migalhas nas prateleiras. Mesma coisa com relação à luz, só havia aquele resto de vela, mas na cama não se precisa tanto assim de claridade. Já bastante aquecida e animada, ela parou no meio do cômodo, olhando em volta para confirmar que nada faltava.

Estranhando Jacques não ter ainda chegado, um apito de trem levou-a até uma das janelas. Era o das 23h20, um direto para Le Havre que partia. Embaixo, o vasto terreno, a área que vai da estação ao túnel de Batignolles, mostrava-se como um lençol de neve, no qual só se distinguia o leque de trilhos com varetas escuras. As locomotivas e os vagões estacionados formavam relevos brancos, como se repousassem sob um abrigo de arminho. Entre as vidraças imaculadas dos amplos telheiros e a estrutura rendada da ponte Europe, as casas da rua de Rome, em frente, sobressaíam apesar da noite, sujas, como manchas encardidas no meio de toda aquela brancura. O direto de Le Havre apareceu, rastejante e sombrio, com o fanal dianteiro furando as trevas com sua chama viva. Séverine acompanhou-o até que desaparecesse sob a ponte, deixando o vermelho das suas três lanternas traseiras a ensangüentar a neve. Ao se voltar para o interior da peça, sentiu um calafrio: realmente estava sozinha ali? Teve a impressão de que um bafô ardente havia soprado em sua nuca e a sensação de um toque mais brutal atravessou suas roupas, chegando até a pele. De olhos arregalados observou ainda em volta. Não, ninguém.

Que diabos fazia Jacques para demorar tanto assim?

Mais dez minutos se passaram. Um leve roçar de unhas arranhando a madeira assustou-a. Mas ela rapidamente entendeu e correu para abrir. Era ele, com uma garrafa de Málaga e uma torta.

Agitada pelo riso, transbordando de carinho, pendurou-se no rapaz:

– Ah, que bom! Pensou até nisso!

Ele fez sinal para que evitasse fazer barulho.

– Psiu!

Ela baixou o tom da voz, achando que talvez a *concierge* o tivesse seguido. Mas não, tinha tido a sorte de, no momento em que ia tocar, a porta ser aberta por uma senhora com a filha, que provavelmente saíam dos Dauvergne. Subira a escada sem que ninguém o notasse. Só que ali, no mesmo andar, tinha acabado de ver, pela porta entreaberta, a vendedora de jornais que

terminava de lavar roupa, numa bacia.

– É melhor não fazermos barulho e falarmos baixinho.

Ela respondeu estreitando-o nos braços de forma apaixonada, cobrindo-lhe o rosto com beijos silenciosos. Achava ótimo algum mistério, tendo que cochichar.

– Pode deixar: não vão ouvir mais do que dois camundonguinhos.

Pôs a mesa com todo cuidado. Dois pratos, dois copos, duas facas, parando para não rir forte demais quando algum objeto soava um pouco mais alto, colocado às pressas.

Ele acompanhava seus gestos, também achando graça, e disse a meia-voz:

– Achei que estaria com fome.

– E estou mesmo, morrendo! Comemos muito mal em Rouen!

– Quer que eu desça e procure um pedaço de frango?

– De jeito nenhum! Pode nem conseguir entrar de volta! Não, não, a torta basta.

E sentaram um ao lado do outro, quase na mesma cadeira, repartindo a torta com o bom humor dos apaixonados. Séverine dizia estar com sede e bebeu dois copos seguidos de Málaga, o que fez ainda mais afogear suas bochechas. O fogão ardia forte às costas deles, que sentiam sua onda de calor. Como Jacques a beijava no pescoço de modo um tanto barulhento, ele é que foi repreendido:

– Psiu, psiu!

Fez sinal para que ouvisse e de novo vinham da casa dos Dauvergne pancadas secas, ritmadas pela música: aparentemente as mocinhas davam início a alguma dança endiabrada. Ao lado, a vendedora de jornais jogava a água com sabão de sua bacia na calha de chumbo do corredor. Depois ela fechou a porta, a dança embaixo cessou por um tempo e apenas se ouvia, sob a janela lá fora, no abafado da neve, o rolar surdo de um trem que partia, parecendo chorar com fracos sinais de apito.

– Um trem de Auteuil – ele disse baixinho. – Dez para a meia-noite. Em seguida, com voz ainda mais suave, sugeriu:

– Vamos nos deitar?

Ela não respondeu, em estado de febril contentamento. Mas, sem poder evitar, lutava contra a lembrança que a fazia reviver as horas ali passadas com o marido. A torta que acabavam de comer naquela mesma mesa, no meio dos mesmos ruídos, não continuava aquele almoço de meses atrás? Uma crescente agitação se desprendia das coisas, as recordações ganhavam vida, criando uma necessidade que nunca se mostrara tão violenta, de tudo contar ao amante, de se entregar inteira. Era como um desejo físico, que não se distinguia do desejo carnal. Teve a impressão de que estaria se entregando ainda mais e de que chegaria ao extremo do prazer de pertencer ao outro se tudo confessasse a seu ouvido com um beijo. Os fatos se impunham, o marido estava ali, ela virou a cabeça, imaginando ter acabado de ver sua curta mão peluda passar acima do seu ombro para pegar a faca.

– Vamos nos deitar? – repetiu Jacques.

Ela estremeceu, sentindo os lábios do rapaz contra os seus, como se, uma vez mais, estivesse selando a confissão. Sem nada dizer se levantou, rapidamente se despiu e se enfiou sob a coberta, sem nem mesmo pegar no chão as saias que ali ficaram. Jacques também não se

deu ao trabalho de arrumar qualquer coisa: a mesa ficou como estava, enquanto o toco de vela acabava de queimar, com a chama já vacilante. E quando, depois de igualmente tirar a roupa, se deitou, foi um brusco abraço, uma posse desenfreada que os deixou com a respiração ofegante. Na atmosfera parada do quarto, com a música que no andar de baixo continuava, não deram um grito, não fizeram qualquer barulho, apenas uma sensação desvairada, um espasmo profundo, de quase fazer perder os sentidos.

Jacques não reconhecia mais aquela Séverine dos primeiros encontros, tão doce e passiva, na meiguice dos seus olhos azuis. Exaltava-se a cada dia, sob a massa sombria dos cabelos escuros, e ele a sentia pouco a pouco despertar, em seus braços, da longa virgindade fria que as práticas senis de Grandmorin e a brutalidade conjugal de Roubaud não haviam rompido. A criatura de amor, simplesmente dócil no passado, passara a amar e se entregava sem reserva, guardando do prazer um reconhecimento ardente. Com isso chegara à violenta paixão, adorando aquele homem que lhe havia revelado tais sensações. Essa grande felicidade – de tê-lo enfim seu, livremente, tê-lo contra o peito, preso em seus braços – é que acabava de trancar seus maxilares, a ponto de não deixar escapar nem um suspiro.

Quando reabriram os olhos, foi ele o primeiro a se espantar:

– A vela se apagou!

Ela fez um rápido gesto, querendo dizer que não tinha a menor importância. E com um riso controlado, disse:

– Fui bem-comportada, não fui?

– Foi sim, ninguém nos ouviu... Dois camundonginhos!

Voltando a se deitar, ela imediatamente o abraçou, encaixando-se inteira, com o rosto bem enfiado no pescoço dele. Deu um suspiro de satisfação:

– Meus Deus, como é bom estar aqui!

Não falaram mais. O quarto estava escuro e mal se distinguiam os quadrados pálidos das duas janelas. Só havia, no teto, o reflexo do fogão, como mancha redonda e sangrenta. Era o que os dois observavam, de olhos bem abertos. O som da música havia cessado, portas batiam, o prédio inteiro caía na pesada tranquilidade do sono. Embaixo, ouviram-se as molas de abertura de via para o trem de Caen que chegava, mas os choques abafados vinham até eles como se estivessem muito distante.

Agarrada a Jacques, Séverine sentiu novamente o corpo ferver e, com o desejo, voltou a vontade da confissão. Há tantas semanas isso a atormentava! A mancha redonda no teto se ampliava, parecia crescer como uma poça de sangue. Olhá-la causou certa alucinação, que pareceu dar vida aos objetos em volta da cama, que contavam em voz alta a sua história. As palavras subiram à boca, acompanhando a onda nervosa que agitava os sentidos. Como seria bom não ter mais o que esconder, poder, inteira, se entregar!

– Querido, há algo que você não sabe...

Jacques também não tirava os olhos da mancha sangrenta e perfeitamente adivinhou o que ela diria. Naquele corpo delicado colado ao seu, ele havia seguido o fluxo ascendente daquela onda obscura, enorme, na qual os dois pensavam, sem nunca mencioná-la. Até então conseguira evitar, temendo o sintoma precursor do seu antigo mal, receando que falar de sangue pudesse mudar a existência deles. Mas não tinha mais força sequer para inclinar o

rosto e calar a sua boca com um beijo, de tão agradavelmente se sentia extasiado na mornidão da cama, nos braços macios daquela mulher. Achou não ter mais como evitar, ela contaria tudo. De forma que foi um alívio em sua expectativa ansiosa ver que Séverine hesitava, confusa, até recuar e dizer:

– Não sabe, querido, meu marido desconfia de nós.

No último segundo, sem que tivesse pensado, foi a lembrança da noite anterior, em Le Havre, que escapulira, em vez da confissão.

– Acha mesmo? – ele perguntou em voz baixa. – Continua tão cordial. Hoje mesmo, de manhã, me apertou a mão.

– Tenho certeza de que sabe de tudo. Nesse instante mesmo, calcula que estamos exatamente como estamos, colados um ao outro a nos amar! Tenho prova disso!

Ela se calou, apertou-o mais forte, num abraço em que a felicidade da posse abria algum espaço para o rancor. E logo após um momento de tenso devaneio:

– Como o odeio!

Jacques se surpreendeu. Pessoalmente nada tinha contra Roubaud. Achava-o bem conciliativo.

– É mesmo? Por quê? Não nos incomoda em nada.

Séverine não respondeu, apenas repetiu:

– Odeio-o... Agora, só de senti-lo perto de mim é um suplício. Ah, se pudesse, como gostaria de ir embora e ficar com você!

Sensibilizado com esse impulso de ardente carinho, foi ele que a puxou mais para si, com os corpos nus unidos dos pés aos ombros. Era toda sua. Mas novamente, colados assim, sem quase desgrudar a boca do seu pescoço, ela disse de mansinho:

– É porque você não sabe, querido...

Era a confissão que voltava a ameaçar. Fatal, inevitável. Dessa vez Jacques tinha plena consciência de que nada no mundo a impediria, pois vinha com o desejo de ser outra vez tomada e possuída. Não se ouvia mais ruído algum no prédio, até mesmo a vendedora de jornais devia dormir profundamente. Lá fora, Paris sob a neve não tinha um carro que passasse, imersa em silêncio. O último trem para Le Havre, que partira à meia-noite e vinte, parecia ter levado com ele o resto de vida da estação. O fogão já não roncava mais, o fogo acabava de se consumir em brasa, atijando ainda a mancha vermelha no teto, redonda no alto como um olhar de pavor. Estava tão quente que uma bruma pesada, sufocante, parecia pairar sobre a cama em que os dois, assombrados, confundiam seus corpos.

– É que você não sabe, querido...

Ele então disse, irresistivelmente.

– Eu sei.

– Não, você talvez desconfie, mas não pode saber.

– Sei que ele fez aquilo pela herança.

Ela esboçou um movimento, deu um risinho nervoso, involuntário.

– Ah! É mesmo, a herança!

E bem baixinho – um inseto noturno batendo nos vidros teria zumbido mais alto – ela

contou a infância na casa do presidente Grandmorin, tentou mentir, não confessar a relação que tiveram, mas cedeu à necessidade de franqueza e foi um alívio, quase um prazer, contar tudo. Logo que começou, seu murmúrio correu solto, inesgotável.

– E foi aqui mesmo neste quarto, no mês de fevereiro, você se lembra, por causa do caso com o subprefeito... Almoçamos satisfeitos, como jantamos ainda há pouco ali, naquela mesa. É lógico que ele não sabia de nada. Não iria eu ter contado a história toda... Mas, de repente, por causa de um anel, um presente antigo, a troco de nada, não sei como aconteceu, mas ele entendeu... Ah, meu amor... Não, você não pode ter ideia de como fui tratada!

Ela tremia, Jacques sentia suas mãozinhas se crisparem no seu corpo nu.

– Com um soco me derrubou no chão... Depois me puxou pelos cabelos... Por pouco não me esmagou o rosto com o calcanhar... Não tem jeito, compreende? Enquanto eu viver vou me lembrar... E se fossem só as pancadas, meu Deus! Mas se eu contasse todas as perguntas que fez, tudo que me forçou a dizer! Estou sendo sincera, contando essas coisas sem ser obrigada, não é? Mas nunca poderia te dar a menor ideia das perguntas imundas que ele me fez responder. De outra forma me mataria, tenho certeza... Por me amar, é claro. Deve ter sido terrível descobrir tudo aquilo. E concordo que devia ter sido mais honesta, ter avisado antes do casamento. Mas precisa compreender, era coisa antiga, esquecida. É preciso ser muito selvagem para ficar assim tão louco de ciúme... Você mesmo, Jacques, vai deixar de me amar por saber disso?

Ele se mantinha imóvel, inerte e pensativo, nos braços de Séverine, que continuava agarrada a seu pescoço e cintura, como duas cobras vivas que se dão um nó. Estava muito surpreso, não lhe passara pela cabeça algo assim. Como tudo se complicava, enquanto o testamento servia de explicação para tanta coisa! Na verdade, preferia assim. A certeza de que o casal não havia matado por dinheiro o livrava do desprezo que às vezes o incomodava, mesmo sob os beijos.

– Não amá-la mais? Por quê? Não me interessa o seu passado. São coisas que não têm a ver comigo... Casou-se com Roubaud, poderia ter sido com qualquer outro.

Houve um silêncio. Os dois se abraçaram a ponto de quase não conseguir respirar e ele sentia os seios redondos de Séverine, intumescidos e duros contra seu tronco.

– Ah! Então foi amante daquele velho. De qualquer forma, é estranho. Mas ela escorregou mais para cima, até as bocas se aproximarem, e murmurou com um beijo:

– Só a você que amo, nunca amei mais ninguém... Se pudesse saber... Com eles nem cheguei a aprender o que podia ser o amor. Enquanto você, querido, me deixa tão feliz!

Ela o atiçava com carinhos, oferecida, querendo-o e, para não ceder de imediato, ele, que igualmente ardia de desejo, precisou contê-la com um esforço.

– Espere um pouco, logo mais... Diga, o velho?

Bem baixo, com um tremor do corpo inteiro, ela disse:

– Nós o matamos.

O impulso do desejo se perdeu nesse outro, da morte, que ressurgira. Como no fundo de toda volúpia, era uma agonia que recomeçava. Por um instante, Séverine se sentiu sem ar, com a sensação prolongada de vertigem. Depois, voltando a afundar o nariz no pescoço do amante, continuou no mesmo tom de ligeiro suspiro:

– Ele me fez escrever dizendo ao presidente que pegasse o mesmo expresso que nós e só se mostrasse em Rouen... Fiquei tremendo no meu canto, assustada, pensando na desgraça que estava a caminho. Na cabine, tinha à minha frente uma mulher de preto que não falava e me dava medo. Nem conseguia vê-la, mas imaginava que podia claramente ler nossos pensamentos e sabia muito bem o que íamos fazer... Foi como se passaram as duas horas entre Paris e Rouen. Não abri a boca, não me mexi, de olhos fechados para que ela achasse que eu dormia. Ao lado, podia sentir meu marido também imóvel, e o que me apavorava era saber as coisas terríveis que passavam por sua cabeça, sem conseguir prever exatamente o que havia resolvido... Ah! Que viagem, com todo aquele tumulto de pensamentos entre os apitos, a trepidação e o correr das rodas!

Com a boca nos cabelos cheios e perfumados de Séverine, Jacques a beijava a intervalos regulares, beijos demorados, mas inconscientes.

– Não estando na mesma cabine, como fizeram para matar?

– Espere, já vai saber... Era o plano do meu marido. É verdade que só deu certo com a ajuda do acaso... Em Rouen houve uma parada de dez minutos. Descemos e ele me fez andar até o cupê do presidente, como se apenas quiséssemos esticar um pouco as pernas. E se fingiu surpreso ao vê-lo na porta, como se ignorasse que estava no trem. Ao redor, as pessoas se atropelavam, um monte de gente tomava de assalto os vagões de segunda classe, por causa de uma festa no dia seguinte em Le Havre. Quando começaram a fechar as portas, foi o próprio presidente que nos convidou para o seu reservado. Mal consegui gaguejar alguma coisa, mencionei nossa bagagem, mas ele riu, dizendo que ninguém ia roubá-la e poderíamos voltar ao nosso vagão em Barentin, onde ele desceria. Por um instante, preocupado, meu marido pensou em ir buscá-la. Nesse minuto mesmo o controlador apitou e ele se decidiu, me empurrou para dentro do cupê e subiu, fechando a porta e o vidro. Como ninguém nos viu? É o que não consigo ainda explicar. Havia um corre-corre, os funcionários estavam nervosos; resumindo, não houve testemunha que pudesse afirmar qualquer coisa com clareza. Lentamente o trem deixou a estação.

Ela se calou por uns segundos, revendo a cena. Sem que se desse conta, no abandono em que estava, uma contração nervosa agitava sua perna esquerda, fazendo-a roçar com movimentos ritmados num joelho de Jacques.

– Ah, como foram terríveis os primeiros momentos no cupê, sentindo o chão correr sob os meus pés! Estava como tonta, pensando somente em nossa mala, em como pegá-la de volta. Se ficasse largada no mesmo lugar, não nos denunciaria? Tudo me parecia absurdo, uma idiotice, um assassinato de pesadelo, imaginado por uma criança. Era preciso ser louco para pôr aquilo em execução. Seríamos evidentemente presos no dia seguinte. Tentava então me tranquilizar, achando que meu marido recuaria, não iria até o fim, não era possível. No entanto não, bastava vê-lo conversando com o presidente para entender que a decisão se mantinha, imutável e total. Mostrava-se calmo, até alegre, com suas maneiras de sempre. Apenas pelo olhar, acho, que se fixava às vezes em mim, eu percebia sua obstinação. Ele o mataria dali a um quilômetro, talvez dois, no ponto que já havia escolhido e que eu ignorava. Era coisa certa, explícita até mesmo na forma de tratar a vítima, que em pouco tempo não viveria mais. Permaneci calada, tentando esconder a agitação interna, afetando sorrir quando me olhavam. Por que não tentei impedir? Apenas mais tarde, procurando entender, me espantei por não ter começado a gritar

porta afora, não ter apertado o botão de alarme. Naquele momento, estava paralisada, totalmente incapacitada. Talvez achasse que meu marido estava em seu direito e, já que estou contando tudo, meu amor, preciso confessar: contra minha própria vontade, do fundo do meu ser, estava do lado dele, contra o outro. Os dois tinham me possuído, não é? E ele era moço, enquanto o outro, meu Deus!, os carinhos do outro... Enfim, o que dizer? Fazemos coisas que nunca imaginávamos poder fazer. Quando penso que não era capaz de matar uma galinha! Ah, essa sensação de noite de tormenta! Que escuridão pavorosa uivava dentro de mim!

Jacques descobria impenetrável aquela criatura delicada, tão frágil em seus braços. De fato sem fundo, mergulhada na tal negra profundidade de que falava. Por mais forte que a estreitasse, não a desvendaria. E ouvindo aquela história de assassinato, cochichada num abraço, sentiu crescer um calor febril.

– E você o ajudou a matar o velho?

– Estava num canto – ela continuou, sem responder –, o presidente no lado oposto e meu marido entre nós. Conversavam sobre as próximas eleições... Às vezes via meu marido se debruçar, dar uma olhada pela janela para ver onde estávamos, como se estivesse impaciente... A cada vez eu seguia o seu olhar e também me dava conta do caminho percorrido. Havia uma claridade difusa, as massas negras das árvores desfilavam furiosamente. E sempre o rumor das rodas como eu nunca havia reparado, um tumulto terrível de vozes raivosas e gemidos, queixas lúgubres de animais uivando mortalmente! A toda velocidade o trem seguia. Bruscamente passaram luzes, com o eco repercutido do trem entre os prédios de uma estação. Estávamos em Maromme, já a duas léguas e meia de Rouen. Ainda Malaunay e depois Barentin. Onde a coisa aconteceria? Teria que esperar até o último minuto? Não tinha mais consciência do tempo nem das distâncias, abandonava-me àquela queda ensurdecadora através das trevas como uma pedra que cai. Atravessando Malaunay, no entanto, entendi: seria dentro do túnel, a um quilômetro de onde estávamos... Virei-me para meu marido, nossos olhares se encontraram: sim, no túnel, mais dois minutos... O trem corria, passamos pelo entroncamento de Dieppe, vi o agulheiro no seu posto. Percorríamos encostas e achei ter distintamente percebido homens que erguiam os braços nos injuriando. Em seguida a locomotiva deu um longo apito: era a entrada do túnel... Como o trem ecoou sob o teto baixo em abóbada! Sabe? Esses barulhos de ferro remexido, iguais às pancadas da marreta na bigorna e que eu, desvairada, transformei em estrondo de trovão.

Ela batia os dentes e parou para dizer com a voz mudada, quase rindo:

– Que bobagem, não é, querido, ter ainda esse frio na alma? No entanto, estou com calor, aqui perto de você. E tão contente! Além do mais, sabe? Não há mais o que temer: o caso foi arquivado, sem contar que os figurões do governo têm ainda menos vontade do que nós de que as coisas se esclareçam... Entendi isso e estou tranquila.

Depois acrescentou, rindo francamente:

– Você mesmo pode se gabar de ter nos causado muito medo! E, aliás, me diga, pois sempre me intrigou: o que viu, exatamente?

– O que disse ao juiz, nada mais: um homem degolando outro... Mas vocês eram tão estranhos comigo que acabei desconfiando. Por um momento, cheguei a reconhecer o seu marido... Só depois, no entanto, tive absoluta certeza.



Os figurões do governo têm ainda menos vontade do que nós de que as coisas se esclareçam...

Ela o interrompeu com desenvoltura.

– É verdade, no banco de jardim, no dia em que eu neguei, você se lembra? A primeira vez que nos encontramos sozinhos em Paris... É engraçado! Eu dizia que não éramos nós e sabia perfeitamente que você ouvia o contrário. Não é mesmo? É como se eu tivesse contado tudo... Ah, meu amor! Pensei nisso tantas vezes, e acho que foi nesse dia que comecei a amá-lo.

Num ímpeto eles se estreitaram mais forte, como se fossem fundir um no outro. Ela retomou:

– No túnel, o trem corria... É comprido, o túnel. Fica-se uns três minutos lá dentro. Tinha a impressão de termos rodado por uma hora... O presidente havia parado de falar, por causa do barulho ensurdecador de ferragem revirada. E meu marido, naquele último momento, parecia hesitar, pois continuava sem fazer nada. Eu via apenas, na luz vacilante da luminária, as orelhas dele ficarem arroxeadas... Será que esperaria estarmos de novo em terreno aberto? A coisa para mim se tornara tão fatal, tão inevitável que tinha um só desejo: acabar com aquela espera, me livrar daquilo. Por que não o matava logo, já que era preciso? Poderia eu mesma pegar a faca, para terminar, de tão exasperada que estava de medo e de sofrimento... Ele olhou para mim. Provavelmente meu rosto estampava meus sentimentos. De repente, deu um salto. O presidente tinha se virado para a porta e foi agarrado pelos ombros. Assustado, conseguiu se soltar instintivamente e esticar o braço para acionar o alarme, bem acima da sua cabeça. Chegou a alcançar, mas foi pego e derrubado em cima da poltrona, com um empurrão tão forte que caiu parecendo se dobrar ao meio. A boca aberta de surpresa e pavor soltava gritos confusos, abafados na barulheira, enquanto eu distintamente ouvia meu marido repetir: “Porco! Porco! Porco!”, com uma voz transtornada, cada vez mais raivosa. Mas a barulheira diminuiu, o trem saía do túnel, voltaram o campo pálido e as árvores escuras a desfilar... Permaneci no meu canto, tensa, colada contra o pano do encosto, o mais longe possível. Quanto tempo durou a luta? Uns poucos segundos. A mim pareceu que não terminava nunca, que todos os passageiros tinham ouvido os gritos, que as árvores nos viam. Meu marido, que segurava o canivete aberto, não conseguia desferir o golpe, afastado aos pontapés,

desequilibrado no piso instável do carro. Por pouco não caiu de joelhos; e o trem corria, nos levava a toda velocidade, com a locomotiva a apitar, aproximando-se da passagem de nível de Croix-de-Maufras... Foi aí que eu, sem poder em seguida me lembrar de como isso aconteceu, me joguei nas pernas do homem que se debatia. Caí em cima dele como se fosse um pacote, com todo meu peso, para que parasse de espernear. Não vi, mas pude sentir: o choque da lâmina na garganta, o longo tremor do corpo, a morte que veio em três arrancos, se desenrolando como a corda de um relógio que se rompe... Ah, tenho ainda em mim o eco daquele tremor de agonia!

Avidamente, Jacques quis interrompê-la para fazer perguntas. Mas ela tinha pressa de acabar.

– Espere um pouco... Quando me levantei, passávamos a todo vapor à frente de Croix-de-Maufras. Perfeitamente distingui a frente da casa fechada e o lugar do guarda-cancela. Mais cinco quilômetros e pararíamos em Barentin... O corpo estava caído na poltrona, o sangue corria formando um charco espesso. E meu marido, de pé, aparvalhado, sacudido pelos solavancos do trem, olhava, limpando a lâmina com o lenço. Por um bom minuto não víamos o que fazer que pudesse nos salvar... Se levávamos o corpo ou ficávamos ali. Talvez descobrissem tudo na parada de Barentin... Mas ele guardou o canivete no bolso, parecia ter acordado. Vi que revistava o morto, pegou o relógio, dinheiro, tudo que encontrava e, abrindo a porta, fez força para jogá-lo para fora, sem segurar direito, com medo de se sujar com sangue. “Mexa-se, empurre comigo!” Nem tentei, continuava paralisada. “Com os diabos, empurre comigo!” A cabeça já tinha passado e estava apoiada no estribo, mas o tronco, encolhido, não descia. E o trem corria... Até que, com um sacolejo mais forte, o cadáver escorregou e desapareceu no estrondo das rodas. “Ah, seu porco! Até que enfim!” Em seguida ele pegou a manta e jogou fora também. Ficamos apenas os dois e a poça de sangue na poltrona em que não nos atrevíamos a sentar... A porta continuava batendo, escancarada e, de início, não entendi, aniquilada, parva, vendo meu marido descer e também desaparecer. Mas voltou. “Vamos, rápido, venha comigo, se não quiser que nos cortem o pescoço!” Continuei sem me mover e ele se irritava. “Vem logo, diabo! Nossa cabine está vazia, vamos para lá.” Vazia! Ele então tinha ido até a nossa cabine? A mulher de preto, a tal que não falava, que não podíamos ver, será que não estava escondida num canto qualquer? “Se não vier logo vai ser jogada lá fora também!” Tinha voltado e me empurrava com brutalidade, enlouquecido. Quando vi, estava do lado fora, no estribo, agarrada com as duas mãos na alça de cobre. Tendo descido depois de mim, ele fechou com todo cuidado a porta. “Anda em frente, rápido!” Eu não conseguia, atordoada pela vertigem da velocidade e açoitada pelo vento que soprava como um furacão. Meus cabelos se soltaram, achei que os dedos da mão iam largar a alça. “Vai em frente, santo Deus!” Ele me empurrava, tive que ir, soltando uma mão de cada vez, colada nos vagões, no meio do turbilhão das minhas saias, que batiam me prendendo as pernas. Já se percebiam distantes as luzes da estação de Barentin. A locomotiva começou a apitar. “Depressa, infeliz!” Aquele barulho infernal, avançar naquela trepidação violenta! Tinha a impressão de estar no meio de uma tempestade que me arrastava como a um fiapo de palha para mais adiante me esmagar contra um muro. Atrás de mim o campo passava rápido, as árvores me seguiam num galope furioso, girando no próprio eixo, torcidas, lançando cada qual um lamento ligeiro, ao passar. Na extremidade do vagão, quando precisei estender a perna para alcançar o estribo do outro carro e me firmar na alça seguinte, parei, sentindo não

poder mais ir adiante. Nunca seria capaz. “Continue, que diabo!” Ele estava em cima de mim, empurrando. Fechei os olhos e, não sei como, continuei, por puro instinto, como o animal que finca suas garras e não quer cair. Como, além disso, não nos viram? Passamos por três carros, sendo que um deles, de segunda classe, estava abarrotado de gente. Lembro-me das cabeças enfileiradas, na claridade interna. Acho que as reconheceria todas, se um dia voltar a vê-las: um homem gordo com suíças ruivas e, mais ainda, duas meninas que se debruçaram rindo. “Em frente, maldição! Em frente!” E mais não sei, as luzes de Barentin se aproximavam, a locomotiva apitava, minha última sensação foi de ser puxada, arrastada pelos cabelos. Meu marido deve ter me segurado, aberto a porta por cima do meu ombro e me jogado no fundo da cabine. Sem fôlego, fiquei semidesacordada num canto, com o trem parado. Sem fazer qualquer movimento, ouvi-o trocar umas palavras com o chefe de estação de Barentin. Voltamos a nos movimentar e só então ele afundou na poltrona, também exausto. Não abrimos a boca até chegar em Le Havre... Como o ódio! Por todas essas coisas abomináveis por que me fez passar! E a você eu amo, pois só me traz felicidade!



Me joguei nas pernas do homem que se debatia.

Em Séverine, aquela longa e ardente narrativa era como um grito que trazia à luz sua necessidade de alegria, com a execração das recordações. Jacques, porém, estava transtornado e igualmente agitado. E insistiu:

– Só mais um pouco, espere... Você estava agarrada às pernas dele, sentiu quando

morreu?

Como uma onda avassaladora, o desconhecido voltava a despertar em suas entranhas, invadia a mente com uma visão vermelha. De novo estava dominado pela curiosidade da morte.

– A lâmina. Sentiu a lâmina entrar?

– Uma pancada surda.

– Uma pancada surda... Não um corte, tem certeza?

– Não o corte, só o choque.

– E depois? Houve um tremor, não houve?

– Houve. Uns três seguidos. De um extremo a outro do corpo. Tão longos que os acompanhei até os pés.

– Tremores que o foram enrijecendo, não é?

– Isso mesmo. O primeiro bem forte e os seguintes menos.

– E morreu. A você, que efeito fez senti-lo morrer assim, com uma facada?

– Em mim mesma... Não sei dizer.

– Não sabe... Por que está mentindo? Diga, conte o que sentiu, com toda franqueza...

Pena?

– Não, não era pena!

– Prazer?

– Prazer? Também não, não chegava a tanto!

– O que então, meu amor? Por favor, diga tudo... Se soubesse... Diga o que sente.

– Deus do céu! Como descrever algo assim?... Uma sensação horrível que nos leva, não sei, tão distante, tão longe! Vivi mais naquele minuto do que em todos os anos anteriores.

De dentes cerrados, garganta presa, Jacques tomou-a. E Séverine a ele. Possuíram-se, redescobrimo o amor no fundo da morte, com a volúpia dolorosa dos animais que se matam durante o coito. Somente ao arfar rouco se ouvia. No teto, o reflexo sangrento havia desaparecido e, com o fogão apagado, o quarto começava a gelar com o grande frio que fazia lá fora. Voz alguma subia da cidade coberta de neve. Em certo momento, ainda ouviram os roncões da vendedora de jornais ao lado, mas depois tudo se precipitou no abismo negro da casa adormecida.

Jacques, que havia mantido Séverine em seus braços, sentiu que ela rapidamente cedia a um sono incontrollável, como se tivesse sido fulminada. A viagem, a espera que se prolongara nos Misard, a excitação daquela noite, tudo isso a extenuara. Ela balbuciou um “boa noite” infantil e imediatamente dormiu, com respiração regular. O relógio acabava de dar três horas.

Por quase uma hora mais, Jacques manteve-a no braço esquerdo que, pouco a pouco, foi ficando dormente. Não conseguia fechar os olhos, que uma invisível força parecia obstinadamente manter abertos nas trevas. Já não se distinguia mais nada do quarto, mergulhado no escuro em que tudo desaparecera, o fogão, os móveis, as paredes, e só se virando na cama perceberia os dois quadrados mais claros das janelas, imóveis, com uma leveza de sonho. Apesar de extremamente cansado, uma atividade cerebral prodigiosa o agitava, desfiando sem parar a mesma meada de ideias. Toda vez que, fazendo um esforço

mental, ele achava estar começando a dormir, o mesmo pensamento voltava, trazendo as mesmas imagens, despertando as mesmas sensações. E o que se exibia dessa maneira, com mecânica regularidade, enquanto seus olhos fixos e esbugalhados se enchiam de escuridão, era o assassinato, em seus mínimos detalhes. A cada vez ele recomeçava idêntico, avassalador, desesperante. A faca entrava na garganta com uma pancada surda, o corpo passava por três longos tremores, a vida se esvaía num escorrer de sangue morno, um escorrer vermelho em que ele tinha a impressão de molhar as próprias mãos. Vinte vezes, trinta vezes a faca penetrou, o corpo se agitou. Era algo enorme, que o sufocava, transbordava, fazia explodir a noite. Ai! Enfiar uma faca assim, satisfazer o antigo desejo, descobrir o que se sente, provar daquele minuto em que se vive mais do que em toda a existência!

Como a falta de ar aumentava, Jacques achou ser apenas o peso de Séverine no seu braço que o impedia de dormir. Com delicadeza se desvencilhou, deixando-a a seu lado sem acordar. Pôde respirar mais à vontade, acreditando que enfim dormiria. Entretanto, os invisíveis dedos voltaram a abrir as suas pálpebras e, no escuro, o assassinato voltou em traços sangrentos, a faca penetrou, o corpo se agitou. Uma enxurrada vermelha preenchia as trevas e o corte na garganta, incomensurável, se escancarava como se tivesse sido aberto com um machado. Então desistiu, continuou deitado e olhando para o teto, entregue à visão obstinada. Ouvia em seu interior o trabalho decuplicado do cérebro, o funcionamento de toda a máquina. Era algo que vinha de muito longe, da juventude. Acreditara-se curado, pois o desejo estava morto há meses, desde que possuía a mulher a seu lado. E eis que nunca o havia sentido tão intensamente, sob a narrativa daquele crime que pouco antes, esmagada contra o seu corpo, com braços e pernas entrelaçados, ela havia sussurrado. Ele se afastou, evitando o contato da sua pele, que causava nele um efeito de queimadura. Um calor insuportável o percorreu pela espinha dorsal como se o colchão às suas costas tivesse se transformado num braseiro. Picadas, pontadas de fogo pareciam querer lhe perfurar a nuca. Por um instante tentou tirar os braços para fora da cobertura, mas eles imediatamente ficaram gelados, fazendo-o tremer de frio. Teve medo das próprias mãos, escondeu-as novamente no calor, primeiro cruzadas em cima da barriga, e depois escondidas sob as nádegas, presas como se temesse alguma abominação por parte delas, um ato que não queria cometer, mas que cometeria mesmo assim.

A cada vez que o cuco soava, Jacques contava as batidas. Quatro horas, cinco horas, seis horas. Ansiava pelo amanhecer, esperando que a aurora desse fim ao pesadelo. E passou a ficar virado para as janelas, olhando os vidros. Mas o vago reflexo da neve era tudo que se percebia. Às quinze para as cinco, com um atraso de apenas quarenta minutos, pudera ouvir chegar o direto de Le Havre, o que confirmava estar restabelecida a circulação. Somente depois das sete horas, entretanto, ele viu bem lentamente brilhar nos vidros uma palidez leitosa. O quarto finalmente se iluminou com uma claridade difusa em que os móveis pareciam flutuar. O fogão ressurgiu, o armário, o aparador. Continuava sem conseguir fechar os olhos que, por outro lado, se irritavam, com necessidade de ver. Imediatamente, antes mesmo de haver claridade suficiente, ele mais pressentia do que propriamente via, em cima da mesa, a faca de que tinha se servido, à noite, para cortar a torta. E era só o que existia, aquela faca. Uma pequena faca de ponta. Com o dia se impondo, toda a luz branca das duas janelas passara a entrar apenas para se refletir naquela estreita lâmina. O medo que tinha das próprias mãos fez com que as mergulhasse mais sob o corpo, pois sentia que se agitavam, revoltadas, mais

fortes do que a vontade. Será que deixariam de ser suas? Mãos de um outro, mãos legadas por algum antepassado da época em que os homens, na floresta, estrangulavam as feras!

Querendo não ver a faca, Jacques se virou para Séverine, que muito calma dormia com uma respiração infantil, em seu extremo cansaço. A pesada cabeleira negra, desmanchada, formava um travesseiro escuro que cobria inclusive os ombros e, entre os seus cachos, abaixo do queixo, percebia-se a garganta, delicada e leitosa, levemente rosada. Olhou-a como se não a conhecesse. No entanto adorava-a, tinha sempre em mente sua imagem, tão desejada que muitas vezes o angustiava, mesmo quando conduzia sua locomotiva, a ponto de um dia despertar de um desses sonhos passando por uma estação a todo vapor, apesar dos sinais. Mas ver aquela garganta branca o consumia inteiro com um fascínio brusco, inexorável. Com um terror ainda consciente, sentiu crescer a imperiosa necessidade de ir buscar a faca em cima da mesa e voltar para enfiá-la até o cabo naquela carne de mulher. Podia ouvir a pancada surda da lâmina penetrando, ver o corpo estremecer três vezes e depois se enrijecer com a morte, dentro de uma poça vermelha. Lutando e querendo se livrar daquela obsessão, a cada minuto perdia um pouco da vontade, dominado pela ideia fixa, chegando ao limite extremo em que, vencido, cederia à força do instinto. Tudo se embaralhou. Revoltadas, as mãos foram vitoriosas contra o esforço que as escondia; se desataram e escaparam. Ele perfeitamente entendeu que não as dominava mais e que elas brutalmente se satisfariam se ele continuasse a olhar Séverine. Empregou então suas últimas forças para se lançar fora da cama, rolando no chão como um homem bêbado.

Tentando se recompor, quase caiu de novo tropeçando nas roupas jogadas de qualquer maneira. Cambaleando, procurou suas coisas com gestos desvairados e pensando unicamente em se vestir rápido, pegar a faca e descer à rua para matar outra mulher qualquer. O desejo era forte demais, seria preciso matar. Não encontrava mais suas calças. Três vezes esteve com elas nas mãos sem se dar conta. Foi infinitamente difícil calçar os sapatos. Apesar de já ser dia claro, naquele momento, o quarto parecia coberto de bruma avermelhada, uma alvorada glacial que tudo banhava. Tinha arrepios de febre e conseguira finalmente se vestir. Pegou a faca, escondeu-a na manga, certo de que mataria alguém, a primeira mulher que visse na calçada, quando um roçar de lençol, um demorado suspiro que vinha da cama o deixou paralisado junto à mesa, lívido.

Era Séverine que acordava.

– Como, querido? Já está indo?

Sem responder nem olhar para ela, esperava que voltasse a dormir.

– Onde está indo, querido?

– Nada – conseguiu balbuciar. – Uma coisa do trabalho... Durma que volto logo.

Séverine ainda disse algumas palavras confusas, quase dormindo, com os olhos já voltando a se fechar.

– Que sono, que sono... me dá um beijo antes de ir, querido.

Ele porém não se mexia. Sabia que com a faca na mão, se fosse até lá, se a visse, tão delicada e bonita em sua nudez e na desordem da cama, perderia toda a força que ainda o paralisava ali. Contra a sua vontade, a mão se ergueria e plantaria a faca no pescoço.

– Vem me dar um beijo, querido...

A voz foi se apagando, ela voltara a dormir suavemente, com um meigo sussurrar. Desarvorado, ele abriu a porta e fugiu.

Eram oito horas quando Jacques se viu na calçada da rua de Amsterdam. A neve ainda não fora varrida e mal se ouviam os passos dos raros transeuntes. Ele rapidamente notou uma velha, mas que logo virou a esquina da rua de Londres e não foi seguida. Alguns homens passaram bem perto e ele tomou a direção da praça do Havre segurando a faca, cuja ponta, voltada para o alto, desaparecia na manga. Uma menina de cerca de quatorze anos saiu do edifício em frente e ele atravessou a rua, mas ela entrou na padaria ao lado. A impaciência era tal que ele preferiu não esperar e continuou em frente, procurando. Desde que deixara o quarto, com a faca, quem agia não era mais ele e sim o outro, tantas vezes pressentido no fundo do seu ser, o desconhecido vindo de tão longe, ardendo de sede assassina hereditária. Já matara antes e queria ainda matar. Todas as coisas em volta existiam como num sonho, pois eram vistas através da sua ideia fixa. A vida cotidiana parecia ter sido abolida e ele andava como sonâmbulo, sem memória do passado, sem previsão de futuro, à mercê da necessidade obsessiva. Do corpo que avançava, se ausentara a personalidade. Duas mulheres passaram por ele e o fizeram apertar o passo, mas foram paradas por um conhecido. Os três riam, conversavam. Como o homem incomodava, passou a seguir outra mulher, doentia e triste sob um xale miserável que pouco a aquecia. Seguia com passinhos miúdos para algum trabalho provavelmente odiado, penoso e mal pago, pois não parecia ter a menor pressa, indo com expressão desesperadamente triste. Feita a escolha, ele também não se precipitava mais, esperando que se revelasse o local em que atacaria. Ela deve ter notado que era seguida e os seus olhos se voltaram para ele com indizível pena, espantada por ainda despertar algum interesse. Já estavam na metade da rua do Havre e ela duas vezes mais tinha se virado, impedindo que ele lhe plantasse na garganta a faca – já fora da manga. Tinha os olhos suplicantes da miséria! Mais adiante, quando descesse da calçada, ele atacaria. Mas bruscamente deu meia-volta, passando a seguir outra mulher, que ia na direção contrária. Sem motivo algum nem vontade, apenas porque passava naquele instante e assim devia ser.

Atrás dela, Jacques voltou a se aproximar da estação. Muito viva, caminhava com passinhos sonoros e era adoravelmente bonita, com no máximo vinte anos, formas bem marcadas, loura e belos olhos alegres que sorriam para a vida. Sequer percebeu que um homem a seguia. Devia estar com pressa, pois subiu rapidamente a escadaria do pátio do Havre, atravessou-o quase correndo, dirigindo-se aos guichês da linha circular dos subúrbios. E como comprou uma passagem em vagão de primeira classe para Auteuil, Jacques fez o mesmo, seguindo-a pelas salas de espera e pela plataforma. Subiu no mesmo carro e se sentou ao lado. Logo em seguida o trem partiu.

“Tenho tempo”, ele pensou. “Vou matá-la num túnel.”

À frente de onde estavam sentados, porém, uma senhora mais velha, a única pessoa na cabine além deles, reconheceu a jovem.

– Ora, ora! Aonde vai tão cedo?

A moça soltou boa risada, com um gesto de cômico desespero.

– Não se pode mesmo fazer nada às escondidas! Espero que não conte... Amanhã é o aniversário do meu marido e assim que ele saiu para o trabalho dei essa escapada. Vou até um horticultor em Auteuil, onde ele viu uma orquídea e se apaixonou... Será uma surpresa,

entende?

A velha senhora concordou com a cabeça, em carinhosa cumplicidade.

– E o bebê, está bem?

– A menininha? Um doce, realmente... Desmamou há oito dias. Precisa vê-la tomando a soppinha... Estamos todos muito bem, é escandaloso!

Riu ainda mais alto, mostrando os dentes brancos entre o vermelho-sangue dos lábios. Sentado à sua direita, de faca em punho por baixo da perna, Jacques achou estar em ótima posição para atacar. Bastava erguer o braço e se virar para a vítima. Já no túnel de Batignolles, porém, achou que as fitas do chapéu da jovem podiam causar problema.

“O laço, bem no pescoço, vai atrapalhar. Quero ter certeza.” As duas mulheres conversavam animadas.

– Vejo que está mesmo muito feliz.

– Feliz? Ah, mais do que isso! É um sonho... Há dois anos eu não era nada. A senhora se lembra, era um tédio estar na casa da minha tia. Além disso, sem um centavo de dote... Quando ele vinha, eu ficava tremendo, de tanto que passei a amá-lo. Mas era tão bonito, tão rico... E agora é meu, é meu marido e temos um bebê! Realmente é uma imensidão!

Analisando o nó das fitas, Jacques acabou constatando haver por baixo, preso num veludo preto, um medalhão grande de ouro. Era preciso tudo recalcular:

“Agarro-a pelo pescoço com a mão esquerda e afasto o medalhão empurrando a cabeça, para que a garganta fique desimpedida.”

O trem parava e voltava a partir a cada minuto. Túneis curtos se sucederam em Courcelles e Neuilly. Um segundo bastaria.

– Foi ao mar no último verão? – perguntava a velha.

– Fomos à Bretanha. Seis semanas num buraco perdido do mundo, um paraíso. Depois passamos setembro no Poitou, na casa do meu sogro, que tem uma reserva florestal na região.

– Não estavam pensando em passar o inverno no Sul?

– Certamente, vamos estar em Cannes por volta do dia 15... Já alugamos a casa. Tem um jardim delicioso e o mar bem em frente. Uma pessoa já faz os preparativos para chegarmos... Não é que sejamos friorentos, meu marido e eu, mas é tão bom estar no sol! Voltamos em março e ficamos em Paris. Daqui a dois anos, quando o bebê já for uma mocinha, viajamos de novo. Nem sei o que dizer! É uma constante alegria!

A felicidade era tão transbordante que, cedendo ao desejo de expansão, ela se virou para o desconhecido ao lado, com um sorriso. Com o movimento, o laço das fitas se deslocou, o medalhão se afastou, o pescoço apareceu, vermelho, com uma leve reentrância que a sombra dourava.

Os dedos de Jacques se crisparam no cabo da faca e ele tomou uma decisão irrevocável:

“Ali, nesse ponto é que vou ferir. Exatamente ali, daqui a pouco, no túnel antes de Passy.”

Mas na estação do Trocadéro subiu no trem um funcionário que o reconheceu e desandou a falar do serviço e de um roubo de carvão de que eram acusados um maquinista e seu foguista. Foi a partir desse momento que tudo se embaralhou, sem que ele jamais, posteriormente, pudesse reconstruir os fatos com exatidão. As risadas continuaram, irradiando tanta alegria

que ele mesmo se sentia penetrado por essa sensação, se acalmando. Talvez tenha seguido até Auteuil com as duas mulheres, mas não se lembrava de vê-las desembarcar. Quando se deu conta, estava à beira do Sena, sem saber como. A recordação, porém, que se mantinha bem clara era a de ter jogado no rio a faca, que continuava até então segura dentro da manga. E de nada mais tinha consciência, aparvalhado, ausente do seu ser, do qual o outro também se retirara, junto com a faca. Deve ter andado por horas a fio, ao acaso de ruas e praças. Pessoas e casas passavam pálidas. Provavelmente entrou em algum lugar bem cheio para comer, pois distintamente via a imagem de pratos brancos. Havia também uma visão persistente de um cartaz vermelho, numa loja fechada. E tudo mais, em seguida, mergulhava num abismo escuro, um vazio em que não contavam mais o tempo nem o espaço e no qual ele jazia inerte, há séculos, talvez.

Quando voltou a si, Jacques estava no seu apertado quartinho da rua Cardinet, caído de través na cama, todo vestido. O instinto o havia levado até ali como um cachorro batido que se arrasta até o seu abrigo. Não se lembrava, aliás, de ter subido a escada nem de ter se deitado. Acordava de um sono pesado, admirado de recuperar tão rapidamente o pleno controle de si, como depois de um desmaio profundo. Era possível que tivesse dormido umas três horas ou, quem sabe, três dias. De repente, a memória inteira voltou: a noite passada com Séverine, a confissão do assassinato, sua fuga de fera predadora em busca de sangue. Estivera fora de si e voltava a se encontrar, estupefato com tudo que se fizera para além do seu querer. Depois, lembrando-se de que Séverine o esperava, com um salto pôs-se de pé. Olhou o relógio, já eram quatro horas. Sem pensar e calmo como se tivesse passado por uma sangria,⁶⁹ apressou-se a voltar ao beco de Amsterdam.

Até o meio-dia Séverine havia dormido profundamente. Acordando, estranhou que o companheiro não tivesse ainda chegado e acendeu o fogão. Depois de se vestir e morrendo de fome, resolveu afinal, já por volta das duas horas, descer para ir almoçar num restaurante por perto. Quando Jacques chegou, ela acabava de voltar, depois de fazer algumas compras.

– Meu amor, fiquei preocupada!

Agarrou-se a ele e depois o olhou bem de perto, diretamente.

– O que aconteceu?

Exausto e exangue, ele procurou tranquilizá-la, sem demonstrar perturbação.

– Nada demais, uma obrigação chata. E já que estava ali, não me deixavam ir embora.

Baixando a voz, ela com simplicidade confessou, infantilmente:

– Cheguei a imaginar... Uma ideia boba que me fez muito mal!... Achei que, quem sabe, com o que confessei talvez não quisesse mais saber de mim... Pensei que tinha ido embora para nunca mais voltar, nunca mais!

Lágrimas escorreram, ela explodiu em soluços, apertando-o desvairadamente nos braços.

– Ah, meu querido! Se soubesse como preciso que as pessoas sejam boas comigo!... Não deixe de me amar, muito, porque só isso, só o seu amor me faz esquecer, entende...? Agora que contei minhas desgraças, não é?, não pode mais me deixar. Por favor!

Jacques se deixou comover por tanta vulnerabilidade. Um relaxamento incontrolável pouco a pouco o amoleceu. Ele gaguejou:

– Não pense nisso, continuo a amá-la.

Abalado, chorou também, mas por causa da fatalidade do mal infame que voltara a dominá-lo e do qual nunca estaria curado. Era uma vergonha, um desespero sem fim.

– Preciso que me ame também, com toda força. Preciso muito de você!

Ela estremeceu, estranhou.

– Se algo o entristece, precisa me dizer.

– Não é uma tristeza, são coisas que não existem, mágoas que me deixam horrivelmente infeliz, sem nem mesmo poder falar delas.

Os dois se abraçaram, misturando a terrível melancolia das respectivas dores. Era um infinito sofrimento, sem esquecimento possível, sem perdão. Choraram, sentindo pesar neles as forças cegas da vida, que é feita de luta e de morte.

– Vamos – disse Jacques se afastando um pouco. – Temos que pensar em ir embora... Hoje à noite vai estar em Le Havre.

Com olhar distante e sombrio, Séverine murmurou, após um silêncio:

– Ah, se eu fosse livre, se meu marido não existisse... como o esqueceríamos rapidamente!

Ele fez um gesto brusco e pensou em voz alta.

– Não podemos, no entanto, matá-lo.

Fixamente ela o olhou e ele estremeceu, espantado de ter dito tal coisa, sem nunca antes ter pensado nisso. Já que queria matar, por que não matar quem os atrapalhava? E quando se despediu dela, tendo que correr para o depósito, ela voltou a apertá-lo nos braços, cobrindo-o de beijos.

– Ah, meu querido! Se me amar muito, tenho certeza de que o amarei ainda mais... Podemos ser felizes.

67. O *concierge*, cargo próximo de um porteiro ou zelador, é um personagem emblemático da vida doméstica parisiense, sobretudo em sua versão feminina e em prédios residenciais, com papel em geral infausto em muitos romances, filmes, peças teatrais e canções.

68. Logo no segundo parágrafo do romance, como vimos, o quarto se situa no quinto andar, mais provável distância fixa de oitenta metros um do outro, serviam como balizas para a estimativa da velocidade dos trens.

69. A sangria era um tratamento frequente, com sanguessugas ou vácuo, que diminuía o fluxo sanguíneo e “acalmava” o paciente.

EM LE HAVRE, nos dias seguintes, Jacques e Séverine se mantiveram prudentes e preocupados. Já que Roubaud estava sabendo de tudo, não estaria querendo surpreendê-los para se vingar, de maneira intempestiva? Lembravam-se bem dos seus impulsos ciumentos de antigamente, de sua brutalidade de antigo trabalhador braçal, batendo forte e aos socos. E justamente tinham a impressão, vendo-o ensimesmado, calado, com olhares estranhos, de que devia estar matutando uma elaborada armadilha, uma cilada para tê-los sob seu controle. De forma que, no primeiro mês, só se viram com mil cuidados e sempre em alerta.

Roubaud, no entanto, cada vez mais se ausentava. Talvez desaparecesse assim para chegar sem aviso e flagrá-los nos braços um do outro. Mas não era o que acontecia. Pelo contrário, as ausências se prolongavam de tal maneira que nunca o viam, sumindo assim que estava livre e só voltando no momento exato em que o serviço exigia. Nas semanas de expediente diurno ele dava um jeito de, às dez da manhã, comer em cinco minutos e só voltar às onze e meia, e à tardinha, às cinco, quando o colega descia para a substituição, sumia, às vezes pela noite inteira. Mal dormia algumas horas. A mesma coisa nas semanas de expediente noturno: livre às cinco da manhã, provavelmente comia e dormia fora de casa. De qualquer maneira, só voltava às cinco da tarde. Por bom tempo, mesmo nessa desordem, manteve a pontualidade de funcionário padrão, sempre presente no exato minuto, às vezes tão cansado que mal se sustentava nas pernas, mas de pé e consciencioso no trabalho. Depois, entretanto, falhas surgiram. Por duas vezes o outro subchefe, Moulin, teve que esperá-lo por uma hora. Certa manhã, inclusive, depois da refeição, vendo que o colega não aparecera, ele reassumiu o posto, para evitar que fosse repreendido. E toda a atividade de Roubaud começava a dar sinais dessa lenta desorganização. Durante o dia, não era mais aquele homem ativo, despachando ou recepcionando um trem apenas depois de inspecioná-lo em cada detalhe, anotando as menores ocorrências em seu relatório para o chefe de estação, exigente com os outros e consigo mesmo. À noite, ele caía num sono de chumbo, na ampla poltrona da sua sala. E quando acordado, parecia dormir ainda, indo e vindo na plataforma, mãos cruzadas nas costas, dando ordens com voz desinteressada e sem verificar se foram obedecidas. Mas tudo funcionava normalmente, por força do hábito, com exceção de uma escorregadela por negligência sua quando um trem de passageiros foi expedido à via de garagem. Os colegas apenas se divertiram às suas custas, dizendo que ele andava na farra.

A verdade é que Roubaud passara a viver no primeiro andar do Café do Commerce, na salinha à parte que pouco a pouco se tornara ponto de jogatina. Comentava-se que mulheres também frequentavam o local à noite, mas, na verdade, comprovou-se a presença de apenas uma, a amante de um capitão aposentado, já com pelo menos quarenta anos de idade e que não participava das noitadas por sexo e sim por ser jogadora inveterada. O subchefe encontrava ali apenas a triste paixão do jogo, despertada logo depois do crime por uma partida de *piquet* jogada despreziosamente, mas que cresceu e se transformou em hábito imperioso, dada a distração e alheamento que oferecia. E isso o preencheu a ponto de eliminar nele, macho

brutal, o desejo por mulher. Dominava-o inteiramente, como satisfação exclusiva que o contentava. E não que o remorso o atormentasse com qualquer necessidade de esquecimento, mas na confusão do seu casamento abalado, no meio da sua existência deteriorada, havia encontrado um consolo, a vertigem da felicidade egoísta, passível de se desfrutar sozinho. E tudo naufragava nessa paixão que acabava de transtorná-lo. O álcool não teria propiciado horas mais leves, rápidas e tranquilas. Livrara-se da preocupação com a vida. Tinha a impressão de viver com extraordinária intensidade, mas alhures, desinteressado, sem que mais nada o afligisse com as chateações que anteriormente o faziam ferver de raiva. E ele se sentia maravilhosamente bem, afora o cansaço das noites em claro. Inclusive engordava, com uma gordura amarela e macilenta, fazendo as pálpebras pesarem sobre o seu olhar perturbado. Quando ia para casa, com a lentidão dos gestos sonolentos, tinha apenas, com relação a todas as coisas, uma soberana indiferença.

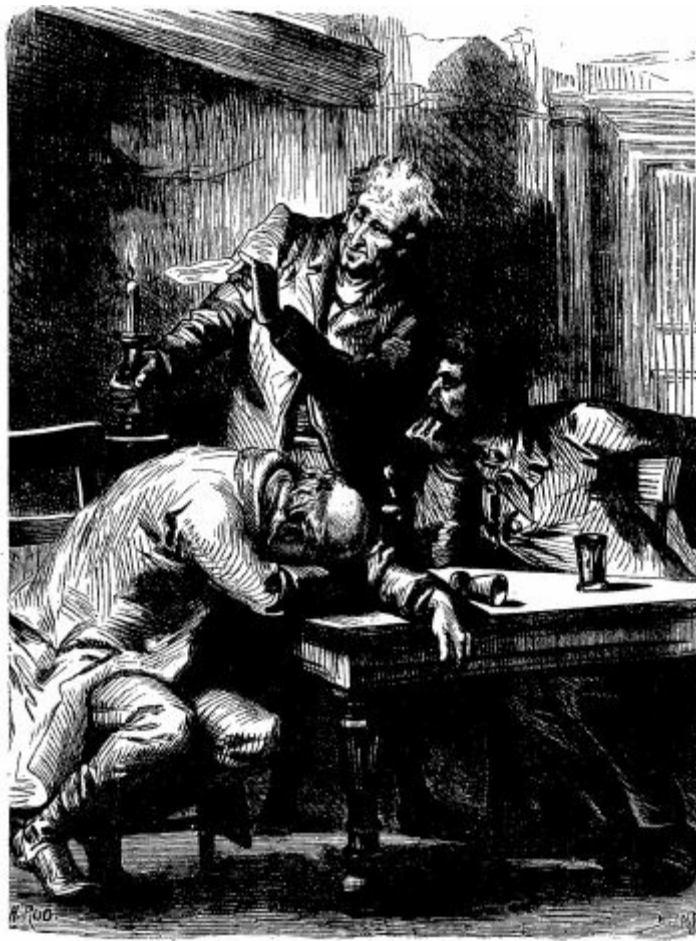
Na noite em que Roubaud voltara para pegar os trezentos francos de ouro, sob o piso, precisava pagar o comissário de vigilância, sr. Cauche, após várias e sucessivas perdas. Este último, jogador experiente, tinha sangue-frio e isso fazia dele um temível adversário. Independente disso, dizia jogar apenas por prazer e precisar, por suas funções na magistratura, manter a aparência digna de um ex-militar, apesar de solteiro e vivendo no café como frequentador tranquilo. O que não o impedia de jogar frequentemente a noite inteira e ganhar todo o dinheiro dos parceiros. Era acusado também de impontualidade no serviço e boatos circulavam, dizendo que seria forçado a se demitir. Mas tudo isso se arrastava, e como as necessidades no seu setor eram mínimas, não se via por que exigir mais. De qualquer forma ele marcava sempre uma presença rápida nas plataformas da estação, onde todos o cumprimentavam.

Três semanas depois, Roubaud já devia novamente perto de quatrocentos francos ao sr. Cauche. Explicou que a herança que a mulher havia recebido os deixara bem à vontade, mas rindo acrescentava ser ela quem detinha a chave do cofre, para explicar a demora no pagamento das dívidas de jogo. Mas certa manhã em que estava sozinho, pressionado, ele ergueu de novo o friso e pegou no esconderijo uma nota de mil francos. Tremia da cabeça aos pés, não havia passado pela mesma emoção na noite das moedas de ouro: provavelmente ali ainda se tratava, para ele, de meros trocados casuais, enquanto com a nota já se configurava o roubo. Um calafrio arrepiou-lhe a pele, ao pensar naquele dinheiro sagrado no qual havia jurado nunca tocar. Dissera inclusive preferir morrer de fome e, no entanto, o embolsava, sem saber dizer onde tinham ido parar seus escrúpulos, que provavelmente se diluíam a cada dia, na lenta fermentação do assassinato. No fundo do buraco, achou ter sentido uma umidade, algo molengo e nauseabundo, que o horrorizou. Rapidamente colocou de volta no lugar o friso, prometendo cortar fora a mão se voltasse a removê-lo. A mulher não o havia visto, ele respirou aliviado e bebeu um bom copo d'água para se recuperar. O coração voltou a bater alegre, pensando na dívida que pagaria e na quantia que ainda ia sobrar para o jogo.

Mas quando foi preciso trocar a nota, recomeçou a aflição. Roubaud sempre foi corajoso e teria se entregado à polícia se não tivesse feito a besteira de envolver a esposa no crime, mas naquele momento, só o fato de pensar em prisão fazia-o suar frio. Por mais que soubesse que a justiça desconhecia a numeração das notas desaparecidas e que, além disso, o processo estava engavetado ou para sempre enterrado nos arquivos, tremia de medo assim que se imaginava entrando em algum lugar para trocar o dinheiro. Por cinco dias andou com a nota e se tornou

um hábito constante a necessidade de apalpá-la, mudá-la de lugar, não se separando dela nem à noite. Elaborava planos complicadíssimos e sempre esbarrava em temores imprevistos. Primeiro avaliou trocá-la na estação; por que algum colega encarregado de recebimentos não a aceitaria? Em seguida a ideia lhe pareceu extremamente perigosa e pensou em ir bem longe na cidade, sem o boné do uniforme, e comprar qualquer coisa. Mas não seria estranho movimentar tal quantia na compra de um objeto barato? Acabou então se decidindo a passar a nota na loja de tabacos da avenida Napoléon, aonde ia diariamente: não era o mais simples? Todos sabiam da herança, a caixa não haveria de estranhar. Foi até a porta, sentiu que as pernas tremiam e seguiu até a represa Vauban para recuperar a coragem. Voltou depois de uma caminhada de meia hora, sem ter se decidido ainda. Finalmente à noite, no Café do Commerce, na presença do sr. Cauche, em repentina provocação ele tirou a nota do bolso e pediu que trocassem. Não havia troco e a proprietária mandou alguém à loja de tabaco para ver se conseguia. Inclusive brincaram a respeito da cédula, que parecia bem nova, apesar de, pela data impressa, ter dez anos. O comissário de vigilância antes a havia revirado dos dois lados, dizendo que ela provavelmente havia dormido no fundo de algum buraco, o que fez a amante do capitão aposentado relembrar uma história interminável, sobre uma fortuna escondida e depois encontrada, debaixo do mármore de uma cômoda.

Semanas se passaram e o dinheiro que Roubaud tinha nas mãos só aumentava a paixão pelo jogo. Não que apostasse alto, mas um azar o perseguia, tão constante e pesado que as pequenas perdas diárias, somadas, acabavam chegando a quantias elevadas. Por volta do fim do mês já estava de novo sem um tostão e devendo alguns luíses,⁷⁰ doente por não poder chegar perto do baralho. No entanto ele lutou, quase ficou de cama. A ideia das nove notas que descansavam ali, sob o piso da sala de jantar, foi virando a obsessão de cada minuto. Chegava a vê-las através da madeira, senti-las esquentar a sola dos sapatos. E pensar que, se quisesse, poderia ainda pegar outra! Mas tinha realmente jurado e preferia pôr a mão no fogo a voltar a mexer ali. E certa noite em que Séverine tinha dormido cedo, ele ergueu o friso, cedendo com fúria, desvairado por tamanha tristeza que os olhos se enchiam de lágrimas. Para que resistir tanto? Era um sofrimento desnecessário, pois já entendera que as pegaria todas, uma a uma.



Revirou a cédula dos dois lados.

Na manhã do dia seguinte, Séverine por acaso notou um arranhão recente numa quina do friso. Abaixando, constatou que tinha sido novamente levantado. Era óbvio que o marido continuava a fazer retiradas. Espantou-se com a raiva que sentiu, pois normalmente não era movida por interesses, e porque também ela achava preferível morrer de fome a pôr a mão naquelas notas manchadas de sangue. Mas não eram dela tanto quanto dele? Como o marido se dava ao direito, às escondidas, sem nem mesmo consultá-la? Até a hora do jantar a necessidade de se certificar a atormentou e teria igualmente afastado o friso para conferir, se não sentisse um ligeiro sopro frio nos cabelos, só de pensar em mexer ali sozinha. O morto não surgiria pelo buraco aberto? Esse medo infantil tornou a sala de jantar tão desagradável que ela pegou sua costura e foi se trancar no quarto.

Mais tarde, comendo em silêncio na companhia do marido um resto de ensopado, voltou a se irritar, ao vê-lo lançar olhares furtivos àquele ângulo do piso.

– Voltou a pegar, não é? – perguntou bruscamente.

Ele ergueu a cabeça, surpreso.

– Pegar o quê?

– Ah, não banque o inocente! Sabe muito bem o quê. Ouça bem: não quero que volte a pegar. Não é mais seu do que meu e fico furiosa de saber que anda mexendo ali.

Ele normalmente evitava as discussões. A vida em comum não ia além do contato obrigatório entre dois seres vivendo sob o mesmo teto, mas passando dias inteiros sem trocar uma palavra, indo e vindo lado a lado como se fossem estranhos, indiferentes, solitários. De forma que ele se limitou a dar de ombros, sem qualquer explicação.

Mas Séverine estava agitada demais e queria concluir aquela questão do dinheiro escondido, que causava tanto sofrimento desde o dia do crime.

– Quero que responda... Ousa dizer que não voltou a mexer ali?

– O que tem com isso?

– Tenho muito, pois me irrita. Hoje mesmo já me causou medo e não pude ficar na sala. Todas as vezes que mexe ali são três noites que durmo mal, sonhando coisas terríveis... Nunca falamos disso, então, trate de ficar quieto e não me obrigue a falar.

Roubaud olhava para a esposa arregalando os olhos e repetiu, brutal:

– Que diferença faz que eu mexa ali, se não estou obrigando ninguém a fazer o mesmo? É coisa que só concerne a mim.

Séverine teve um gesto violento, que logo depois reprimiu. Em seguida, desconcertada, disse, com expressão de dor e nojo:

– Realmente não entendo... Você era honesto. Tenho certeza, nunca tiraria um tostão de uma pessoa... Até o que fez podia ser perdoado, porque estava louco e acabou me enlouquecendo também... Mas o dinheiro, ah! Esse dinheiro abominável que para você nem devia existir e que agora rouba aos poucos, para se divertir... O que está acontecendo? Como desceu tanto?

Ele ouvia e, num momento de lucidez, também se espantou de ter chegado ao roubo. As fases da lenta desmoralização se apagavam, ele não conseguia reatar o que o crime havia rompido a seu redor, também não via explicação para que outra existência, quase um novo ser, tivesse surgido, com o casamento destruído, a esposa distante e hostil. Mas imediatamente o irreparável voltou à tona e com um gesto, como querendo se livrar do pensamento inoportuno, respondeu:

– Quando a gente perde a vontade de estar na própria casa – ele resmungou –, procura distração fora. Já que não me ama mais...

– Isso mesmo, não o amo mais.

Ele olhou-a fixo e deu um soco na mesa, o rosto transtornado por uma onda de sangue.

– Então me deixe em paz! Por acaso impeço que se divirta? Por acaso eu a julgo? Tem muita coisa que um homem honesto faria no meu lugar e que não faço. Deveria primeiro pô-la na rua, com um pontapé no traseiro. Depois, quem sabe, não roubaria mais.

Ela ficou lívida, pois muitas vezes tinha de fato pensado que quando um homem ciumento é devastado por um mal interior, a ponto de tolerar que a mulher tenha um amante, é por haver nele uma gangrena moral avassaladora, que mata os escrúpulos e desorganiza a consciência inteira. Mas não queria aceitar a ideia de ser responsável por aquilo. Com voz balbuciante, concluiu:

– Proíbo-o de tocar nesse dinheiro.

Ele tinha acabado de comer. Tranquilamente dobrou o guardanapo, se levantou da mesa e disse com deboche:

– Se é o que quer, vamos dividir.

E já se abaixava para suspender o friso; ela precisou correr e colocar o pé sobre a tábua.

– De jeito nenhum! Sabe que preferiria morrer... Não e não! Na minha frente, não!

Séverine deveria encontrar Jacques, naquela noite, atrás da estação de mercadorias. Quando voltou para casa, depois da meia-noite, lembrou-se daquela discussão e se trancou a chave no quarto. Roubaud estava de serviço noturno e não havia perigo de que quisesse entrar e se deitar, como, aliás, raramente acontecia. Nem mesmo com a coberta até o queixo e a mecha da lamparina deixada bem curta conseguiu dormir. Por que tinha rejeitado a partilha? Não sentia mais tão forte o elã de honestidade contra a ideia de usufruir daquele dinheiro. Não havia aceitado Croix-de-Maufras? Podia perfeitamente pegar o dinheiro também. Mas voltou a sentir uma repulsa. Não, nunca, jamais! Com relação à soma, propriamente, não via empecilho, mas não ousava tocar, com medo que lhe queimasse os dedos. Havia sido roubado de um morto, era o abominável salário do crime. Acalmou-se de novo e raciocinou: não seria para gastar que o pegaria; pelo contrário, apenas mudaria o esconderijo, enterrando-o num lugar que só ela conhecesse, para lá ficar por toda a eternidade. E seria, no mínimo, salvar a metade da soma das mãos do marido. Para não deixar que ficasse com tudo, perdendo no jogo o que a ela pertencia. Quando o relógio soou as três horas, Séverine francamente se arrependia de ter recusado a divisão. Um pensamento ia se formando, ainda confuso e distante: levantar-se e ir revirar o piso, para que o marido não tivesse mais nada. Só que um frio enorme a congelava, impedindo que pensasse direito. Pegar tudo, guardar tudo sem que ele sequer pudesse se queixar! E o projeto pouco a pouco se impôs, com a vontade superando a resistência, crescendo nas profundezas inconscientes da alma. Não queria, mas assim mesmo saltou da cama, pois não podia ser de outra forma. Aumentou a mecha da lamparina e passou para a sala de jantar.

A partir daí Séverine não tremeu mais. O medo foi embora e ela executou tudo com a frieza de gestos lentos e precisos de um sonâmbulo. Foi preciso pegar o atiçador do fogão para retirar o friso. Com o buraco aberto, sem enxergar direito, aproximou a lamparina. Mas um estupor cravou-a no chão, debruçada, imóvel: o buraco estava vazio. Era evidente que quando se ausentou para o encontro, Roubaud voltara, antes dela, motivado pela mesma vontade: pegar tudo, guardar tudo. Embolsara todas as notas, não restava nenhuma. Ela se ajoelhou e viu no fundo apenas o relógio e a corrente, com o ouro a brilhar na poeira do madeiramento. Uma raiva fria deixou-a pregada ali por um momento, hirta, seminua, repetindo seguidamente em voz alta:

– Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Depois, com um movimento furioso, ela pegou o relógio, enquanto uma aranha graúda e preta, incomodada em seu sossego, fugia pela parede. Aos chutes recolocou o friso no lugar e foi de novo se deitar, deixando a lamparina na mesinha ao lado da cama. Já aquecida, olhou o relógio, que mantinha na mão fechada, virou-o, examinando com cuidado. Na tampa, se interessou pelas duas iniciais entrelaçadas do presidente. No interior, havia o número de fabricação 2516. Era uma joia bem perigosa de se guardar, pois a justiça conhecia esse número. Mas encolerizada por só ter ficado com aquilo, não tinha mais medo. Inclusive sentiu ser o fim dos seus pesadelos, já que não havia mais cadáver sob o piso. Poderia tranquilamente andar em casa, por onde bem entendesse. Pôs o relógio debaixo do travesseiro, apagou a lamparina e dormiu.

No dia seguinte, Jacques, que tinha um dia de folga, esperava que Roubaud partisse para o Café do Commerce, como de praxe, para ir almoçar com Séverine. Às vezes assumiam o risco de fazer isso. E enquanto comiam, ainda sob o efeito da noite anterior, ela contou sobre o

dinheiro e sobre como havia encontrado vazio o esconderijo. A raiva contra o marido não se acalmava e o mesmo grito voltava incessante:

– Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Depois mostrou o relógio, insistindo em dá-lo a Jacques, apesar da repugnância que ele demonstrava.

– Entenda, querido, ninguém vai procurá-lo com você. Se eu guardar, ele vai acabar pegando. E é o que quero evitar, prefiro que me arranque um pedaço... Não, ele já ganhou demais. Não queria nem um centavo daquele dinheiro, que me causava horror. Jamais teria usado um tostão. Mas nem por isso ele tinha o direito de se aproveitar. Ai! Como o odeio!

Ela chorava e insistia, suplicando tanto que o rapaz acabou colocando o relógio no bolso do colete.

Uma hora se passou e Jacques continuava com Séverine no colo, ainda semidespida. Ela se apoiava no seu ombro, num lânguido carinho, quando Roubaud, que tinha a chave, entrou. Com um salto brusco ela se pôs de pé. Mas era o flagrante delito, não havia como negar. O marido ficou parado, não tendo como voltar atrás, enquanto o amante permanecia sentado, aparvalhado. A mulher, porém, não se preocupou minimamente com qualquer explicação e avançou contra o marido, repetindo com raiva:

– Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Por um segundo, Roubaud hesitou. Depois, com o dar de ombros que se tornara a sua maneira de descartar qualquer problema, entrou no quarto e pegou um livro de apontamentos de serviço que havia esquecido. Mas ela foi atrás e continuou:

– Remexeu ali, vai dizer que não remexeu?... Pegou tudo, ladrão! Ladrão! Ladrão!

Sem nada dizer ele atravessou a sala de jantar. Já na porta somente, olhou para a esposa com um olhar triste e disse:

– Deixe-me em paz, está bem?

E foi embora, sem nem mesmo bater a porta. Não parecia ter visto, não fez alusão nenhuma ao amante presente.

Após um longo silêncio, Séverine se virou para Jacques.

– Viu só?

Ele que até então não havia dito uma palavra, se levantou e disse:

– É um homem acabado.

Era o que ela também achava. À surpresa pelo amante tolerado – depois do amante assassinado – sucedia apenas o desprezo pelo marido complacente. Quando alguém chega a tal ponto é porque aceitou a lama e é capaz de se atolar em qualquer lodaçal.

A partir daquele dia Séverine e Jacques tiveram total liberdade. E se serviram disso sem se preocupar mais com Roubaud. Mas se o marido passou a não incomodar, a maior preocupação se tornou a espionagem da vizinha, a sra. Lebleu, sempre de tocaia, que certamente farejava alguma coisa. Por mais que Jacques tomasse cuidado para não fazer barulho quando vinha, percebia a porta da frente se entreabrir disfarçadamente e, pela fenda, um olho acompanhá-lo. Era intolerável, ele nem se atrevia mais a subir pois, confirmada sua presença, um ouvido se colava à fechadura, o que tornava impossível qualquer beijo ou até

uma conversa mais à vontade. E foi por isso que Séverine, irritada com esse novo obstáculo ao prazer, retomou a antiga batalha pelo apartamento dos vizinhos. Era notório que sempre fora ocupado por um subchefe. Mas não era mais pela vista formidável, com as janelas dando para o pátio de embarque e para as alturas de Ingouville que ela o desejava. A única razão, inconfessa, era pelo fato de haver uma segunda porta de acesso, dando para a escada de serviço. Jacques poderia chegar e partir por ali, sem que a sra. Lebleu sequer tivesse ideia das visitas. Estariam, finalmente, livres.

A batalha foi terrível. A questão que já havia movimentado todo o corredor se reacendeu, ainda mais venenosa. Ameaçada, a sra. Lebleu se defendeu desesperadamente, certa de que morreria fechada no escuro alojamento dos fundos, com a vista tapada pela cumeeira do telheiro da estação, triste como um calabouço. Como queriam que pudesse viver no fundo daquele buraco, ela que se habituara a ter um quarto claro, aberto para um vasto horizonte e contando com o permanente e alegre movimento dos passageiros? Suas pernas doentes não permitiam mais qualquer passeio e ela teria então que se contentar exclusivamente com a visão do telheiro de zinco; melhor que a matassem logo de uma vez. Tudo isso, infelizmente, não passava de argumentação sentimental e a sra. Lebleu se via obrigada a reconhecer ter recebido o apartamento do subchefe anterior a Roubaud, o qual, sendo solteiro, o cedera por pura gentileza. Inclusive devia existir uma carta do marido, comprometendo-se a devolver o alojamento, caso um novo subchefe o quisesse. Como o tal documento não fora ainda encontrado, ela negava a sua existência. Na medida em que a sua causa periclitava, ela se tornou mais violenta e agressiva. Em determinado momento tentou trazer para o seu campo a mulher de Moulin, o outro subchefe, dizendo que esta última havia visto homens beijarem a sra. Roubaud na escada. Moulin ficou furioso, pois sua mulher, uma doce e insignificante criatura, que nunca se manifestava, jurou em prantos nada ter visto e menos ainda comentado. Por oito dias essas intrigas de comadres tumultuaram o corredor de uma ponta a outra. Mas o grande erro da sra. Lebleu, que causou sua derrota, foi ter irritado a srta. Guichon, a bilheteira, pela teimosia em espioná-la: a coisa tinha se tornado uma mania, com a ideia fixa de que à noite ela se encontrava com o chefe de estação. A necessidade de surpreendê-los se tornou doentia e ainda mais aguda porque há dois anos espiava sem resultado algum, nem um mínimo suspiro. Como tinha certeza de que dormiam juntos, isso a enlouquecia. De forma que a srta. Guichon, furiosa por não poder entrar nem sair de casa sem ser espionada, era a favor agora de que a jogassem para o lado do pátio. Assim, um apartamento as separaria e pelo menos não a teria bem em frente, não seria mais obrigada a passar diante da sua porta. Tornou-se evidente que o chefe de estação, sr. Dabadie, até então desinteressado naquela disputa, passou a cada dia tomar mais claramente partido contra os Lebleu – e isto era um sinal grave.

Outras brigas complicaram ainda mais a situação. Philomène, que passara a levar ovos frescos para Séverine, se mostrava bem insolente cada vez que encontrava a sra. Lebleu, e como esta, de propósito, deixava sua porta aberta, para aborrecer todo mundo, constantemente havia áspera troca de palavras desagradáveis entre as duas mulheres. A intimidade entre Séverine e Philomène chegou às confidências e esta última acabou trazendo recados de Jacques, quando ele achava mais razoável não subir pessoalmente. Ela trazia os ovos, mudava os horários de encontro, explicava por que ele havia precisado ser prudente na véspera, passando uma hora na casa dela, a conversar. Pois Jacques, às vezes, quando havia algum impedimento, de bom grado ficava por uns momentos na casinha de Sauvagnat, o chefe de

depósito. Acompanhava seu foguista, Pecqueux, parecendo precisar se distrair e temendo passar sozinho a noite. Mesmo quando o foguista desaparecia, em farras de cabarés frequentados por marinheiros, ele ia até a casa de Philomène, encarregava-a de um monte de recados, se sentava e lá permanecia. E ela, pouco a pouco envolvida naquele amor, se enternecia, pois só havia conhecido, até então, amantes brutais. As mãos delicadas, as maneiras atenciosas daquele rapaz triste, com ares tão carinhosos, pareciam uma iguaria da qual ela nunca havia provado. Com Pecqueux, viviam quase uma vida regular de casal, mas com bebedeiras e mais brutalidades do que carinhos. Quando, porém, transmitia um recado amoroso do maquinista para a mulher do subchefe, tinha a impressão de saborear um pouco do gosto delicado do fruto proibido. Um dia, chegou a fazer confidências ao maquinista, se queixando do amante, a quem acusou de sonsice por trás da fachada brincalhona, capaz de coisas ruins quando bebia além da conta. Jacques já havia notado que Philomène estava cuidando mais de si mesma, do seu corpo equino e magro, mas ainda desejável com seus belos olhos ardentes, bebendo menos e mantendo a casa menos suja. O irmão, Sauvagnat, tendo certa noite ouvido uma voz masculina, entrou já preparado para castigá-la, mas vendo quem conversava com ela, simplesmente ofereceu uma garrafa de sidra.⁷¹ Bem recebido e sentindo-se ali a salvo do mal que o corroía, Jacques parecia à vontade e satisfeito. E Philomène demonstrava amizade cada vez mais entusiasmada por Séverine, atacando a sra. Lebleu, a quem tratava de velha descarada.

Certa noite em que encontrou os dois amantes nos fundos do seu pequeno quintal, acompanhou-os no escuro até o barracão onde eles sempre se escondiam.

– Ah, a senhora é boa demais. Têm direito ao apartamento, vou tirá-la de lá pelos cabelos... Pode contar com isso!

Mas Jacques não queria nenhum escândalo.

– Não, pode deixar, o sr. Dabadie está tratando disso, é melhor esperar para que as coisas se façam corretamente.

– Antes do fim do mês – declarou Séverine – vou estar dormindo no quarto dela e poderemos nos ver a qualquer hora.

Apesar da escuridão, Philomène sentiu que ela apertava carinhosamente o braço do amante, sublinhando aquela esperança. Deixou-os lá e retomou o caminho de casa, mas, pondo-se à sombra, a trinta passos parou e voltou. Causava-lhe enorme curiosidade saber que estavam ali, juntos. Não se tratava de inveja, era apenas uma necessidade de amar e ser amada daquela maneira desconhecida.

A cada dia Jacques estava mais sombrio. Em duas ocasiões, podendo estar com Séverine, inventara pretextos; e se às vezes ficava até tarde na casa dos Sauvagnat, era também para evitá-la. No entanto, continuava a amá-la, com um desejo ardente que só aumentava. Mas nos braços dela o seu terrível mal voltava a se mostrar, como uma vertigem, e ele rápido se afastava, gelado, apavorado de perder o controle de si mesmo, sentindo a besta prestes a morder. Apelou para o cansaço dos trajetos longos, solicitando serviços extras, além das doze horas de pé na locomotiva, tendo o corpo sacudido pela trepidação, os pulmões queimados pelo vento. Enquanto os colegas se queixavam da dura profissão de maquinista que, ao que diziam, em vinte anos destruía um homem, ele, tudo que queria era ser destruído imediatamente. Nunca estava exausto o bastante, a felicidade vinha apenas quando a Lison o

carregava, sem pensar mais, com os olhos exclusivamente pregados nos sinais. Ao chegar, o sono o fulminava sem que sequer tivesse tempo de se lavar. Ao acordar, entretanto, voltava o tormento da ideia fixa. Igualmente tentou retomar sua dedicação à locomotiva, voltando a passar horas a limpá-la e exigindo de Pecqueux os aços a brilhar como prata. Os inspetores que subiam a bordo no trajeto o parabenizavam. Ele balançava a cabeça, insatisfeito, pois pessoalmente sabia que a máquina, desde a pane na neve, não era mais a aguerrida, a valorosa de até então. Na reparação dos pistões e das gavetas ela havia perdido um pouco da alma, aquele misterioso equilíbrio de vida que se conseguira no acaso da montagem. E isso doía, tal decadência ia se transformando em amarga aflição, que o fazia perseguir seus superiores com queixas absurdas, pedindo consertos inúteis, imaginando melhorias impraticáveis. Estas eram recusadas e ele cada vez mais se fechava, convencido de que a Lison estava gravemente doente e já nada mais havia que se pudesse fazer de bom por ela. Ele se desanimava: para que amar, se era para matar tudo que amava? E era com essa fúria desesperada de amor, que nem o sofrimento nem o cansaço podiam desgastar, que ele procurava a amante.

Séverine havia perfeitamente sentido a mudança e também se desolava, culpando-se por aquela tristeza, que começara com a sua confissão. Quando o via se afligir estando bem próximo, evitar um beijo com um brusco recuo, não seria por se lembrar e por essa lembrança lhe causar horror? Nunca mais ousara voltar ao assunto. Arrependia-se de ter falado, ainda surpresa com a intensidade da confissão naquela cama estranha em que se amaram com tanto ardor, sem mais se lembrar da necessidade que tinha de contar, necessidade já satisfeita por tê-lo consigo no fundo daquele segredo. Pois amava-o, provavelmente com ainda maior desejo, desde que ele sabia de tudo. Era uma paixão insaciável, de fêmea finalmente despertada, criatura feita unicamente para o amor, totalmente amante e de forma alguma mãe. Vivia apenas para Jacques e não mentia ao falar do seu esforço para se fundir nele, pois seu sonho era este, que ele a levasse e a tivesse o tempo todo em sua carne. Sempre muito doce, passiva, esperando dele todo prazer, imaginava sonolências de gata no seu colo, o dia inteiro. Do terrível drama, guardava o espanto de ter se envolvido nele, da mesma forma que se mantivera cândida e virgem ao sair da podridão da juventude. Tudo isso estava longe, ela sorria e nem teria raiva do marido se ele não a incomodasse. Mas sua repugnância por esse homem aumentava à medida que crescia sua paixão pelo outro. Agora que Jacques sabia, e tendo-a absolvido, era o seu novo senhor, a quem seguiria e que podia dispor dela como bem entendesse. Conseguira dele um retrato fotográfico⁷² que a acompanhava na cama, dormindo com a boca colada na imagem. Sentia-se infeliz desde que passara a vê-lo infeliz, longe de adivinhar o que o fazia sofrer.

Os encontros continuavam do lado de fora, esperando poder recebê-lo tranquilamente no novo apartamento conquistado. O inverno terminava, o mês de fevereiro se revelava bem ameno. Prolongaram-se os passeios, eles andavam por horas e horas pelos terrenos baldios da estação, pois Jacques evitava o descanso, e quando Séverine se agarrava a ele, vendo-se forçado a parar e possuí-la, procurava fazer isso no escuro, com medo de atacá-la, se vislumbrasse algo do corpo nu. Sem ver, quem sabe poderia resistir. Em Paris, aonde ela continuava a ir às sextas-feiras, as cortinas ficavam bem fechadas, sob a alegação de que a claridade lhe cortava o prazer. A viagem semanal se fazia sem qualquer explicação ao marido. Para os vizinhos, a desculpa antiga, do problema no joelho, continuava em vigor. Ou dizia também que aproveitava para visitar sua ama de leite, a velha Victoire, cuja convalescença se

arrastava no hospital. Era um momento de distração para os dois, ele particularmente cuidadoso com a direção da locomotiva e ela encantada de vê-lo menos taciturno e ainda curiosa com o trajeto, mesmo que começasse já a conhecer cada colina e cada bosquezinho de árvores do caminho. De Le Havre a Motteville eram prados, áreas planas entrecortadas por cercas vivas e semeadas de macieiras. Em seguida, até Rouen, a paisagem era acidentada e deserta. Mais adiante, o Sena serpenteava, sucessivamente atravessado em Sotteville, Oissel e Pont-de-l'Arche. Depois, atravessando amplas planícies, o rio voltava a aparecer, bem espreado. A partir de Gaillon os trilhos não se afastavam mais da margem, com o rio à esquerda, lento em suas ribanceiras baixas, orladas de choupos e salgueiros. Corria-se beirando colinas, só se afastando das suas águas em Bonnières, reencontrando-as bruscamente em Rosny, à saída do túnel de Rolleboise. O Sena era uma espécie de companheiro protetor da viagem. Por mais três vezes era atravessado até chegar ao destino: Mantes, com seu campanário perdido entre as árvores, em Triel, com as manchas brancas das jazidas de gesso, e em Poissy, cidade cortada em pleno centro, com as duas muralhas verdes da floresta de Saint-Germain e os taludes de Colombes, repletos de lilases. Chegava-se, enfim, aos arredores de Paris, deixando-se pressentir a cidade, percebida da ponte de Asnières, com o arco do Triunfo perdido ao longe, acima das construções leprosas, eriçadas de chaminés de fábrica. A locomotiva mergulhava sob Batignolles e vinha o desembarque na estação fervilhante. Até o fim da tarde pertenciam-se, Jacques e Séverine, com toda liberdade. Na volta já era noite, ela fechava os olhos, revivia sua felicidade. Mas tanto na ida quanto na volta, sempre que passava por Croix-de-Maufrais, ela se debruçava para uma olhada prudente, sem se mostrar, certa de ali encontrar Flore, de pé junto à cancela, brandindo a bandeirinha de sinalização, dardejando contra o trem o seu olhar chamejante.

Desde que os havia visto se beijando no dia da tempestade de neve, Jacques prevenira Séverine para que tomasse cuidado. Ele não ignorava a paixão de criança selvagem com que a outra o perseguia, do fundo da juventude, e sentia o quanto era ciumenta, com uma energia viril e rancor desvairado, podendo ser perigoso. Por outro lado, ela devia também saber de muitas outras coisas, pois já fizera alusão às relações do presidente com uma moça de quem ninguém desconfiava e de quem havia preparado o casamento. Sabendo disso, era provável que tivesse também adivinhado o crime. Poderia perfeitamente falar, escrever, se vingar com uma denúncia. Mas dias e semanas se passaram, sem que nada acontecesse. Via-a apenas plantada a seu posto, à beira da linha, empertigada com a bandeirola. Assim que a locomotiva entrava em seu campo de visão, Jacques tinha a imediata sensação daqueles olhos ardentes cravados em cima dele. Ela o enxergava apesar da fumaça, abarcava-o inteiro, acompanhava-o no relâmpago veloz, no trovoar das rodas. O trem ao mesmo tempo era sondado, penetrado e visitado do primeiro ao último carro. E Flore sempre descobria a outra, a rival, que ela agora sabia ali, toda sexta-feira. Séverine podia pouco se mostrar, na imperiosa necessidade de ver, mas era vista. Os olhares se cruzavam como espadas. O trem seguia devorador e uma delas ficava em terra, a segui-lo impotente, na fúria daquela felicidade por ele transportada. Flore parecia crescer, o maquinista via-a maior a cada viagem, inquietando-se já por ela nada fazer, perguntando-se qual projeto elucubrava aquela moça sombria, da qual não podia evitar a imóvel aparição.

Outro funcionário, o controlador-chefe Henri Dauvergne, também incomodava Séverine e Jacques. Cumpria horário justamente no trem das sextas-feiras e se mostrava de uma

amabilidade inconveniente. Tendo percebido a relação entre o maquinista e a jovem, achava que a sua vez também haveria de chegar. Em Le Havre, nas manhãs em que estava de serviço, Roubaud zombava, de tanto que as atenções de Henri se tornavam mais claras: reservava uma cabine só para ela, ajudava-a a se instalar, inspecionava a bolsa para aquecimento. Certo dia, inclusive, o marido, que continuava a falar tranquilamente com Jacques, mostrou-lhe com uma piscadela a manobra do rapaz, como se perguntasse se não achava intolerável a atitude. Aliás, quando brigavam, ele literalmente acusava a esposa de dormir com os dois. Ela chegou a imaginar por um momento que Jacques também achava e que talvez viesse daí a sua tristeza. No meio de uma crise de lágrimas, ela jurou inocência, dizendo que a matasse, caso fosse infiel. Ele gracejou, muito pálido, beijando-a, e respondeu que sabia de sua honestidade – e que esperava nunca matar ninguém.

Mas as primeiras noites de março foram terríveis, eles tiveram que interromper os encontros. As viagens a Paris com suas poucas horas de liberdade, buscadas com tanto esforço, não bastavam mais a Séverine. Crescia nela a necessidade de ter Jacques todo seu, viverem juntos dias e noites, sem nunca se separarem. Cada vez mais execrava o marido e a sua simples presença deixava-a numa irritação doentia, insuportável. Ela que sempre fora tão dócil, de meiga complacência, se exasperava assim que o via, reagia ao menor obstáculo que levantasse contra as suas vontades. Tinha-se, nessas ocasiões, a impressão de que a sombra dos cabelos negros escurecia o límpido azul dos seus olhos. Mostrava-se feroz, acusava-o de ter estragado a sua existência, a ponto de tornar impossível a vida em comum. Não fora quem havia causado tudo aquilo? Se nada mais restava da vida de casal, se havia um amante, não era tudo por culpa dele? A tranquilidade pesada em que o via, o olhar indiferente com que aceitava suas crises de raiva, as costas curvadas, a barriga que se avolumava, toda uma gordura triste com ares de felicidade, ainda mais a irritavam em seu sofrimento. Romper, se afastar, recomeçar a vida alhures, era tudo que ela queria. Ah! Recomeçar, fazer como se o passado não existisse, recomeçar a vida anterior a toda aquela abominação, voltar a ser como era aos quinze anos e amar, ser amada, viver como, naquela época, ela sonhava viver! Por oito dias alimentou um projeto de fuga: partiria com Jacques e se refugiariam na Bélgica, para lá se mudando como jovem casal em busca de oportunidades. Mas sequer falou com ele, pois os impedimentos logo saltaram aos olhos, já que havia a irregularidade da situação, o temor contínuo em que viveriam e, acima de tudo, o desgosto de deixar para o marido a fortuna, o dinheiro de Croix-de-Maufras. Por disposições contratuais de casamento, o marido ficaria com tudo, pois era sua dependente, pela tutela legal de que dispunha e que a deixava de mãos amarradas. Antes morrer ali mesmo, preferia isto a deixar um único centavo que fosse. Certo dia em que Roubaud entrou lívido em casa, explicando que ao atravessar à frente de uma locomotiva sentira um dos para-choques encostar no seu braço, Séverine pensou que se ele morresse ela estaria livre. Olhou-o fixamente: por que não morria, já que ela não o amava mais e que passara a só atrapalhar todo mundo?

A partir daí o sonho de Séverine mudou. Roubaud morria num acidente e ela partia com Jacques para a América. Tinham se casado, vendido Croix-de-Maufras e resgatado todo o dinheiro. Sem deixar preocupação alguma para trás. Expatriavam-se apenas para renascer, nos braços um do outro. Longe dali, não haveria mais tudo aquilo que buscava esquecer, poderia acreditar que partia para uma vida nova. Já que se equivocara, retomaria do início a experiência da felicidade. Jacques encontraria alguma ocupação e ela própria ia poder

começar alguma coisa. Seria a sorte grande, com filhos provavelmente, uma nova existência de trabalho e satisfações. Sempre que estava sozinha, pela manhã na cama ou, durante o dia, bordando, voltava a esse pensamento, fazia correções, ampliava, acrescentava o tempo todo detalhes agradáveis, acabava se achando felicíssima e rica. Ela que até então saía tão raramente, passou a ir ver os transatlânticos que partiam: descia ao cais, se apoiava num parapeito, seguia a fumaça do navio até que se confundisse com as brumas. Projetava-se como viajante, imaginava-se no convés com Jacques, já distantes da França, a caminho do paraíso sonhado.

Numa noite de março em que Jacques se arriscara a subir ao apartamento, contou-lhe que havia trazido de Paris, no trem, um antigo colega de escola, que partia para Nova York, onde exploraria uma nova invenção, uma máquina de fazer botões, e precisava de um sócio que fosse mecânico. Chegou inclusive a propor o negócio, que parecia formidável, com uma participação de uns trinta mil francos, tendo uma perspectiva de, quem sabe, milhões a ganhar. Jacques contava por contar, acrescentando ter evidentemente recusado a proposta. Mas tinha o coração um tanto pesado, pois é difícil dizer não à fortuna, quando ela se apresenta.

Séverine ouvia, de pé, com o olhar perdido. Não era o sonho querendo se realizar?

– Ah! – ela afinal murmurou. – Partiríamos amanhã...

Surpreso, ele ergueu a cabeça.

– Como assim, partiríamos?

– Se ele estivesse morto.

Não mencionou o nome de Roubaud, fazendo apenas um sinal com a ponta do queixo. Mas Jacques entendeu, mostrando com um gesto vago que, infelizmente, não era o caso.

– Partiríamos – ela voltou a dizer com voz lenta e profunda – e seríamos tão felizes lá! Os trinta mil francos eu poderia conseguir, com a venda da casa. E sobraria ainda para a mudança... Você cuidaria de tudo, eu de preparar o interior, onde nos amaríamos com toda força... Ah! Seria tão bom, tão bom!

E acrescentou bem baixinho:

– Longe de toda lembrança, somente dias novos pela frente!

Ele se sentiu invadido por enorme ternura, deram-se as mãos, abraçaram-se instintivamente e nenhum dos dois nada mais disse, embalados naquele sonho. Depois, foi ela novamente a primeira a falar.

– Você deveria de qualquer maneira procurar seu amigo antes que ele parta e pedir que avise se houver um sócio em perspectiva.

Ele novamente se espantou.

– Por quê?

– Ora, nunca se sabe! Outro dia, com a tal locomotiva... um segundo a mais e eu estaria livre. Pode-se estar vivo pela manhã e morto à tarde.

Olhou fixamente para o rapaz e repetiu:

– Ah! Se estivesse morto!

– Não está querendo que o mate, não é? – ele perguntou, tentando sorrir.

Por três vezes ela negou. Mas os olhos diziam o contrário, seus olhos de mulher carinhosa,

inteiramente entregue à inexorável crueldade da paixão. Ele matou um outro, podia perfeitamente ser morto. O raciocínio acabava de brotar em sua mente, como uma consequência, um fim necessário. Matar e ir embora, nada mais simples. Com ele morto, tudo estaria terminado, ela poderia tudo recomeçar. Sequer conseguia ver outra saída possível, a decisão estava tomada, absoluta; enquanto um leve movimento a fazia ainda dizer não, sem ter coragem de aceitar sua violência.

Encostado no aparador, ele fingia ainda sorrir. Acabava de ver o canivete, jogado por ali.

– Se quiser que o mate, tem que me dar o canivete... O relógio já está comigo, terei um pequeno museu.

E riu mais forte. Ela respondeu com gravidade:

– Fique com ele.

Guardando-o no bolso, como se levasse a brincadeira até o fim, ele a beijou.

– Agora preciso ir... Vou então procurar meu amigo, direi que espere... Sábado, se não chover, venha me encontrar atrás da casa dos Sauvagnat. Combinado? E fique tranquila, não vamos matar ninguém, é só para nos divertirmos.

Apesar disso, e apesar da hora, Jacques se dirigiu ao porto para procurar, no hotel em que passaria a noite, o colega que devia partir no dia seguinte. Falou de uma possível herança e pediu um prazo de quinze dias para dar uma resposta definitiva. Em seguida, voltando à estação pelas grandes avenidas escuras, pensou com espanto no que estava fazendo. Teria, então, decidido matar Roubaud, já que dispunha daquela maneira da sua mulher e do seu dinheiro? Não, claro que não, nada estava decidido, apenas se precavia, provavelmente, caso se decidisse. Mas a imagem de Séverine se formou, a pressão ardente da sua mão, o olhar fixo que dizia sim, enquanto a boca dizia não. Era evidente que queria que ele o matasse. Sentiu-se perturbado. O que faria?

Já na rua François-Mazeline, deitado ao lado de Pecqueux que roncava, Jacques não conseguiu dormir. Contra sua própria vontade, o cérebro insistia na ideia de assassinato, no plano de um drama que ia se arquitetando, calculando suas mais longínquas consequências. Pesquisava, discutia os prós e os contras. No final, pensando bem e com frieza, sem a menor impulsividade, tudo pesava a favor. Não era, Roubaud, o único obstáculo à felicidade? Com ele morto, poderia se casar com Séverine, a quem adorava. Não precisariam mais se esconder, ela seria toda sua, para sempre. Além disso havia o dinheiro, uma fortuna. Deixaria sua dura profissão, seria patrão na América, lugar em que uma formação em mecânica valia ouro, segundo os colegas. A nova existência seria como um sonho: a mulher que o amava apaixonadamente, milhões a ganhar a curto prazo, vida generosa, ambições ilimitadas, o que quisesse. E para realizar esse sonho, bastava fazer um gesto, apenas um homem a ser eliminado, a besta, a planta que atrapalha o crescimento e pode ser arrancada. Deixara de ter qualquer interesse, aquele homem. Havia engordado, mergulhado no gosto idiota pelo jogo, em que se desmanchavam suas antigas energias. Por que não? Circunstância nenhuma, absolutamente nenhuma pesava a favor dele. Tudo o condenava, uma vez que o interesse geral se baseava na sua morte. Hesitar seria imbecil e covarde.

Jacques estava deitado de bruços, com as costas a pegar fogo; bruscamente se ergueu, agitado por um pensamento que até então era impreciso, mas aflorou tão forte que se apresentou como uma pressão no cérebro. Ele que desde criança queria matar, que era

torturantemente assediado por essa ideia fixa, por que então não matar Roubaud? Quem sabe, com a vítima que vinha a calhar, satisfaria para sempre a necessidade assassina. Dessa forma, não só fazia algo proveitoso, como também podia se curar. Curar-se, santo Deus! Desfazer-se para sempre do frisson sanguíneo, poder possuir Séverine sem o despertar feroz do antigo macho, que carregava nos ombros as fêmeas estripadas! Um suor o banhou inteiro, ele se imaginou de faca em punho, golpeando Roubaud na garganta, como ele havia golpeado o presidente, farto e saciado na medida em que o corte sangrasse em suas mãos. Mataria, decidiu-se, pois isto significava a cura, a mulher adorada, a fortuna. Se fosse para matar alguém, era a quem mataria, consciente, pelo menos, de matar de forma racional, por interesse e por lógica.

Tomada a decisão, e com as três horas da manhã tendo soado, Jacques tratou de dormir. Já perdia consciência quando um pensamento brusco o despertou, fazendo-o se sentar na cama, sem ar. Matar um homem, por Deus, teria esse direito? Quando uma mosca o incomodava, era esmagada com a mão. Um dia em que um gato se enroscou nas suas pernas, levou um pontapé, é verdade que involuntário. Mas um homem, seu semelhante! Foi preciso refazer todo o raciocínio para provar o direito que tinha de matar, o direito dos mais fortes quando importunados por mais fracos, e que os comem. Era a ele, naquele momento, que a mulher do outro amava, e ela mesma queria estar livre para se casar, trazer seus bens. Nada mais faria além de simplesmente afastar o obstáculo. Quando dois lobos se encontram num bosque, havendo uma loba, o mais vigoroso não se livra do outro às dentadas? E antigamente, quando os homens se abrigavam no fundo das cavernas, como os lobos, a mulher desejada não pertencia àquele que podia conquistá-la, com o sangue dos rivais do bando? Sendo esta a lei da vida, devia ser respeitada, para além dos escrúpulos mais tardiamente inventados, para a vida em comum. Pouco a pouco aquele direito foi lhe parecendo absoluto e a resolução tomada voltou a plenamente se impor. No dia seguinte, escolheria o lugar e a hora, prepararia a ação. O melhor, provavelmente, seria apunhalar Roubaud à noite, na estação, durante uma das suas rondas, de modo a dar a impressão de que ladrões, pegos em flagrante, o haviam matado. Lá nos montes de carvão havia um bom local, se houvesse como atraí-lo até lá.

Apesar de se esforçar para dormir, passou a organizar a cena, pensando onde se colocaria, como atacaria para que a morte fosse instantânea. Surdamente, porém, inexorável, enquanto descia aos mais ínfimos detalhes, a repugnância voltava, uma rejeição interna que de novo o sacudia inteiro. Não e não, não faria aquilo! Era algo monstruoso, inexecutável, impossível. Era o homem civilizado em seu interior que se revoltava, pela força adquirida com a educação, a lenta e indestrutível articulação das ideias transmitidas. Não se deve matar, o mandamento viera com o leite mamado há muitas gerações. Seu cérebro educado, povoado de escrúpulos, rejeitava o assassinato com horror, assim que começava a raciocinar. Era aceitável na necessidade, por impulso do instinto, mas matar por vontade própria, por cálculo e interesse, não, nunca, ele jamais conseguiria!

Amanhecia quando Jacques conseguiu relaxar, mas a sonolência era tão leve que confusamente o debate continuava – de forma abominável – em seu interior. Os dias que se seguiram foram os mais dolorosos da sua existência. Evitava encontrar Séverine, mandou recado desmarcando o encontro de sábado, pois temia seu olhar. Na segunda-feira, porém, precisou vê-la e, como receava, seus grandes olhos azuis, tão suaves e profundos, o encheram de aflição. Ela não tocou no assunto, não o mencionou por gesto nem referência, não fez a

menor pressão para forçá-lo. Mas os olhos estavam saturados daquilo, a interrogar, a suplicar. Ele não sabia como evitar tal impaciência e censura, tendo-os sempre fixados nos seus, surpresos com sua hesitação para ser feliz. Ao deixá-la, deu um beijo com um abraço brusco, querendo que entendesse o quanto estava decidido. E de fato estava, assim continuando até o andar térreo, quando voltou a ganhar terreno a luta na consciência. Ao revê-la dois dias depois, apresentava a palidez confusa, o olhar furtivo do covarde, daquele que recua diante de um ato necessário. Ela explodiu em pranto sem nada dizer, chorando em seu ombro, supremamente infeliz, enquanto ele, aflito, enchia-se de desprezo por si mesmo. Tinha que dar fim àquilo.

– Quinta-feira lá, combinado? – ela perguntou em voz baixa.

– Combinado, quinta-feira, vou esperar.

Na quinta-feira em questão, a noite estava muito escura, um céu sem estrelas, opaco e surdo, carregado de brumas do mar. Como de hábito, Jacques chegou primeiro, mantendo-se de pé atrás da casa dos Sauvagnat, vigiando a chegada de Séverine. Mas a escuridão era tão espessa e ela veio com passadas tão discretas que o surpreendeu, pois não a tinha visto se aproximar. E ela já estava em seus braços, inquieta por vê-lo tão trêmulo.

– Assustei você – ela disse baixinho.

– Não, de forma alguma, estava esperando... Vamos andar um pouco, ninguém está vendo.

Abraçados pela cintura, eles passearam tranquilamente pelos terrenos baldios. Eram raros os bicos de gás naquela área, inexistindo por completo em certos trechos deixados à escuridão, mais abundantes somente para os lados da estação, semelhantes a centelhas vivas.

Por bom tempo continuaram assim, sem nada dizer. Ela encostara a cabeça no seu ombro, erguendo-a às vezes para beijá-lo no queixo e ele se inclinava para devolver esse beijo na têmpora, bem na raiz dos cabelos. A badalada grave e única indicando ser uma hora da manhã acabava de soar em igrejas distantes. Mantinham-se mudos, mas era por ouvirem os mútuos pensamentos, transmitidos no abraço. Era só no que pensavam, não podiam mais estar juntos sem que se impusesse a obsessão. O debate continuava, para que dizer em voz alta palavras inúteis, quando é preciso agir? Ao se esticar, buscando colar os dois corpos para um carinho, Séverine sentia o volume do canivete no bolso da calça. Significaria então estar tomada a decisão?

Os pensamentos não se continham mais, os lábios se entreabriram e ela disse de forma quase indistinta.

– Ainda há pouco ele voltou, sem que eu soubesse o motivo... E daí pegou o revólver, que havia esquecido... Com certeza vai fazer uma ronda.

Voltou o silêncio e apenas vinte passos adiante ele respondeu:

– Roubaram chumbo por aqui na noite passada... Ele vai vir, isso é certo.

Um leve arrepio percorreu Séverine e os dois voltaram a se calar, andando a passos lentos. Seria mesmo a faca fazendo volume no bolso? Duas vezes ela o beijou, tentando confirmar. Depois, como a dúvida não se esclarecia apenas com o movimento ao longo da perna, ela estendeu a mão e apalpou, beijando-o ainda. Era de fato a faca. Jacques, no entanto, tendo entendido, abraçou-a forte e balbuciou a seu ouvido:

– Ele virá, você vai ficar livre.

O crime estava decidido, eles tinham a impressão de nem mais andar, que uma força estranha os arrastava rente ao chão. Todos os sentidos subitamente ganharam extrema acuidade, sobretudo o tato, pois as mãos, uma na outra, ficaram doloridas e o menor toque com os lábios parecia um arranhão. Ouviam também ruídos que até então se perdiam, como o rolar e o bufar distante das locomotivas, choques abafados, passos errantes no fundo das trevas. E viam no escuro, distinguiam as manchas noturnas das coisas, como se uma bruma tivesse sido retirada da visão. Um morcego passou e eles puderam seguir suas bruscas quebras de direção. Pararam junto de um amontoado de carvão, imóveis, de ouvidos e olhos atentos, numa tensão que abrangia-lhe todo o ser. Passaram a cochichar.

- Não ouviu lá longe alguém chamando?
- Não, é um vagão sendo levado para o depósito.
- E ali à esquerda, ouço passos. A areia rangeu.
- São ratos correndo no carvão, que desmorona.

Minutos se passaram. De repente, foi ela que o apertou mais forte.

- É ele.
- Onde? Não vejo nada.
- Vindo do hangar das máquinas de pequena velocidade, direto na nossa direção... Veja, é a sombra dele na parede branca!
- Acha mesmo? Aquele ponto escuro... Está sozinho?
- Sozinho, está sozinho.

Naquele momento decisivo, ela se jogou loucamente ao pescoço de Jacques, colou sua boca na dele. Um beijo carnal, longo, demonstrando que daria o próprio sangue. Como o amava e como execrava o outro! Ah, se fosse ela mesma capaz, vinte vezes já teria feito o trabalho, para poupá-lo daquele horror, mas suas mãos fraquejavam, eram delicadas demais, sendo preciso um pulso firme de homem. Aquele beijo sem fim era tudo que podia dar da sua coragem, a posse plena que prometia, na comunhão dos corpos. Ao longe, uma locomotiva apitou, lançando na noite um lamento melancólico e aflito. Com batidas regulares, ouvia-se o som, o choque de um martelo gigantesco, vindo de não se sabe onde, enquanto as brumas marinhas esboçavam no céu o desfile de um caos em andamento, cujos rasgões errantes pareciam às vezes apagar as centelhas vivas dos bicos de gás. Ao descolar sua boca, Séverine nada mais possuía que fosse seu, achando ter totalmente se transferido para o outro.

Com um gesto decidido, ele abriu a lâmina, para logo em seguida abafar uma explosão:

- Droga! Vai escapar, está indo embora!

É verdade, a sombra que havia se aproximado até cerca de cinquenta passos acabava de dobrar à esquerda e se afastava, com as passadas regulares de um vigia noturno despreocupado.

Ela então o empurrou.

- Vai, vai atrás dele!

E os dois se lançaram, ele à frente e ela nos seus calcanhares, rápidos, se insinuando em perseguição, evitando fazer barulho. Por um momento, na esquina das oficinas de reparos, perderam a presa de vista, mas logo depois, cortando caminho por uma via de garagem,

voltaram a vê-la, vinte passos adiante. Precisaram usar cada pedaço de muro para se esconder, qualquer passo em falso revelaria a presença deles.

– Não vamos conseguir – ele resmungou baixinho. – Se chegar ao posto do agulheiro, vai escapar.

E ela repetia na sua nuca:

– Vai, vai atrás!

Até ali, no meio dos amplos terrenos lisos mergulhados no escuro, na desolação noturna da grande estação, tudo estava decidido como na solidão cúmplice de um beco sem saída. Apressando furtivamente o passo, ele se instigava, raciocinava ainda, lembrando os argumentos que faziam daquele crime um ato razoável, legítimo, debatido e decidido dentro da lógica. Era um direito que estaria sendo exercido, o direito da vida, uma vez que o sangue do outro se tornara indispensável para a sua existência. Apenas uma faca a enfiar e conquistaria a felicidade.

– Não vamos alcançá-lo, não vamos alcançá-lo – ele repetiu furioso, vendo a sombra chegar ao posto do agulheiro. – Nada feito, está escapando.

Com sua mão nervosa, porém, Séverine bruscamente agarrou o seu braço, imobilizando-o junto de si.

– Olhe, ele está voltando!

De fato, Roubaud mudara de direção. Tinha virado à direita e retornava. Talvez pela vaga sensação de ter assassinos às suas costas. E continuava sua ronda tranquilamente, como vigia consciencioso que não quer ir embora sem ter dado uma olhada por todo lugar.

Interrompendo de imediato a perseguição, Jacques e Séverine não se mexeram mais. O acaso inclusive os havia plantado junto a um monte de carvão. Encostaram-se nele como se fossem penetrá-lo, de costas coladas à parede negra, confundidos, perdidos naquela mancha escura. Tinham a respiração suspensa.

E Jacques via Roubaud vir diretamente na sua direção. Apenas trinta metros os separavam e cada passo diminuía a distância, regularmente, ritmado pela cadência inexorável do destino. Mais vinte passos, dez e estaria bem a sua frente. Ele ergueria o braço, plantaria a faca na garganta, levando-a da direita à esquerda para abafar o grito. Os segundos pareceram intermináveis. Um tal fluxo de pensamentos atravessava o vazio do cérebro que a noção de tempo foi abolida. Todos os motivos que o determinavam desfilaram uma vez mais, ele nitidamente reviu o crime, as causas e as consequências. Cinco passos. Sua decisão, tensa ao máximo, se mantinha inabalável. Queria matar, sabia por que estava matando.

A dois passos, porém, a um passo, foi a derrocada. Tudo ao redor desabou de uma só vez. Não! De jeito nenhum mataria, não podia matar daquela maneira um homem sem defesa. O raciocínio jamais seria capaz do assassinato, era preciso o instinto predador, o salto a se lançar sobre a presa, a fome ou a paixão que dilacera. Que importância tinha que a consciência não passasse de um amontoado de ideias transmitidas por lenta hereditariedade de justiça? Não tinha o direito de matar e, por mais que se esforçasse, não conseguia se convencer do contrário.

Roubaud tranquilamente passou. Seu cotovelo chegou a raspar os dois amantes no carvão. Bastava que respirassem para que os visse, mas eles ficaram como mortos. O braço não se

ergueu, não enterrou a faca. Nada agitou as trevas densas, sequer um suspiro. Ele já ia longe, a dez passos, e os dois continuavam imóveis, de costas pregadas no monte negro, sem respirar, pelo pavor que sentiram diante daquele homem sozinho, desarmado, que acabava de passar tão perto, em caminhada tão tranquila.

Jacques sentiu subir à garganta uma dor abafada de raiva e vergonha.

– Não consigo, não consigo!

Quis se reaproximar de Séverine, ter o seu apoio, precisando ser desculpado, consolado. Sem dizer uma palavra, ela se afastou. Estendendo o braço, ele sentiu apenas a saia escapar entre os dedos e ouviu sua retirada discreta. Em vão seguiu-a por um tempo, pois aquela brusca reação o abalava ainda mais. Estaria decepcionada com a sua fraqueza? Desprezava-o? A prudência o impediu de continuar, mas ao se ver sozinho naquele vasto terreno plano pontilhado das pequenas lágrimas amarelas dos bicos de gás, um medonho desespero o invadiu, ele correu para se afastar e enfiar a cabeça no travesseiro, tentando esquecer a abominação da sua existência.

Foi cerca de dez dias depois, já no final do mês de março, que os Roubaud finalmente triunfaram sobre os Lebleu. A administração reconheceu como justa a reivindicação, apoiada pelo sr. Dabadie, ainda mais porque a famosa carta do caixa, comprometendo-se a devolver o alojamento caso um novo subchefe o solicitasse, foi encontrada pela srta. Guichon, que procurou em antigos papéis nos arquivos da estação. E imediatamente a sra. Lebleu, irritadíssima com a derrota, tratou de se mudar: já que queriam a sua morte, melhor que fosse imediata. Durante três dias a memorável mudança agitou o corredor. Até a pequena sra. Moulin, tão apagada, que nunca era vista entrar nem sair, participou, carregando a mesa de trabalhos domésticos de Séverine de um alojamento para outro. Mas foi Philomène quem mais semeou a discórdia, participando desde o início e empacotando coisas, empurrando móveis, invadindo o apartamento da frente antes até de estar liberado pela antiga locatária. Foi inclusive ela que a expulsou, no meio da debandada geral das duas mudanças, móveis misturados, confundidos, indo de um lado para outro. Philomène se mostrava tão dedicada a Jacques e a tudo que ele amava que Pecqueux, surpreso e desconfiado, com suas maneiras sonsas de beberrão rancoroso, perguntou se não estava também indo para a cama com o maquinista, e avisando que acertaria a conta dos dois, se um dia os flagrasse. O fraco de Philomène pelo rapaz só fazia crescer e ela procurava servir a ele e a sua amante, com a esperança de assim participar um pouco daquele amor. Depois de carregar a última cadeira, as portas bateram. Logo em seguida, vendo um banquinho esquecido pela mulher escorraçada, ela voltou a abrir a porta e jogou-o de qualquer maneira no corredor. Caso encerrado.

Lentamente então a existência retomou seu ritmo monótono. Enquanto a sra. Lebleu, nos fundos, presa pelo reumatismo numa poltrona, morria de tédio com lágrimas nos olhos, tendo somente a visão da cobertura de zinco da estação barrando o céu, Séverine continuava a trabalhar na sua interminável colcha, sentada junto a uma das janelas da frente. Tinha à disposição toda a alegre agitação das plataformas de partida, o contínuo fluxo de pessoas e carros. O início de primavera fazia verdejar brotos nas imponentes árvores à beira das calçadas e, mais além, as colinas distantes de Ingouville expunham suas vertentes arborizadas, salpicadas de manchas brancas, que eram casas de campo. Mas era surpreendente que lhe causasse tão pouca satisfação realizar enfim aquele sonho, estar ali, dona daquele apartamento

cobiçado, tendo à frente tanto espaço, claridade e sol. Inclusive, da mesma maneira que a faxineira, a velha Simon, resmungava por não encontrar as coisas no lugar de sempre, ela às vezes chegava a lamentar a mudança da antiga toca, como chamava, onde se via menos a sujeira. Já Roubaud, havia simplesmente aceitado. Parecia nem saber que haviam trocado de casa: muitas vezes ainda se enganava e só percebia quando a nova chave não entrava na antiga fechadura. Além disso, ele se ausentava cada vez mais, em sua progressiva desorganização. Por um momento, no entanto, pareceu voltar a se animar, motivado por ideias políticas. Não que fossem claras nem entusiásticas, mas continuava na lembrança o caso com o subprefeito, que quase lhe havia custado o emprego. Desde o resultado das eleições gerais, o império, abalado, atravessava uma crise tremenda, e o subchefe se sentia triunfante, repetindo que aquelas mesmas pessoas nem sempre estariam por cima. Uma advertência amiga do sr. Dabadie, prevenido pela srta. Guichon, que presenciara a exclamação revolucionária, bastou para que voltasse à calma. Agora que no corredor reinava a paz, com todos em bom acordo, agora que a sra. Lebleu se enfraquecia, morrendo de tristeza, por que complicar as coisas com assuntos de governo? Roubaud afinal respondeu com um simples gesto, não estava nem aí para a política como, aliás, para mais nada! A cada dia mais gordo e sem o menor remorso, ele virou as costas e se foi com seu andar pesado e indiferente.

Entre Jacques e Séverine o constrangimento aumentou, desde que passaram a poder se encontrar a qualquer momento. Nada mais lhes impedia a felicidade. Ele subia pela outra escada para ir vê-la quando bem entendia, sem medo de ser espionado, e o apartamento era deles, podendo até dormir ali se quisesse. Mas era a lembrança do irrealizado, do ato planejado, consentido por ambos e não cumprido, que agora erguia entre os dois um mal-estar, um muro intransponível. Ele, que carregava a vergonha da própria fraqueza, achava-a cada dia mais triste, doente de vã expectativa. Suas bocas nem se procuravam mais, pois esgotara-se aquela posse parcial e era a felicidade inteira que eles agora queriam, a partida, o casamento em terras distantes, outra vida.

Certa tarde, Jacques encontrou Séverine em prantos e, ao vê-lo, ela não procurou disfarçar, passando a soluçar ainda mais, dependurada nele. Não era a primeira vez que chorava daquela maneira, mas se acalmava com uma demonstração de carinho, porém, ali, contra o seu peito, parecia sacudida por um desespero que só crescia à medida que era abraçada. Aflito, ele acabou pegando a sua cabeça com as duas mãos e, olhando-a bem de perto, no fundo dos seus olhos inundados de lágrimas, prometeu, sabendo que aquele desespero era por ser mulher, que não ousava agir por conta própria, com sua passiva docilidade.

– Perdoe-me, espere um pouco ainda... Juro, em pouco tempo, assim que eu puder.

Ela imediatamente colou sua boca na dele, como se quisesse confirmar a promessa, e foi um beijo profundo, em que ambos se fundiram, na comunhão da carne.

70. Moeda de ouro que equivalia a vinte francos.

71. A sidra é a bebida mais usual nessa região norte da França, como o vinho mais ao sul.

72. Convencionalmente fixou-se em 1839 a invenção da fotografia, ano em que foi apresentada à Academia de Ciências de Paris a invenção de Niépce, aperfeiçoada por Daguerre. Sendo enorme o interesse que despertou, sua evolução foi rápida e, na época em que se passa esta narrativa, a fotografia já se tornara bastante popular, possibilitando a praticamente

qualquer pessoa ter um retrato pessoal – privilégio antes reservado à elite econômica, que podia contratar os serviços de um pintor.

TIA PHASIE MORREU na quinta-feira, às nove da noite, com uma última convulsão. Foi em vão que Misard, que esperava à beira da cama, tentou fechar suas pálpebras: os olhos teimavam em se manter abertos, com o pescoço duro, caído meio de lado por cima de um ombro como se quisesse olhar o quarto, enquanto uma crispação dos lábios dava a impressão de reprimir um sorriso de zombaria. Uma só vela queimava, fincada num canto da mesinha perto dela. E os trens que, desde a hora fatídica, passavam a toda velocidade, no desconhecimento da morte recente, a sacudiam por um segundo sob a chama vacilante da vela.

Imediatamente Misard, para se livrar de Flore, mandou-a a Doinville, declarar o falecimento. Não teria como voltar antes das onze e com isso ele dispunha de duas horas. Tranquilamente cortou um pedaço de pão, para começar, pois sentia o estômago vazio, já que não havia jantado, por causa daquela agonia que não acabava nunca. Comeu de pé, indo e vindo, arrumando coisas. Era parado por acessos de tosse que o faziam se dobrar, quase morto também, tão magro e raquítico com seus olhos turvos e cabelos sem cor que, tudo indicava, não teria muito tempo para cantar vitória. De qualquer maneira, havia acabado com ela, aquele mulherão grande e forte, como o inseto devora o carvalho: estava ali deitada de costas, consumida, reduzida a nada, enquanto ele durava ainda. Mas uma lembrança o fez se ajoelhar para pegar debaixo da cama uma bacia com um resto de água de farelo,⁷³ preparada como clister. De fato, desde que a mulher passara a suspeitar, não era mais no sal que o veneno era colocado e sim nessa água. Tola demais para desconfiar, acabou ingerindo-o por esse lado, ainda mais diretamente.

Depois de esvaziar a bacia lá fora ele voltou e, com uma esponja, limpou o piso do quarto, onde restavam algumas manchas. Também, por que tinha se obstinado tanto? Quis ser mais esperta, pior para ela! Quando, num casal, os dois brincam de ver quem vai enterrar o outro primeiro, sem colocar outras pessoas na disputa, deve-se manter o olho aberto. Misard estava todo orgulhoso, ria sozinho da façanha, com a droga sendo engolida tão ingenuamente por baixo, enquanto a mulher vigiava com tanto cuidado o que entrava por cima. Nesse exato momento, passou um expresso, envolvendo a casinha baixa num tal sopro tempestuoso que, apesar de habituado, ele se virou assustado para a janela. Ah! Outra vez, o contínuo fluxo, aquela gente que vinha de todo lugar, sem saber o que esmagava no caminho e sem se importar, tamanha era a pressa que tinha de ir aos diabos! No pesado silêncio que ficou depois do trem, ele voltou a encontrar os olhos arregalados da morta, com pupilas fixas que pareciam seguir seus movimentos, e o canto repuxado da boca a rir.

Sempre tão fleumático, Misard teve um acesso de raiva. Podia perfeitamente ouvi-la dizer: “Procura! Procura!”, mas os mil francos não podiam ter ido embora com a morta. Agora que ela não podia mais vigiar, ele acabaria encontrando. Por que não havia compartilhado? Teria evitado tudo aquilo. Os olhos o seguiam por todo lugar. “Procura! Procura!” E Misard vasculhava o quarto com o olhar, que não ousara revirar enquanto ela estava viva. Primeiro o armário: pegou a chave debaixo do travesseiro, empurrou os panos que enchiam as

prateleiras, esvaziou duas gavetas, chegando a puxá-las para fora, em busca de algum esconderijo. Nada! Pensou então na mesinha de cabeceira. Despregou e retirou o mármore; em vão. Fez também uma sondagem com uma régua chata por trás da placa da lareira, uma placa fina de feira, fixada com dois pregos e tudo que conseguiu foi uma boa pelota preta de poeira. “Procura! Procura!”

Para escapar daqueles olhos bem abertos a vigiá-lo, pôs-se de quatro, dando pancadas no piso com o punho, para escutar qualquer ressonância que lhe revelasse um oco. Vários ladrilhos estavam soltos e foram retirados. Mais uma vez, nada! Depois que voltou a ficar de pé, os olhos voltaram a se fixar nele, que se virou e quis encarar de frente a morta. Com o canto dos lábios repuxados ela acentuara o riso terrível. Não tinha mais dúvida, ela zombava. “Procura! Procura!” Cresceu a ansiedade, ele se aproximou, tomado por uma suspeita, uma ideia sacrílega que mais descorou seu rosto já lívido. Por que ter achado com tanta certeza que não carregava consigo os mil francos? Talvez, justamente, os carregasse. Ousou então descobrir e despir o corpo, apalpou, procurou em todas as junções de membros, já que ela mesma dizia que procurasse. Procurou sob ela, sob a nuca, por trás da cintura. A cama ficou revirada, ele enfiou o braço inteiro no colchão, sem nada encontrar. “Procura! Procura!” A cabeça, caída em cima do travesseiro desarrumado, continuava a olhar com suas pupilas debochadas.

No momento em que Misard, furioso e agitado, tentava arrumar a cama, Flore entrou, voltando de Doinville.

– Será depois de amanhã, às onze – avisou.

Era ao enterro que se referia, mas ao primeiro olhar entendeu o tipo de esforço que parecia ter cansado tanto Misard, enquanto estivera fora. Fez apenas um gesto indiferente de desdém.

– Deixa para lá, não vai encontrar.



– *Deixa para lá, não vai encontrar.*

Ele achou que a moça também o desafiava e avançou em sua direção, dentes cerrados:

– Deu o dinheiro para você, sabe onde escondeu!

A ideia de que a mãe pudesse ter dado os mil francos para alguém, mesmo para ela, que era filha, fez com que desse de ombros.

– Isso mesmo! Deu... Deu para a terra, isso sim! Pode procurar, está por ali.

Com um gesto amplo, Flore indicou a casa inteira, o quintal com o poço, a estrada de ferro, o campo todo. Por ali, no fundo de algum buraco, em qualquer parte onde ninguém nunca o descobrirá. Depois, enquanto ele, fora de si, desesperado, voltava a empurrar móveis, bater nas paredes, sem se incomodar mais com a jovem, ela, de pé junto à janela, continuou a meia-voz:

– Está agradável lá fora, uma noite bonita!... Andei depressa, as estrelas iluminavam como se fosse dia... Amanhã vai fazer tempo bom, logo no nascer do sol!

Por um momento ela ficou à janela, admirando a paisagem serena, enternecida por aqueles primeiros calores de abril que a deixavam sonhadora, sofrendo ainda mais pela ferida viva que a atormentava. Mas quando ouviu que Misard havia deixado o quarto para investigar os outros cômodos, ela se aproximou enfim da cama e se sentou, olhando para a mãe. No canto da mesinha, a vela continuava a queimar, com uma chama alta e imóvel. Um trem fez a casa tremer.

Flore estava decidida a passar a noite ali, pensando. De início, ver a morta afastou-a da ideia fixa, aquilo que a obcecava, que fora dissecado à luz das estrelas, na paz da noite, no percurso de Doinville. Mas agora uma surpresa diluía o sofrimento: por que a morte da mãe não a entristecera tanto? E por que, ainda naquele momento, não chorava por ela? No entanto, ela a amava, dentro do que podiam suas capacidades ariscas, de jovem que o tempo todo escapava para os campos assim que se via livre do serviço. Inúmeras vezes, durante a última crise que a mataria, se sentara ali, pedindo que chamasse um médico. Pois imaginava a tramoia de Misard e esperava que o medo o fizesse parar. Mas só conseguia da doente um “não” furioso, como se a mãe tivesse como ponto de honra recusar ajuda de terceiros, certa da vitória, pois levava consigo o dinheiro. De forma que Flore não insistia, tomada por suas próprias dores, desaparecendo, correndo para esquecer. Era o que, provavelmente, fechava o seu coração: uma grande desgraça não deixa espaço para outra. A mãe tinha ido embora. Ela a via ali, destruída e pálida, sem que se sentisse mais triste, mesmo se esforçando. Chamar a polícia, denunciar Misard, para quê? Tudo desmoronava. Pouco a pouco, inexoravelmente, mesmo com o olhar preso à morta, ela parou de vê-la, voltou à visão interior, avassaladora pela forma como tinha se fixado no cérebro, guardando apenas a sensação do sacudir profundo dos comboios que, para ela, marcavam as horas.

Ao longe, já há alguns instantes, rugia se aproximando um trem parador de Paris. Quando ele enfim passou diante da janela com seu fanal, espocou no quarto um clarão, um foco de incêndio.

– Uma e dezoito – ela pensou. – Mais sete horas. De manhã, às oito e dezesseis eles vão passar.

Toda semana, há meses, essa espera a obcecava, pois sabia que às sextas de manhã o expresso conduzido por Jacques levava Séverine a Paris. E a vida de Flore passou a se resumir a essa tortura do ciúme, vigiando, espionando e imaginando que iam se possuir livremente na cidade. O maldito trem que se ia, e a abominável sensação de não poder se dependurar no último vagão e ser também carregada! Tinha a impressão de que todas aquelas

rodas cortavam o seu coração. Sofria tanto que uma noite se escondera, querendo escrever à polícia, pois daria fim a tudo aquilo se a mulher fosse presa. Já a havia visto com o presidente Grandmorin, sabia das imundices que faziam e não tinha dúvida de que, se contasse o que sabia ao juiz, ela estaria perdida. De caneta na mão, entretanto, nunca conseguiu concluir a carta. Além disso, será que a justiça lhe daria ouvidos? Aquela gente toda devia se entender entre si. Não era impossível que acabasse ela mesma na prisão, como tinha acontecido com Cabuche. Não! Queria se vingar e se vingaria sozinha, sem recorrer a ninguém mais. Nem sequer era uma ideia de vingança, como ouvia dizer, ideia de causar o mal para curar o mal que lhe causavam, era uma necessidade de acabar com tudo, como se um raio varresse tudo para longe. Tinha seu orgulho próprio, era mais forte e mais bonita, convencida do direito de ser amada. E quando se ia solitária pelas trilhas daquela região de lobos, com seu pesado elmo de cabelos louros sem qualquer enfeite, gostaria de ter a seu alcance a outra, para resolver a disputa num canto de bosque, como duas guerreiras inimigas. Nunca ainda um homem a havia tocado, ela podia destroçá-los, e sua força era invencível, seria vitoriosa.

A ideia brutal havia surgido na semana anterior, brotando como uma martelada vinda de não se sabe onde: matá-los para que não passassem mais por ali e não fossem mais à cidade juntos. Não chegava a ser um raciocínio, ela apenas obedecia ao selvagem instinto de destruição. Quando um espinho entrava na sua pele, ela o arrancava, poderia até cortar fora o dedo. Matá-los, matá-los na primeira vez que passassem, descarrilhar o trem, deixar uma viga atravessada na via, deslocar um trilho, qualquer coisa, tudo arrebentar, tudo arruinar. Ele, é claro, na locomotiva, não sobreviveria, seria esmagado, e a mulher, sempre no primeiro vagão para estar mais perto, também não escaparia. Já os outros, aquele fluxo contínuo de gente, nem lhe vinha à mente. Eram ninguém; por acaso sabia quem eram? E esse acidente terrível de trem, com sacrifício de tantas vidas, se tornou a obsessão de todas as horas, a catástrofe única, tão ampla e imersa em sangue e em dor humana que fosse capaz de lavar seu coração desmedido, inchado de lágrimas.

Na manhã de sexta-feira, no entanto, o ímpeto havia esmorecido, sem que se tivesse decidido ainda sobre o local e a maneira como retiraria um trilho. No fim da tarde, não estando mais de serviço, teve uma ideia e tomou o túnel até a bifurcação de Dieppe. Era um dos seus passeios de sempre, aquele subterrâneo de meia légua de comprimento, reta avenida abobadada em que se tinha a forte sensação do trem vindo em sua direção, com o fanal que nada mais deixava que se visse. Era sempre por muito pouco que não morria esmagada e devia, provavelmente, ser o que a atraía, o perigo e a necessidade do risco. Naquele dia, depois de escapar da vigilância do guarda,⁷⁴ já havia andado até a metade do túnel, se mantendo à esquerda para estar certa de que os trens vindo passariam à sua direita, quando cometeu a imprudência de se virar, justamente para seguir as lanternas de um trem que descia para Le Havre. Quando retomou a caminhada, um passo em falso fez com que desse uma volta inteira, sem ter mais certeza de por qual lado as luzes vermelhas tinham desaparecido. Apesar de toda a sua coragem, ainda zozna com o barulho das rodas, ela parou de mãos geladas e cabelos eriçados de medo. Agora não saberia se subia ou descia o próximo trem que passasse, se devia se jogar para a direita ou a esquerda, podendo ser esquarterada caso fizesse a escolha errada. Esforçou-se para pensar, se lembrar, raciocinar. O pânico tomou conta dela, que partiu em frente, ao acaso, num galope furioso. Não, de jeito nenhum! Não queria ser morta antes de ter matado os dois amantes! Tropeçava nos trilhos, escorregava, caía e corria

ainda mais. Era o pavor do túnel, as paredes pareciam se estreitar para esmagá-la, a abóbada ecoava barulhos imaginários, vozes ameaçadoras, trovoadas formidáveis. O tempo todo ela virava a cabeça, achando sentir às costas o bafo quente de uma locomotiva. Por duas vezes a súbita certeza de ter se enganado e de que morreria fugindo para aquele lado fez com que, dando um salto, mudasse de direção. Correu, correu e, de repente, viu surgir à frente, ainda longe, uma estrela, um olho redondo e flamejante que crescia. Procurou controlar a irresistível vontade de mudar outra vez de rumo. O olho se tornou um braseiro, uma boca de forno devoradora. Cega, saltou para a esquerda sem se dar conta, e o trem passou como um trovão, atropelando-a apenas com sua ventania de tempestade. Cinco minutos depois ela saía pelo lado de Malaunay, sã e salva.

Eram nove horas, uns minutos mais e o expresso de Paris estaria ali. Sem perder tempo ela continuou, como se passeasse, até a bifurcação de Dieppe, a duzentos metros, examinando a via, buscando alguma circunstância que pudesse ser útil. E efetivamente, na via de Dieppe, em reparos, estacionava um trem carregado de brita para lastro, que o amigo Ozil acabava de direcionar para ali. Em súbita iluminação, ela encontrou e arquitetou o plano: simplesmente impedir que o agulheiro abrisse de volta a via para Le Havre, de forma que o expresso fosse de encontro ao trem de carga. Era aquele mesmo Ozil que, desde o dia em que a atacou, louco de desejo, e ela quase rachou o seu crânio com uma paulada, tinha se tornado amigo, a quem ela às vezes visitava sem avisar, passando pelo túnel, como uma cabra que escapa das suas montanhas. Ex-militar, muito magro e calado, entregue às suas tarefas, nunca cometia o menor descuido, de olho aberto dia e noite. Só que aquela moça selvagem e que reagira à sua agressão, forte como um homem, era o seu ponto fraco, bastava que movesse um dedinho na sua direção. Mesmo sendo quatorze anos mais velho, queria-a e tinha jurado a si mesmo que a teria. Com paciência e gentileza, já que a violência não tinha dado certo. Naquela noite, então, no escuro, quando ela se aproximou do seu posto e o chamou lá fora, ele foi, deixando tudo mais de lado. Flore o deixava zozinho, levou-o a caminhar, contando histórias complicadas, dizendo que a mãe estava doente e que não continuaria em Croix-de-Maufrais se a perdesse. E seu ouvido vigiava de longe o estrondo do expresso deixando Malaunay, aproximando-se a todo vapor. Quando sentiu ser o momento, ela se virou para ver. Não havia pensado nos novos dispositivos de segurança: ao tomar a via de Dieppe, a locomotiva automaticamente acionou o sinal vermelho e o maquinista teve tempo de parar, a poucos passos do trem de carga. Com um grito de quem desperta numa casa que desaba, Ozil correu de volta a seu posto, enquanto Flore, dura e imóvel, no fundo da escuridão acompanhava as manobras necessárias para corrigir a falha ocorrida. Dois dias depois o agulheiro, transferido, foi procurá-la para se despedir, sem desconfiar de nada, suplicando que fosse ficar com ele assim que não tivesse mais a mãe. O plano falhara, era preciso encontrar outra maneira.

Nesse instante, revendo essa lembrança, a bruma de devaneio que obscurecia o olhar de Flore se dissipou e de novo ela se deu conta da presença da morta, iluminada pela chama amarelada da vela. A mãe se fora; deveria então partir, casar-se com Ozil que a queria e talvez a fizesse feliz? Tudo nela se revoltou. Mil vezes não! Se fosse covarde a ponto de deixar que os dois vivessem e ela própria seguisse vivendo, preferia sair mundo afora e trabalhar como criada; seria melhor do que pertencer a um homem a quem não amava.

Um barulho estranho fez com que prestasse atenção e ela entendeu que Misard, com uma picareta, revirava o chão de terra batida da cozinha: estava desesperado à procura do

dinheiro, seria capaz de destruir a casa. Com ele também não tinha a menor vontade de ficar. O que fazer? Um vendaval soprou, as paredes tremeram e pelo rosto lívido da morta passou um reflexo de fornalha, ensanguentando os olhos abertos e o repuxado irônico dos lábios. Era o último trem parador de Paris, com sua pesada e lenta locomotiva.

Flore tinha voltado o rosto e olhou as estrelas que brilhavam na serenidade da noite primaveril.

– Três horas e dez. Mais cinco horas e eles vão passar.

Recomeçar tudo era sofrimento demais. Vê-los, assistir toda semana àquele encontro amoroso estava acima das suas forças. Tendo agora certeza de que Jacques nunca seria somente dela, era melhor que deixasse de existir, que nada mais existisse. O lúgubre quarto em que velava a mãe favorecia o luto e uma crescente necessidade de aniquilamento geral. Ninguém mais a amava, podiam todos se ir ao mesmo tempo. De mortos o mundo estava cheio, que fossem todos de uma só vez. A irmã tinha morrido, a mãe tinha morrido, seu amor tinha morrido; fazer o quê? Ficar sozinha, continuar ali ou ir embora, sempre sozinha enquanto eles seriam dois. Mil vezes não! Que tudo despencasse, que a morte, ali presente naquele quarto obscuro, se estendesse à via férrea e varresse o mundo!

Decidida, depois desse longo debate interior, ela continuou ainda analisando o melhor meio de executar o projeto. E voltou à ideia da retirada de um trilho. Era a maneira mais segura, mais prática e de fácil execução: bastava arrebentar os ferros de fixação com uma marreta e deslocar o trilho dos dormentes. Tinha as ferramentas, ninguém a veria naquele lugar deserto. O melhor ponto certamente era depois da parte baixa, na direção de Barentin, a curva que atravessava um vale, com ribanceiras de sete ou oito metros. O descarrilhamento ali era garantido, o acidente seria medonho. Mas o cálculo das horas com que se ocupou a seguir deixou-a angustiada. Na mão ascendente, antes do expresso de Le Havre, que passava às oito e dezesseis, havia apenas um trem parador, às sete e cinquenta e cinco. Teria então vinte minutos para o trabalho, que bastariam. Só que entre os trens regulares muitas vezes eram lançados outros, esporádicos, de transporte de mercadorias, sobretudo em períodos de grandes desembarques. Que risco correria! Como ter certeza de que seria mesmo o expresso que viria se arrebentar ali? Levou um bom tempo repassando na cabeça as possibilidades. Ainda era noite, uma vela continuava a queimar, afogada em sebo, com um pavio alto que ela deixava arder sem se ocupar mais dele.

Como, justamente, um trem de carga chegava de Rouen, Misard entrou. Tinha as mãos sujas de terra, pois andara remexendo no depósito de lenha. Estava ofegante, desarvorado com as buscas inúteis e tão agitado com aquele furor infrutífero que voltou a procurar debaixo dos móveis, na tubulação da lareira, por todo lugar. O trem interminável não parava mais de passar, com o estrondo regular das suas rodas pesadas e abalos que sacudiam a morta em seu leito. E ele, estendendo o braço para deslocar um quadro pequeno pendurado na parede, voltou a encontrar os olhos abertos que o seguiam, enquanto os lábios tremelicavam com o sorriso.

Parou, trêmulo, gaguejando com um ódio apavorado:

– Já sei, procura, procura!... Pode deixar, vou encontrar, miserável! Mesmo que tenha que revirar cada pedra da casa e cada pedaço de terra ao redor!

O trem negro passou com sua esmagadora lentidão no escuro e a morta, voltando a ficar

imóvel, continuava a olhar o marido com tanto deboche e tanta certeza de vencer que ele de novo se retirou, deixando a porta aberta.

Perdida em seus pensamentos, Flore se levantou para fechá-la, não querendo que aquele homem viesse ainda incomodar a mãe. E surpreendeu-se dizendo em voz alta:

– Dez minutos antes bastarão.

É verdade, teria tempo suficiente com dez minutos. E dez minutos antes do expresso trem nenhum estava previsto, ela poderia se pôr ao trabalho. A partir daí, com isso resolvido, a ansiedade terminou e ela ficou bem calma.

O dia despontou por volta das cinco horas, uma alvorada agradável, de pura limpidez. Apesar de certo frio, ela abriu toda a janela e a deliciosa manhã entrou no quarto lúgubre, cheio de uma atmosfera e odor de morte. O sol estava ainda por trás de uma colina arborizada, mas surgiu vermelho, escorrendo pelas encostas, inundando os caminhos escavados, na alegria vivaz da terra a cada nova primavera. Ela não se enganara na véspera: seria uma manhã bonita, um desses dias de frescor prolongado, em que se acha bela a vida. Naquela região deserta, entre colinas cortadas por vales estreitos, como seria bom ir embora pelas trilhas das cabras, às soltas! E quando ela se voltou de novo para o interior do quarto, se espantou de ver a vela parecendo ter se apagado, manchando a claridade do dia apenas com uma pálida lágrima. A morta parecia agora olhar para a via férrea, onde os trens continuavam a se cruzar, sem nem mesmo notar o descorado fulgor de círio ao lado daquele corpo.

Somente com o dia já raiado Flore assumiu suas funções, deixando o quarto apenas por causa do trem parador de Paris, às seis e doze. Também Misard às seis horas acabava de substituir seu colega que se encarregava do turno da noite. Foi ao chamado de buzina do padrao que ela foi se colocar diante da cancela, de bandeirinha na mão. Por um momento ficou seguindo o trem com os olhos.

– Mais duas horas – pensou em voz alta.

A mãe não precisava de ninguém mais. Tornou-se terrivelmente desagradável entrar naquele quarto. Acabara, dera um beijo e podia agora dispor da sua existência e da existência dos outros. Normalmente, entre os trens, ela escapulia, desaparecia do seu posto; naquela manhã, porém, algum interesse parecia mantê-la perto da cancela, num banco, simples tábua ao lado da via férrea. O sol subia no horizonte, uma doce cortina de ouro descia no ar puro e ela não se afastava, imbuída daquela suavidade, no meio da vasta natureza, agitada pela seiva primaveril. Por uns momentos prestou atenção em Misard no seu barraco de tábuas do outro lado da linha, visivelmente agitado, fora da sonolência habitual: saía, entrava, mexia na aparelhagem com nervosismo, olhando frequentemente para a casa, como se sua alma lá estivesse, ainda procurando. Depois se esqueceu dele, sem nem mais pensar na sua presença. Em expectativa, absorta, rosto mudo e rígido, olhos presos no outro extremo da linha, para os lados de Barentin. Era onde, na alegria solar, se formaria para ela uma visão, na qual insistia a selvageria teimosa do seu olhar.

Passaram-se os minutos e Flore não se movia. Até que, às sete e cinquenta e cinco, com dois toques de buzina Misard assinalou o trem parador de Le Havre, na via ascendente. Ela se levantou, fechou a cancela e ficou de pé ali, bandeirinha em punho. O trem já se perdia distante, depois de sacudir o chão e pôde ser ouvido se abismando no túnel, onde o barulho cessou. Ela não voltou ao banco, permaneceu de pé, contando de novo os minutos. Se em dez

minutos nenhum trem de carga fosse assinalado, correria até lá, para além do trecho rebaixado, para deslocar um trilho. Estava extremamente calma, tendo somente o peito tolhido sob o peso enorme do projeto. Nesse último instante, aliás, pensar que Jacques e Séverine se aproximavam, passariam mais uma vez ali, indo ao encontro amoroso se nada os impedisse, bastava para firmá-la, cega e surda, em sua decisão, sem que a argumentação sequer se reiniciasse: era irrevogável, a patada da loba que abate antes da mordida. No egoísmo da sua vingança, continuava vendo apenas os dois corpos mutilados, sem se preocupar com a multidão, a vaga de gente que há anos desfilava, desconhecida, ali em frente. Com os mortos e o sangue, talvez o sol se escondesse, aquele sol cuja terna alegria a irritava.

Dois minutos ainda, mais um, e então ela iria embora; já saía quando pesados solavancos na estradinha de Bécourt fizeram-na parar. Uma carroça. De carga, provavelmente, e que pediria passagem. Seria preciso erguer a cancela, conversar, ficar ali; o plano ia por água abaixo. Teve um gesto de impaciência, resolvida a ignorar, voltar ao que pretendia, abandonar o posto, deixando de lado a carroça e o carroceiro: que se arranjassem! Mas um chicote vibrou no ar da manhã e alguém gritou bem-humorado:

– Ei, Flore!

Era Cabuche. Ela ficou paralisada, perdera o ímpeto, ainda junto da cancela.

– O que há? Dormindo com todo esse bonito sol? Abra para que eu passe antes do expresso!

Algo desmoronou dentro dela. O planejado não se cumpriria, os dois iam continuar no caminho da felicidade, sem que encontrasse um meio de barrá-lo. E enquanto lentamente abria a velha cancela semiapodrecida, com ferragens que rangiam de velhas, continuou buscando furiosamente algum obstáculo, qualquer coisa que pudesse ser jogada de través na via, tão desesperada que seria capaz de simplesmente se deitar ela própria, se achasse ter ossos duros o bastante para descarrilhar a locomotiva. Mas o olhar se deteve na carroça baixa e sólida, carregada com dois blocos de pedra que cinco cavalos fortes mal conseguiam transportar. Enormes em altura e comprimento, massa gigantesca a barrar a estrada, aqueles blocos pareciam se oferecer e despertaram nela um brusco e louco desejo de tê-los, de deixá-los ali. A cancela estava erguida, os cinco animais esfalfados, bufando, esperavam.

– O que deu em você hoje? – insistiu Cabuche. – Parece estranha.

Flore então disse:

– Minha mãe morreu ontem à noite.

O amigo foi dolorosamente solidário. Encostando de lado o chicote, apertou as duas mãos da moça.

– Minha pobre Flore! Mesmo que há tanto tempo fosse coisa esperada, é tão difícil!... Então ainda está aqui, quero vê-la, pois teríamos acabado nos entendendo, sem a desgraça que aconteceu.

Devagar foi com ela até a casa. No momento de entrar, se voltou para olhar os cavalos. Flore o tranquilizou.

– Não tem perigo de se mexerem! Além disso, o expresso ainda está longe.

Era mentira. Com o ouvido habituado, na morna brisa do campo ela acabava de ouvir o expresso deixando a estação de Barentin. Mais cinco minutos e estaria ali, apareceria na

concauidade a cem metros da passagem de nível. Enquanto o quebrador de pedras, de pé no quarto da morta, esquecia de tudo, pensando emocionado em Louissette, Flore, que ficara do lado de fora junto à janela, continuava a ouvir, distante, a respiração regular da locomotiva, cada vez mais próxima. Bruscamente ela se lembrou de Misard, que a veria e impediria. Foi uma surpresa então quando, se virando, não o viu onde devia estar. Descobriu-o do outro lado da casa, revirando a terra junto à mureta do poço, sem conseguir escapar do frenesi da procura, provavelmente tomado por alguma repentina inspiração de que o tesouro estaria enterrado ali. Entregue àquela mania, cego e surdo, revirando tudo. Para ela, foi o sinal definitivo. As coisas por si mesmas assim decidiam. Um dos cavalos relinçou, enquanto a locomotiva, para além ainda do trecho rebaixado, respirava forte, como quem tem pressa e corre.

– Vou acalmá-los – disse Flore a Cabuche. – Não se preocupe.

Foi até lá, pegou o primeiro cavalo pelo freio e puxou com toda sua força de lutadora aguerrida. Os animais resistiram por um momento, a carroça sob a pesada carga apenas oscilou, mas, como se ela própria tivesse se atrelado junto, acrescentando tração, acabou se movendo e subindo aos trilhos. E se encontrava bem no meio quando o expresso, a cem metros, surgiu da depressão. Para imobilizar a carroça, temendo que continuasse em frente, ela reteve a atrelagem com uma manobra violenta, num esforço sobre-humano que fez todos os seus membros estalarem. Fazendo jus às lendas que circulavam a seu respeito – histórias extraordinárias de força, sobre um vagão sem freio que ela parou numa descida, ou de uma charrete em disparada que foi salva de um trem –, a façanha daquele dia não ficava para trás, pois retinha com punho de ferro os cinco cavalos que empinavam e relinchavam, instintivamente apavorados, sentindo o perigo.

Foram apenas dez segundos de interminável terror. As duas pedras gigantescas pareciam esconder o horizonte. Com seus cobres polidos e aços lustrosos, a locomotiva avançava, chegava com sua marcha suave e relampejante na atmosfera dourada daquele belo dia. O inevitável estava ali, nada no mundo poderia evitar o choque colossal. Mas a espera se prolongava.

Misard, que voltara correndo a seu posto, berrava de braços erguidos, agitando as mãos, com a intenção desesperada de prevenir e parar o trem. Saindo da casa por causa do barulho das rodas e do relincho dos cavalos, Cabuche também correu, gritando para fazer os animais avançarem. Flore, no entanto, que acabava de se afastar um pouco, o conteve – e foi o que o salvou. Ele achou que a jovem não havia conseguido segurar os cavalos e que eles é que a tinham arrastado. O carroceiro se culpava, chorava com soluços de terror desesperado, enquanto Flore, imóvel, enorme, de olhos esbugalhados e ardentes, observava. No momento mesmo em que a frente da locomotiva ia tocar os blocos, tendo quem sabe um só metro a percorrer, nesse lapso inapreciável de tempo, ela de forma muito nítida viu Jacques, com a mão no volante de mudança de marcha. Ele se virou, seus olhos por um instante se encontraram, instante que Flore achou desmedidamente longo.

Naquela manhã, Jacques tinha sorrido para Séverine quando ela desceu ao cais, em Le Havre, para tomar o expresso, como fazia toda semana. Por que encher a vida de pesadelos? Por que não aproveitar os dias alegres que porventura se apresentassem? Tudo provavelmente acabaria se arranjando. E o maquinista estava decidido a bem aproveitar aquele dia, fazendo

planos de almoçar com ela num restaurante. E por isso sorriu tão jovialmente quando ela o olhou desolada por não haver vagão de primeira classe à frente, sendo obrigada a ficar afastada, no final do comboio. De qualquer forma chegariam juntos e compensariam, em Paris, ter estado tão separados. Inclusive, depois de se debruçar para vê-la subir a uma cabine, lá no fim, com bom humor zombou do controlador-chefe, Henri Dauvergne, que ele sabia estar interessado na jovem. Na semana anterior, tinha tido a impressão de que este último se aventurava com mais ousadia e que ela o encorajava, até por necessidade de distração, para escapar da existência atroz que se criara. Roubaud inclusive dizia que a esposa ia acabar indo para a cama com o controlador-chefe, sem ter vontade, apenas por querer começar outra coisa. Jacques então perguntou a Henri para quem eram os beijos que ele mandava na véspera, escondido atrás de um dos olmeiros do pátio das partidas, o que fez Pecqueux soltar uma boa e grosseira risada, enquanto carregava a fornalha da Lison, que fazia fumaça, pronta para a viagem.

De Le Havre a Barentin, o expresso cursara sua marcha regulamentar, sem incidentes, e foi Henri o primeiro que, do alto de sua cabine de vigia, ao sair do trecho em depressão, avisou sobre a carroça e o fardo atravessados na linha. O furgão dianteiro estava abarrotado de bagagem, pois o trem, bem cheio, transportava os viajantes desembarcados de um transatlântico que chegara na véspera. Apertado no meio daquele amontoado de baús e malas que iam ao ritmo da trepidação, o controlador-chefe estava de pé diante da sua escrivaninha, organizando a papelada, com a garrafinha de tinta presa num gancho, balançando também na mesma movimentação regular. Após cada parada em que bagagens desembarcavam, ele precisava de quatro ou cinco minutos para suas anotações. Como dois passageiros haviam descido em Barentin, ele acabava então de pôr seus papéis em ordem quando, indo se sentar no posto de vigia, lançou um olhar de rotina para os dois lados da via. Era naquela guarita envidraçada que ele passava as horas livres, em vigilância. O tênder o impedia de ver o maquinista, mas, graças à posição mais alta, ele frequentemente enxergava mais longe e antes. De forma que, ainda no trecho em depressão, ele viu o obstáculo adiante. O espanto foi tamanho que ele custou a acreditar, assustado e sem conseguir reagir. Com isso perdeu alguns segundos e o trem já voltava ao plano, com um esforço da máquina, quando afinal o cabo do sino de alarme, preso à frente dele, foi acionado.

Nesse momento supremo, com a mão no volante de mudança de marcha, Jacques olhava sem ver, num instante de distração. Pensava em coisas confusas e distantes, nas quais até a imagem de Séverine se dissipara. O sacudir frenético do sino e o grito de Pecqueux, atrás dele, o despertaram. O foguista, que acabara de erguer a haste da grelha, insatisfeito com a tiragem, também viu, ao se debruçar para confirmar que a velocidade estava normal. Mortalmente pálido, no mesmo instante Jacques percebeu tudo, compreendeu tudo: a carroça pesada atravessada, a locomotiva a todo vapor, o terrível choque, tudo com tal clareza que ele pôde inclusive distinguir a textura das duas pedras, sentindo já nos ossos o impacto e o esmagamento. Era o inevitável. Violentemente girou o volante de mudança de marcha, fechou o regulador, puxou o freio. Lançou marcha a ré, sem se dar conta de se dependurar no cabo do apito, com a inútil e furiosa intenção de alertar, de afastar o gigantesco obstáculo à frente. No meio de todo esse tumulto de aflição que rasgava os ares, a Lison deixara de obedecer e prosseguiu, em ritmo que mal havia diminuído. Desde que perdera sua boa vaporização na tempestade de neve, não tinha mais a antiga docilidade nem a ignição fácil. Tornara-se

asmática e rabugenta como velha a quem uma brusca friagem destrói os pulmões. A máquina resfolegava, refugava o freio e continuava, continuava, impulsionada pela pesada teimosia da sua massa. Louco de medo, Pecqueux pulou. Paralisado no seu posto, com a mão direita crispada na mudança de marcha e a outra inconscientemente agarrada ao apito, Jacques esperou. E a Lison, fumegante, respirando forte, com o rugido agudo que não cessava foi de encontro à carroça, com todo o peso enorme dos treze vagões que arrastava.

A vinte metros deles, à beira da linha à qual o pavor os mantinha petrificados, Misard e Cabuche de braços erguidos, Flore de olhos esbugalhados, viram essa coisa medonha: o trem empinar, sete vagões treparem uns nos outros e depois tudo cair numa abominável explosão, num desabar informe de destroços. Os três primeiros foram reduzidos a migalhas e os quatro seguintes se tornaram apenas uma montanha, uma confusão de tetos arreventados, rodas quebradas, portas, correntes, para-choques, em meio a pedaços de vidro. E, sobretudo, o que mais se distinguiu foi a esmagadora pancada da locomotiva contra as pedras, num surdo triturar, terminado em um grito de agonia. Estripada, a Lison se revirou à esquerda, por cima da carroça, enquanto as pedras, rachadas, voaram aos pedaços como numa explosão de mina. Quatro dos cinco cavalos, atrelados e recebendo o choque, morreram instantaneamente. Na cauda do trem, os seis últimos vagões, intactos, pararam sem nem sair dos trilhos.

Ouviram-se gritos, chamados em que as palavras se perdiam entre urros inarticulados de animais.

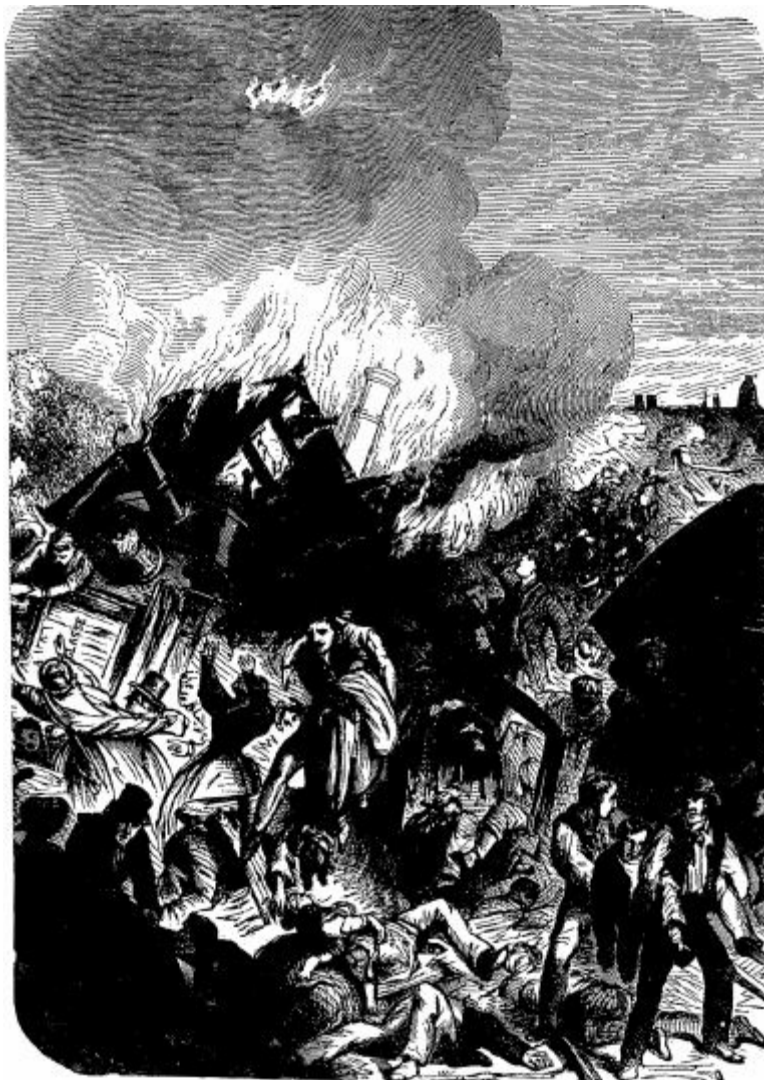
– Socorro! Aqui!... Meu Deus! Estou morrendo! Socorro! Socorro!

Não se ouvia mais nada, nada se via. Caída de lado, de ventre aberto, a Lison perdia vapor pelas torneiras arrancadas e tubulações estouradas, com suspiros que arfavam como estertores furiosos de algum gigante. Espalhava um bafo branco interminável, soltando espessos turbilhões rente ao chão, enquanto, da fornalha, as brasas reviradas, vermelhas como se fossem o sangue das suas entranhas, acrescentavam fumaças escuras. A chaminé, com a violência do choque, estava enfiada na terra e o chassi tinha se rompido, retorcendo as grandes hastes laterais. De rodas para o alto, como uma égua monstruosa, desconjuntada por uma formidável chifrada de touro, a Lison deixava que se vissem suas bielas contorcidas, cilindros arreventados, gavetas e excêntricos esmagados,⁷⁵ toda uma pavorosa chaga aberta ao ar livre, por onde a alma continuava a escapar, num estardalhaço de furioso desespero. Perto dela, também jazia o cavalo que não morrera de imediato, com as duas patas dianteiras amputadas e perdendo, como a máquina, suas vísceras por um rasgão na barriga. Pela posição reta da cabeça, estática num espasmo atroz de dor, podiam-se ver seus estertores, num relincho terrível que não chegava aos ouvidos, engolfado pelo estrondear da locomotiva agonizante.

Os gritos se confundiam, inaudíveis, perdidos no ar.

– Ajudem, me matem!... É dor demais, me matem! Por favor me matem!

No meio do tumulto ensurdecido e da fumaça que cegava, as portas dos carros que tinham ficado intactos se abriram e passageiros se atiraram para fora em debandada. Caíam na via, se levantavam, se pisoteavam. Depois, assim que percebiam a terra firme sob os pés, o campo livre à frente, fugiam em disparada, pulavam a cerca viva, atravessavam matagais, impulsionados unicamente pelo instinto, querendo se distanciar do perigo, ir para longe, muito longe. Mulheres e homens aos berros se perderam no fundo dos bosques.



A Lison deixava que se vissem suas bielas contorcidas, cilindros arrebrandos, toda uma pavorosa chaga aberta.

Pisoteada, desgrenhada e com o vestido em farrapos, Séverine também tinha se desvencilhado, mas não procurou fugir. Corria na direção da locomotiva que grunhia quando esbarrou de frente com Pecqueux.

– Jacques, Jacques! Ele se salvou, não foi?

O foguista, que milagrosamente não quebrara nada, se juntou a ela com o coração carregado de remorso, sabendo que seu maquinista estaria debaixo de tudo aquilo. Tanto tinham viajado e trabalhado juntos, sob a contínua inclemência dos percursos! E a locomotiva, a pobre máquina, a boa e amada companheira daquela relação a três estava ali destroçada, deixando escapar, por seus pulmões estourados, os últimos suspiros do peito!

– Eu saltei – ele gaguejou. – Não sei de nada, nada... Rápido, vamos!

No caminho, esbarraram em Flore, que os olhava vindo em sua direção. Não tinha ainda se movido, no estupor do que havia feito, do massacre que provocara. Pelo menos isso estava resolvido. Sentia apenas ter dado alívio a uma necessidade, sem o menor sentimento de piedade pela dor de tanta gente que ela sequer enxergava. Porém, vendo Séverine, seus olhos se arregalaram extraordinariamente e uma sombra de enorme sofrimento cobriu seu rosto pálido. Como? Aquela mulher estava viva e ele provavelmente morto! Com a dor aguda do seu amor assassinado, como facada dada no próprio peito, veio a brusca consciência da abominação do crime cometido. Ela que havia causado tudo aquilo, o havia matado, matado

toda aquela gente! Um grito medonho dilacerou sua garganta, ela se contorceu toda e correu como alucinada.

– Jacques, Jacques... Está ali! Foi jogado para trás! Eu vi... Jacques, Jacques!

A Lison gemia menos alto, um lamento rouco que se enfraquecia e deixava que se ouvisse, cada vez mais dilacerante, o clamor dos feridos. Mas a fumaceira continuava forte e o enorme monte de destroços, de onde vinham aquelas vozes torturadas e aterrorizadas, se mostrava envolto numa poeira escura, imóvel sob o sol. O que fazer? Por onde começar? Como chegar até aqueles infelizes?

– Jacques! – continuava Flore a gritar. – Estou dizendo que olhou para mim e foi jogado ali, debaixo do tênder... Venham, ajudem!

Cabuche e Misard acabavam de erguer Henri, o controlador-chefe, que no último instante também saltara. Tinha torcido o pé e eles o ajudaram a se sentar junto à cerca viva, de onde, abestalhado e mudo, assistia aos trabalhos de salvamento sem demonstrar sofrimento.

– Cabuche, vem ajudar! Estou dizendo que Jacques está aqui embaixo!

Sem dar ouvidos, o carroceiro ia até outros feridos, carregou uma mulher com as duas pernas dependuradas, quebradas no fêmur.

E foi Séverine quem atendeu ao chamado de Flore.

– Jacques, Jacques! Onde? Vou ajudá-la.

– Isso, você mesma, ajude!

As mãos de ambas se encontraram, puxaram juntas uma roda quebrada. Mas os dedos delicados de uma nada conseguiam, enquanto a outra, com sua força bruta, derrubava obstáculos.

– Cuidado! – disse Pecqueux, que se juntara também a elas.

Com um movimento brusco, ele havia parado Séverine no momento em que ela ia pisar num braço, decepado no ombro e ainda vestindo uma manga de brim azul.⁷⁶ Ela recuou horrorizada. No entanto, não reconheceu a roupa, era um braço desconhecido que chegara ali, de algum corpo que provavelmente se encontrava em outro lugar. Mas ficou tão trêmula que parecia paralisada, chorando de pé, vendo os outros se esforçarem, incapaz até de afastar os pedaços de vidro que cortavam as mãos.

O salvamento dos que ainda estavam vivos e a busca pelos mortos foram repletos de angústia e também perigo, pois o fogo da locomotiva se alastrou até peças de madeira e foi preciso, para eliminar esse princípio de incêndio, jogar muitas pás de terra. Uma pessoa foi encarregada de correr a Barentin para pedir ajuda, um telegrama foi enviado a Rouen e os trabalhos de socorro se organizaram o mais ativamente possível, com todos se dedicando e dando mostras de muita coragem. Muitos dos que haviam fugido voltaram, envergonhados do pânico inicial. Mas progredia-se com infinitas precauções e cada destroço retirado exigia todo cuidado, com medo de que acabasse de dar cabo dos infelizes soterrados, se tudo desabasse. Feridos surgiam, presos até o peito, impresados como num torno e aos gritos. Foram necessários quinze minutos para liberar um que não reclamava, branco como um lençol, dizendo não estar machucado, pois não sentia dor e, quando foi retirado, viu-se que não tinha mais as pernas. Expirou logo em seguida, sem sequer ter conhecimento da mutilação horrível, tamanho era o pavor. Uma família inteira foi retirada de um vagão de segunda classe, que

começara a pegar fogo: o pai e a mãe estavam feridos nos joelhos, a avó tinha um braço quebrado. Mas igualmente não sentiam suas dores, chorando, chamando pela filha, desaparecida no desastre, uma criança loura de apenas três anos que foi encontrada sob um pedaço do teto, sã e salva, expressão alegre e sorridente. Outra menininha, coberta de sangue pois tivera as pobres mãozinhas esmagadas, foi afastada dali, enquanto seus pais eram procurados. Permanecia sozinha e alheia, tão aflita que não dizia uma palavra, fazendo uma careta de indizível terror assim que alguém tentava se aproximar. Não era possível abrir as portas cujas ferragens tinham se deformado com o choque e entrava-se nas cabines pelos vidros quebrados. Quatro cadáveres já estavam estendidos lado a lado junto à linha. Uma dezena de feridos deitados perto dos mortos aguardavam, sem um médico que fizesse um curativo, sem qualquer socorro. As buscas mal começavam encontrava-se uma nova vítima sob cada destroço, sem que o monte de entulho parecesse diminuir, banhado em sangue e convulsão naquela carnificina humana.

– Estou dizendo que Jacques está ali embaixo! – repetia Flore, como se esse grito obstinado a aliviasse em seu desespero. – Está chamando, ouçam, ouçam!

O tênder estava enfiado por baixo dos vagões que, amontoados uns por cima dos outros, haviam em seguida desmoronado sobre ele. E, de fato, desde que a máquina diminuía seu ronco, ouvia-se uma voz grossa de homem rugir no fundo dos destroços. À medida que avançavam em sua direção, o clamor dessa voz em agonia ficava mais alto, com uma dor tão enorme que os que tentavam chegar até lá não podiam mais suportar, chorando e gritando também. Quando afinal chegaram ao homem e conseguiram desvencilhar suas pernas, puxando-o para fora, o rugido de sofrimento parou. Ele estava morto.

– Não – disse Flore –, não é ele. Está mais no fundo, está mais embaixo.

Com seus braços de guerreira ela erguia rodas, que eram jogadas longe, torcia o zinco dos tetos, quebrava portas, arrancava pedaços de corrente. E assim que encontrava um morto ou um ferido, chamava alguém para se ocupar dele, não querendo perder um segundo na sua furiosa busca particular.

Atrás dela, Cabuche, Pecqueux e Misard trabalhavam, enquanto Séverine, não se aguentando mais de pé e sem nada poder fazer, se sentou no assento arrebitado de um vagão. Recuperada sua fleuma calma e indiferente, Misard se poupava, ajudando sobretudo a transportar os corpos. Assim como Flore, ele olhava os cadáveres esperando reconhecê-los no meio da confusão dos milhares e milhares de rostos que ao longo dos dez últimos anos haviam desfilado à frente da sua casa a toda velocidade, deixando apenas a lembrança imprecisa de uma multidão trazida e levada por um relâmpago. Não! Continuava sendo apenas o fluir desconhecido do mundo em marcha. A morte brutal, acidental, continuava anônima como a vida apressada, cujo galope passava por ali, rumo ao futuro. Não podiam dar nome algum, nenhuma informação precisa sobre aquelas cabeças deformadas pelo horror, sobre aqueles miseráveis caídos no caminho, pisoteados, atropelados, como soldados cujos corpos são usados para tapar os buracos diante da carga de um exército que ataca. Flore, no entanto, achou encontrar um com quem havia falado, no dia em que o trem atolou na neve. Era aquele americano cujo perfil ela reconhecia familiarmente, sem saber nome nem nada mais a seu respeito ou da sua família. Misard o carregou para juntá-lo aos outros mortos, todos vindos não se sabe de onde, parados ali a caminho de não se sabe qual lugar.

E houve um espetáculo dilacerante. Num vagão de primeira classe emborcado, acabavam de descobrir um jovem casal, recém-casado provavelmente, lançado um contra o outro de forma tão infeliz que a mulher esmagava com o seu peso o homem, sem poder fazer qualquer movimento para aliviá-lo. Ele não conseguia respirar, ofegava, enquanto a moça, tendo apenas a boca a se movimentar, gritava em desespero pedindo pressa, apavorada por sentir que o matava. Quando foram libertados, foi ela quem, de repente, expirou, com a lateral do corpo atravessada por um ferro para-choques. Recuperando-se, o marido passou a chorar de dor ajoelhado ao lado da esposa, cujos olhos ainda estavam cheios de lágrimas.

Já se contavam doze mortos, mais de trinta feridos e haviam conseguido desimpedir o tênder. De vez em quando Flore parava, enfiava a cabeça entre as madeiras arrebentadas, a ferragem contorcida, rebuscando sofregamente com os olhos, querendo encontrar o maquinista. Soltou bruscamente um grito.

– Estou vendo, ali embaixo... É o braço dele, com o casaco de lã azul... Não se mexe, não respira...

Ela se endireitou e praguejou como um homem.

– Que diabo! Rápido, tirem logo ele de lá!

Com as duas mãos tentou arrancar um piso de vagão que outros entulhos impediam que deslocasse. Depois saiu correndo e voltou com o machado que servia, em casa, para rachar a lenha. Manejando-o como um lenhador em plena floresta de carvalhos, atacou o piso com um golpe furioso. Todos tinham se afastado deixando-a trabalhar e gritando que tomasse cuidado. Mas não havia mais outros feridos além do maquinista, abrigado sob uma confusão de vigas de eixo e rodas. Ela, de qualquer maneira, nada mais ouvia, tomada por um firme e irresistível ímpeto. Fendia a madeira, cada golpe seu derrubava um obstáculo. Com os cabelos louros soltos, a blusa arregaçada mostrando os braços nus, parecia a terrível ceifadeira, abrindo uma trincheira naquela destruição que ela mesma havia provocado. Uma derradeira pancada atingiu um eixo e quebrou ao meio o ferro do machado. Ajudada pelos demais, afastou as rodas que tinham protegido o rapaz do esmagamento fatal e foi a primeira a pegá-lo e carregar nos braços.

– Jacques, Jacques!... Está respirando, está vivo. Meu Deus, está vivo... Eu sabia, vi ele cair, sabia que estava ali!

Atônita, Séverine seguiu-a. Deixaram-no junto da cerca viva, perto de Henri que, estupidificado, continuava a olhar sem parecer compreender onde estava nem o que faziam à sua volta. Pecqueux também se aproximou e ficou de pé junto do companheiro, arrasado de vê-lo em tão mau estado, enquanto as duas mulheres, ajoelhadas, uma à esquerda e outra à direita, seguravam a cabeça do infeliz, controlando aflitas qualquer reação de seu rosto.

Jacques finalmente se reanimou. Seu olhar confuso se dirigiu a cada uma sucessivamente, sem parecer reconhecê-las. Não tinham qualquer importância. Mas quando viu, a alguns metros, a locomotiva que expirava, seus olhos primeiro se agitaram, depois se fixaram, exprimindo crescente emoção. À Lison ele reconhecia perfeitamente e vê-la trouxe tudo de volta, as duas pedras atravessadas na linha, o choque tremendo, o esmagamento que sentiu na locomotiva e no seu corpo. Ele ressuscitava e ela certamente expirava. Não tinha culpa nenhuma, a máquina, de não ter respondido rápido, doente que estava desde que atolara na neve, não era por querer que se mostrava menos ágil. Sem contar que a idade pesa sobre os

membros e endurece as juntas. Ele a perdoava de tudo, tomado por enorme tristeza, vendo-a mortalmente ferida, em agonia. À pobre Lison restavam apenas alguns minutos. Ela esfriava, as brasas da fornalha viravam cinza, o sopro que havia escapado tão violentamente das suas laterais abertas terminava como um suspiro de criança que chora. Suja de terra e de gosma, ela que sempre se apresentava tão luzente, agora emborcada de costas, numa poça escura de carvão, tendo o fim trágico de um animal de raça que um acidente fulmina em plena rua. Por um momento pôde-se ver, em suas entranhas arrombadas, funcionarem os órgãos, os pistões batendo como dois corações gêmeos, o vapor circular nas gavetas como o sangue nas veias. Porém, como braços convulsionados, as bielas apresentavam apenas tremores, derradeiras agitações de vida; e sua alma se ia com a força que a tornava viva, essa imensa respiração da qual ela não conseguia se esvaziar inteiramente. A gigante estripada se acalmou ainda mais, foi pouco a pouco adormecendo de maneira bem suave e acabou emudecendo. Morta. E o monte de ferro, aço e cobre ali abandonado, o colosso triturado, tronco fendido, membros soltos, órgãos machucados à luz do dia, ganhava a horrível tristeza de um cadáver humano – enorme – em que um mundo inteiro havia vivido e do qual a vida acabava de ser extirpada com dor.

Compreendendo que a Lison não existia mais, Jacques fechou os olhos querendo também morrer, sentindo-se de qualquer forma tão fraco que achou estar sendo carregado pelo último suspiro da máquina. Das suas pálpebras abaixadas lágrimas começaram a descer, inundando suas faces. Foi emoção demais para Pecqueux, que ali permanecia imóvel, com um nó na garganta. A amiga que tinham em comum estava morta e o maquinista queria partir com ela. Estava terminada aquela relação a três? Terminadas as viagens em que, na sua garupa, percorriam cem léguas sem trocar uma palavra e mesmo assim se entendendo tão bem os três que nem precisavam de sinal algum para se comunicar! Ah, pobre Lison! Tão suave na sua potência, tão bela a luzir sob o sol! E Pecqueux, sem estar bêbado, explodiu num pranto violento, com soluços que sacudiam seu corpo grandalhão sem poder se controlar.

As duas mulheres se desesperaram com um novo desfalecimento de Jacques. Mais para fazer alguma coisa, Flore correu até a casa e voltou com aguardente canforada para friccionar o desacordado. Acrescentava-se à aflição das duas a interminável agonia do cavalo sobrevivente, com as patas dianteiras amputadas. Jazia próximo a elas, com um relinchar contínuo, um grito quase humano, tão vibrante e carregado de dor que dois feridos, impressionados, se puseram a uivar também como bestas. Nunca um grito de morte havia rasgado os ares com lamento tão profundo, inesquecível, de fazer gelar o sangue. A tortura se tornava atroz, vozes carregadas de pesar e revolta se ergueram, pedindo que sacrificassem o miserável cavalo que sofria tanto e cujo estertor interminável, desde que a máquina se calara, sustentava a lamúria da catástrofe. Pecqueux, então, ainda chorando, pegou o machado com seu ferro partido e, com uma só pancada na cabeça, o abateu. Fez-se enfim silêncio no campo do massacre.

O socorro chegou, após duas horas de espera. Com o choque, todos os carros haviam sido lançados para o lado esquerdo, de forma que a limpeza da via na direção de Le Havre poderia se fazer em poucas horas. Um trem de três vagões, puxados por uma locomotiva de serviço, acabava de chegar de Rouen, trazendo o chefe de gabinete do prefeito, o procurador imperial, engenheiros e médicos da Companhia, toda uma leva de personagens ocupados e apressados, enquanto o chefe de estação de Barentin, sr. Bessière, já havia chegado com uma equipe para

remover os destroços. Todos tinham os nervos à flor da pele e era enorme a agitação naquela região perdida, normalmente tão desértica e silenciosa. Os passageiros sem escoriações, depois do frenético pânico inicial, caíram numa febril necessidade de se movimentar: uns procuravam como conseguir coches, apavorados com a ideia de voltar a subir num vagão, outros, vendo não haver nada por perto, queriam saber onde comeriam, onde dormiriam. E todos queriam um posto de telégrafo, com vários partindo a pé para Barentin, carregando mensagens. Enquanto as autoridades, ajudadas por funcionários da Companhia, começavam uma investigação, médicos prestavam os primeiros socorros às vítimas. Muitas estavam desmaiadas, dentro de poças de sangue. Outras, obrigadas a passar por pinças e agulhas, se queixavam com balbucios. Havia, no final, quinze mortos e trinta e dois passageiros gravemente feridos. Aguardando identificação, os cadáveres tinham sido deixados no chão ao longo da cerca viva, de rosto para cima. Apenas um jovem escrituráriozinho louro, rosado e zeloso se preocupava com eles, revistando bolsos para ver se encontrava documentos, cartões ou cartas que o ajudassem a etiquetar cada um com nome e endereço.

Ao redor dele um círculo boquiaberto se formara, pois apesar de não haver casas num perímetro de quase uma légua, curiosos tinham chegado não se sabe de onde, umas trinta pessoas – homens, mulheres e crianças – que só atrapalhavam, sem ajudar em nada. Dissipara-se a poeira negra, o véu de fumaça e vapor que tudo envolvia. A radiosa manhã de abril triunfava acima do campo de massacre, banhando com o orvalho suave e alegre do seu radiante sol moribundos e mortos, a Lison de ventre aberto e as ruínas de destroços entulhados pela equipe de trabalhadores – que seguiam como insetos, reparando a destruição que causa num formigueiro o chute de algum caminhador distraído.

Jacques continuava sem sentidos e Séverine chamou, súplice, um médico que passava por perto. Ele examinou o maquinista sem encontrar ferimento algum aparente, mas temendo lesões internas, pois finos fios de sangue apareciam nos lábios. Sem poder aprofundar mais o exame, aconselhou que o ferido fosse levado o quanto antes para uma cama, evitando solavancos.

Sentindo mãos que o seguravam, Jacques novamente abriu os olhos, com ligeiro grito de dor. Reconhecendo dessa vez Séverine, gaguejou em sua confusão:

– Leve-me daqui, leve-me daqui!

Flore se debruçou e, movendo a cabeça, ele também a reconheceu. O olhar exprimiu um pavor infantil, ele se jogou para o lado de Séverine, com um recuo de ódio e medo.

– Tire-me daqui, rápido!

Ela então perguntou, tratando-o também com intimidade, pois sentia-se sozinha com ele, já que a outra não contava mais:

– Para Croix-de-Maufras, quer?... Se não achar ruim, é bem em frente e vamos estar em casa.

Ele concordou, tremendo ainda e sem despregar os olhos da outra.

– Onde quiser, mas depressa!

Sem se mexer, Flore empalideceu, sob o olhar de execração aterrorizada. Naquela carnificina de desconhecidos e inocentes, não havia conseguido matar nem um nem outro: a mulher saía sem um arranhão e ele talvez também escapasse. Tudo que fizera fora aproximá-los, jogá-los juntos e a sós no fundo daquela casa solitária. Imaginou-os ali instalados, o

amante curado, convalescente, a amante cheia de atenções, com seu trabalho sendo pago por constantes carinhos, prolongando, afastados do mundo e em total liberdade, aquela lua de mel da catástrofe. Um frio enorme congelou-a. Olhou para os cadáveres: matara por nada.

Nesse momento, nessa visão global da sua matança, Flore percebeu Misard e Cabuche sendo interrogados por homens bem-vestidos, provavelmente da justiça. De fato, o procurador imperial e o chefe de gabinete do prefeito tentavam compreender como a carroça com as pedras fora parar atravessada na linha. Misard garantia não ter se afastado do seu posto, mesmo sem poder fornecer qualquer informação precisa: de nada realmente sabia, dizendo estar de costas, ocupado com seus aparelhos. Já Cabuche, ainda muito abalado, contava uma comprida e confusa história, em que tinha cometido o erro de deixar os cavalos para ir ver a morta e de que maneira os animais partiram sozinhos, sem que a jovem pudesse pará-los. Ele se complicava, voltava ao início, sem conseguir se explicar direito.

Uma selvagem necessidade de liberdade fez voltar a pulsar o sangue gelado de Flore. Queria estar livre de si mesma, livre para pensar e fazer suas escolhas, sem jamais precisar de quem quer que fosse para encontrar o seu caminho. Para que esperar que a enchessem de perguntas e, quem sabe, a prendessem? Além do crime, cometera um erro de serviço, pelo qual seria responsabilizada. Mesmo assim ficaria, continuaria ali enquanto Jacques estivesse.

Séverine tanto pediu que Pecqueux acabou conseguindo uma maca e veio com um colega carregar o ferido. A pedido do médico, ela aceitou em casa também o controlador-chefe Henri, ainda em estado de choque, no que parecia não passar de uma comoção cerebral. Foi transportado em seguida.

Abrindo o colarinho de Jacques para que respirasse melhor, ela beijou-o nos olhos, sem se importar com os outros, querendo animá-lo para que aguentasse a viagem de maca.

– Não tenha medo, vamos ser felizes.

Sorrindo, ele devolveu o beijo, o que, para Flore, foi a dor suprema, que a afastava dele para sempre. Teve a impressão de que também o seu sangue escorria abundante de uma incurável ferida. Depois que o levaram, ela se foi. Passando diante de casa, viu pelos vidros da janela baixa o quarto fúnebre, com a pálida mancha da vela que queimava à luz do dia, junto do corpo da mãe. Durante todo aquele tempo a morta esteve sozinha, com a cabeça meio caída de lado, olhos arregalados e lábios repuxados, como se tivesse visto ser triturada e morrer toda aquela gente que ela não conhecia.

Flore partiu veloz, virou imediatamente a curva da estrada de Doinville e tomou a esquerda, por dentro do mato. Conhecia cada palmo daquela região e duvidava que a polícia a encontrasse, caso resolvessem persegui-la. De repente parou de correr e continuou a passo lento rumo a um esconderijo em que gostava de se enfiar nos dias tristes, uma gruta aberta em cima do túnel. Erguendo os olhos, viu pela posição do sol ser meio-dia. Já na sua toca, deitou-se no rochedo duro e permaneceu imóvel, as mãos cruzadas atrás da nuca, pensando. Um enorme vazio a invadiu e a sensação de já estar morta pouco a pouco foi deixando dormentes os braços e as pernas. Não se tratava de remorso por ter matado inutilmente toda aquela gente, pois só com esforço chegava a sentir dó e aversão. Agora tinha certeza de que Jacques a havia visto controlando os cavalos, e acabava de compreender que inspirava nele a repulsa horrorizada que setem pelos monstros. Nunca ele esqueceria. E quando se falha contra as pessoas, não se pode falhar contra si mesmo. Logo mais se mataria. Não tinha

esperança alguma: percebia agora essa necessidade indiscutível, desde que estava ali, se acalmando e refletindo. O cansaço, o esvaziamento de todo o seu ser, era só o que a impedia de se levantar para buscar algo que servisse de arma e se matar. No entanto, na incontrolável sonolência que sobrevinha, misturava-se também o amor pela vida, a necessidade de ser feliz, um sonho derradeiro de completude, já que deixava aos dois outros a alegria de viverem juntos, livres. Por que não esperar a noite e correr à procura de Ozil, que a adorava e saberia defendê-la? Essas ideias foram ficando agradáveis e confusas, ela dormiu. Um sono escuro, sem sonhos.

Quando acordou, era noite profunda. Aturdida, tateou ao redor e, reconhecendo a pedra dura, rapidamente se lembrou de onde estava. Como se um raio a atingisse, voltou a necessidade implacável: precisava morrer. Aparentemente aquela doce covardia, fraquejando diante de uma vida ainda possível, se fora com o cansaço. Não, de jeito nenhum! Somente a morte podia servir. Não poderia viver com todo aquele sangue, o coração arrancado do peito, execrada pelo único homem a quem havia amado e que pertencia a outra. Agora que estava recuperada, precisava morrer.

Flore se levantou, saiu do buraco na rocha. Sem hesitação, pois instintivamente sabia aonde ir. Com nova olhada para o céu, na direção das estrelas, viu serem mais ou menos nove horas. Chegando à linha férrea, um trem passou em grande velocidade na direção de Le Havre, o que a animou. Tudo estava bem, haviam evidentemente limpado a via descendente, enquanto a outra estava ainda obstruída, pois a circulação não parecia ter se normalizado. Seguiu então a cerca viva, em meio ao grande silêncio daquela região selvagem. Não tinha pressa, trem algum passaria antes do expresso de Paris, às nove e vinte e cinco. Continuou ao longo da sebe com passos curtos, na densa escuridão, muito calma, como se fizesse um de seus passeios habituais pelas trilhas desertas. Antes de chegar ao túnel, atravessou a cerca viva e continuou a avançar andando na linha, flanando, na direção do expresso. Foi preciso se esconder para que o vigia não a visse. Era o que sempre fazia, toda vez que ia visitar Ozil lá adiante, do outro lado. No túnel continuou a andar em frente, sempre em frente. Mas não como na semana anterior, não temia mais perder a noção exata do sentido para o qual se dirigia, caso se virasse. A loucura do túnel não ameaçava mais a sua mente, aquela loucura em que mergulham as coisas, o tempo e o espaço, em meio à torrente de sons e a opressão da abóbada. Pouco se importava! Não raciocinava, sequer pensava, tendo só uma ideia fixa: andar, andar em frente até encontrar o trem e andar ainda até o fanal, assim que o visse arder na noite.

Estranhou, no entanto, pois achava estar naquele ritmo há horas. Como cria distâncias a morte desejada! A possibilidade de não dar de frente com ela, de caminhar léguas e léguas sem encontrá-la, desesperou-a por um momento. Os pés estavam se cansando, seria obrigada a se sentar, a esperá-la deitada de través nos trilhos? A imagem lhe pareceu indigna, precisava andar até o fim, morrer de pé, respeitando o instinto de guerreira virgem.

Seus passos se reafirmaram com renovada energia ao perceber, muito longe ainda, o fanal do expresso, como uma pequena estrela cintilante e única no fundo de um céu de nanquim. O trem não entrara ainda sob a abóbada, ruído nenhum o anunciava, havendo apenas aquele fogo vivo e alegre que pouco a pouco aumentava. Bem ereta em sua alta postura de estátua móvel, aprumada em suas pernas vigorosas, ela avançou com passadas mais largas, sem no entanto correr, como se fosse encontrar um amigo a quem quisesse poupar um trecho do caminho. O trem acabava de entrar no túnel, o terrível estardalhaço se aproximou, sacudindo a terra com

um bafo tempestuoso, enquanto a estrela do fanal se tornara um enorme olho, aumentando cada vez mais, saltando da órbita das trevas. Nesse instante, tomada por um sentimento inexplicável, talvez para estar sozinha na morte, ela esvaziou os bolsos. Sem interromper a marcha de heroica obstinação, largou suas coisas à beira do trilho, um lenço, chaves, um barbante, duas facas. Inclusive desamarrou a tira de pano presa no pescoço, deixou o colete desabotoado, quase arrancado. O olho se transformou em braseiro, em bocarra de forno a vomitar incêndios. O bafo do monstro já se aproximava úmido e quente, no trovoar formidável, cada vez mais ensurdecedor. E ela andava, dirigindo-se em linha reta à fornalha para não se desviar da locomotiva, fascinada como o inseto noturno atraído pela chama. No terror do choque, no seu abraço, ela se endireitou ainda, como se, impulsionada por uma última revolta de lutadora, quisesse agarrar o colosso pela cintura e derrubá-lo. Sua cabeça bateu em cheio no fanal, que se apagou.

Somente mais de uma hora depois vieram retirar o cadáver de Flore. O maquinista vira perfeitamente aquela grande figura branca avançar contra a locomotiva, como estranha e assustadora aparição, sob o jato da forte claridade que a inundava. E quando a lanterna bruscamente se apagou, com o trem imergindo na escuridão, correndo com seu barulho de trovão, ele se arrepiou, sentindo a morte passar a seu lado. Ao sair do túnel, tentou avisar o vigia, mas somente em Barentin conseguiu notificar que havia atropelado alguém, provavelmente uma mulher. Cabelos e restos de cérebro ainda estavam colados no vidro quebrado do fanal. E quando os homens enviados em busca do corpo o descobriram, ficaram impressionados de vê-lo tão branco, como mármore. Estava caído na via contrária, lançado pela violência do choque, com a cabeça destroçada e os membros sem um arranhão, seminu, de admirável beleza por sua pureza e força. Em silêncio o amortalharam. Tinham reconhecido Flore, que certamente se matara, num acesso de loucura, para escapar da responsabilidade terrível que pesava em seus ombros.

À meia-noite o cadáver de Flore já descansava na casinha de telhado baixo, ao lado do cadáver da mãe. Um colchão foi colocado no chão e voltou-se a acender uma vela, entre as duas. Phasie, com a cabeça ainda caída de lado e o sorriso horrível da sua boca torta, parecia agora olhar para a filha com seus olhos arregalados e fixos. Na solidão e no meio do profundo silêncio podia-se ouvir por todos os lados a surda atividade, o esforço interminável de Misard, de volta às suas buscas. Nos intervalos de praxe os trens passavam, se cruzando nas duas vias, com a circulação restabelecida. Passavam inexoráveis em sua onipotência mecânica, indiferentes, ignorando dramas e crimes. Que importância têm os desconhecidos da multidão, caídos no percurso, esmagados sob as rodas? Os mortos tinham sido retirados, o sangue lavado e partia-se em frente, rumo ao futuro.

73. Água purificada com o farelo miúdo (sêmea) da farinha de trigo para, no caso, uma lavagem higiênica.

74. Os túneis tinham um vigia, com a função de impedir a passagem de pessoas e, sobretudo, animais, que poderiam causar acidentes.

75. Peça que gira em torno de um ponto situado fora do seu centro geométrico, podendo transformar um movimento de rotação em movimento reto.

76. Tradicionalmente os operários na França usam calças e paletó de brim azul, uniforme chamado “*bleu de travail*” [azul de trabalho].

NO AMPLO QUARTO de dormir de Croix-de-Maufras, forrado de tecido adamascado vermelho, as duas altas janelas davam para a linha da estrada de ferro, a poucos metros. Bem em frente delas ficava a cama, um velho leito de dossel, do qual se viam os trens passar. Há anos não se tirava um objeto nem se mudava um móvel de lugar.

Séverine havia mandado subirem Jacques – ferido e desacordado – para esse cômodo, enquanto Henri Dauvergne foi deixado num outro do andar térreo, menor. Reservou para si mesma o quarto contíguo ao de Jacques, separados apenas pelo corredor. Em duas horas estavam confortavelmente instalados, pois a casa era mantida em ordem, tendo inclusive roupas de cama e toalhas nos armários. Com um avental por cima do vestido, Séverine se transformou em enfermeira, tendo telegrafado a Roubaud para que simplesmente não a esperasse, pois ficaria ali por alguns dias para cuidar dos feridos, recolhidos na casa.

No dia seguinte o médico achou poder confirmar o bom estado de saúde de Jacques, dizendo inclusive que contava pô-lo de pé em oito dias – um verdadeiro milagre, com apenas algumas lesões internas. Mas recomendou constante atenção e a mais absoluta imobilidade. Assim sendo, tão logo o paciente abriu os olhos, Séverine, que o tratava como criança, suplicou que fosse bem-comportado e obediente. Ainda muito enfraquecido, ele prometeu com um gesto de cabeça. E estava plenamente consciente, reconhecendo o quarto descrito por ela na noite das confissões: o quarto vermelho em que, pouco depois dos dezesseis anos, ela havia cedido às violências do presidente Grandmorin. Era a mesma cama que ele ocupava agora, as janelas pelas quais o magistrado, sem nem erguer a cabeça, via passarem os trens, no súbito sacudir da casa inteira. E à casa Jacques conhecia externamente, tendo-a tantas vezes visto ao passar a bordo da sua locomotiva. Via-a ali, plantada de viés à beira do trilhos, em sua decrepitude e abandono de janelas fechadas, ainda mais lamentável e estranha desde que fora posta à venda, por causa do enorme cartaz que se acrescentava à melancolia do jardim invadido pelo mato. Lembrava-se bem da pesada tristeza que sentia toda vez, o mal-estar com que a casa o afligia, como se estivesse ali para a desgraça da sua existência. Deitado agora naquele quarto, tão sem forças, ele achou compreender, pois só podia ser isto: certamente morreria ali.

Assim que Séverine o viu capaz de entendimento, quis tranquilizá-lo, dizendo a seu ouvido, enquanto ajeitava a coberta:

– Não se preocupe, esvaziei seus bolsos, peguei o relógio.

Ele olhou forçando a vista, num esforço de memória.

– O relógio... Ah! Sei, o relógio!

– Poderia ser revistado. Escondi nas minhas coisas, não se preocupe.

Ele agradeceu com um aperto de mão. Virando o rosto viu em cima da mesa o canivete, que também estava num dos seus bolsos. Só que não era preciso escondê-lo: um canivete como outro qualquer.

No dia seguinte Jacques se sentia melhor e passou a achar que, afinal, não morreria ali. Teve real prazer ao reconhecer a seu lado Cabuche, cheio de cuidados, fazendo ranger o assoalho com seus passos pesados de colosso. Desde o acidente, o quebrador de pedras não se afastava mais de Séverine, tomado também por ardente necessidade de ajudar: deixava de lado o trabalho e vinha, toda manhã, participar dos serviços pesados de limpeza, servindo-a como um cão fiel, com os olhos sempre pregados nela. Dizia ser uma mulher firme, numa aparência frágil. Ficava satisfeito, então, de fazer alguma coisa por ela, que tanto fazia pelos outros. Os dois amantes assim se habituaram à sua presença, se tratavam com intimidade e até se beijavam sem se preocupar quando ele discretamente atravessava o quarto, procurando ao máximo disfarçar seu corpanzil.

Mas Jacques estranhava as frequentes ausências de Séverine. No primeiro dia, seguindo as orientações do médico, ela não mencionou a presença de Henri no andar de baixo, sentindo perfeitamente que seria mais agradável a ele a ideia de absoluta solidão.

– Estamos sozinhos, não é?

– Estamos sim, querido, totalmente... Durma em paz.

Só que ela desaparecia com frequência e, no dia seguinte, ele ouviu no térreo o barulho de passos e cochichos. Mais um dia e ouviu risadas descontraídas que duas vezes jovens e alegres tentavam o tempo todo abafar.

– O que há? Quem é? Não estamos sozinhos?

– Não, querido! Temos outro ferido, que precisei hospedar, no quarto bem abaixo do seu.

– Ah! E quem é?

– Henri, o controlador-chefe.

– Henri... Entendo!

– E hoje de manhã as irmãs dele chegaram. Foi o que você ouviu, elas riem de tudo... Como ele está bem melhor, vão embora hoje mesmo, por causa do pai, que não pode ficar sem elas. Henri fica por mais dois ou três dias, terminando de se recuperar... Imagine que pulou e não quebrou nada, só ficou meio abobalhado, mas já está bem.

Jacques se mantinha calado, olhando-a tão insistentemente que ela acrescentou:

– E sem ele aqui, as pessoas ficariam comentando sobre nós dois... Não estando sozinha com você, meu marido não tem o que dizer, tenho boa justificativa para estar aqui... Entende?

– Entendo, claro.

E até o fim da tarde Jacques ouviu as risadas das jovens Dauvergne, lembrando-se de que já as tinha ouvido em Paris, no andar de baixo do quarto em que Séverine se confessou em seus braços. Depois voltou a paz, chegando até o seu quarto apenas os passinhos leves dela, indo de um doente a outro. A porta de baixo se fechou e a casa caiu em profundo silêncio. Por duas vezes, estando com sede, ele precisou bater no chão com uma cadeira para que ela subisse. Quando reaparecia, vinha sorridente e solícita, explicando todo o trabalho que estava tendo, pois precisava manter compressas de água fria na testa de Henri.

No quarto dia Jacques pôde se levantar e passar duas horas numa poltrona, diante da janela. Debruçando-se um pouco, podia perceber o estreito jardim que a estrada de ferro havia cortado ao meio, fechado por um muro baixo e tomado por roseiras-bravas de flores claras. Lembrou-se da noite em que tinha se esticado para olhar por cima do muro e voltava

agora a ver o terreno amplo, do outro lado da casa, protegido apenas por uma cerca viva, cerca que ele havia atravessado e dado com Flore, sentada junto à pequena estufa que caía aos pedaços, desembaraçando com uma tesoura pedaços de corda que havia pego. Ah! Fora uma noite horrível, devastada pelo pavor daquele mal que o torturava! Com sua figura grande e ágil de guerreira loura, olhos flamejantes e fixados nos seus, Flore não saía mais do seu pensamento, desde que recuperara a memória dos acontecimentos, de forma cada vez mais nítida. De início nem ele nem ninguém mais em volta tocou no assunto do acidente, por prudência. Mas cada detalhe vinha à tona, tudo se reconstruía tão contínua e obsessivamente que naquele momento mesmo, na janela, sua maior distração era procurar traços, tentar ver os que tiveram parte atuante na catástrofe. Por que ela não estava mais no posto de guardacancela, com a bandeirola em punho? Não se atrevia a perguntar e isso agravava o mal-estar que lhe causava aquela casa lúgubre, que parecia povoada de fantasmas.

Numa manhã, porém, em que Cabuche ajudava Séverine, ele acabou se decidindo.

– E Flore, está doente?

O quebrador de pedras, pego de surpresa, não entendeu o gesto da jovem, achando que, pelo contrário, ela lhe dizia que contasse.

– Pobre Flore, ela morreu!

Jacques olhou para eles, abalado, e sentiu-se então obrigado a dizer o que sabia. Os dois, por sua vez, contaram o suicídio da moça, que se jogara na frente do trem, dentro do túnel. Atrasou-se o enterro da mãe até o final do dia e a filha foi levada ao mesmo tempo. Descansavam, uma ao lado da outra, no pequeno cemitério de Doinville, onde se juntaram à primeira a ter ido embora, a caçula, a doce e infeliz Louise, que se fora de maneira tão violenta, toda suja de sangue e lama. Três pobres miseráveis, daquelas que ficam pelo caminho e são esmagadas, desaparecendo como se o vento terrível daqueles trens que passam as carregasse!

– Morta! Deus do céu! – repetiu baixinho Jacques. – Minha pobre tia Phasie e Flore e Louise!

Ouvindo o nome de Louise, Cabuche, que ajudava a empurrar a cama, ergueu instintivamente os olhos na direção de Séverine, perturbado pela lembrança dos sentimentos antigos, projetados na paixão nascente, contra a qual ele não tinha defesa, afetuoso e limitado que era, como bom cachorro que se entrega ao primeiro afago. A jovem, entretanto, sabendo dos seus trágicos amores, se manteve grave, olhando-o apenas com simpatia – o que o deixou muito reconhecido. Como as mãos de ambos se tocaram, nesse momento, enquanto arrumavam os travesseiros, ele ficou confuso e respondeu gaguejando a Jacques, que perguntava:

– Estava sendo acusada de ter provocado o acidente?

– Não, não!... Mas foi culpa dela, entende?

Com frases entrecortadas, também ele contou o que sabia. Nada havia visto, estava dentro da casa quando os cavalos avançaram, levando a carroça para a via. Era este, aliás, o seu pesado remorso, e aqueles senhores da justiça o criticaram sem consideração alguma: não devia ter se afastado dos animais. A terrível desgraça não teria acontecido se tivesse ficado perto deles. A investigação foi concluída apontando simples negligência por parte de Flore, que já se punira de maneira atroz. O caso ficou por isso mesmo e nem mesmo chamaram Misard, que, com seus ares humildes e deferentes, negou qualquer responsabilidade, acusando

a morta: fazia tudo à sua maneira e ele tinha frequentemente que deixar seu posto para abaixar a cancela. A Companhia, aliás, havia reconhecido a perfeita correção das suas ações naquela manhã e, enquanto não se casava de novo, acabava de autorizá-lo a chamar para a cancela uma mulher da região, a sra. Ducloux, uma antiga servente de albergue que vivia de ganhos suspeitos conseguidos nos seus belos dias.

Depois que Cabuche saiu do quarto, pela insistência do olhar, Jacques reteve Séverine. Estava lívido.

– Foi Flore que puxou os cavalos e fechou a linha com as pedras.

Foi a vez de Séverine empalidecer.

– Querido, o que está dizendo? É a febre, precisa voltar para a cama.

– Não, não é nenhum pesadelo... Percebe? Vi tão nitidamente quanto estou vendo você. Segurou os cavalos, impedindo a carroça de andar, com os braços fortes que tinha.

A jovem arriou então na poltrona em frente, sentindo as pernas fraquejarem.

– Meu Deus! É assustador... Monstruoso, não vou mais conseguir dormir.

– Tudo é muito claro! Ela tentou nos matar junto com todo mundo... Há muito tempo era apaixonada por mim e tinha ciúme. Sempre foi estranha, com ideias malucas... Tantas mortes de uma só vez, um monte de gente mergulhada no sangue! Quanta loucura!

Seus olhos tinham se arregalado e um tique nervoso começou a repuxar sua boca. Ele se calou e os dois continuaram a se olhar por um longo minuto. Depois, obrigando-se a sair das visões abomináveis que ambos evocavam, Jacques continuou a meia-voz:

– E ela morreu! É por isso então que a vejo! Desde que recuperei consciência tenho a impressão de que está aqui o tempo todo. Hoje de manhã mesmo me virei, achando vê-la na cabeceira da minha cama... Está morta e, nós, vivos. Vamos torcer para que não se vingue ainda!

Séverine sentiu um calafrio.

– Pare de dizer isso, pare! Vai me deixar louca.

E saiu do quarto. Jacques ouviu-a descer até o outro doente. Ficou na janela, distraído a examinar de novo a linha do trem, a casinha do guarda-cancela com seu poço alto, o posto de serviço, aquele barraco de madeira em que Misard parecia cochilar em sua rotina monótona. Eram coisas que agora o absorviam por horas, como se procurasse resolver um problema que lhe escapava e de cuja solução dependia sua saúde.

A Misard, por exemplo, ele não se cansava de observar, um sujeito fraco, maneiroso, macilento, continuamente abalado por uma tosse ruim e tinha, no entanto, envenenado a mulher, liquidado aquela força da natureza como um verme que rói, teimoso no que quer. Ele há anos provavelmente tinha apenas isso na cabeça, dia e noite, durante suas doze intermináveis horas de serviço. A cada chamada elétrica avisando a chegada de um trem, devia tocar a buzina e depois, passado o comboio e fechada a via, apertar o botão anunciando sua chegada ao posto seguinte, para em seguida apertar outro, liberando a passagem para o posto anterior: movimentos simplesmente mecânicos que tinham acabado se fixando como hábito corporal em sua vida vegetativa. Iltrado e obtuso, nada lia, ficava de mãos abanando, olhos perdidos no vazio, entre as chamadas dos aparelhos. Quase sempre sentado na guarita, não tinha outra distração além de nela fazer a refeição, que procurava prolongar ao máximo. Em seguida

voltava à sua idiotia, de cabeça vazia, sem pensamento nenhum, atormentado apenas pela terrível sonolência e às vezes dormindo de olhos abertos. À noite, se não quisesse sucumbir ao irresistível torpor, precisava se levantar e andar de pernas bambas como um homem bêbado. E foi assim que a disputa com a mulher, o surdo combate pelos mil francos escondidos, que seriam de quem sobrevivesse ao outro, devia ter sido, por meses e meses, a única reflexão naquele cérebro entorpecido de homem solitário. Quando tocava a buzina, quando acionava a sinalização, cuidando como autômato da segurança de tantas vidas, estava pensando no veneno. E enquanto esperava, de braços inertes e olhos vacilantes de sono, era ainda no que estava pensando. Em nada mais: mataria a mulher, procuraria e, no final, seria dele o dinheiro.

E Jacques se espantava constatando que Misard continuava o mesmo. Mata-se então sem abalos e a vida continua. Depois do afã das primeiras buscas, o guarda-cancela voltara à sua fleuma, com a sonsice tranquila do ser frágil, que teme os choques. No final das contas, tinha vencido, mas a mulher triunfava ainda e ele continuava ali, derrotado, voltando para casa sem descobrir um centavo. Somente os olhares inquietos e insatisfeitos no rosto terroso revelavam toda a frustração de quem, continuamente, revia os olhos arregalados da morta, o riso infame nos lábios a repetir: “Procura! Procura!” E ele então procurava, não podia mais dar um minuto de descanso ao cérebro, que trabalhava como nunca. Trabalhava atrás do lugar em que o dinheiro pudesse estar, retomava o exame dos esconderijos possíveis, eliminando os que já haviam sido vasculhados e ardendo de excitação assim que imaginava outra possibilidade, de forma tão irreprimível que largava tudo para ir até lá, sempre em vão. Com o passar do tempo isso se tornara um suplício intolerável, uma tortura vingativa, espécie de insônia cerebral que o mantinha desperto, estupidificado e pensando sem parar, sob o tique-taque do relógio da ideia fixa. Quando acionava a buzina – um toque para os trens que desciam e dois para os que subiam –, estava procurando. Quando atendia aos chamados, quando apertava os botões dos aparelhos, fechando e abrindo a via, estava procurando. O tempo todo procurava, procurava desesperadamente: de dia, durante as longas esperas carregadas de ócio, de noite, atormentado de sono como um exilado no fim do mundo, no silêncio daqueles imensos campos escuros. E a Ducloux, que agora guardava a cancela, levada pela vontade de se casar, se mostrava cheia de cuidados, preocupando-se por ele nunca fechar o olho.

Certa noite, Jacques, que já dava alguns passos no quarto, tendo se levantado e aproximado da janela, viu uma lanterna ir e vir na casa de Misard. Provavelmente era ele procurando. Na noite seguinte, porém, de novo à espreita, teve a surpresa de reconhecer o vulto escuro, de pé lá embaixo, sob a janela do quarto ao lado, onde Séverine dormia. Era Cabuche! Sem que soubesse por quê, isso o encheu de pena e tristeza, em vez de irritá-lo: mais um infeliz, um homem em estado bruto, plantado ali como bicho assustado e fiel. Realmente, Séverine, tão elegante, sem nem ser bonita se analisada em cada detalhe, tinha um encanto tão forte, com seus cabelos cor de tinta e claros olhos de pervinca, que fazia até selvagens, colossos embrutecidos se sentirem carnalmente atraídos, a ponto de passar noites à sua porta como meninos inseguros! Ele reviu algumas imagens, o esforço do quebrador de pedras para ajudar, a maneira servil com que a olhava. Não tinha dúvida, Cabuche estava apaixonado e desejava-a. No dia seguinte observou-o e reparou quando, furtivamente, pegou um grampo de cabelo que caiu do coque da jovem no momento em que ela arrumava a cama e disfarçou-o na mão, sem devolver. Jacques reviu o seu próprio tormento, tudo que sofreu pelo

desejo, tudo que retornava, perturbador e incômodo, com a saúde.

Mais dois dias se passaram, findava a semana e, como havia previsto o médico, os feridos iam poder voltar ao trabalho. Certa manhã, estando na janela, o maquinista viu passar, numa locomotiva nova em folha, seu foguista Pecqueux, que acenou como se o chamasse. Ele porém não tinha pressa alguma, o despertar das paixões o prendia ali, uma espécie de expectativa ansiosa com relação ao que aconteceria. No mesmo dia, voltou a ouvir risos joviais, com a alegria daquelas meninas grandes enchendo a triste moradia com a algazarra de um internato em hora de recreio. Era fácil reconhecer as jovens Dauvergne. Não falou disso com Séverine que, aliás, o dia inteiro pouco foi vê-lo, e nunca por mais de cinco minutos a cada vez. Depois, no final da tarde, a casa caiu num silêncio mortal. Só aí então, com maneiras graves, um tanto pálido, num momento em que ela ficou mais tempo no quarto, ele perguntou, olhando-a firmemente:

– Henri se foi? As irmãs o levaram?

A resposta foi rápida:

– Levaram.

– Estamos então finalmente sozinhos? Totalmente?

– Totalmente... Mas amanhã temos que nos deixar. Volto a Le Havre. Chega de acampar nesse deserto.

Ele continuava a olhá-la, com um sorriso pouco à vontade. Afinal, se decidiu:

– Tem pena de que tenha ido embora, não é?

E como Séverine quis negar, com uma reação de surpresa, ele a interrompeu.

– Não estou procurando brigar, pode perfeitamente ver que não é por ciúme. Você, um dia, me disse que a matasse se fosse infiel e, há de concordar, não pareço alguém disposto a matar... Mas, realmente, não saía mais lá de baixo. Era impossível tê-la comigo um minuto. Acabei me lembrando do que disse o seu marido, que acabaria indo para a cama com esse rapaz, sem prazer, apenas para recomeçar alguma coisa.

Ela tinha parado de querer negar e repetiu duas vezes, lentamente:

– Recomeçar, recomeçar...

Em seguida, num impulso de irresistível franqueza:

– Pois ouça! É verdade... Podemos nos dizer tudo, um ao outro. Muitas coisas nos unem... Há meses ele me perseguia. Sabe que sou sua e achou que não me custaria muito ser dele também. Estando aqui, voltou a falar disso, a dizer o quanto me ama, e agora cheio de gratidão pelos cuidados que dispensei, com tanto carinho e afeição que, é verdade, por um momento pensei na possibilidade de amá-lo também, recomeçar outra coisa, algo melhor e mais tranquilo... Sem prazer, pode ser, mas que me acalmaria...

Ela parou, hesitando antes de continuar.

– Pois para nós, agora, está acabado, não vamos conseguir ir adiante... O sonho de partir, a esperança de sermos ricos e felizes lá longe, na América, toda aquela felicidade que só dependia de você se tornou impossível, já que não pôde... Não é uma crítica, é até melhor que não tenha sido assim. Mas compreenda que de você não posso esperar mais nada: amanhã será como ontem, os mesmos problemas, os mesmos tormentos.

Jacques deixou que falasse e só perguntou ao ver que se calava.

– Por isso foi para a cama com ele?

Séverine tinha caminhado um pouco no quarto e voltou, dando de ombros.

– Não, não fui para a cama com ele. Digo isso com simplicidade e sei que acredita, porque não temos mais motivos para mentir... Não, não consegui, como você não conseguiu aquela outra coisa. Está vendo? Acha estranho que uma mulher não consiga se entregar a um homem, quando ela pensa bem e acha que seria do seu interesse. Nem eu mesma achava isso, nunca me custou muito ser complacente, quero dizer, procurar agradar dessa maneira a meu marido ou a você, vendo que me queriam tanto. No entanto, dessa vez não pude. Ele me beijou as mãos, nem mesmo a boca, juro. Está me esperando em Paris, mais tarde, porque parecia tão infeliz que eu não quis lhe tirar a esperança.

Ela estava certa, Jacques acreditava, via perfeitamente que não mentia. Estava de novo tomado de angústia, a perturbação incômoda do seu desejo aumentava, por imaginar que se encontravam ali sozinhos, longe do mundo, com a chama da paixão renovada. Para escapar disso, exclamou:

– Mas tem mais um, Cabuche!

A observação trouxe-a bruscamente de volta.

– Ah, você notou, sabe disso também... É verdade, mais um. Não sei o que acontece com essa gente toda... Esse então, nunca me disse uma palavra. Mas vejo como reage quando nos beijamos. Quando me ouve tratá-lo com intimidade, fica arrasado pelos cantos. Além disso, me rouba tudo, coisas pessoais, luvas e até lenços, que desaparecem e que ele leva lá para a caverna dele, como se fossem tesouros... Mas não vai imaginar, espero, que eu ceda a um selvagem assim. É grande demais, me assustaria. E ele, diga-se, nada pede... Não, esses brutamontes tímidos morrem de amor sem nada exigir. Posso ficar um mês aos cuidados dele que não encostaria o dedo mindinho em mim, como nunca tocou em Louissette, hoje tenho certeza.

Evocar essa lembrança fez o olhar dos dois se encontrar em silêncio. Coisas do passado surgiram, a convocação à sala do juiz de instrução em Rouen, a primeira viagem a Paris, tão boa, e os encontros em Le Havre, com tudo que se seguiu de bom e de ruim. Ela se aproximou, estava tão perto que ele podia sentir o calor do seu hálito.

– Não, com ele ainda menos do que com o outro. Com ninguém mais, entende? Não poderia... E quer saber por quê? Vou dizer, agora sei e tenho certeza de não me enganar: é por ter me entregado inteira a você. Não há outra forma de dizer: entreguei-me como se entrega alguma coisa nas mãos de alguém para que seja levada, para que esse alguém disponha disso a cada minuto, como de um objeto seu. Antes de você, nunca pertenci a ninguém. Sou sua e continuarei sua, mesmo que você não queira e que nem eu mesma queira... É algo que não posso explicar. Foi como nos encontramos. Com os outros, eu tinha medo, tinha nojo; mas você tornou isso uma coisa maravilhosa, verdadeira dádiva do céu... É só a você que amo e só a você posso amar!

Ela estendeu os braços para estreitá-lo, para encostar a cabeça no seu ombro, a boca nos seus lábios. Ele, porém, conteve-a pelas mãos assustado, apavorado por sentir o antigo mal invadir o seu corpo, com o sangue a latejar na cabeça. Uma campainha parecia soar nos seus ouvidos, marteladas, o mesmo clamor de multidão das piores crises do passado. Já há algum

tempo não podia mais possuí-la à luz do dia ou mesmo de uma vela, com medo de enlouquecer com a visão. E uma lamparina, naquele momento, iluminava bastante bem os dois. Se tremia daquele jeito, começando a se sentir estranho, provavelmente era por ter percebido o colo branco e macio, através da gola desabotoada do penhoar.

Em tom súplice e ardente, ela continuou:

– Nossa existência pode não ter como seguir adiante, pouco importa! Não espero mais novidade alguma de você e mesmo sabendo que o amanhã só vai trazer o mesmo aborrecimento e mesmas amarguras, não tenho escolha, nada me resta senão arrastar minha vida e sofrer junto de você. Vamos voltar a Le Havre e tudo será como tiver que ser, contanto que o tenha assim por uma hora, de vez em quando... Há três noites não durmo, torturada no meu quarto, do outro lado do corredor, pela necessidade de estarmos juntos. Mas você esteve tão mal, parecia tão sombrio que não me atrevi... Mas vamos ficar juntos essa noite. Vai ver como será bom, vou ficar pequenininha para não o incomodar. E é nossa última noite... Estamos no fim do mundo, nessa casa. Ouça, nenhum suspiro, não há alma viva. Ninguém pode vir, estamos sós, tão absolutamente sós que se morrêssemos, um nos braços do outro, ninguém saberia.

No furor do desejo, atizado pelos carinhos e sem ter arma à mão, Jacques sentia que seus dedos a estrangulariam, quando Séverine, por conta própria, seguindo o hábito, se virou e apagou a lamparina. Ele se acalmou e os dois se enlaçaram. Foi uma das mais ardentes noites de amor que tiveram, a melhor, a única em que realmente sentiram seus corpos se confundir, desaparecer um no outro. Atordoados nessa felicidade, esvaziados a ponto de nem mais perceberem seus membros, mesmo assim não dormiram, unidos num abraço. Como na noite das confissões em Paris, no quarto da velha Victoire, ele permanecia calado enquanto ela, com a boca colada a seu ouvido, dizia baixinho coisas sem fim. Quem sabe havia sentido a morte roçar na sua nuca, antes de apagar a lamparina. Até aquele dia tinha sempre estado sorridente, inconsciente do contínuo risco de vida nos braços do amante. Mas um pequeno arrepio frio acabava de percorrer suas costas e era o pavor inexplicável que a colava tão estreitamente àquele peito masculino, pedindo proteção. Sua leve respiração representava o pleno dom da sua pessoa.

– Ah, meu amor! Se tivesse conseguido, como seríamos felizes lá longe!... Não estou pedindo que faça o que não pode fazer, mas lamento tanto o nosso sonho!... Ainda há pouco tive medo. Não sei, tenho a impressão de alguma coisa me ameaçar. É uma criancice, provavelmente: o tempo todo me viro como se alguém estivesse aqui, pronto para me atacar... E tenho somente você, querido, para me defender. Toda minha alegria depende de você, que é minha única razão de viver.

Sem responder ele a abraçou mais forte, pondo nessa pressão o que não dizia – seu carinho, seu sincero desejo de ser bom, o amor apaixonado que ela nunca deixara de lhe inspirar. E ainda naquela noite quisera matá-la, pois se não tivesse apagado a lamparina, com certeza a teria estrangulado. Nunca se curaria, as crises voltavam ao acaso dos momentos, sem que ele sequer pudesse descobrir, discutir as causas. Por que então naquela noite, confirmando-a fiel, totalmente apaixonada e confiante? Quanto mais ela o amava, mais ele queria possuí-la, até a destruição, preso nas trevas assustadoras do egoísmo do macho; seria isso? Tê-la como a terra, morta!

– Por que sinto esse medo, querido? Sabe de alguma coisa que me ameaça?

– Não, fique descansada, nada a ameaça.

– Meu corpo às vezes treme. Sinto atrás de mim um perigo permanente. Não vejo, mas sei que está presente... Por que estou com medo?

– Não tenha medo... Eu te amo e não vou deixar que ninguém te faça mal... Vê como é bom estar como estamos, um dentro do outro!

Houve um silêncio de pura paz.

– Ah, querido! – ela continuou com seu meigo suspirar. – Seriam noites e noites iguais a esta, noites sem fim em que estaríamos assim, sendo um só... Sabe, venderíamos a casa para ir embora com o dinheiro, encontrar o seu amigo na América, que ainda está esperando... Sempre que me deito, à noite, penso na vida que teríamos lá... Todas as noites seriam como esta. Você me tomaria, eu toda sua, e acabaríamos dormindo, um nos braços do outro... Mas você não pode, eu sei. Se insisto não é para chateá-lo, é que escapa do meu coração, sem querer.

Uma decisão brusca, já tomada tantas vezes, se impôs a Jacques: precisava matar Roubaud para não matar Séverine. Dessa vez, como nas anteriores, pareceu uma vontade estabelecida, inabalável.

– Não pude – foi a vez dele murmurar –, mas vou poder. Não prometi?

Ela protestou tibiamente.

– Não prometa, por favor... Ficamos mal, depois, quando a coragem falta... Além disso, é horrível, é melhor não! Não devemos.

– Sim, você sabe que sim. Pelo contrário, devemos. E é por isso que vou encontrar a força necessária... Quero falar disso e vamos falar, já que estamos sozinhos aqui, tranquilos a ponto de nem enxergar a cor das palavras que dizemos.

Com um suspiro ela aceitou, sentindo o coração disparar, a bater pancadas tão fortes que Jacques as sentia contra o próprio peito.

– Deus do céu! Achando que não ia acontecer, era o que eu queria... Mas agora que se torna mais sério, não vou conseguir viver.

Os dois se calaram, houve mais um silêncio, sob a pesada carga daquela decisão. Em volta, tinham o deserto, a desolação daquela região inóspita. Sentiam muito calor, corpos úmidos, abraçados, agarrados um no outro.

Depois, enquanto ele aventurava um carinho, beijando-a no pescoço, abaixo do queixo, foi Séverine que retomou, com um ligeiro murmúrio.

– O melhor seria que ele viesse até aqui... Isso mesmo, eu poderia chamá-lo, dando algum pretexto. Qualquer um. Vemos isso depois... E então, não é? Você estaria esperando, escondido; e tudo correria fácil, pois temos certeza de que ninguém nos atrapalharia aqui... Hein? É o que temos que fazer.

Dócil, enquanto seus lábios desciam do queixo à garganta, ele se limitou a responder:

– Temos.

Pensativa, Séverine sopesava cada detalhe, com o plano se desenvolvendo em sua mente, tratado e aperfeiçoado.

– É claro, querido, seria estupidez não tomar certas precauções. Se for para sermos presos no dia seguinte, é melhor deixar tudo como está... Entende? Já li isso, não me lembro mais onde, num romance, é claro: o melhor é fazer com que pareça um suicídio... Ele anda tão estranho já há algum tempo, tão diferente e sombrio que ninguém vai se surpreender, ao saber, de repente, que veio até aqui para se matar... Só que é preciso encontrar o meio, arrumar tudo de maneira a que a ideia do suicídio apareça normalmente... Não é?

– Sem dúvida.

Ela planejava, sufocando um pouco, pois Jacques pressionava sua garganta a beijá-la toda.

– O que diz? Algo que esconda a pista... Veja só, é uma ideia! Se, por exemplo, ele for ferido no pescoço, só teríamos, os dois, que carregar o corpo e deixar atravessado na via. Percebe? Deixamos o pescoço em cima de um trilho, de forma a que o primeiro trem que passar o decapite. Vão poder procurar depois, com tudo esmigalhado. Não terá mais facada, mais nada!... Não acha que funciona?

– Funciona, muito bem.

Ambos ficaram animados, Séverine estava quase alegre e orgulhosa de ter tanta imaginação. Face a um carinho mais explícito, ela se retraiu.

– Não, agora não. Espere um pouco... Avaliando bem, querido, as coisas ainda não estão bem pensadas. Se ficar aqui comigo, o suicídio vai parecer suspeito. Você precisa ir embora. Entende? Amanhã você se despede, de maneira bem clara, que Cabuche e Misard vejam, para que sua ida fique bem marcada. Vai pegar o trem em Barentin e descer em Rouen, por um pretexto qualquer e, assim que escurecer, você volta e entra pelos fundos da casa. São só quatro léguas, você pode estar aqui em menos de três horas... Agora sim, está tudo certo. É coisa feita, se você quiser.

– Quero. Combinado.

Ele próprio ficou pensando, inerte, parando de beijá-la. Houve mais um silêncio, durante o tempo em que permaneceram assim, sem se mexer, abraçados, como que extenuados pela ação futura, já decidida e certa. Depois, lentamente foi voltando a sensação dos dois corpos e eles mais se estreitaram num aperto sufocante, até ela parar, soltando os braços.

– E o pretexto para que ele venha aqui? Só vai poder pegar o trem das 20h00, depois de cumprir o turno, e não chegará antes das dez: é melhor... Já sei! Por coincidência tem um interessado na casa, foi Misard quem disse, que deve vir daqui a dois dias, pela manhã! Pronto, passo um telegrama quando acordar, dizendo a meu marido ser necessária a presença dele. Estará aqui à noite. E você se despede à tarde, podendo voltar antes que ele chegue. Vai estar escuro, sem lua, nada que atrapalhe... Tudo se ajeita perfeitamente.

– É, perfeitamente.

E dessa vez, transportados até o desfalecimento, eles se amaram. Quando finalmente adormeceram, ainda enlaçados e perdidos no profundo silêncio, não havia luz alguma, o despontar da aurora mal começava a clarear as trevas que os mantinham ocultos um do outro, encobertos por um manto negro. Ele mesmo dormiu até as dez horas, com um sono pesado, sem qualquer sonho; e quando abriu os olhos estava sozinho na cama, Séverine se vestia no outro quarto, separado pelo corredor. Uma tira de claro sol atravessava a janela, incendiando o cortinado vermelho da cama, a forração vermelha das paredes, toda aquela vermelhidão que

fazia arder o cômodo, enquanto a casa tremia com a trovoadade de um trem que acabava de passar. Provavelmente o trem que o havia acordado. Ofuscado ele olhou para o sol e o esplendor vermelho ao redor, em seguida se lembrou: tudo estava decidido, na próxima noite ele mataria, depois que esse grande sol desaparecesse.

As coisas se passaram, naquele dia, como Séverine e Jacques tinham previsto. Antes do almoço ela pediu a Misard que levasse a Doinville o recado para o marido e, por volta das três horas, com a presença de Cabuche, Jacques ostensivamente se despediu. Inclusive, no momento de partir para pegar em Barentin o trem das 16h14, por falta do que fazer o quebrador de pedras o acompanhou, levado pela surda necessidade de aproximação, feliz de encontrar no amante um pouco da mulher desejada. Em Rouen, onde chegou às quatro e quarenta, Jacques se hospedou perto da estação, no albergue de uma conterrânea sua. Disse que tinha colegas a ver no dia seguinte, antes de voltar a Paris e retomar o trabalho. Mas acrescentou estar muito cansado, tendo superestimado suas forças. Dito isso, já às seis horas se retirou para dormir, no quarto que havia pedido no andar térreo, com janela que dava para uma ruela deserta. Dez minutos depois já estava a caminho de Croix-de-Maufras, tendo pulado a tal janela sem ser visto e tomado todo cuidado ao encostar as abas de madeira, de maneira a poder discretamente voltar.

Somente às nove e quinze Jacques se viu diante da casa solitária, plantada de viés à beira da estrada de ferro, na aflição do seu abandono. A noite estava muito escura, sem que o menor raio de luz clareasse a fachada totalmente às sombras. E ele voltou a sentir no coração o choque doído, a pontada de aflita tristeza que era como o pressentimento da desgraça que inevitavelmente se abateria ali. Como combinado, jogou três pedrinhas na janela do quarto vermelho e depois se dirigiu aos fundos da casa onde, silenciosamente, uma porta acabou se abrindo. Fechou-a depois de entrar e seguiu às cegas os passinhos leves que subiam a escada. Lá em cima, porém, à luz do candeeiro grande que ardia num canto de mesa, notando a cama desfeita, as roupas de Séverine jogadas de qualquer jeito em cima de uma cadeira e ela mesma de camisola, pernas nuas, a densa cabeleira preparada para a noite, presa bem no alto e deixando o pescoço livre, ele parou surpreso.

– Como? Já estava deitada?

– Exatamente, é bem melhor assim... Foi uma ideia que tive. Não vê? Quando ele chegar e eu descer para abrir como agora, vai desconfiar ainda menos. Vou dizer que tive uma enxaqueca. Misard já foi informado de que não estou bem. Isso vai me ajudar a dizer que não saí desse quarto quando o encontrarem amanhã de manhã lá embaixo, nos trilhos.

Mas Jacques, muito nervoso, disse brusco:

– Não, não pode, vista-se... Precisa estar de pé. Não pode ficar assim.

Ela sorriu, espantada.

– Mas por que, meu bem? Não se preocupe que não vou me resfriar... Veja só como estou quente!

Com um gesto de carinho ela se aproximou para enlaçá-lo pelo pescoço com os braços nus, erguendo a garganta roliça que escapava da camisola caída num dos ombros. Mas como ele recuou com visível irritação, ela procurou ser conciliadora:

– Não se zangue, volto para a cama. Assim não fica achando que vou adoecer.

Com ela deitada e coberta até o queixo, Jacques, de fato, pareceu se acalmar um pouco. Séverine, aliás, continuava a falar com tranquilidade, explicando como havia organizado as coisas.

– Assim que ele bater à porta, desço para abrir. Primeiro achei melhor deixá-lo subir até aqui, onde você o esperaria. Mas descer o corpo só complicaria e, além disso, o piso do quarto é de madeira, enquanto a entrada lá embaixo é lajeada, o que facilitará a limpeza, se houver manchas... Inclusive, me despindo ainda há pouco, lembrei de um romance que li, em que o autor contava que um homem que se preparava para matar outro se pôs completamente nu. Percebe? Depois é só se lavar, sem nem um pinga de sangue nas roupas... O que diz? Por que não se despe também, por que não ficamos nus?

Ele olhou para Séverine assustado, mas o que viu foi apenas a sua expressão meiga, olhos límpidos de menina, simplesmente preocupada com a boa execução do que fazia, para que as coisas dessem certo. Tudo isso se passava em sua cabeça. Mas a imagem evocada dos dois nus e sob os respingos do assassinato trouxe de volta o abominável arrepio que parecia penetrar até os ossos.

– Não, de jeito nenhum!... Como selvagens? Vai querer depois comer o coração dele? Odeia-o tanto assim?

A expressão de Séverine ficou bruscamente sombria. A pergunta tirava-a daqueles planos que eram como os de uma boa dona de casa e trazia de volta todo o horror do ato. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Sofri demais nos últimos meses e não tenho mais como amar meu marido. Cem vezes disse a mim mesma: qualquer coisa, mas não posso estar com esse homem nem mais uma semana. Mas, é verdade, você tem razão, é horrível chegar a esse ponto, precisamos sobretudo ter vontade de ser felizes juntos... Vamos então descer sem luz. Fique atrás da porta e quando eu abrir e ele entrar, você faz como achar melhor... Procuro participar somente por apoio, para que não se sinta fazendo tudo sozinho. Preparo da melhor maneira que sou capaz.

Ele parou diante da mesa ao ver o canivete, o mesmo que o próprio marido já havia utilizado e que fora deixado ali em evidência para que ele, por sua vez, utilizasse. Totalmente aberto, a lâmina brilhava à luz do candeeiro. Ele pegou-o, examinou. Séverine se calou, olhando. Não precisava falar da arma, uma vez que já estava nas suas mãos. Só continuou depois que Jacques voltou a deixá-la na mesa.

– Lembre-se, querido, não estou forçando nada. Ainda está em tempo, pode simplesmente ir embora, se preferir.

Ele, no entanto, com um gesto violento teimou:

– Acha que sou covarde? Dessa vez farei, prometi!

A casa foi sacudida naquele momento pelo estrondo de um trem que passava como um raio, tão perto do quarto que parecia atravessá-lo com seu tumulto. Jacques acrescentou:

– É o trem, o direto de Paris. Roubaud desceu em Barentin, vai estar aqui em meia hora.

E nenhum dos dois falou mais, deixando reinar profundo silêncio. Imaginaram o homem andando pelos estreitos caminhos, na noite escura. Jacques automaticamente se pôs também a andar no quarto, como se contasse os passos do outro, que a cada passada se aproximava mais. Mais um, mais outro e, no último, ele estaria de emboscada atrás da porta de entrada,

para plantar no pescoço dele o canivete, assim que a atravessasse. Séverine, com o lençol ainda puxado até o queixo, deitada de costas, acompanhava aquele ir e vir com seus olhos grandes e fixos, embalada pela cadência dos passos, que chegavam a seus ouvidos como um eco das passadas distantes do marido que se aproximava. Um atrás do outro, atrás do outro, nada os deteria mais. Quando as passadas fossem suficientes ela sairia da cama, desceria para abrir, descalça, sem luz. “Chegou, meu amigo? Entre, já estava deitada.” E ele nem responderia, caindo no escuro, com a garganta aberta.

Mais um trem passou, agora na via contrária, o trem parador que passava por Croix-de-Maufrais cinco minutos depois do direto. Jacques tinha parado, surpreso. Cinco minutos somente! Como seria demorado esperar meia hora! Voltou a necessidade de se mexer e ele retomou a caminhada de um lado para outro do quarto. Já se questionava, tenso, como homens que se sentem abalados na própria virilidade por ocorrências de fundo nervoso: seria capaz? Por experiência própria conhecia perfeitamente a progressão do fenômeno, já tendo passado por ele mais de dez vezes: primeiro a certeza, a inabalável intenção de matar; depois uma pressão no peito, com os pés e as mãos ficando mais frios; em seguida o baque súbito, a incapacidade da vontade para agir sobre os músculos inertes. Querendo se estimular racionalmente, repetiu o que tantas vezes já dissera a si mesmo: a vantagem que representava para ele suprimir aquele homem, a fortuna que o esperava na América, a posse da mulher amada. O pior era que, pouco antes, vendo esta última semidespida, achou que sua intenção mais uma vez fraquejaria, pois perdia todo autocontrole assim que ressurgia aquele antigo arrepio. Por um momento havia hesitado diante da tentação fortíssima, com ela a se oferecer e aquele canivete aberto, bem ao lado. Mas agora já se sentia firme, concentrado no esforço. Conseguiria. Continuou então esperando o homem a percorrer o quarto da porta à janela, passando a cada vez bem perto da cama que não queria ver.

Deitada onde tinham se amado por horas ardentes na noite anterior, Séverine continuava imóvel. Com a cabeça pregada no travesseiro, seguia com o olhar e também ansiosa o vaivém, temendo que Jacques, uma vez mais, não conseguisse. Terminar, recomeçar, era tudo que queria do fundo de sua inconsciência de mulher amorosa, dedicada ao homem, totalmente entregue àquele que a tinha, sem o menor sentimento pelo outro a quem jamais desejara. Livrar-se-iam dele, já que atrapalhava; nada mais natural. E era preciso que pensasse para se dar conta da abominação do crime. Assim que a imagem de sangue e das terríveis complicações voltava a se afastar, ela recuperava a sorridente calma, com sua expressão de inocência meiga e dócil. Entretanto se espantava, mesmo achando conhecer bem Jacques. Tinha o mesmo rosto bonito, de cabelos cacheados e bigodes bem escuros, olhos castanhos com fulgores dourados, mas o maxilar inferior estava tão proeminente, de forma tão provocadora que o desfigurava. Na última passagem junto à cama, parecendo ter sido involuntário, havia olhado para ela e o brilho dos olhos imediatamente se embaçou, como se um véu os descolorisse. Ao mesmo tempo se contraía, num recuo do corpo inteiro. Por que a evitava daquele jeito? Será que a coragem, outra vez, o abandonava? Desconhecendo o permanente perigo que corria ao lado de Jacques, há algum tempo ela explicava o medo que sentia – sem motivos e instintivo – pelo pressentimento de uma ruptura próxima. Repentinamente teve a convicção de que, logo mais, se ele não conseguisse matar, fugiria para nunca mais voltar. Resolveu então acreditar que mataria e ela lhe daria força para tanto, caso necessário. Outro trem passou nesse momento, um interminável trem de carga, com uma cauda

de vagões que parecia desfilar há uma eternidade no silêncio pesado do quarto. Apoiando-se num cotovelo, ela esperou que se perdesse longe aquele terremoto furioso, no fundo dos campos adormecidos.

– Quinze minutos ainda – disse Jacques em voz alta. – Já passou pelo bosque de Bécourt, está na metade do caminho. Como tudo é demorado!

Mas voltando na direção da janela encontrou, de pé diante da cama, Séverine de camisola.

– Podemos descer com o candeeiro – ela disse. – Você veria o lugar, tomaria posição, posso mostrar como vou abrir a porta e vai saber qual movimento terá que fazer.

Trêmulo, ele recuou.

– Não, não! Sem luz!

– Em seguida a escondemos. Você precisa ir ver.

– Não, não preciso! Volte para a cama!

Ela não obedeceu e, pelo contrário, com o sorriso irresistível e despótico de mulher que sabe ter a seu favor a força do desejo, avançou na direção de Jacques, que cederia quando ela o abraçasse e a seguiria no que dissesse. E continuou a falar com voz carinhosa, para dobrá-lo.

– O que há com você, querido? Parece ter medo de mim. Minha impressão é de que me evita assim que me aproximo. Se soubesse o quanto nesse momento preciso do seu apoio, sentir que está comigo, que estamos juntos nisso, juntos para sempre, entende?

Ele acabou encurralado contra a mesa, sem poder mais escapar e na viva claridade do candeeiro viu-a como nunca antes, a camisola aberta, os cabelos presos bem alto, tudo a nu, o pescoço nu, os seios nus. Ele resfolegava em luta, já transportado, atordoado pelo fluxo do sangue, à mercê do terrível arrepio. E lembrou-se de que o canivete estava ali, bem atrás, em cima da mesa. Podia senti-lo, bastava estender a mão.

Com um esforço enorme, conseguiu ainda balbuciar:

– Volte para a cama, por favor.

Mas ela não se enganava: era o enorme desejo de possuí-la que o fazia tremer daquele modo. Sentiu-se cheia de si. Por que obedecer se queria ser amada, naquela noite, tanto quanto ele a pudesse amar, até enlouquecer? Com doce suavidade, aproximou-se mais e mais, estava em cima dele.

– Me beije... com toda a força do seu amor. Vai nos dar mais coragem... E vamos precisar de coragem! É preciso se amar diferente de todo mundo, mais do que todo mundo, para fazer o que vamos fazer... Me beije com todo coração, do fundo da alma.

Ele mal respirava, sufocado. Um clamor de multidão em sua cabeça o impedia de ouvir e pontadas ardentes, atrás das orelhas, pareciam perfurar seu cérebro, chegar aos braços, às pernas, expulsando-o do próprio corpo, sob o tropel do outro, a besta invasora. Suas mãos deixariam de lhe pertencer, na violentíssima embriaguez daquela nudez de mulher. Os seios nus se esmagavam contra as suas roupas, o pescoço nu se expunha, branco e delicado, como irresistível tentação. E o cheiro quente e áspero, soberano, acabava de lançá-lo em furiosa vertigem, numa oscilação interminável em que naufragava a sua vontade arrancada fora, aniquilada.

– Um beijo, querido, enquanto temos um minuto... Ele vai chegar, você sabe. Agora, se

tiver andado rápido, a qualquer segundo podemos ouvi-lo bater... Já que não quer descer logo, lembre-se: eu abro, você vai estar atrás da porta e não espere, de imediato, ah! bem rápido, para acabar com isso. Amo-o tanto, vamos ser tão felizes! Ele é um homem ruim que me fez sofrer e é o único obstáculo à nossa felicidade... Me beije! Forte, bem forte! Me beije como se me devorasse, para que nada reste de mim além de você!

Sem se virar, com a mão direita procurando atrás, Jacques havia pegado o canivete. Por um momento ele ficou assim, somente a segurá-lo firme na mão. Seria a sede que tinha voltado, de vingança daquelas ofensas antiquíssimas, das quais não tinha mais a lembrança exata, o rancor trasvasado de macho em macho desde a primeira traição feminina no fundo das cavernas? Seus olhos loucos estavam pregados em Séverine, precisava apenas jogá-la morta de costas, como a presa conquistada dos adversários. A porta de pavor se escancarava diante do negro abismo do sexo, amar até na morte, destruir para melhor possuir.

– Me beije, me beije...

Ela inclinava para trás o rosto entregue, com suplicante ternura, expondo o pescoço descoberto na junção voluptuosa do colo. E ele, vendo aquela pele branca, como numa explosão incendiária, ergueu a mão que segurava o canivete aberto. Mas ela percebeu o brilho da lâmina, recuou num ímpeto, num misto de surpresa e terror.

– Jacques, Jacques... A mim, santo Deus! Por quê? Por quê?

Com os maxilares cerrados, ele nada respondeu, apenas a perseguiu. Uma curta luta levou-a de volta para perto da cama. Ela recuava enlouquecida, sem defesa, arrancada a camisola.

– Por quê? Deus do céu! Por quê?

E ele deixou cair o punho, o aço trucidou a pergunta na garganta. Desferindo o golpe, ele revirou a arma, por uma louca necessidade da mão que se satisfazia: era o mesmo golpe aplicado no presidente Grandmorin, no mesmo ponto do corpo, com a mesma raiva. Ela gritou? Jacques nunca soube. Naquele exato segundo passava o expresso de Paris, tão violento e rápido que o piso da casa tremeu. E ela estava morta, como fulminada nessa tempestade.

Imóvel, Jacques olhou-a estendida a seus pés, à frente da cama. O trem se perdia ao longe e ele apenas a olhava, no pesado silêncio do quarto vermelho. No meio daquela forração vermelha de parede, daquelas cortinas vermelhas, no chão ela sangrava muito, num jorro vermelho que escorria entre os seios, se espalhava na barriga e seguia até uma das coxas, de onde caía em pesadas gotas no piso. A camisola rasgada estava encharcada. Nunca ele imaginaria que pudesse haver tanto sangue, e o que se registrava na sua mente assombrada era a horrível máscara de terror que cobria, na morte, aquele rosto tão bonito e suave de mulher dócil. Os cabelos negros tinham se arrepiado e formavam um estranho manto de pavor, escuro como a noite. Os olhos de pervinca, saltados, continuavam a perguntar, desvairados, terrificados pelo mistério. Por que, por que assassiná-la? E ela acabava de ser triturada, arrastada na fatalidade do crime, uma inconsciente que a vida havia rolado da lama para o sangue, meiga e inocente, mesmo assim, sem jamais ter entendido o porquê.

Jacques, no entanto, se espantou. Ouviu um fungar feroz, um grunhir de javali, um rugir de leão e se tranquilizou: era ele que respirava ruidosamente. Enfim! Enfim! Satisfizera-se, havia matado! Exatamente, ele é que havia feito aquilo. Uma alegria desenfreada, um prazer enorme o sacudia na plena satisfação do eterno desejo. A constatação causava um orgulho surpreso, um engrandecimento da soberania masculina. Havia matado a mulher, possuía-a como há tanto

tempo desejava possuir, inteira, até a aniquilação. Não existia mais, não pertenceria a mais ninguém. E uma lembrança aguda voltou, a do outro assassinado, o cadáver do presidente Grandmorin que ele havia visto na noite terrível, a quinhentos metros dali. Esse corpo delicado e tão branco, riscado de vermelho, era o mesmo trapo humano, fantoche quebrado, pano molengo em que uma simples facada transforma uma criatura. Exatamente, isso mesmo. Tinha matado e havia aquilo ali no chão. Como o outro, também ela se contorcera, mas para trás, de pernas abertas, o braço esquerdo dobrado sob as costelas, o direito torcido, meio desencaixado do ombro. Não tinha sido naquela noite que, com o coração batendo aos saltos, havia jurado também ousar, num frenesi de assassinato que se propagava como a concupiscência, diante do espetáculo do homem degolado? Ah! Não ser covarde, se satisfazer, cravar a faca! Obscuramente aquilo havia germinado, crescido no seu interior. Não se passava uma hora, há um ano, que não tivesse se encaminhado para o inevitável. Mesmo agarrado àquela mulher, recebendo seus beijos, o surdo trabalho se fazia. E os dois assassinatos se juntavam. Não era um a consequência lógica do outro?

Um estrondo de desabamento junto com um abalo do assoalho tiraram Jacques da contemplação aparvalhada diante da morta. Voavam as portas aos pedaços? Gente que chegava para prendê-lo? Olhou e em volta viu apenas surda e muda solidão. É verdade, mais um trem! E aquele homem que bateria lá embaixo e que ele queria matar! Esquecera-se completamente. De nada se arrependia e parecia imbecilizado. Como? O que havia acontecido? A mulher amada e que o amava apaixonadamente jazia no assoalho de garganta aberta, enquanto o marido, o obstáculo para a felicidade, vivia ainda, continuava a avançar passo a passo no escuro. Aquele homem a quem não havia conseguido abater e que apenas os escrúpulos da sua educação e as ideias de humanismo lentamente adquiridas e transmitidas há meses poupavam. E agora, a despeito do próprio interesse, arrebatado pela hereditariedade da violência, pela necessidade que, nas florestas primitivas, lançava besta sobre besta. Quem mata de forma racional? Mata-se apenas por impulso do sangue e dos nervos, vestígio das antigas lutas, por necessidade de viver e pela alegria da força. Sentia agora apenas uma lassitude saciada, esforçava-se, procurava entender sem nada encontrar, no fundo mesmo da paixão satisfeita, espanto e amarga tristeza do irreparável. Ver a infeliz, que continuava a olhá-lo com a mesma interrogação aterrorizada, se tornou atroz. Quis desviar os olhos e teve a brusca sensação de que outra figura branca se erguia ao pé da cama. Seria um desdobramento da morta? Reconheceu Flore – que já havia aparecido, durante a febre, depois do acidente. Sem dúvida triunfava, finalmente vingada. O pavor o deixou gelado, perguntando-se o que fazia permanecendo tanto tempo naquele quarto. Havia matado, estava satisfeito, farto, bêbado com o terrível vinho do crime. Tropeçou no canivete aberto que havia ficado no chão e fugiu, desceu aos trambolhões a escada, abriu a porta principal da entrada como se a menor não fosse suficientemente larga e se lançou lá fora, na noite escura como breu, onde o seu galope furioso se perdeu. Não olhou para trás, para a casa capenga, plantada de viés à beira da linha, deixada escancarada e desolada em seu abandono mortal.

Naquela noite, como nas demais, Cabuche atravessara a cerca viva do terreno, rondando sob a janela de Séverine. Sabia que Roubaud devia vir, não estranhou então a claridade que passava pela fenda de uma aba de madeira da janela. Mas aquele homem correndo porta afora, num galope desvairado até desaparecer nos campos deixou-o paralisado de surpresa. E já não havia mais tempo para ir atrás do fugitivo. Entorpecido, inquieto, o quebrador de pedras

permaneceu hesitante junto à porta escancarada, aberta para o grande buraco negro do hall de entrada. O que estava havendo? Devia entrar? O pesado silêncio, a imobilidade absoluta e a lamparina ainda a queimar lá em cima oprimiam seu coração com crescente angústia.

Afinal se decidiu e subiu às apalpadelas. Diante da porta do quarto, também aberta, ele parou de novo. Na claridade tranquila, teve a impressão de ver, distante, um monte de saias, junto à cama. Era provável que Séverine tivesse se despido. Com cuidado ele chamou, confuso, sentindo todas suas veias latejarem forte. Em seguida notou o sangue e compreendeu, acorrendo com um grito medonho, que saía do seu coração destroçado. Meu Deus! Era ela, assassinada, deixada ali em lamentável nudez. Achou ouvir ainda um estertor e estava tão desesperado, com tão dolorosa vergonha por vê-la agonizar nua, que a tomou nos braços por um impulso fraternal, ergueu-a e colocou na cama, da qual puxou o lençol para poder cobri-la. Nesse abraço, entretanto, único contato físico de carinho que tiveram, ele se cobriu de sangue as mãos, o peito. Escorria nele o sangue da morta e, nesse minuto, Cabuche viu que Roubaud e Misard tinham chegado.

Acabavam também de subir, ao se depararem com todas as portas abertas. O marido se atrasara um pouco por ter parado para trocar ideias com o guarda-cancela, que afinal o acompanhou para continuar o que diziam. Pasmos, olhavam para Cabuche, com mãos sangrentas de açougueiro.

– O mesmo corte que matou o presidente – acabou dizendo Misard, olhando melhor o ferimento.

Roubaud concordou com a cabeça, sem responder, sem poder tirar os olhos de Séverine, da expressão de incrível terror, com os cabelos negros eriçados na testa, os olhos azuis exageradamente abertos a perguntarem o porquê.

TRÊS MESES DEPOIS, numa agradável noite de junho, Jacques conduzia o expresso de Le Havre que havia deixado Paris às seis e meia. A nova locomotiva, a 608,⁷⁷ novinha em folha, chegara virgem às suas mãos, como o maquinista gostava de dizer, mas ele começava já a conhecê-la bem. Não era uma máquina fácil e sim um tanto rebelde, extravagante, como aquelas éguas novas que precisam ser domadas pelo cansaço até aceitarem os arreios. Ele frequentemente praguejava irritado, lamentando a Lison. Tinha que ser vigiada o tempo todo, nunca se podia afastar as mãos do volante de mudança de marcha. Naquela noite, porém, o céu estava tão suave e ameno que o deixou mais tolerante e ela pôde galopar mais solta, com ele próprio contente de respirar livremente. Nunca se sentira tão bem, sem remorsos, descontraído, em grande e satisfeita paz interior.

E ele que não era de falar durante os percursos brincou com Pecqueux, com quem voltara a fazer dupla.

– O que há? Está de olho arregalado como alguém que só bebesse água.

E de fato, contrariando seus hábitos, Pecqueux parecia não ter bebido e se mostrava bem sombrio, respondendo com uma voz dura:

– É preciso estar de olhos bem abertos para se enxergar longe.

Desconfiado, Jacques olhou para ele, como quem não tem a consciência tranquila. Na semana anterior ele se deixara levar pelos encantos da amante do colega, a terrível Philomène, que há tanto tempo se oferecia, a se esfregar nele como uma gata carente. E não houve naquilo, nem por um minuto, a mínima intenção sensual. Ele cedera principalmente pela vontade de se testar: estaria definitivamente curado depois de satisfazer aquela sua infame necessidade? Poderia possuir Philomène sem plantar-lhe uma faca na garganta? Por duas vezes tinham tido relações e nada, mal-estar nenhum, nenhum arrepio. Toda aquela alegria que demonstrava, sua aparência tranquila e risonha, certamente vinham, mesmo contra a vontade, da felicidade de ter passado a ser um homem como outro qualquer.

E quando Pecqueux abriu a fornalha para enchê-la com mais carvão, ele o impediu.

– Não, não force muito, ela está bem.

O foguista resmungou de má vontade:

– Sei! Boa tratante que é, ótimo! Monte de ferragem!... Quando me lembro que reclamávamos da outra, da velha, que era tão obediente!... Essa desavergonhada não vale nem um pontapé no traseiro.

Sem ter por que se zangar, Jacques evitou responder, mas sentia perfeitamente que o antigo *ménage à trois* não se sustentava mais, pois a boa amizade entre ele, o colega e a locomotiva tinha acabado com a morte da Lison. Agora brigavam por qualquer coisa, por um parafuso apertado demais, por uma pá de carvão atirada de través. E Jacques prometia a si mesmo tomar todo cuidado nos encontros com Philomène, para não chegar a uma guerra declarada entre ele e o foguista, no reduzido chão movediço em que trabalhavam. Por todo aquele tempo

em que Pecqueux, grato de não ser chamado à atenção quando cochilava e poder ainda dar cabo dos lanches do maquinista, tinha se tornado um cão fiel, dedicado a ponto de matar, ambos tinham convivido fraternalmente, calados diante do perigo cotidiano, sem precisar de palavras para se entender. Mas o ambiente ficaria um inferno se entrassem em desacordo, vivendo lado a lado, sacudidos juntos, mas se detestando. A Companhia, justamente, tivera que separar na semana anterior o maquinista e o foguista do expresso de Cherburgo, em guerra por causa de mulher: o primeiro maltratava o segundo, que não lhe obedecia mais – agressões, verdadeiras batalhas sobre trilhos, ignorando completamente o comboio de passageiros conduzido atrás, a toda velocidade.

Por duas vezes Pecqueux voltou a abrir a fornalha e a jogar carvão, em franca desobediência, provavelmente querendo discussão. Jacques fingiu não ver, como se estivesse concentrado no que fazia, mas tomando a precaução de girar o volante da injeção para diminuir a pressão. O tempo estava tão suave, o vento fresco tão agradável, entrando pela janela naquela noite quente do mês de julho... Às onze e cinco, quando o expresso chegou a Le Havre, os dois ferroviários fizeram a limpeza da locomotiva dando a impressão de estar em bom acordo, como antigamente.

No momento, porém, em que deixavam o depósito para ir dormir na rua François-Mazeline, alguém os chamou.

– Que pressa é essa? Entrem um minuto!

Era Philomène que, na porta da casa do irmão, parecia esperar a chegada de Jacques. Não deixou de fazer um gesto de patente contrariedade ao perceber também Pecqueux e só se decidiu a chamar os dois pelo prazer de pelo menos conversar com o novo namorado, mesmo tendo que aguentar a presença do antigo.

– Vê se não amola! Estamos cansados e você só nos enche a paciência – reclamou Pecqueux.

– Quanta gentileza! – devolveu Philomène, ainda alegre. – O sr. Jacques, no entanto, não é como você e pode muito bem aceitar uma bebida... Não aceita, sr. Jacques?

O maquinista ia recusar, por prudência, mas o foguista bruscamente tomou a dianteira e aceitou, na expectativa de observá-los, tentando tirar a limpo a dúvida que tinha. Sentaram-se todos à mesa da cozinha, onde Philomène colocou copos e uma garrafa de aguardente, dizendo em voz baixa:

– Vamos tentar não fazer barulho que meu irmão está dormindo lá em cima e não gosta que eu receba gente.

Em seguida, servindo a bebida, ela de repente acrescentou:

– Aliás, a velha Lebleu bateu as botas hoje de manhã... Eu tinha dito: a mudança para os fundos, que é uma verdadeira prisão, ia matá-la. E até que durou quatro meses, arrasada de só ver o zinco da cobertura... E o que deve ter acabado com ela, assim que ficou impossível se levantar da poltrona, foi não poder mais espionar a srta. Guichon e o sr. Dabadie, o que já era um hábito. Podem acreditar, foi a raiva de nunca ter conseguido provar qualquer coisa entre os dois, morreu disso.

Philomène parou, tomou um gole de aguardente e acrescentou, rindo:

– Não é impossível que durmam juntos. Só que são bem espertos! Ninguém sabe, ninguém

viu, azar o dela!... Mas acho que a coitada da sra. Moulin os viu uma noite. Mas não há perigo de que diga alguma coisa, é burra demais. E aliás, o marido, o subchefe...

E de novo parou, exclamando:

– Ei! É semana que vem o julgamento, em Rouen, do caso dos Roubaud.

Até então Jacques e Pecqueux tinham ouvido sem nada dizer. O foguista estranhava, vendo-a tão falante. Nunca, quando estavam sozinhos, ela se esforçava tanto para manter conversa. Não despregava então os olhos da mulher, com o ciúme crescendo pouco a pouco, achando que estava animada demais pela presença do outro.

– Estou sabendo – respondeu o maquinista, mantendo ares de perfeita tranquilidade. – Recebi a intimação.

Philomène se aproximou mais, contente de roçar nele o cotovelo.

– Também fui chamada como testemunha... Ai, sr. Jacques! Quando me interrogaram sobre os dois, pois, como pode imaginar, quiseram saber sobre as suas relações com a pobre vítima; então, quando me interrogaram eu disse ao juiz: “Excelência, ele a adorava, é impossível que lhe fizesse qualquer mal!” Não é mesmo? Eu os via juntos, estava em boa posição para falar disso.

– É verdade! – disse o rapaz com um gesto de indiferença. – Nem me preocupei com isso. Tinha como prestar conta de cada hora do dia... Se a Companhia me manteve foi inclusive por nada ter a me censurar.

Um silêncio se fez e os três beberam lentamente.

– Isso dá calafrios – retomou Philomène. – Aquele animal feroz, o tal Cabuche, que prenderam ainda todo sujo de sangue da pobre senhora! Há homens realmente idiotas! Matar uma mulher por querê-la, como se adiantasse alguma coisa, com ela morta!... E o que nunca na vida vou esquecer é a cena de quando o sr. Cauche, lá na plataforma, foi prender também o sr. Roubaud. Eu estava lá. Tinham se passado oito dias somente quando o subchefe – o enterro da mulher fora na véspera – retomou o serviço com ar tranquilo. O sr. Cauche deu um tapinha no ombro dele, dizendo ter ordem para levá-lo preso. Imaginem só! Eles que nunca se deixavam, jogavam juntos a noite inteira! Mas, antes de tudo, é comissário, não é? Tem que levar até o pai e a mãe à guilhotina, se for o caso, faz parte da profissão. E ele está pouco ligando, o sr. Cauche! Ainda há pouco estava no Café do Commerce, distribuindo as cartas, tão preocupado com o amigo quanto com o rei da Cochinchina!

Irritado, Pecqueux deu um murro na mesa.

– Caramba! Se estivesse no lugar daquele corno!... Você já dormia com a mulher dele. Chega um outro e a esfaqueia. E ele é que vai a julgamento... Fosse eu, ia estourar de raiva!

– Grande bobão! – exclamou Philomène. – Pois se justamente o acusam de ter levado o outro a livrá-lo da mulher, isso mesmo, por histórias de dinheiro, sei lá! Parece que encontraram na casa de Cabuche o relógio do presidente Grandmorin: lembrem-se, aquele que assassinaram no vagão, há dezoito meses. Juntaram uma imundice à outra, todo um enredo, verdadeiro lamaçal. Não sei explicar como, mas está no jornal, em pelo menos duas colunas.

Distraído, Jacques parecia nem ouvir, mas murmurou:

– Para que quebrar a cabeça? A gente não tem nada com isso. Se a justiça não sabe o que faz, não somos nós que vamos saber.

E acrescentou, de olhos perdidos ao longe, subitamente pálido:

– Em todo caso, há aquela pobre mulher... Ai, coitada, pobre mulher!

– Se fosse comigo – concluiu Pecqueux com violência –, eu que tenho mulher, se alguém se metesse com ela, para início de conversa eu estrangulava os dois. Depois podiam até me cortar o pescoço, isso nem me importaria.

Outro silêncio. Philomène, que enchia pela segunda vez os copinhos, fingiu dar de ombros com um riso. No fundo, porém, estava confusa e o observou de viés. Ele andava desleixado, sujo e com as roupas maltratadas, desde que a velha Victoire tivera que deixar o trabalho nos banheiros da estação e ser internada num hospital, após a fratura que a paralisou. Não estava mais ali, tolerante e maternal, passando-lhe umas moedas e fazendo remendos para que a outra, aquela de Le Havre, não a acusasse de descuidar do homem que tinham em comum. E Philomène, atraída pelas boas e asseadas maneiras de Jacques, começava a ter certo nojo.

– É a mulher de Paris que estrangularia? – perguntou então para provocar.

– Não corre esse risco, ninguém vai querer.

– Ela ou outra! – resmungou o fogueiro.

Mas Philomène já erguia o copinho, debochada.

– À sua saúde! E traga a sua roupa para que eu mande lavar e remendar, pois, realmente, causa vergonha a nós duas... À sua saúde, seu Jacques!

Como se saísse de um devaneio, Jacques estremeceu. Em sua completa falta de remorsos, no alívio e bem-estar físico em que vivia desde o assassinato, às vezes se comovia com a lembrança de Séverine, que arrancava então uma lágrima do homem sensível que havia nele. Ergueu o próprio copo, para disfarçar a emoção.

– Sabem que vamos entrar em guerra?

– Não! – espantou-se Philomène. – Com quem?

– Com os prussianos, ora! Por causa de um príncipe deles que quer ser rei da Espanha.⁷⁸ Ontem, na Câmara, não se falou de outra coisa.

Ela ficou desolada.

– Era só o que faltava! Como se já não bastasse nos encher com eleições, plebiscito e tumultos em Paris!... Se houver guerra, vão levar os homens todos?

– Nós mesmos escapamos disso, não podem desorganizar a estrada de ferro... Mas como vão nos sobrecarregar com o transporte de tropas e mantimentos! Enfim, se for mesmo o caso, teremos que cumprir o dever.

Dizendo isso, levantou-se, pois Philomène havia passado uma perna por baixo das dele e Pecqueux parecia ter notado, com o rosto vermelho e já fechando os punhos.

– Vamos nos deitar, já é tarde.

– Melhor assim – conseguiu dizer o fogueiro, mas segurando o braço de Philomène como se fosse quebrá-lo.

Ela conteve o grito de dor e ainda conseguiu cochichar para o maquinista, enquanto o outro esvaziava o seu copo com raiva:

– Tome cuidado, ele pode ser bem violento quando bebe.

Mas ouviu passos arrastados que desciam a escada e se assustou.

– É o meu irmão! Saiam depressa!

Os dois colegas não tinham se afastado nem vinte passos da casa quando ouviram bofetadas e gritos. Ela recebia um castigo brutal, como uma criança que tivesse sido pega com o nariz num pote de geleia. O maquinista parou, disposto a interferir, mas o foguista o conteve.

– O que tem com isso?... Diabo de vadia! Tomara que acabe com ela!

Já na rua François-Mazeline, Jacques e Pecqueux se deitaram sem trocar uma palavra. As duas camas quase se encostavam naquele quatinho estreito. Permaneceram por um bom tempo ainda acordados, cada um ouvindo a respiração do outro.

Na segunda-feira é que deviam começar em Rouen as discussões sobre o caso Roubaud. Seria um verdadeiro triunfo para o juiz de instrução Denizet, que recebia incessantes elogios do mundo judiciário pela maneira como havia conduzido aquele processo complicado e obscuro: obra-prima de requintada análise, reconstituição lógica da verdade, verdadeira demonstração de engenho e criatividade, para resumir o que se dizia.

Já de início, assim que foi levado ao local do crime, em Croix-de-Maufras, poucas horas depois do assassinato, o dr. Denizet mandou prender Cabuche. Tudo, claramente, apontava para ele, do sangue com que estava sujo aos depoimentos arrasadores de Roubaud e Misard, que contaram como o haviam encontrado, com o cadáver, sozinho, desvairado. Interrogado, pressionado a dizer como e por que se encontrava ali, o carroceiro mal conseguiu balbuciar uma história, que o juiz ouviu com indiferença, de tanto que lhe pareceu ingênua e clássica. Já era de se esperar algo assim, sempre a mesma história do assassino imaginário, do culpado fictício que o verdadeiro culpado dizia ter ouvido fugir campos adentro, na noite escura. E o tal lobisomem devia estar bem longe, não é, se estivesse ainda a correr? Aliás, quando lhe perguntaram o que fazia diante da casa àquela hora, Cabuche se confundiu, não quis responder, mas acabou dizendo que passeava. Era infantil! Como acreditar naquele desconhecido misterioso que matou e fugiu, deixando todas as portas abertas, sem revirar móvel algum nem levar um lenço sequer? De onde teria vindo? Por que matou? O juiz, entretanto, desde o início da investigação, sabendo da relação entre a vítima e Jacques, se interessou pelo álibi deste último, mas o próprio acusado reconhecia tê-lo acompanhado a Barentin para o trem das 16h14, e a dona do albergue em Rouen jurava por todos os santos que o rapaz se recolhera em seu quarto logo depois da janta, saindo apenas no dia seguinte, por volta das sete horas. Além disso, amante nenhum degola a amante a quem adora e com a qual jamais teve o menor entrevero. Seria absurdo. Mil vezes não! Havia um só assassino possível, um assassino evidente, com histórico judicial e pego em flagrante delito com as mãos vermelhas, a arma a seus pés. Uma besta bruta, contando à justiça uma história para boi dormir.

Tendo, entretanto, chegado a esse ponto, apesar do faro profissional que, segundo ele, o esclarecia melhor do que as provas, o dr. Denizet teve um momento de dúvida. Na primeira perquirição feita no casebre do acusado, em plena floresta de Bécourt, não se descobrira absolutamente nada. Não havendo constatação de roubo, era preciso encontrar outra motivação para o crime. Bruscamente, no acaso de um depoimento, Misard o havia colocado na pista, dizendo ter visto, certa noite, Cabuche pular o muro da propriedade para espiar, pela janela do quarto, a sra. Roubaud que se deitava. Igualmente interrogado, Jacques tranquilamente disse o que sabia, ou seja, a muda adoração do quebrador de pedras, o desejo

ardente com que a perseguia, sempre atrás das suas saias, a servi-la. Não havia então espaço para dúvida alguma: a paixão bestial o levara ao ato. Tudo se reconstituía muito bem, com Cabuche tendo aberto a porta, da qual podia ter a chave. Em sua confusão, inclusive deixou-a aberta. Houve luta, em seguida, tendo como consequência a morte e, enfim, o estupro, interrompido apenas pela chegada do marido. Uma última objeção, no entanto, emergia, pois era estranho que o sujeito, sabendo da iminente chegada, escolhesse justamente aquela hora em que podia ser surpreendido. Pensando melhor, porém, isto pesava ainda mais contra o acusado, mostrando que teria agido sob o domínio de uma crise suprema de desejo, aguçada pela ideia de que, se não aproveitasse aquele minuto em que Séverine estava sozinha, naquela casa isolada, nunca mais a teria, uma vez que partiria no dia seguinte. Nesse instante preciso, a convicção do juiz se estabeleceu de forma inabalável.

Massacrado por interrogatórios, enredado por perguntas sabiamente formuladas e sem se precaver das armadilhas preparadas, Cabuche se obstinava em sua primeira versão. Andava pela estrada respirando o ar puro da noite quando um indivíduo passou por ele em desabalada carreira, saindo do nada. E a tal velocidade que nem podia dizer qual direção tomou. Preocupado, olhou na direção da casa e viu a porta escancarada. Acabou se decidindo a subir, encontrando morta Séverine, com o corpo ainda quente, olhos arregalados e ele, acreditando que ainda estava viva e querendo deitá-la na cama, encheu-se de sangue. Era tudo que sabia, tudo que repetia sem nunca variar um detalhe, parecendo inclusive se firmar numa história preestabelecida. Quando se tentava fazer com que se afastasse um pouco dessa trilha ele se assustava e caía em silêncio, como alguém cuja tacanhice não deixa que compreenda mais.

Na primeira vez que o dr. Denizet o interrogou sobre a paixão amorosa que o devorava, ele ficou muito vermelho, como um menino repreendido por suas primeiras ternuras. E negou, defendeu-se de ter sequer sonhado possuir aquela senhora, como sendo algo muito feio, inconfessável, coisa delicada e também misteriosa, oculta nas profundezas do coração. Uma confissão que ele de forma alguma faria a quem quer que fosse. Não e não! Não a amava, não a desejava e jamais o forçariam a falar de algo que mais parecia uma profanação, agora que estava morta. E essa teimosia em não aceitar um fato afirmado por várias testemunhas pesava também contra ele. Obviamente, segundo a versão da acusação, era do interesse do acusado ocultar o desejo furioso que tinha pela pobre vítima, degolada em busca da satisfação. E quando o juiz, depois de reunir tantas provas, quis extrair com um golpe decisivo a verdade, lançando-lhe à face o assassinato e o estupro, Cabuche teve um louco acesso de raiva e revolta. Ele, matar dona Séverine para possuí-la! Ele, que a respeitava como a uma santa! Guardas tiveram que ser chamados para contê-lo, pois ameaçava estrangular todo mundo em volta. Ou seja, um patife dos mais perigosos, dissimulado, mas cuja violência explosiva assinava por ele a confissão dos crimes que negava.

O processo se encontrava então nesse ponto, com o acusado entrando em fúria e gritando ser o outro, o misterioso fugitivo, o culpado, toda vez que se voltava ao assassinato, quando o dr. Denizet fez uma descoberta que transformou o caso e decuplicou a sua importância. Como ele mesmo dizia, tinha o faro para a verdade; de forma que resolveu, por uma espécie de pressentimento, fazer pessoalmente nova perquisição no casebre de Cabuche. E simplesmente desenterrou, atrás de uma viga, um esconderijo onde encontrou lenços e luvas femininos e, entre eles, um relógio de ouro que o magistrado imediatamente reconheceu, com um salto de alegria: o relógio do presidente Grandmorin que ele tanto havia procurado tempos atrás, um

magnífico objeto com duas iniciais entrelaçadas, tendo no interior da tampa o número de fabricação 2516. Foi como se um raio o fulminasse. Tudo se iluminou, o passado se juntava ao presente e os fatos por ele interligados o fascinaram por sua lógica. Mas as consequências levariam tão longe que, sem mencionar de imediato o relógio, ele interrogou Cabuche sobre as luvas e os lenços. Por um instante o carroceiro teve a confissão na ponta da língua: sim, adorava-a, desejava-a, chegando a beijar vestidos que ela usava e a roubar, sem que ela visse, tudo que vinha da sua pessoa, pontas de lacinhos, grampos, alfinetes. Mas a vergonha, um incontrolável pudor fez com que rapidamente se calasse. E quando o juiz, decidindo-se afinal, mostrou o relógio, ele o olhou estupefato.

Lembrava-se perfeitamente. Aquele relógio, ele tivera a surpresa de encontrar amarrado num lenço pego debaixo de um travesseiro e levado para seu casebre como troféu de caça. E lá ficou escondido, enquanto ele quebrava a cabeça, procurando como devolver. Mas para que contar tudo isso? Teria que igualmente confessar outros roubos, ninharias e panos com cheiro tão bom que o envergonhavam. De qualquer forma, não acreditavam no que dizia. Ele próprio, aliás, começava a não entender nada, com tudo se embaralhando como um pesadelo, na sua cabeça de homem simples. Nem mesmo a acusação de assassinato o irritava mais, ficava aparvalhado, repetindo nada saber, sempre que perguntado. Luvas e lenços? Não sei dizer. Relógio? Não sei dizer. Tudo que queria é que o deixassem sossegado. Que o guilhotinassem logo.

No dia seguinte, o dr. Denizet mandou prender Roubaud. Do alto de sua onipotência, emitiu mandado num daqueles momentos em que plenamente acreditava na genialidade da sua perspicácia, antes mesmo de juntar provas suficientes contra o subchefe. Apesar de muitas zonas ainda obscuras, o juiz tinha a intuição de ser o marido o pivô, a origem da dupla ocorrência. E sentiu-se imediatamente recompensado ao saber do contrato confirmando a comunhão de bens entre Roubaud e Séverine, assinado perante o tabelião Colin, do cartório de Le Havre, oito dias depois de se confirmar a posse de Croix-de-Maufras. A história inteira, com isso, se reconstituiu em sua mente com tal clareza de raciocínio, tal evidência que imbuíu a acusação de indestrutível consistência. A própria verdade pareceria menos verdadeira, fantasiosa e com pecha de ilogismo. Roubaud era um covarde que, por duas vezes, sem ousar matar pessoalmente, se servira do braço de Cabuche, aquela besta violenta. No primeiro ato, tendo conhecimento do testamento do presidente Grandmorin, com pressa de receber a herança e sabendo, ainda por cima, do rancor do quebrador de pedras, empurrou-o em Rouen até o cupê, depois de colocar na mão dele a arma do crime. Repartidos os dez mil francos, era possível que os dois cúmplices nem voltassem mais a se ver, mas assassinatos levam a novos assassinatos. E foi nesse ponto que o juiz demonstrou sua tão admirada profundidade em psicologia criminal pois, finalmente revelava, nunca havia deixado de vigiar Cabuche, convicto de que o primeiro assassinato, matematicamente, o levaria a outro. Dezoito meses foram suficientes: o casamento dos Roubaud degradingolou, o marido devorou no jogo os seus cinco mil francos e, para se distrair, a mulher arranhou um amante. Provavelmente se negava a vender Croix-de-Maufras, temendo que ele esbanjasse todo o dinheiro. Pode ser que, em suas contínuas brigas, ela o ameaçasse de contar tudo à justiça. Em todo caso, inúmeras testemunhas estabeleciam a absoluta desunião dos dois consortes. Foi quando, finalmente, veio a consequência longínqua do primeiro crime. Cabuche reaparecia com seus apetites de fera e o marido, à sombra, voltou a pôr a faca na sua mão, querendo garantir em definitivo a

propriedade da casa maldita, que já havia custado uma vida humana. Esta era a verdade, a estarrecedora verdade à qual tudo conduzia: o relógio encontrado com o quebrador de pedras e, principalmente, os dois cadáveres, feridos pelo mesmo golpe na garganta, pela mesma mão, com a mesma arma, o canivete encontrado no quarto. Nesse último detalhe, entretanto, a acusação levantava uma possibilidade de dúvida, já que o ferimento do presidente lhe parecia causado por uma lâmina menor e mais afiada.

De início, Roubaud não disse sim nem não, com a aparência de sonolenta pachorra que passara a ser a sua. Também não se espantou com a prisão, vinha em crescente indiferença a tudo, na lenta desagregação do seu ser. Para que falasse, deixaram com ele um guarda, com o qual jogava cartas o dia inteiro – e ele estava perfeitamente feliz. Aliás, continuava convencido da culpa de Cabuche: era o único assassino possível. Interrogado a respeito de Jacques, deu de ombros rindo, deixando ver que tinha conhecimento das relações entre o maquinista e a esposa. Mas quando o dr. Denizet, depois de algum preâmbulo, acabou expondo a sua tese, impondo-a, fulminando-o com a cumplicidade, se esforçando para arrancar a confissão, na surpresa de se ver descoberto, ele ouviu circunspecto. Que história era aquela? Não era mais ele, era o carroceiro que havia matado o presidente, como matou Séverine, mas em ambas as vezes era, no entanto, ele o culpado, pois o outro matava a seu mando e no seu lugar. Enredo tão complicado o deixou zozó e imediatamente desconfiado: só podia ser uma cilada, estavam mentindo para forçá-lo a confessar o primeiro crime. Logo que foi preso, imaginou que a história antiga ia ressurgir. Confrontado com Cabuche, declarou não o conhecer. Só que, no momento em que repetiu tê-lo encontrado tinto de sangue e a ponto de violentar a vítima, o quebrador de pedras se enfureceu e uma cena violenta, de extrema confusão, atrapalhou o andamento da acareação.

Três dias se passaram, o juiz multiplicava os interrogatórios, na certeza de que os dois cúmplices tinham se entendido para aquela encenação de recíproca hostilidade. Desanimado, Roubaud tomara o partido de não mais responder quando, de repente, num minuto de impaciência, querendo acabar com tudo aquilo, entregando-se à surda necessidade que há meses o corroía, deu de bandeja a verdade nua e crua, toda a verdade.

Até aquele dia, justamente, o dr. Denizet armava-se de sutilezas, sentado à escrivaninha, olhos semicerrados por suas pesadas pálpebras, enquanto os lábios nervosos se estreitavam num esforço de sagacidade. Há uma hora se esfalfava com espertas artimanhas, procurando envolver aquele acusado embrutecido, mas dono de inteligência versátil, por baixo daquele invólucro de gordura amarelada, de aparência bem pouco saudável. E acreditava tê-lo pouco a pouco acuado, cercado por todos os lados para que finalmente caísse no laço, quando o suspeito, com um gesto de quem chegou aos seus limites, disse não aguentar mais, preferindo confessar para acabar com aquela tortura. Já que o queriam culpado, que pelo menos fosse por coisas que realmente havia feito. À medida, porém, que contava a história – a mulher conspurcada na adolescência por Grandmorin, sua raiva ciumenta ao saber de toda aquela sujeira, a maneira como matou e as razões de ter pegado os dez mil francos –, as pálpebras do juiz se erguiam num movimento de dúvida, enquanto uma irresistível incredulidade, a incredulidade profissional, distendia a sua boca com uma expressão irônica. Abertamente já sorria quando o acusado se calou. O sujeito era ainda mais requintado do que havia imaginado: assumir o primeiro assassinato, tornando-o um crime puramente passional, isentar-se com isso de qualquer premeditação de roubo e, principalmente, de qualquer cumplicidade

no assassinato da esposa era, sem dúvida, uma manobra ousada, indicando invulgares inteligência e força de vontade. Só que a coisa não se sustentava.

– Veja bem, Roubaud, não somos tão tolos assim... Está dizendo, então, que era ciumento e foi num acesso de ciúme que matou?

– Exatamente.

– Pelo que diz, teria se casado sem nada saber das relações de sua esposa com o presidente... Acha mesmo que podemos acreditar? Tudo leva a crer, pelo contrário, em proposta oferecida, negociada e aceita. Ganhou uma jovem bem-educada no seio de uma família rica, com um dote, com um protetor que passou a também protegê-lo. E não ignorava que herdaria uma casa de campo deixada em testamento. Mas quer nos convencer de que nada sabia, absolutamente nada! Acha possível? Tinha que saber, ou como se explicaria o seu casamento?... Aliás, a constatação de um simples detalhe já basta para tudo confundir. Não é ciumento, ouse repetir que é ciumento.

– Estou dizendo a verdade, matei num acesso de ciúme.

– Assim sendo, depois de matar o presidente por causa de relações antigas, vagas, e aliás totalmente inventadas, explique como tolerou que sua mulher tivesse um amante, isso mesmo, o tal Jacques Lantier, um amante em carne e osso, não se pode negar. Todo mundo se referiu a essa relação, que nem o senhor nega... E dava a eles toda liberdade, por quê?

Prostrado, de olhos turvos, Roubaud se perdia no vazio, sem encontrar explicação. Acabou dizendo com dificuldade:

– Não sei... Matei o outro, não matei este.

– Não me venha então com essa história de ciumento vingativo. Aconselho que não repita essa fábula para os srs. jurados, eles vão ignorá-la... Mude de estratégia, só a verdade vai poder salvá-lo.

A partir daí, quanto mais Roubaud teimava em dizer a verdade, mais o juiz se convencera da mentira. Tudo se colocava contra ele. Por exemplo, seu depoimento para a primeira investigação, que deveria dar apoio à nova versão, pois naquele momento procurara insinuar a culpa de Cabuche, se tornou, pelo contrário, prova de um entendimento prévio extremamente habilidoso entre os dois. O juiz refinava a psicologia do caso com verdadeira paixão profissional. Nunca, garantia ele, havia descido tão profundamente na natureza humana. E tratava-se de adivinhação, mais do que de observação, pois o dr. Denizet se gabava de pertencer à escola dos juízes videntes e hipnotizadores, que com uma só olhada desarticulam um acusado. Provas, contudo, não faltavam; tinha um aparato esmagador. A promotoria podia se apoiar em base sólida, pois a verdade explodia fulgurante como a luz do sol.

Porém o que definitivamente mais se acrescentou à glória do dr. Denizet foi ter juntado os dois crimes num só bloco, depois de reconstituí-los com toda paciência, no mais profundo segredo. Depois do resultado esmagador do plebiscito,⁷⁹ uma crescente febre não parava de agitar o país, semelhante a essas vertigens que precedem e anunciam grandes catástrofes. Pairava, sobre aquela sociedade fim de Império, na política e na imprensa sobretudo, uma contínua inquietação, uma excitação em que até a alegria assumia uma violência descontrolada. Quando então, depois daquele assassinato no fundo de uma casa isolada de Croix-de-Maufras, chegou ao conhecimento do público a genialidade com que o juiz de instrução de Rouen havia exumado o antigo processo Grandmorin, ligando-o ao novo crime,

houve uma grande euforia nos jornais oficiais. Pois de vez em quando ainda apareciam, nos periódicos da oposição, zombarias sobre o assassino legendário, inencontrável, inventado pela polícia para ocultar as torpezas de certos figurões comprometidos. E a resposta seria decisiva, com o assassino e seu cúmplice já presos. A memória do presidente Grandmorin sairia intacta de toda aquela aventura. As polêmicas recomeçaram, a comoção crescia a cada dia, em Rouen e Paris. Para além daquele romance atroz que assombrava as imaginações, todos se entusiasmavam, como se a verdade enfim descoberta, irrefutável, fosse consolidar o Estado. Por toda uma semana, a imprensa superabundou em pormenores.

Chamado a Paris, o dr. Denizet se apresentou à rua du Rocher, residência particular do secretário-geral, sr. Camy-Lamotte. Encontrou-o de pé, no meio do seu severo gabinete, rosto mais magro e ainda mais cansado. O alto funcionário se sentia abatido, tomado de tristeza em seu ceticismo como se pressentisse, sob aqueles brilhos apoteóticos, o próximo desabamento do regime ao qual servia. Há dois dias dilacerava-se numa luta interior, sem saber ainda o que fazer da carta de Séverine que tinha em seu poder, carta que arruinaria de cima a baixo a tese da acusação, apoiando a versão de Roubaud com prova irrecusável. Ninguém no mundo sabia da sua existência, ele podia destruí-la. Na véspera, porém, o imperador exigira que, dessa vez, a justiça seguisse seu caminho, independente de qualquer influência, mesmo que em detrimento do governo: um simples grito de proibidade, pela superstição talvez de que um só ato injusto, após a aclamação do país, pudesse mudar o destino. Mesmo sem se afligir com escrúpulos de consciência, pois reduzira as questões desse nosso mundo a simples operações de mecânica, o secretário-geral registrou a ordem recebida, perguntando-se se devia ser fiel a seu amo até o ponto de desobedecer-lhe.

Foi em triunfo que o dr. Denizet entrou no gabinete.

– Viu? Meu faro não me enganou! O tal Cabuche matou o presidente... Mas concordo que a outra pista também tinha alguma veracidade; no meu íntimo, porém, eu sentia que o caso de Roubaud continuava duvidoso... Enfim, agora temos os dois.

O sr. Camy-Lamotte olhava-o fixamente com seus olhos sem brilho.

– Podemos então considerar que todos os fatos do processo foram provados? Tem absoluta convicção?

– Absoluta, nenhuma hesitação possível... Tudo se encadeia, não me lembro de outro caso em que, apesar das aparentes complicações, o crime tenha seguido caminho tão lógico, mais fácil de ser previamente determinado.

– Roubaud, no entanto, protesta... Assume o primeiro assassinato, conta toda uma história, a mulher deflorada e ele louco de ciúme, matando num acesso de raiva. É o que dizem todos os jornais da oposição.

– Batem nessa tecla só para fazer escândalo, mas nem mesmo eles acreditam. Ciumento, esse homem que tranquilamente aceitava as relações da mulher com um amante? Se repetir essa lenga-lenga no tribunal, não vai conseguir o efeito que busca! Se ao menos tivesse alguma prova, mas não apresenta nenhuma! Menciona uma carta que teria forçado a mulher a escrever e que deveria estar entre os papéis da vítima... Mas foi o senhor mesmo quem organizou toda essa documentação... teria encontrado, não é?

O secretário-geral não respondeu. Devia concordar, o escândalo seria finalmente enterrado, seguindo o que propunha o juiz: ninguém acreditaria em Roubaud, a memória do

presidente se manteria incólume diante das abomináveis suspeitas, o Império sairia ganhando com a ruidosa reabilitação de um dos seus alicerces. Além disso, uma vez que Roubaud se declarava culpado, que importância tinha, para a ideia de justiça, que fosse condenado por uma versão ou por outra? Havia Cabuche, mas mesmo que não estivesse envolvido no primeiro assassinato, parecia realmente ser autor do segundo. Além do que, por Deus! A justiça, que grande ilusão! Não é enganar a si mesmo querendo ser justo, estando o terreno da verdade sempre encoberto por tanto mato? Era melhor se manter prudente, escorar com o ombro aquela sociedade decadente, prestes a ruir.

– Não é mesmo? – repetiu o dr. Denizet. – E o senhor não encontrou, correto?

De novo o secretário-geral ergueu os olhos para ele e, tranquilamente, senhor único da situação, com a consciência disposta a assumir o remorso pelo que havia exigido o imperador, respondeu:

– Nada encontrei, absolutamente.

Em seguida, sorridente e amável, fez mil elogios ao juiz e somente um ligeiro movimento no canto dos lábios denunciava a ironia. Nunca uma investigação fora levada adiante com tanto empenho e argúcia. Era algo já decidido em altas esferas, ele seria chamado como conselheiro a Paris, logo depois das férias.

E foi nesse tom que o acompanhou até a saída:

– Apenas o senhor viu com clareza, é realmente admirável... E quando a verdade se exprime, nada pode detê-la, nem os interesses pessoais e nem mesmo as razões de Estado... Vá em frente e que o caso siga o seu curso, quaisquer que sejam as consequências.

– É este o dever da magistratura – concluiu o dr. Denizet, se despedindo para ir embora, radiante.

Voltando a estar só, o sr. Camy-Lamotte primeiro acendeu uma vela. Depois foi pegar, na pasta em que o tinha arquivado, o bilhete de Séverine. A chama da vela estava bem alta, ele desdobrou o papel, releu as duas linhas e não pôde deixar de se lembrar daquela criminosa delicada, com olhos cor de pervinca, que havia despertado nele tão doce simpatia. Agora estava morta e ele a percebia por seu lado trágico. Quem conheceria o segredo que ela provavelmente levou consigo? Sem dúvida é uma ilusão a verdade, a justiça! Para Camy-Lamotte restava apenas, daquela mulher desconhecida e encantadora, o fugaz desejo, provocado e não satisfeito. Aproximando o papel da vela e vendo-o queimar, uma grande tristeza o invadiu, como um pressentimento de desgraça: para que destruir aquela prova, fazer pesar em sua consciência semelhante ato, se o destino resolvera que o Império se desfizesse, como o farelo de cinza escura que caía da sua mão?

Em menos de uma semana o dr. Denizet concluiu o processo. Contou com a extrema boa vontade da Companhia do Oeste, com acesso aos documentos necessários e testemunhos úteis, pois a empresa queria muito terminar toda aquela deplorável história envolvendo um dos seus funcionários que, galgando posição através das complicadas engrenagens da organização, por pouco inclusive não abalara seu conselho administrativo. Era preciso eliminar o mais rapidamente possível o membro gangrenado. De forma que, mais uma vez, desfilou pela sala do juiz boa parte do pessoal da estação de Le Havre, os srs. Dabadie, Moulin etc., que deram detalhes desastrosos sobre o comportamento de Roubaud. Depois deles se apresentaram o chefe de estação de Barentin, o sr. Bessière, assim como vários funcionários de Rouen, com

depoimentos considerados de suma importância para o primeiro assassinato. Em seguida foi a vez do chefe de estação de Paris, sr. Vandorpe, do sinaleiro Misard e do controlador-chefe Henri Dauvergne. Sobretudo os dois últimos se mostraram conclusivos no referente à complacência conjugal do acusado. Henri ainda acrescentou que, aos cuidados de Séverine em Croix-de-Maufras, teve a impressão de ouvir as vozes de Roubaud e Cabuche combinando coisas junto à janela, certo fim de tarde, mas que estava ainda muito debilitado. Em todo caso, o detalhe explicava bastante coisa e derrubava toda a estratégia dos dois acusados, que pretendiam não se conhecer. Era geral a reprovação entre os funcionários da Companhia, lamentando as infelizes vítimas, uma pobre mulher com tantas desculpas para sua culpa, e aquele idoso tão digno, finalmente livre dos cruéis boatos que corriam a seu respeito.

Mas o novo processo despertou ainda mais vivas paixões no seio da família Grandmorin, que deu ao dr. Denizet todo seu poderoso apoio, obrigando-o, porém, a muito se esforçar para manter a integridade das suas investigações. Os Lachesnaye cantavam vitória, pois sempre haviam afirmado a culpa de Roubaud, inconformados com o legado de Croix-de-Maufras, por pura sovínice. De forma que viam, na reabertura do processo, uma ocasião para atacar o testamento e, como o único meio existente de obter a revogação do que fora disposto era acusando Séverine de ingratidão, aceitavam em parte a versão de Roubaud, que apontava a cumplicidade da mulher, ajudando-o a matar, não para se vingar de uma infâmia imaginária, mas apenas para roubar. O juiz acabou, então, entrando em conflito com o casal, com Berthe sobretudo, extremamente violenta contra a assassinada, sua ex-amiga, a quem ela barbaramente acusava e que o magistrado precisou defender, se inflamando, se empolgando assim que arranhavam sua obra-prima, aquele edifício de lógica, tão bem-construído, segundo suas próprias declarações cheias de orgulho, que uma só peça movida fazia tudo ruir.

O gabinete do juiz foi palco, nesse sentido, de uma cena bastante ríspida entre os Lachesnaye e a sra. Bonnehon. Esta última, anteriormente favorável aos Roubaud, teve que abandonar o marido, mas continuava a defender a esposa, por uma espécie de cumplicidade feminina, muito tolerante com o charme e com o amor, sensível àquela romanesca tragédia manchada de sangue. Foi então bem explícita e cheia de desdém pelos interesses materiais. Não tinha vergonha, a sobrinha, de voltar à questão da herança? Culpar Séverine não implicava a plena aceitação das pretensas confissões de Roubaud, voltando a sujar a memória do presidente? Caso o ministério público não houvesse tão engenhosamente estabelecido a verdade, esta precisaria ter sido inventada, pela dignidade da família. E a grande dama se referiu com certa amargura à boa sociedade de Rouen, onde o caso provocava tanto rumor. Sociedade, diga-se, em que não reinava mais, agora que a idade se impunha, roubando até mesmo sua opulenta beleza loura de deusa envelhecida. Pois na véspera, inclusive, na casa da sra. Leboucq – a mulher do conselheiro, a elegante e vistosa morena que a destronava –, anedotas haviam circulado em voz baixa, relembrando o caso de Louise, crescido de tudo mais que pode inventar a maldade pública. Tendo o dr. Denizet, nesse momento, feito um aparte para informar que o sr. Leboucq tomaria parte, como assessor, no julgamento que se avizinhava, os Lachesnaye se calaram preocupados, com ares de quem cede. Mas a sra. Bonnehon os tranquilizou, certa de que a justiça cumpriria seu dever: o júri seria presidido por seu velho amigo, o dr. Desbazeilles, de quem restavam apenas as boas recordações, entravado que estava pelo reumatismo. E o segundo assessor provavelmente seria o dr. Chaumette, pai de um jovem adjunto que ela protegia. Sentia-se então sossegada, mesmo que

um melancólico sorriso se esboçasse em seus lábios, ao mencionar este último, pois o filho há algum tempo frequentava o salão da sra. Leboucq, para onde ela própria o havia dirigido, não querendo prejudicar seu futuro.

Quando o famoso julgamento finalmente aconteceu, os boatos sobre a guerra que se aproximava e a agitação que se alastrava por toda a França muito prejudicaram o impacto dos debates. Mesmo assim, Rouen passou pelo menos três dias em ebulição, com pessoas que se aglomeravam à frente do tribunal e os lugares reservados sendo invadidos pelas senhoras da cidade. Nunca a antiga morada dos duques da Normandia presenciara tamanha afluência de público, desde sua transformação em Palácio da Justiça.⁸⁰ Corriam os últimos dias de junho, com tardes quentes e ensolaradas, e uma viva claridade acendia os vitrais das dez janelas, inundando de luz o lambrimento de carvalho, com o calvário de pedra branca a se destacar no fundo, sobre o forro de tecido vermelho da parede, ornado com abelhas,⁸¹ além do célebre teto do tempo de Luís XII, com seus caixotões de madeira, esculpidos e dourados num ouro velho bem suave.⁸² Já faltava ar no interior, antes mesmo da abertura da audiência. Mulheres se esticavam tentando ver, em cima da mesa com as provas materiais reunidas, o relógio de Grandmorin, a camisola manchada de sangue de Séverine e a arma branca que servira para os dois crimes. O advogado de defesa de Cabuche, vindo de Paris, chamava também muita atenção. Nos bancos do júri enfileiravam-se doze cidadãos de Rouen, vestindo sobrecasaca escura, sisudos e graves. À entrada da corte houve um tal empurra-empurra que o presidente já de início teve que ameaçar evacuar a sala.

Tendo, finalmente, início a sessão, os jurados prestaram juramento e, à medida que eram chamadas as testemunhas, um frêmito de curiosidade voltava a agitar a multidão. Os nomes da sra. Bonnehon e do sr. de Lachesnaye fizeram todas as cabeças se voltar, mas Jacques, sobretudo, interessou às senhoras, que o seguiam atentas. Aliás, desde que os acusados foram trazidos, cada um entre dois policiais, os olhares não os deixavam mais e as pessoas trocavam entre si suas apreciações. Achavam que tinham aparência feroz e vil, evidentes bandidos. Roubaud, com seu paletó escuro, engravatado como um burguês que se desleixa, surpreendia pelo aspecto envelhecido, a expressão abestalhada, e cada vez mais gordo. Já Cabuche era como se imaginava, vestido com um comprido avental azul, o protótipo do assassino, punhos enormes, maxilas de animal carnívoro; ou seja, um desses sujeitos que nunca é bom encontrar num canto perdido de bosque. E os interrogatórios confirmaram a má impressão, com algumas respostas suas provocando violentos murmúrios. A todas as perguntas do presidente, Cabuche respondia não saber: não sabia como o relógio estava na sua casa, não sabia por que havia deixado fugir o verdadeiro assassino, e insistia na versão do tal desconhecido misterioso, do qual dizia ter ouvido a corrida no fundo das trevas. Depois, interrogado sobre sua bestial paixão pela infeliz vítima, ele começou a gaguejar, com tão brusca e violenta atitude que os dois guardas o seguraram pelos braços: não, de jeito nenhum! Não a amava, não a desejava, era tudo mentira, um sacrilégio imaginar algo assim, pois era uma dama, enquanto, ele, um ex-presidiário, vivendo como um selvagem! Depois, mais calmo, caiu num silêncio triste, deixando escapar apenas alguns monossílabos e pouco ligando para a condenação que certamente viria. Roubaud, igualmente, se manteve naquilo que a acusação denominava sua “estratégia”: contou como e por que havia matado Grandmorin e negou qualquer participação no assassinato da esposa. Mas fazia isso em frases pela metade, quase incoerentes, com súbitas perdas de memória, olhos tão perturbados, voz tão arrastada que parecia às vezes

buscar ou inventar detalhes. Como o presidente o pressionava, apontando os absurdos da sua narrativa, ele acabou por dar de ombros, deixando de responder: para que dizer a verdade, já que a mentira era lógica? Tal atitude de agressivo desdém com a justiça causou-lhe imenso prejuízo. Observou-se também o grande desinteresse que os dois acusados demonstravam um pelo outro e isso foi visto como prova de entendimento prévio, seguindo um plano engenhoso, com extraordinária força de vontade. Pretendiam sequer se conhecer e até se acusavam reciprocamente só para confundir o tribunal. Findo o interrogatório, podia-se considerar julgado o caso, de tanto que o presidente o havia conduzido com perícia, fazendo com que Roubaud e Cabuche, caindo nas armadilhas criadas, parecessem ter entregado a si mesmos. Ouviram-se ainda, naquele mesmo dia, algumas testemunhas menos importantes. Por volta das cinco horas o calor se tornara tão insuportável que duas senhoras desmaiaram.

No dia seguinte, a grande sensação foi o depoimento de certas testemunhas. A sra. Bonnehon deu verdadeira aula de elegância e tato. Foram ouvidos com interesse os funcionários da Companhia, srs. Vandorpe, Bessière, Dabadie e, sobretudo, Cauche, prolixíssimo, que contou conhecer bem Roubaud, tendo jogado com ele incontáveis partidas de baralho, no Café du Commerce. Henri Dauvergne repetiu seu testemunho esmagador, sua quase certeza de ter, na sonolência da febre, ouvido as vozes surdas dos dois acusados em combinações. Interrogado sobre Séverine, mostrou-se muito discreto, subentendendo tê-la amado, mas que, sabendo pertencer a outro, cavalheirescamente se retirara. E quando esse “outro”, Jacques Lantier, foi finalmente chamado, um burburinho emergiu na plateia, algumas pessoas se ergueram para ver melhor e até entre os jurados houve certa agitação de curiosidade. Bem tranquilo, Jacques mantinha as duas mãos apoiadas à barra do banco reservado às testemunhas, na mesma posição a que se acostumara conduzindo locomotivas. Comparecer ao julgamento poderia ser profundamente perturbador, mas ele demonstrou total lucidez, como se nada naquele caso lhe concernisse. Depôs como um estranho, perfeitamente inocente. Desde o crime seu mal não o incomodava, sequer pensava mais naquilo. Abolida a lembrança, sentia todos os seus órgãos em equilíbrio e perfeita saúde. Uma vez mais, naquele tribunal, desconhecia remorsos ou escrúpulos, com absoluta inconsciência. Antes de tudo fitou Roubaud e Cabuche com seus olhos claros. O primeiro, que ele sabia culpado, foi cumprimentado com um breve sinal de cabeça, uma discreta saudação, sem se lembrar que ali, declaradamente, ele era visto como amante da sua mulher. Em seguida sorriu para o segundo, inocente, ocupando o lugar que devia ser o seu: um bom sujeito, no fundo, por baixo da aparência de bandido, alguém que ele tinha visto trabalhar e de quem havia apertado a mão. Depôs muito à vontade, respondeu com frases curtas e claras as perguntas do presidente que, depois de interrogá-lo sem rodeios sobre suas relações com a vítima, o fez repetir sua partida de Croix-de-Maufras poucas horas antes do assassinato e como tomou o trem em Barentin e pernitoitou em Rouen. Cabuche e Roubaud o ouviam e nada na atitude deles contrariava o depoimento. Entre os três homens, naquele minuto, estabeleceu-se uma indizível tristeza. Um silêncio mortal tomou a sala e a emoção, que eles não sabiam de onde vinha, estreitou a garganta dos jurados por um instante: era a muda verdade que por ali passava. À pergunta do presidente, querendo saber sua opinião sobre o desconhecido desaparecido nas trevas que o quebrador de pedras havia mencionado, Jacques se limitou a balançar a cabeça, como se não quisesse prejudicar o acusado. Um fato ocorreu nesse momento, que acabou de comover a plateia. Lágrimas surgiram nos olhos de Jacques, transbordaram, escorreram pelas faces.

Como já havia acontecido antes, ele reviu Séverine, a infeliz assassinada em sua derradeira imagem, aquela por ele guardada, com os olhos azuis absurdamente saltados, os cabelos negros eriçados na cabeça como uma coroa de pavor. Ainda a adorava e uma imensa saudade se apoderou dele, que chorou abundantes lágrimas na inconsciência do crime, esquecendo-se de onde estava, no meio de uma multidão. Muitas senhoras, contagiadas por tamanha demonstração de ternura, soluçavam. Todos acharam extremamente comovente aquela dor do amante, enquanto o marido guardava os olhos secos. O presidente perguntou à defesa se tinha perguntas a fazer à testemunha, os advogados apenas agradeceram, enquanto os acusados, surpresos, acompanhavam com o olhar Jacques, que voltava a seu lugar, gozando da simpatia geral.

A terceira sessão foi toda tomada pela requisitória do procurador imperial e pelos discursos dos advogados. Antes, o presidente havia apresentado um resumo do caso, com ares de absoluta imparcialidade, mas agravando bastante a acusação. O procurador imperial, em seguida, não pareceu usar toda sua capacidade: normalmente se mostrava mais convicto, com eloquência menos oca. Atribuiu-se o fato ao calor, que realmente estava sufocante. Já o defensor de Cabuche, advogado em Paris, agradou muito, mas sem convencer. O de Roubaud, membro ilustre do foro de Rouen, igualmente tirou todo partido que pôde daquela causa fadada ao fracasso. Cansado, o ministério público sequer replicou. E quando o júri se recolheu à sala das deliberações, eram apenas seis horas, a claridade ainda entrava plenamente pelas dez janelas, um último raio de sol fazia brilhar os brasões das diferentes cidades da Normandia, que decoravam as impostas. Um grande burburinho de vozes subiu até o antigo teto dourado, agitações de impaciência sacudiram as grades de ferro separando os lugares reservados do público de pé. Mas o silêncio retornou religioso assim que o júri e a corte ressurgiram. O veredito admitia circunstâncias atenuantes, o tribunal condenou os dois réus a trabalhos forçados à perpetuidade. O que causou viva surpresa, com a multidão se retirando em tumulto, e até alguns apupos foram ouvidos, como no teatro.

Rouen inteira, naquela noite, só falou daquela condenação, com comentários sem fim. A opinião geral era a de que tinha sido uma derrota para a sra. Bonnehon e para os Lachesnaye. Somente a condenação à morte, achava-se, teria satisfeito a família e era provável que influências adversas tivessem agido. Em voz baixa se dizia que a sra. Leboucq contava, entre os jurados, com três ou quatro dos seus seguidores. A atitude do marido, enquanto assessor, não fora de forma alguma incorreta; mesmo assim, havia quem achasse que o outro assessor, dr. Chaumette, e até mesmo o presidente, dr. Desbazeilles, não pareciam se assenhorar dos debates tanto quanto queriam. Talvez o júri, ao alegar circunstâncias atenuantes, tivesse simplesmente se deixado levar por escrúpulos, cedendo ao mal-estar daquela dúvida que havia, por um momento, atravessado a sala, com o silencioso voo da melancólica verdade. De qualquer forma, o processo era um triunfo para o juiz de instrução, o dr. Denizet, e sua obra-prima se mantinha incólume. Diga-se, aliás, que rapidamente correu o boato de que, para reaver Croix-de-Maufras e indo contra a jurisprudência, o sr. de Lachesnaye pensava intentar uma ação de revogação, apesar da morte do donatário, o que espantava a todos, vindo da parte de um magistrado. Sua família, com isso, perdeu muito das simpatias de que gozava.

Ao sair do Palácio da Justiça, Jacques foi alcançado por Philomène, que havia sido convocada como testemunha e não o largou mais, querendo que passassem juntos aquela noite em Rouen. Ele só retomaria o trabalho no dia seguinte e podia convidá-la para jantar, no

albergue em que pretendia ter dormido na noite do crime, perto da estação. Mas ele disse não poder passar a noite, pois precisava voltar a Paris sem falta no trem das 00h50.

– Sabe? Tenho quase certeza de ter visto, ainda há pouco, alguém que conhecemos – disse ela, dependurada no braço do rapaz, a caminho do albergue. – Pecqueux, que outro dia ainda repetia que não poria os pés em Rouen para o julgamento... Em certo momento me virei e um homem, que só vi de costas, procurou se misturar à multidão...

O maquinista a interrompeu, sem levar muito a sério.

– Pecqueux está em Paris, na farra, bem contente da folga que a minha licença lhe proporcionou.

– É possível... Em todo caso, é bom tomar cuidado, pois quando ele está com raiva não é flor que se cheire.

Philomène se agarrou mais ao maquinista e acrescentou, dando uma olhada para trás:

– E esse que está vindo atrás de nós, você conhece?

– Conheço, não se preocupe... Talvez tenha alguma coisa a me perguntar.

Era Misard que, de fato, os seguia a certa distância desde a rua des Juifs. Tinha sido chamado também a depor, o que fez com seu ar sonolento. Depois rodeou Jacques, sem se decidir a fazer a pergunta que visivelmente tinha nos lábios. Quando o casal desapareceu na estalagem, ele também entrou e pediu um copo de vinho.

– Ah! É você, Misard! – exclamou o maquinista. – E com a nova mulher, tudo bem?

– Tudo, tudo – resmungou o sinaleiro. – A sem-vergonha me enrolou direitinho. Hein? Já lhe contei como, da última vez que nos vimos aqui na cidade.

Jacques gostava muito dessa história. A Ducloux, a tal ex-criada com passado suspeito que Misard tinha chamado para manobrar a cancela, rapidamente havia percebido, de tanto vê-lo fuçar por todo canto, que devia estar procurando alguma coisa valiosa enterrada pela falecida. Ocorreu-lhe então uma ideia genial para conseguir casamento e deu a entender, com algumas reticências e risinhos, ter encontrado. Primeiro, quase foi esganada. Depois, quando ele viu que os mil francos, com isso, mais uma vez escapariam se a suprimisse como à outra antes de pôr a mão no dinheiro, se controlou, tentando ser gentil. Mas ela o afastou, sem aceitar nem mais que a tocasse: nada disso, depois de casados ele teria tudo, ela e o dinheiro. De forma que ele aceitou e ela caiu na risada, dizendo que era imbecil demais, pois acreditava em tudo que lhe diziam. Mas o melhor era que, ao saber dos detalhes, foi tomada pela mesma febre e passou também a procurar, de forma igualmente maluca. Ah! Aqueles mil francos que ninguém achava, um dia dariam com eles, já que agora eram dois a procurar! Então procuravam, procuravam.

– E nada, ainda? – perguntou Jacques zombando. – A boa Ducloux não ajuda?

Misard olhou fixamente para ele e enfim disse:

– Você sabe onde está, diga para mim.

O maquinista se irritou.

– Não sei de nada. Tia Phasie não me deu coisa alguma! Não vai querer me acusar de roubo, não é?

– Até acredito que não lhe deu nada... Pode ver que estou doente de tanto procurar. Se

souber onde está, diga para mim.

– Vá se danar! E tome cuidado para que eu não me meta a falar muito... Procure na caixa do sal, quem sabe não está lá.

Exangue, com os olhos ardentes, Misard continuou a olhar para ele. E teve uma espécie de repentina iluminação.

– Na caixa do sal, é mesmo! Debaixo da gaveta tem um esconderijo que não conferi.

Apressou-se a pagar o copo de vinho para correr à estação e tentar pegar o trem das 19h10. Chegaria à casinha de telhado baixo e eternamente procuraria.

Mais tarde, depois do jantar, esperando o trem das 00h50, Philomène quis levar Jacques por ruelas escuras para os lados do campo, não distante. O ar estava carregado, uma noite de julho quente e sem lua, que enchia sua garganta de profundos suspiros e ela seguia, quase dependurada no pescoço do rapaz. Por duas vezes se virou, achando ter ouvido passadas atrás deles, sem no entanto ver ninguém na densa escuridão. A ele incomodava aquela noite tempestuosa. Em seu tranquilo equilíbrio, no estado de perfeita saúde de que desfrutava desde o assassinato, havia sentido ainda há pouco, na mesa, voltar certo mal-estar, toda vez que aquela mulher o tocava com suas mãos distraídas. Era pelo cansaço, provavelmente; alguma irritação provocada pelo abafamento do ar. Naquele momento, a aflição do desejo ressurgia mais forte, carregada de surdo pavor, sentindo-a daquela maneira agarrada a seu corpo. Sabia, no entanto, estar curado. Havia feito a experiência, possuindo Philomène sem qualquer inquietação e só para se tranquilizar. Mas a excitação ali era tamanha que o receio de uma crise já o teria feito se afastar, se o escuro em volta não o sossegasse. Pois nunca, mesmo nas suas piores crises, ele teria ferido sem ver. E de repente, passando perto de um barranco gramado no caminho deserto pelo qual ela o conduzia, provocante, a necessidade monstruosa o dominou com uma força arrebatadora. Procurou na grama alguma arma, uma pedra que fosse, para arrebentar a cabeça de Philomène. Num esforço supremo, voltou a ficar de pé e já fugia, apavorado, quando ouviu uma voz de homem, xingamentos e todo um barulho de luta.

– Ah, vigarista! Esperei até o fim, queria ter certeza!

– Não é verdade, me larga!

– Não é verdade? Ele que corra, o seu amigo. Sei quem é e posso pegá-lo mais adiante!... Tome, miserável, repita que não é verdade!

Jacques corria em plena noite não para escapar de Pecqueux, que ele acabava de reconhecer, mas de si mesmo, louco de dor.

Então uma morte não tinha sido suficiente, não bastara o sangue de Séverine, como ele acreditava naquela manhã mesmo? Tudo recomeçava. Uma, depois outra e mais outra, sempre! Assim que se satisfizesse, após algumas semanas de torpor o apetite insaciável ia voltar e ele de novo teria que matar uma mulher para se acalmar. Agora inclusive nem precisava ver a carne da sedução: bastava senti-la morna encostada nele e cedia ao afã do crime, do macho feroz a estripar fêmeas. Não tinha mais como viver, tudo à sua frente era noite profunda, um desespero sem limites no qual se refugiava.

ALGUNS DIAS SE PASSARAM e Jacques havia retomado o serviço. Evitava os colegas de trabalho, voltando aos hábitos arredios de antigamente. Após tempestuosas sessões na Câmara, a guerra acabava de ser declarada⁸³ e já havia ocorrido um pequeno combate de

postos avançados, favorável à França, pelo que se dizia. Há uma semana o transporte de tropas extenuava o pessoal das estradas de ferro. Os serviços regulares estavam comprometidos, frequentes trens extras ocasionavam atrasos consideráveis, sem contar que os melhores maquinistas tinham sido requisitados para a rápida concentração da tropa. E foi assim que certa noite em Le Havre Jacques precisou conduzir um comboio enorme, de dezoito vagões absolutamente repletos de soldados, em vez do expresso habitual.

Justo nessa noite, Pecqueux chegou ao depósito completamente bêbado. No dia seguinte àquele em que surpreendera Philomène e Jacques juntos, ele havia preenchido normalmente sua função de foguista na 608 com o companheiro; e desde então nunca fizera a menor alusão ao ocorrido, mas sempre de cara fechada, parecendo evitar olhar de frente o colega. Jacques, no entanto, o sentia cada vez mais revoltado, recusando obedecer, reagindo com grunhidos surdos a toda ordem que recebia. Acabaram parando completamente de falar um com o outro. Aquela chapa de ferro sobre rodas, chão movente que antes os transportava tão unidos, se tornara uma gaiola estreita e perigosa, em que se chocavam rivalidades. O ódio crescia e os dois se entredevoravam naquele espaço de pouquíssimos metros quadrados que corria a toda velocidade, do qual podiam ser precipitados ao menor sacolejo. Naquela noite então, vendo Pecqueux tão bêbado, Jacques ficou de sobreaviso; sabia o colega sonso demais para qualquer atitude brutal estando sóbrio, mas o vinho despertava nele o lado bestial.

O trem, com saída prevista para mais ou menos as seis da tarde, sofreu um atraso. Já estava escuro quando os soldados foram embarcados como carneiros nos vagões de gado. Haviam simplesmente pregado tábuas para servir de bancos e os homens eram empilhados lá dentro por pelotões, lotando as viaturas para além do possível. Viajavam uns por cima dos outros, alguns de pé, apertados a ponto de nem conseguirem mover um braço. Assim que chegassem a Paris, outro trem os aguardava para levá-los ao Reno. Estavam já arrasados de cansaço, no tumulto da partida, mas como haviam distribuído aguardente e muitos tinham circulado pelas vendas dos arredores, o ambiente era de fogoso e brutal entusiasmo, com os homens excitados, de olhos a saltarem das órbitas. Assim que o trem se moveu, deixando a estação, todos se puseram a cantar.

Logo de início, Jacques examinou o céu, com as estrelas ocultas por uma bruma de tempestade. A noite seria das mais escuras, sem a menor brisa a movimentar o ar abafado. Mesmo o vento da velocidade, em geral tão fresco, parecia morno. Na negrura do horizonte não se viam outras claridades além das faíscas vivas dos semáforos. Ele aumentou a pressão para cruzar o grande aclive de Harfleur a Saint-Romain. Apesar do cuidado a que se dedicava há semanas, não sentia ainda dominar a máquina da 608, que era nova demais, com caprichos e ímpetos jovens que o surpreendiam o tempo todo. Naquela noite, em especial, sentia-a insubmissa, temperamental, querendo ganhar embalo com uns poucos pedaços de carvão a mais. Com a mão no volante de mudança de marcha, ele então controlava as chamas, cada vez mais preocupado com os modos do seu foguista. A pequena lamparina que iluminava o nível da água deixava a plataforma numa penumbra que a porta da fornalha, em brasa, arroxeara. Ele mal distinguia Pecqueux, mas por duas vezes teve a sensação de algo roçar em suas pernas, como dedos que se preparassem para agarrá-las. Mas provavelmente se tratava da movimentação desajeitada de bêbado, pois o ouvia, no meio da barulheira ambiente, rir alto, quebrando o carvão a marretadas exageradas e tendo dificuldade com a pá. A cada minuto o foguista abria a porta e atirava combustível em excesso na grelha.

– Basta! – gritou Jacques.

O outro fingiu não entender e continuou a enfiar pá atrás de pá, obrigando o maquinista a segurá-lo pelo braço para que parasse. Ele se virou ameaçador, conseguindo o pretexto que procurava, no crescente furor da bebedeira.

– Não encoste em mim que te arrevento! Estou mesmo querendo que essa coisa ande rápido!

O trem andava de fato a toda velocidade, no trecho plano e alto que vai de Bolbec a Motteville. Devia seguir direto até Paris sem nenhuma parada, exceto nos pontos marcados para se abastecer de água. A enorme massa, os dezoito vagões repletos, carregados de gado humano, atravessava os campos escuros com seu ribombar contínuo. E aqueles homens conduzidos ao massacre cantavam e cantavam a mais não poder, num clamor tão alto que superava o barulho das rodas.

Com o pé, Jacques havia fechado a fornalha. Em seguida, acionando o injetor, tentou ainda se mostrar controlado:

– Já tem pressão demais... Se está tão bêbado, trate de dormir.

Pecqueux imediatamente voltou a abrir a fornalha, insistindo em enchê-la de carvão, como se quisesse fazer a máquina explodir. A revolta, as ordens não cumpridas, a paixão exagerada, tudo se juntava, sem levar em conta tantas vidas humanas nos vagões logo atrás. E como Jacques se debruçou para pessoalmente baixar a haste do depósito de cinzas, querendo pelo menos diminuir a tiragem, o foguista bruscamente o agarrou pela cintura para desequilibrá-lo com um violento puxão e jogá-lo entre os trilhos.

– Miserável! A ideia então era essa, não é? E diria que simplesmente caí, velhaco sonso!

Jacques se agarrara na beirada do tênder e a luta continuou, com os dois escorregando para a estreita passarela de metal, que balançava com violência. De dentes cerrados, nada mais diziam, se esforçando ambos para jogar o adversário na abertura apertada, fechada apenas por uma barra de ferro. Mas não era tão fácil e a locomotiva devoradora continuava a correr mais e mais. Passaram por Barentin e o trem se abismou no túnel de Malaunay, com os dois ainda embotados no meio do carvão, batendo com a cabeça nas paredes do reservatório de água, evitando a porta em brasa da fornalha que queimava as suas pernas toda vez que dela se aproximavam.

Por um momento Jacques achou que, se conseguisse ficar de pé, poderia fechar o regulador e pedir socorro para que o livrassem daquele louco furioso, em acesso de bebedeira e ciúme. Estava mais fraco, o outro parecia crescer, tirando-lhe toda esperança de juntar força suficiente para dominá-lo. Dando-se por vencido, sentia passar pelos cabelos o terror da queda. Ao tentar um supremo esforço, procurando apoio às cegas, o outro percebeu, retesou a cintura e o ergueu como se fosse uma criança.

– Ah! Querendo escapar... Depois de me roubar a mulher... Não adianta, vai ter que pagar por isso!

A locomotiva continuava sua marcha, saiu do túnel com estardalhaço, atravessando aquela paisagem vazia e sombria. A estação de Malaunay foi cruzada a tal velocidade que o subchefe, a postos no cais, nem mesmo viu os dois homens engalfinhados, transportados por aquele raio.

Num derradeiro esforço, Pecqueux conseguiu empurrar Jacques e este, sentindo que caía

no vazio, apavorado se agarrou ao seu pescoço, de maneira tão desesperada que o levou junto. Dois gritos terríveis se confundiram e se perderam. Os dois homens foram precipitados juntos e arrastados sob as rodas, esquarterados pela velocidade, estraçalhados num abraço, um aterrorizante abraço daqueles que por tanto tempo tinham vivido como irmãos. Foram encontrados sem cabeça, sem pés, apenas dois troncos ensanguentados que se estreitavam ainda, como se quisessem sufocar um ao outro.

A locomotiva, sem qualquer condução, avançava, corria sempre, mais e mais. A insubmissa, a temperamental podia, enfim, se entregar a seus jovens caprichos, como a égua ainda indomada que escapa das mãos do seu cavaliário, galopando campo afora. A caldeira tinha água bastante, o carvão que acabara de abundantemente alimentar a fornalha se abrasava e por meia hora a pressão aumentou desmedida, o ritmo se tornou assustador. Provavelmente o controlador-chefe cochilava, vencido pelo cansaço. Os soldados ali amontoados, cada vez mais alcoolizados, se entusiasmaram com a desvairada corrida e cantavam ainda mais forte. Atravessaram Maromme como um relâmpago. Não se ouviam mais apitos, chegando aos semáforos e à proximidade das estações. Era um galope em linha reta, de besta que, muda, investe de cabeça baixa entre obstáculos. Ela corria, avançava indomável, como se o barulho estridente do seu hálito cada vez mais a instigasse.

Em Rouen devia-se fazer uma parada para abastecimento de água e o pavor gelou a estação quando se viu passar, numa vertigem de fumaça e chamas, aquele trem louco, locomotiva sem maquinista nem ajudante, vagões de gado cheios de soldados a urrar refrões patrióticos. Estavam indo à guerra, queriam chegar o quanto antes às margens do Reno. Os homens da estação ficaram boquiabertos, agitando os braços. De imediato a gritaria foi geral: nunca aquele trem desenfreado, entregue a si mesmo, atravessaria sem um acidente a estação de Sotteville, sempre obstruída por vagões e locomotivas em manobra, como todos os grandes depósitos. Correu-se ao telégrafo para prevenir e um comboio de carga que ocupava a via pôde ser deslocado a tempo, quando já se ouvia, distante, o rugido do monstro às soltas. Engolfara-se pelos dois túneis próximos de Rouen e se aproximava em seu galope furioso, como força prodigiosa e irresistível que nada seria capaz de deter. A etapa de Sotteville foi queimada, o trem passou pelos obstáculos sem um arranhão, mergulhando de novo nas trevas em que o seu ronco pouco a pouco se perdeu.



Todos os aparelhos telegráficos da linha soavam, todos os corações batiam forte com a notícia do trem fantasma que acabava de atravessar Rouen e Sotteville. Tremia-se de medo: um expresso mais à frente decerto seria abalroado, pois a 608, como um javali num bosque, continuava sua corrida, sem respeitar sinais vermelhos nem petardos de aviso. Quase se espatifou contra uma máquina-piloto⁸⁴ em Oissel e aterrorizou Pont-de-l'Arche, pois sua velocidade não parecia diminuir. Desaparecendo de novo, ela rodava, rodava na noite escura, não se sabia mais por onde, em algum lugar.

Que importância tinham as vítimas que a máquina esmagaria no caminho? Não seguia, de um jeito ou de outro, rumo ao futuro, indiferente ao sangue derramado? Sem condutor, em meio às trevas, besta cega e surda solta no campo da morte, ela rodava, rodava, carregada de bucha de canhão, de soldados já tontos de cansaço que, bêbados, continuavam a cantar.

77. Ver nota 28: a locomotiva deixa de ter um nome “pessoal”, sendo identificada apenas por seu número.

78. O trono da Espanha estava vago desde 1868 e o príncipe alemão Léopold de Hohenzollern-Sigmaringen reunia condições de sangue para se candidatar. Temendo se ver cercada, a França se opõe formalmente. Ver também nota 83.

79. As eleições legislativas tinham marcado uma vitória da oposição, obrigando o imperador a estabelecer um regime parlamentar bicameral. O partido republicano permanece intransigente, decidido a derrubar o regime imperial. Napoleão III procura então confirmar seu apoio popular e consegue um resultado extremamente positivo com o plebiscito, confirmando suas articulações para que o poder dos ministros se mantivesse superior ao do corpo legislativo.

80. Construído entre 1499 e 1508 no antigo bairro judeu de Rouen, o palácio ainda no séc.XVI assumiu uma vocação forense como “parlamento”, que na França designava uma assembleia política e judiciária. O palácio foi bastante destruído por bombardeiros em 1944 e depois parcialmente restaurado.

81. Amplamente utilizada em heráldica, a abelha simboliza a virtude e a obediência que os povos devem a seus reis.

82. Destruído em 1944, o teto foi reconstituído após a guerra.

83. Em 19 de julho de 1870, Napoleão III cede a provocações e mal-entendidos diplomáticos orquestrados pelo homem forte da Prússia, o primeiro-ministro Otto von Bismarck, e, inabilmente, declara guerra à Prússia. É o pretexto que Bismarck quer para a unificação alemã, reunindo com isso um exército de 850 mil homens, contra 250 mil da França. Com um mês e meio de guerra o imperador francês foi preso e obrigado a capitular. Dois dias depois, em 4 de setembro, Paris se rebela e proclama a Terceira República. Tem início o traumático cerco de Paris, que só assina o armistício definitivo em 28 de janeiro de 1871, dez dias depois da proclamação, em Versalhes, de Guilherme III como imperador da Alemanha unificada (mantendo Bismarck como chanceler).

84. Pequena locomotiva utilizada pelo piloto ou prático, maquinista que conhece detalhadamente determinado trecho de circulação delicada da ferrovia.

CRONOLOGIA

VIDA E OBRA DE ÉMILE ZOLA

1840 | 2 abr: Nasce em Paris Émile-Édouard-Charles-Antoine Zola, filho único do engenheiro italiano Francesco Zola e da francesa Émilie Aurélie Aubert. Zola viria a se tornar o fundador e principal representante do movimento literário naturalista.

1843: Muda-se para Aix-en-Provence, no sul da França, onde conhecerá, ainda na infância, Jean-Baptiste Baille e Paul Cézanne. Aix-en-Provence foi inspiração para Plassans, a cidade fictícia que é o centro de toda a portentosa saga dos Rougon-Macquart.

1847: Morte do pai, vítima de pneumonia. A família enfrenta grandes dificuldades financeiras.

1858 | Fev: Retorna a Paris e ingressa no liceu Saint-Louis.

1859: É reprovado duas vezes no *baccalauréat* e desiste de ingressar na universidade. Dedicar-se à poesia e busca emprego, mas passará os próximos três anos basicamente desempregado, vivendo em alojamentos baratos.

1862 | Mar: Começa a trabalhar na editora Hachette, onde chegará a ser o responsável pela publicidade e distribuição dos livros, tendo assim acesso a jornalistas, escritores e editores. Através de Cézanne, passa a ter contato também com outros pintores, como Manet, Degas e Renoir.

1865: Publica a semiautobiográfica *A confissão de Claude*, seu primeiro romance, e *Contes à Ninon*. Conhece Alexandrine Meley, sua futura esposa.

1866: Deixa a Hachette e decide dedicar-se integralmente à literatura e ao jornalismo; colaborará com periódicos como *L'Évenement*, *Figaro*, *La Tribune* e *Rappel*.

1867 | Dez: Publica a bem-sucedida *Thérèse Raquin*, que ao longo do ano saíra seriado no periódico *L'Artiste*, sob o título de *Un mariage d'amour*.

1868 | Fev: Posa para *Retrato de Émile Zola*, de Édouard Manet. Publicação de *Madeleine Férat*.

1869: Influenciado pela leitura de Prosper Lucas e Claude Bernard, começa a idealizar o projeto *Os Rougon-Macquart: História natural e social de uma família sob o Segundo Império*; além de definir a abordagem e o plano geral do ciclo, traçará a árvore genealógica

das famílias e o perfil dos personagens, tomará copiosas notas e esboçará o escopo dos vinte volumes.

1870 | 31 mai: Após alguns anos vivendo juntos, casa-se com Alexandrine Meley. | Set: Diante dos ataques do exército prussiano a Paris, muda-se para Marselha, onde fundará o jornal *La Marseillaise*.

1871: Publica *La fortune des Rougon*, que inaugura a série dos Rougon-Macquart.

1873: Adapta *Thérèse Raquin* para o teatro.

1876: Publica *L'Assommoir* (Rougon-Macquart). Apesar das duras críticas recebidas, a obra obteve sucesso e trouxe reconhecimento a Zola.

1878: Compra uma casa em Médan, futuro ponto de encontro dos integrantes da escola naturalista.

1880 | Fev: Publica *Nana* (Rougon-Macquart). | Abr: Ao lado de Guy de Maupassant, J.-K Huysmans, Henry Céard, León Henrique e Paul Alexis, publica *Les soirées de Médan*, conjunto de histórias sobre a guerra franco-prussiana (1870-71). Publica *O romance experimental*.

1885: Publica *Germinal* (Rougon-Macquart).

1886: Publica *L'Œuvre* (Rougon-Macquart).

1888: Envolve-se com Jeanne Rozerot, jovem empregada de sua casa, com quem terá dois filhos, Denise e Jacques. Ambos só serão reconhecidos oficialmente após a morte do autor.

1890: Publica *A besta humana* (Rougon-Macquart).

1892: Publica *La Débâcle* (Rougon-Macquart).

1893: A publicação de *Le docteur Pascal* conclui o ciclo dos Rougon-Macquart.

1894: Publica *Lourdes*, primeiro volume da trilogia *As cidades*.

1896: Publica *Rome* (As cidades).

1897: Publica *Paris* (As cidades).

1898 | 13 jan: Publica *J'Accuse!*, carta aberta a Félix Faure, então presidente da França, em que acusa o governo francês de antissemitismo contra o oficial judeu Alfred Dreyfus,

condenado à prisão perpétua em um processo fraudulento. | Jul: Após suas declarações, é condenado pelo governo francês a um ano de prisão e segue para o exílio em Londres.

1899 | Jun: A condenação de Dreyfus é anulada e Zola é autorizado a retornar à França. Publica *Fécondité*, o primeiro de sua série *Os quatro evangelhos*.

1901: Publica *Travail* (Os quatro evangelhos).

1902 | 29 set: Em circunstâncias controversas, Émile Zola morre em seu apartamento na rua de Bruxelles, em Paris, intoxicado pela fumaça da lareira. A investigação oficial concluiu que foi um acidente, apesar das hipóteses de atentado e suicídio.

1903: Publicação póstuma de *Vérité* (Os quatro evangelhos); o último volume, *Justice*, não ultrapassou o estágio de notas de trabalho.

1908 | Jun: Os restos mortais de Zola são exumados e transportados do cemitério de Montmartre para o Panthéon. Entre outros, Alfred Dreyfus acompanha a cerimônia.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Persuasão

Jane Auste

Peter Pan*

J.M. Barrie

O Mágico de Oz*

L. Frank Baum

Tarzan

Edgar Rice Burroughs

Alice*

Lewis Carroll

Sherlock Holmes (9 vols.)*

A terra da bruma

Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo*

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror Robin Hood

Os três mosqueteiros*

Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego

Ésquilo, Sófocles, Eurípidas e Aristófanes

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

O Lobo do Mar

Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

Os Maias

Eça de Queirós

Contos de fadas*

Maria Tatar (org.)

20 mil léguas submarinas

Jules Verne

A besta humana

Émile Zola

* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

Copyright da tradução e das notas © 2014, Jorge Bastos

Copyright desta edição © 2014:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: agosto 2014

ISBN: 978-85-378-1333-1